

PESQUISAS, Antropologia, n.º 20
ESTUDOS LEOPOLDENSES, n.º 13

Anais do Terceiro Simpósio de

ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA



Impresso com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas

1 9 6 9

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

PESQUISAS, Antropologia, n.º 20

ESTUDOS LEOPOLDENSES, n.º 13

Anais do Terceiro Simpósio de

ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA



Impresso com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas

1 9 6 9

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE S. LEOPOLDO

Direção da Faculdade:

Diretor — Prof. Pedro Ignacio Schmitz, S.J.

Secretário — Prof. Otto Berwanger, S.J.

Conselho Departamental:

Presidente — Prof. Pedro Ignacio Schmitz, S.J.

Conselheiros: os presidentes dos Departamentos.

Departamentos:

Filosofia — Prof. Aloysio Koehler, S.J.

Educação — Prof. Egídio Schmitz, S. J.

Ciências Sociais e História Prof. Arthur Blásio Rambo, S.J.

Letras — Prof. Evaldo Heckler, S.J.

Matemática — Prof. Sérgio Gomes.

História Natural — Prof. Pedro Ernesto Haeser S. J.

Redação da Revista:

Editor — Prof. Evaldo Heckler, S.J.

Auxiliares — Os presidentes dos Departamentos.

Secretária — Maria Carmen Moraes.

Correspondência:

ESTUDOS LEOPOLDENSES

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Leopoldo

Praça Tiradentes, 35 — São Leopoldo — RS — Brasil

III SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA E ADJACÊNCIAS

Em continuação aos simpósios anteriores, realizados em 1967 e 1968, o Instituto Anchietano de Pesquisas e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, organizaram, com o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas, o III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, que se realizou de 24 a 28 de julho de 1969.

Os objetivos explícitos do Simpósio são a apresentação, discussão e síntese dos resultados conseguidos na pesquisa arqueológica na Área do Prata e adjacências e a programação e coordenação das pesquisas para o ano seguinte.

Entre os objetivos implícitos, mas que preocupam grandemente a coordenação, encontra-se a união dos pesquisadores, que trabalham isolados o ano inteiro, a introdução e acompanhamento de pesquisadores novos, que precisam de encontros com pesquisadores mais experientes e a elevação geral do nível dos trabalhos dos próprios pesquisadores antigos, que podem comparar os seus conhecimentos e métodos com os de outros.

O núcleo básico dos participantes fica o mesmo durante os anos, tendo-se transformado num grupo de trabalho bastante unido. Além do encontro anual realizam-se muitos encontros menores, por áreas ou assuntos, entre um simpósio e outro.

Até o presente ano o Simpósio reunia de fato só pesquisadores da Área do Prata e adjacências. O III Simpósio abriu as portas também a outras áreas brasileiras, procurando incluir os pesquisadores que trabalhavam isolados nos estados do Rio de Janeiro, da Guanabara, do Espírito Santo, da Bahia e de Pernambuco. A previsão para o IV Simpósio de Arqueologia da Área do Prata (1970) é de incluir mais alguns, de acordo com as possibilidades.

De ano para ano os trabalhos se tornam mais sérios e a quantidade de conhecimentos acumulados cresce extraordinariamente, chegando assim o momento de serem criados grupos de trabalho para os diversos setores, sem detrimento das reuniões gerais em que todos

participam. No III Simpósio foram criados os seguintes grupos, que tratarão de sintetizar os conhecimentos nas diversas áreas e planejar a pesquisa necessária:

- o grupo dos sambaquis e sítios litorâneos
- o grupo dos sítios tupi-guaranis
- o grupo dos sítios de índios ceramistas não-tupi-guaranis, dividido em subgrupo do Norte, do Centro e do Sul
- o grupo dos sítios líticos do interior
- o grupo dos sítios de contato entre indígenas e europeus.

Cada grupo e subgrupo é coordenado por três pesquisadores. O coordenador geral é o próprio coordenador do Simpósio. Os grupos e subgrupos reunir-se-ão durante o ano e trarão para o próximo simpósio as suas sínteses e programações.

Olhando para os resultados conseguidos nestes três anos, em que funciona o Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, promovido pelo Instituto Anchietano de Pesquisas e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, com o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas, podemos dizer que um grande passo foi dado porque os arqueólogos, antes isolados, estão se reunindo, estão comunicando uns aos outros e ao mundo as suas pesquisas e, por outro lado, estão sentindo as suas deficiências, em confronto com outros e tentando superá-las.

O Conselho Nacional de Pesquisas, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e outros órgãos ligados à pesquisa arqueológica têm colaborado para a consecução destes resultados.

Ao Conselho Nacional de Pesquisas, que patrocinou o Simpósio e financiou a publicação dos Anais registramos a gratidão de todos os participantes e de uma forma toda especial da Coordenação.

Trabalhos apresentados

Antonio Taddei — Un yacimiento de cazadores superiores del Medio Río Negro, Uruguay — nos Anais.

René Boretto Ovalle — El trabajo cerámico indígena del Departamento de Río Negro, Uruguay.

René Boretto Ovalle — Dos representaciones cerámicas antropomórficas del Delta del Río Negro, Uruguay.

Osmar Santos — Breves informes sobre la investigación realizada en los cerritos de Vichadero, Uruguay.

Dr.^a Antonia Rizzo — Noticias sobre algunos talleres líticos ubicados en las costas del Alto Paraná (Pcia Misiones), República Argentina — nos Anais.

Dr.^a Antonia Rizzo — Distribución de sítios arqueológicos en el departamento de Eldorado, Misiones, República Argentina — nos Anais.

María Tereza Carrara — La cerâmica do sítio de Cayastá (Santa Fe La Vieja).

Pedro Ignacio Schmitz e Itala Irene Basile Becker — O material lítico do Vale do Rio Pardo, RS — nos Anais, II parte.

Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Ursula Baumhardt — A cerâmica do Vale do Rio Pardo — nos Anais, II parte.

José Proenza Brochado, Danilo Lazzarotto, Rolf Steinmetz — A cerâmica das Missões orientais do Uruguai, um estudo de aculturação indígena através da mudança da cerâmica — nos Anais.

Fernando La Salvia e Pedro Ignacio Schmitz — Algumas datas de Carbono 14 de casas subterrâneas do Rio Grande do Sul — nos Anais.

Danilo Lazzarotto, Pedro Ignacio Schmitz, Itala Irene Basile Becker, Rolf Steinmetz — Pesquisas Arqueológicas no planalto — será publicado pelo Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

Guilherme Naue, Pedro Ignacio Schmitz, Wander Valente, Itala Irene Basile Becker, Fernando La Salvia, Maria Helena Abrahão Schorr — O material lítico dos cerritos de Rio Grande, RS — será publicado pelo Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

Itala Irene Basile Becker e Pedro Ignacio Schmitz — Cachimbos do Rio Grande do Sul — nos Anais.

João Alfredo Rohr, S. J. — Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna — será publicado em Pesquisas, Antropologia nr. 22.

João Alfredo Rohr, S. J. e Margarida Davina Andreatta — O sítio arqueológico da Armação do Sul, Nota Prévia — nos Anais.

Anamaria Beck, Gerusa M. Duarte, Maria José Reis — Sambaqui do Morro do Ouro, Nota Prévia — nos Anais.

Anamaria Beck — Nota sobre duas coleções de pontas de flecha — nos Anais.

Igor Chmyz — Novas manifestações da tradição Itararé no Estado do Paraná — nos Anais.

Igor Chmyz — Comentários sobre as culturas pré-cerâmicas no Estado do Paraná — nos Anais.

Tom O. Miller, Jr. — Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil — será publicado em Pesquisas, Antropologia nr. 21.

M. E. B. Prado, L. Vivam e Tom O. Miller Jr. — Escavações da Jazida Arqueológica Lítica de São Lourenço (C. Q. — 1) Município de Charqueada — publicada em Cadernos Rioclarense de Ciências Humanas, Nr. 1, 1969, Rio Claro, São Paulo.

Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão, Lina Maria Kneip — Escavações estratigráficas no Estado da Guanabara — nos Anais.

Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão, Lina Maria Kneip — Arqueologia dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara: linhas de pesquisa — nos Anais.

Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão — Identificação do Estágio Lítico Superior no Brasil (Nota Prévia).

Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão, Lina Maria Kneip — Bibliografia específica para a arqueologia da Guanabara e Rio de Janeiro — mimeografada.

Ondemar Dias — Fase Mucuri (Estado do Rio de Janeiro): algumas considerações — nos Anais.

Ondemar Dias — A fase Itaipu, sítios sôbre dunas no Estado do Rio de Janeiro — nos Anais.

Celso Perota — A ocorrência da cerâmica de "Tradição Una" no Espírito Santo — nos Anais.

Celso Perota — Observações sôbre os sambaquis do Espírito Santo — mimeografado.

Marcos Albuquerque — O sítio arqueológico PE 13 — Ln (Um sítio de contacto interétnico), Nota Prévia — nos Anais.

Marcos Albuquerque — Tentativa de estabelecimento de tipologia para as inscrições rupestres — mimeografado.

Prof. PEDRO IGNACIO SCHMITZ

Coordenador

A FASE ITAIPU

Sítios sobre dunas no Estado do Rio de Janeiro

ONDEMAR DIAS*

I — Introdução

Uma das nossas primeiras pesquisas arqueológicas, em 1959, foi o reconhecimento efetuado em uma duna estável, localizada na praia de Cabo Frio. Esta duna, da Boa Vista, próxima ao forte colonial de S. Mateus é sobejamente conhecida por quantos visitam este famoso balneário fluminense.

Publicamos os resultados preliminares algum tempo depois (Dias Júnior: 1963) focalizando também as descobertas ocorridas na duna de Itaipu, que tem as mesmas características da primeira.

Estes dois sítios foram posteriormente enquadrados nas nossas prospecções do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1), recebendo as siglas RJ-JC-10 (sítio da Boa Vista) e RJ-JC-18 (sítio de Itaipu) e considerados, provisoriamente na mesma fase cultural dos sambaquis da região. Depois, graças ao desenvolvimento da pesquisa e aos novos dados comparativos, passaram a constituir uma fase diferenciada. Nesta fase consideramos também um terceiro sítio, de proporções modestas, o RJ-JC-26 (sítio Passagem das Dunas), em Cabo Frio.

Estas dunas habitadas na pré-história constituem, com o seu material característico, a fase Itaipu.

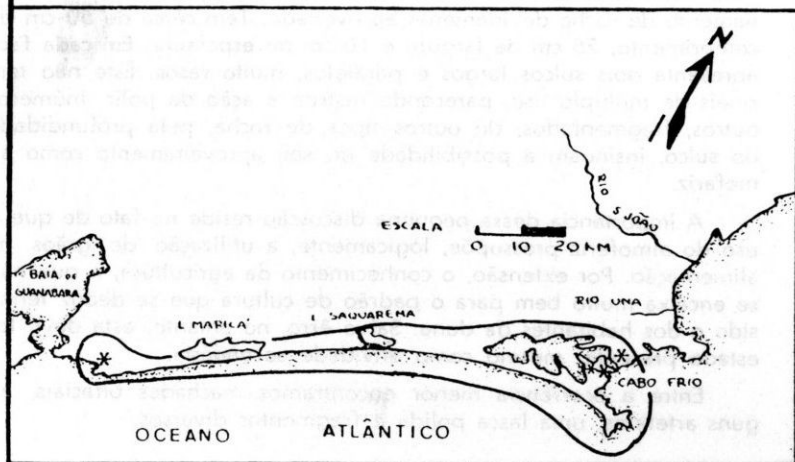
II — Os sítios

O maior sítio da fase é o RJ-JC-18, da praia de Itaipu. Trata-se de uma grande duna estável, com aproximadamente 100x100x20 m (comprimento, largura e altura). A areia que a forma é de granulação finíssima e, acreditamos, não fôssem os próprios resíduos de antigas e sucessivas camadas ocupacionais, não se manteria ela tão fixa. Este sítio está distante cerca de 60 m da linha de arrebentação das vagas e represa parcialmente a lagoa de Itaipu, que tem seu vazadouro no lado Sul do mesmo. Antigamente, no lado oposto, fazia ligação com pequeno sambaqui de anomalocardia, hoje totalmente desaparecido.

(*) Do Instituto de Arqueologia Brasileira.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FASE ITAIPU



A própria duna poderia ter destino semelhante, não fôsse a enérgica ação do DPHAN (2) impedindo a retirada da areia. Um enorme corte já havia sido feito e, graças a êle, pudemos observar as contínuas camadas de habitação, caracterizadas por níveis de cinzas, conchas, ossos e líticos. Aparentemente a ocupação acompanhou o crescimento do monte de areia, da sua base até a altura atual.

O segundo sítio em tamanho, da duna da Boa Vista, com cerca de 50x50x15 m tem as mesmas características. Tal como o anterior, apresenta alguma vegetação no cume, lascas de quartzo e artefatos líticos nas encostas. Seu material malacológico é mais expressivo, cobrindo grande área da vertente Norte, o que leva à impressão inicial de se tratar de um sambaquí. Predomina a *Anadara notabilis* (Roeding), o *Phacoides pectinatus* (Gmelin) e o *Strombus pugilis* Linneu. É interessante que estas espécies têm seu habitat em praias lodosas, atualmente não encontradas nas proximidades. Das espécies que vivem em praias abertas encontramos o *Strombus costatus* Gmelin e a *Lintrícula auricularia* (Lamark). Finalmente notamos a existência da *Ostrea virginica* Gmelin (de rochas) e o *Strophocheilus* (terrestre) (3).

Sua distância da linha média da arrebentação é de aproximadamente 20 m. A granulação da areia é igualmente fina e, como em Itaipu, sua composição extremamente friável. Em todos os casos é a areia muito alva.

O terceiro sítio, pouco distante dêste, o RJ-JC-26 é bem menor. Tem aproximadamente 20x30 m e se localiza numa depressão de areia semelhante à das dunas. Acreditamos tenha sido muito depredado, fornecendo material para construções vizinhas.

III — O material Arqueológico

1 — Generalidades

O predomínio do material lítico é absoluto. Raros, muito raros são os artefatos ósseos, restritos a vértebras de peixe furadas. A cerâmica parece-nos intrusiva. É extremamente esparsa e restrita a dois sítios. No da Boa Vista encontramos alguns exemplares de tradição tupi-guarani e no da Passagem das Dunas alguns neo-brasileiros. Em Itaipu nós nunca encontramos fragmentos de cerâmica.

O material lítico predominante é o lascado de quartzo. No material polido predomina o gnaiss, o diabásio, o granito e algum micaxisto. Veja Prancha III.

2 — O material lascado

Partes consideráveis da superfície dos sítios desta fase são cobertas por inúmeros fragmentos de quartzo. Predomina o hialino, mas também são encontrados exemplares leitosos e mesmo de côr. Estes fragmentos, cujas dimensões médias não ultrapassam os 4 cm, são tão numerosos que nos levaram, inicialmente, a pensar em resíduos de lascamento. Nunca, porém, encontramos artefatos maiores, de núcleo, de quartzo lascado. Parece-nos, pois, que estamos frente a uma indústria de lasca.

Tipologicamente destacamos três tipos de ocorrência:

1.º — Pontas — relativamente raras. A repetição de forma e a técnica de elaboração indicam não se tratar de simples fragmentos ocasionalmente apontados. Têm dimensões variáveis. As maiores com cerca de 5 cm de comprimento por 2,5 cm de largura e as menores com aproximadamente 2x1 cm. São artefatos que mantêm na face externa uma elevação maior em toda a extensão, enquanto são lisas na face interna. Em algumas restam evidências de córtex. Em outras pode-se notar o ponto de percussão, na base das pontas e os planos de fratura na face interna. Estas pontas não apresentam sinais de lascamentos secundários, exceto uma única peça com pequenos entalhes na base (feitos com a técnica de pressão?), lembrando a intenção de formar aletas. Esta peça é, portanto, a única com um simulacro de pedúnculo. Todas as demais não o possuem.

2.º — Lascas — formam a maioria das peças que poderiam ter uma função no grupo. Suas formas são extremamente variáveis, havendo certa tendência ao circular (muito irregular). Lascas alongadas ocorrem também. As dimensões variam muito, poucas vezes superiores aos 5 cm de comprimento. A espessura das lascas medeia um centímetro.

Não notamos sinais de lascamentos secundários e o gume, geralmente serrilhado, é muito irregular e pode ocorrer em toda a peça ou só em fração dela, sem que possamos encontrar, com alguma segurança, evidências de cortes delimitados intencionalmente. Um estudo complementar, para a diferenciação dos diversos tipos de lasca, está planejado e seus trabalhos iniciados (4).

3.º — Fragmentos — distinguimo-los das lascas por não apresentarem gumes, nem talões, mesmo irregulares. Trata-se de restos de formas variadas, geralmente tendendo para restos grossos, compactos, esféricos, retangulares etc.

Alguns desses fragmentos podem ser considerados como núcleos de dimensões reduzidas.

3 — O material polido

Por ordem de frequência predominam: Percutores (alongados e de seixos circulares); os Quebra-côcos e Quebra-côcos/percutores; Alisadores (ou moedores) também percutores e as peças do mesmo tipo com depressões (moedores/quebra-côcos). Na ocorrência menor, pouco expressiva anotamos os Polidores, Machados fragmentados etc.

a — Percutores — predominantemente de gnaiss, não possuem forma definida. Podem ser utilizados nas extremidades ou lados. O uso ocasiona pequenas mossas facilmente perceptíveis.

b — Percutores Circulares — Seixos rolados utilizados na periferia ou nas faces. Muito comuns. Diabásio, gnaiss e quartzo.

c — Quebra-côcos — De seixos ou fragmentos de rocha. Não estabelecemos diferenças, para fins de seriação, entre os que possuem depressões picoteadas e alisadas. Estas podem ser múltiplas ou isoladas sobre cada face.

d — Quebra-côcos e percutores — São os artefatos que apresentam as depressões juntamente com mossas e marcas indicativas de terem sido empregados, também, como batedores.

e — Alisadores-percutores — Seixos com uma ou mais extremidades desgastadas pelo atrito. A face resultante fica perfeitamente alisada. São encontrados utilizados igualmente como percutores. A função desta peça é ainda controvertida. Podem ter sido utilizados para alisar outras superfícies (como esmeril) ou para moerem grãos em almofarizes, dos quais encontramos um. Seriam peças funcionalmente próximas das "mãos de pilão". Suas modestas proporções e a existência de almofariz com depressão alongada, leva-nos à suposição de diferirem daquelas somente pelo fato de serem empregadas com movimentos mais amplos, em vai-vem horizontal.

f — Alisadores com depressões — São as peças utilizadas também como quebra-côcos e, muitas das vezes, ainda como percutores.

g — Polidores-almofarizes — Encontramos alguns exemplares, sendo dois em bom estado de conservação. Enquanto que as peças descritas anteriormente raramente ultrapassam os 15 cm de compri-

mento, estes se aproximam dos 50 cm. O exemplar maior, de diabásio, com uma única e profunda cavidade, executado a partir de um grande seixo quase elíptico, demonstra claramente ter sido aproveitado como almofariz. Um segundo, de micaxisto, parece ser um esfoliamento de rocha devidamente aproveitado. Tem cerca de 50 cm de comprimento, 25 cm de largura e 10 cm de espessura. Em cada face apresenta dois sulcos largos e paralelos, muito rasos. Este não tem sinais de múltiplo uso, parecendo restrito à ação de polir. Inúmeros outros, fragmentados, de outros tipos de rocha, pela profundidade do sulco, insinuam a possibilidade do seu aproveitamento como almofariz.

A importância dessa pequena discussão reside no fato de que o uso do almofariz pressupõe, logicamente, a utilização de grãos na alimentação. Por extensão, o conhecimento da agricultura, o que não se encaixa muito bem para o padrão de cultura que se deduz tenha sido o dos habitantes da duna. Salvo erro, no entanto, esta deve ter estado presente, mesmo como atividade secundária.

Entre a ocorrência menor encontramos machados bifaciais, alguns artefatos, uma lasca polida e fragmentos diversos.

Conclusões

Caracteriza a fase Itaipu a sua localização sobre dunas estáveis; a grande quantidade de restos de alimentação (ossos de peixe sobretudo), conglomerados de conchas, carvão etc., que são encontrados em níveis diversos de ocupação.

Seu material lítico predominante, a indústria de lascas, apresenta certas peculiaridades, sobretudo as pontas, que podem ser encaixadas como traços diagnósticos. Nós não conhecemos dados comparativos provenientes de outros locais, que possibilitem estabelecer correlações válidas. Os demais artefatos lascados, talvez pela nossa dificuldade de estabelecer tipologias válidas, não fornecem bases sólidas de comparação.

O material polido, por outro lado, é muito pouco característico. A grosso modo, podemos encontrar artefatos tipologicamente semelhantes em fases culturais muito diferentes do mesmo território fluminense e de outros pontos do país, com acompanhamento muito diferenciado. Entre muitos outros podemos mencionar: Rohr (1959: 217/s) para um sítio habitação em terreno arenoso; Blasi (1961: 71), referindo-se a um sítio com cerâmica tupi-guarani em campo aberto; Fernandes (1955: 597) em relação ao sambaqui de Matinhos; Chmyz (1964: 107) para o sítio histórico de Ciudad Real etc.

O que, de certa forma, pode caracterizar esta ocorrência na fase Itaipu, além da sua distribuição percentual, é o predomínio de artefatos com múltiplas funções e o emprêgo, em maior escala, do gnaisse que é relativamente pouco citado na literatura arqueológica atual.

As primeiras notícias que tivemos de sítios ecológicamente semelhantes provêm do Rio Grande do Sul (Naue: 1967), onde, pela descrição, eles são de proporções mais modestas, embora em muito maior número.

A superposição de diversas camadas de ocupação observada claramente em Itaipu (RJ-JC-18) constitui-se em um aspecto diferencial, em relação aos sítios gaúchos. Segundo notícias mais recentes (Naue, Schmitz e Becker: 1968: 145/s) a camada de ocupação é ali restrita às partes mais altas das dunas. A espessura da camada ocupacional é porém bem maior, (50 a 100 cm), do que nas dunas fluminenses, onde elas raramente ultrapassam os 30 cm.

A ocorrência de cerâmica, conforme já frisamos, parece-nos intrusiva na fase Itaipu. Esta cerâmica tem mostrado sempre sinais de aculturação, mesmo aquela tupi-guarani.

Nossa pretensão, num futuro próximo, é pesquisar a estreita faixa de dunas que separa a lagoa de Araruama do mar, único trecho de costa fluminense, deste tipo, ainda não percorrida por nós.

Resta uma grande incógnita que somente futuras pesquisas litorâneas poderão esclarecer, ou seja, as possíveis relações que os sítios tipologicamente semelhantes do Estado do Rio e do Rio Grande do Sul podem ter entre si, dada a enorme distância que os separa. É de se esperar que nesse intervalo de costa existam ocorrências semelhantes.

NOTAS

- 1 — O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas é patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution. Nos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Sul de Minas Gerais, participam, como Instituições de pesquisa a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara e o Instituto de Arqueologia Brasileira.
- 2 — A destruição desse sítio, para fins de urbanização local, vinha sendo feita em 1968. Nós denunciemos o fato a D.P.H.A.N., que embargou a obra.
- 3 — A análise do material malacológico do RJ-JC-10 foi feita para o I.A.B. em 1964, pelo Dr. Hugo de Souza Lopes, do Instituto Oswaldo Cruz.
- 4 — Este trabalho está entregue ao Prof. Braz Winkler Pepe, especialista em lítico do I.A.B., que analisará o material segundo a nova tipologia proposta em 1966.

QUADRO DE OCORRÊNCIA DE LÍTICOS — FASE ITAIPU

MATERIAL POLIDO

Sítios	Alisador- Percutor	Alisador c/ depressão	Percutor alongado	Percutor redondo	Polidor	Quebra-côco	Quebra-côco Percutor	Diversos	TOTAL
RJ-JC-10	2 2,3%		32 37,5%	27 31,0%	2 2,3%	3 3,4%	5 5,8%	16 18,0%	87
RJ-JC-18	8 13,5%	5 8,5%	11 19,0%	12 21,0%	3 5,0%	9 15,5%	6 10,5%	4 6,5%	58

MATERIAL LASCADO

Sítios	Pontas	Lascas	Núcleos	Fragmentos	TOTAL
RJ-JC-10	8 15,5%	9 17,5%		34 67,0%	51
RJ-JC-18	19 12,7%	62 40,0%	2 1,3%	70 46,0%	153

Bibliografia

BLASI, Ondemar

- 1961 — Algumas Notas sobre a Jazida Arqueológica de Três Morrinhos — Querência do Norte — Rio Paraná — Boletim Paranaense de Geografia, nr. 2-3, 49/78 il.

CHMYZ, Igor

- 1964 — Pesquisas Arqueológicas na Jazida Histórica de Ciudad Real Guairá, Paraná — Centro de Estudos Científicos, 11-12, vol. II, nr. 7-8, 105/107.

DIAS JÚNIOR, Ondemar

- 1963 — Notas sobre a Arqueologia da Região de Cabo Frio — Boletim do I.A.B. nr. 1, 1/17 multilít.

FERNANDES, J. Loureiro

- 1955 — Os Sepultamentos no Sambaqui de Matinhos — Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas — São Paulo 579/602 il.

NAUE, Guilherme

- 1967 — Cômoros de índios pescadores e sítios sobre dunas do Município de Rio Grande, RS — I Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, 1967, mimeografado.

NAUE, G., SCHMITZ, P. I., BASILE BECKER, I. I.

- 1968 — Sítios arqueológicos no Município de Rio Grande, in "Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata", Pesquisas, Antropologia nr. 18, 141/152 il.

ROHR, J. A.

- 1959 — Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina — Pesquisas, nr. 3, 199/264 il.

abril de 1969.

COMENTÁRIOS SÔBRE AS CULTURAS PRÉ-CERÂMICAS NO ESTADO DO PARANÁ

IGOR CHMYZ (*)

Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas
Universidade Federal do Paraná

INTRODUÇÃO

São relativamente recentes os achados de sítios pré-cerâmicos no Estado do Paraná. Excluindo-se os sambaquis, podemos dizer que a localização e a pesquisa de sítios não cerâmicos no planalto paranaense data da segunda metade da década passada. Em 1957, Kozak & Empereire constatavam a ocorrência de material lítico no sudoeste paranaense. Ainda em 1957, foram iniciados os trabalhos de escavação no sítio de José Vieira, no noroeste do mesmo estado (Laming & Empereire, 1959). Desde 1955 trabalhávamos no abrigo sob-rocha Casa de Pedra, onde, na camada arqueológica mais antiga, havia evidências de um povo pré-ceramista (Chmyz, 1967a).

Nos anos seguintes, os achados sucederam-se num ritmo acelerado, permitindo, hoje, o delineamento parcial dos movimentos e certos aspectos da cultura de povos pré-ceramistas num período de 7.000 anos antes do presente.

A inexistência de dados sôbre êstes povos, na vasta área do planalto, anteriormente aos casos assinalados acima, pode ser facilmente compreendida se analisarmos o problema sob três aspectos. O primeiro, relacionado ao fator ecológico: até há pouco tempo, as regiões norte, noroeste e sudoeste permaneciam cobertas pela mata plúvio-tropical, onde a maleita endêmica manifestava-se com surtos periódicos de recrudescência, dificultando a fixação do elemento branco (Fernandes & Blasi, 1956).

O segundo está ligado ao próprio aspecto das evidências arqueológicas. Logo após a instalação dos primeiros núcleos povoadores do hinterland paranaense, começaram a surgir informes sôbre descobertas de urnas funerárias, cacos de cerâmica, lâminas de machados de pedra polida, etc. Porém, as evidências deixadas por povos pré-ceramistas, devido ao seu aspecto pouco reconhecível pelo homem comum, não motivavam os lavradores durante a sua faina, permanecendo ignoradas, ou tidas como "pedras trabalhadas pela natureza".

(*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

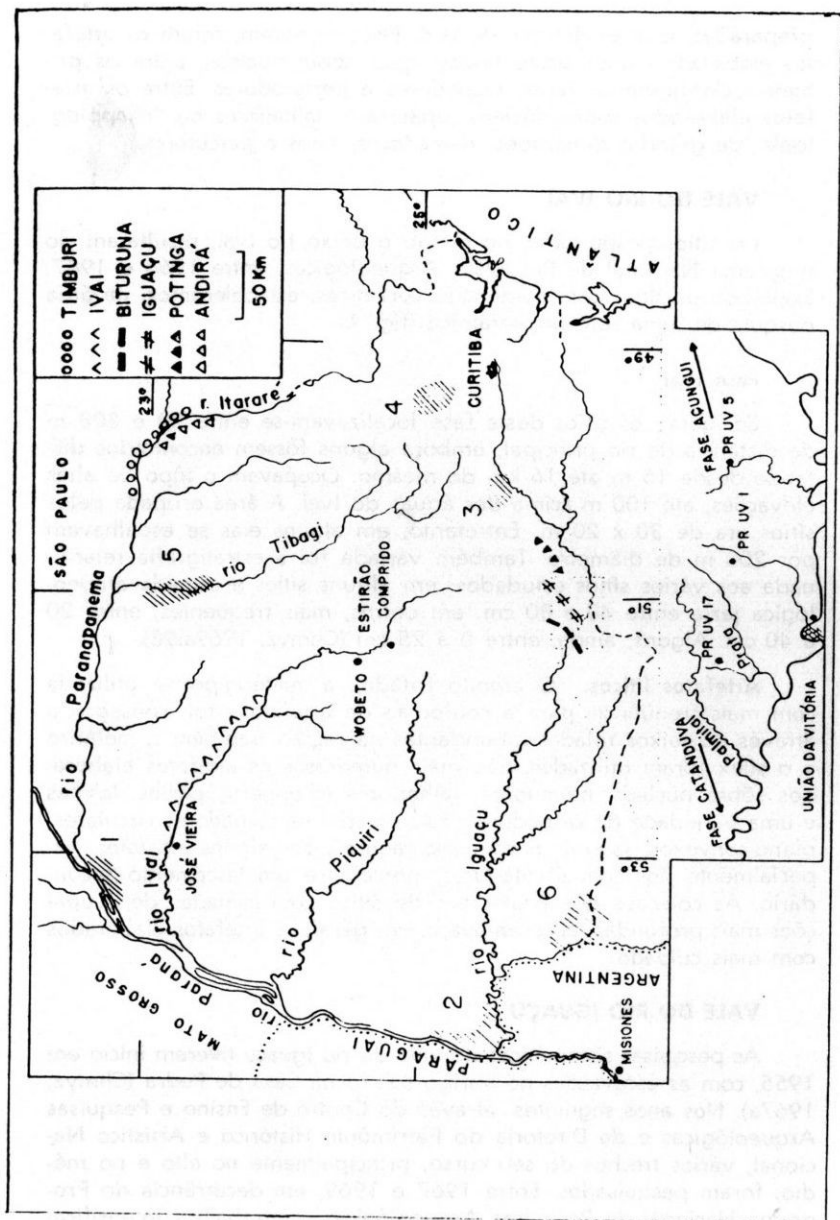


Fig. 1: Distribuição das fases e sítios no Estado do Paraná

Finalmente, o terceiro, relacionado com a falta de elementos especializados na tarefa de pesquisa e interpretação de tais vestígios do trabalho humano. Esta deficiência começou a ser sanada com a reestruturação do Museu Paranaense, em 1938, com a criação, em 1954, da Secção de Arqueologia junto ao então Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná, e, com a criação, em 1956, do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, na mesma Universidade. O Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, estabelecido desde 1958, através de um convênio entre a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Universidade Federal do Paraná, têm auxiliado especialmente os trabalhos arqueológicos da porção litorânea paranaense.

Conforme os objetivos do presente Simpósio, procuraremos expor, de maneira sucinta, as principais características das fases pré-cerâmicas e a sua distribuição no território paranaense. Procuraremos, igualmente, correlacionar estes dados nas áreas estudadas, bem como com outros análogos em outros pontos do território brasileiro.

Limitamo-nos, neste trabalho, apenas ao estudo das evidências pré-cerâmicas do planalto paranaense.

VALES DOS RIOS PARANAPANEMA E ITARARÉ

Estes vales fluviais serviram de palco a dois projetos de pesquisas de larga envergadura: o Projeto de Salvamento Arqueológico Itararé (1964-1968), financiado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná, e, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, financiado pelo Smithsonian Institution e pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

Durante os projetos, foram pesquisados cerca de 200 sítios arqueológicos (Chmyz, 1967b e Chmyz et alii, 1968). Deste total, estudamos, até o momento, apenas as evidências coletadas no vale do rio Paranapanema e alguns no baixo Itararé. Entre os sítios com vestígios líticos, foram definidas duas fases pré-cerâmicas (fig. 1).

Fase Timburi

Os sítios desta fase localizavam-se nas proximidades do Saito Grande do Paranapanema, e, mais para leste, nas encostas da escarpa basáltica que delimita o terceiro planalto paranaense, já no vale do rio Itararé. Ocupavam altas elevações (150 m), afastados do rio principal (1 a 2 km). Encontramos as evidências desta fase entre 35 a 60 cm de profundidade, e, entre 0 a 20 cm, num sítio localizado mais a oeste. Em geral, a área ocupada pelas evidências ultrapassava a 200 m de diâmetro. Somente num sítio elas foram encontradas espalhadas por uma área de 20x15 m (Chmyz, 1967b:62).

Nas proximidades do Salto Grande do Paranapanema encontramos pequenos aterros de formato alongado, que poderíamos relacionar à presente fase. Estes aterros mediam 5,50 m de comprimento, 2,50 m de largura e 1,10 m de altura máxima. Sobre os aterros, que se espalhavam por uma área extensa, sem regularidade, havia uma camada humosa, com 10 cm de espessura, coberta por gramíneas, arbustos, e, às vezes, pequenas árvores. Na camada humosa de um dos aterros, encontramos duas pequenas lâminas de machados polidas e um caco de cerâmica da tradição Tupiguarani. Uma escavação efetuada num dos aterros revelou que o mesmo fora construído com a terra retirada das imediações. Na parte central e mais elevada, havia uma escavação de formato cônico que quase chegava à base do atêrro. O contorno estava evidenciado por espessa camada de carvão e cinza vegetais. O buraco encontrava-se preenchido por terra fortemente alterada pelo calor. Misturada com a terra da elevação e com a que preenchia a cova, havia lascas e núcleos de tipos comuns ao material lítico da fase.

Artefatos líticos. O arenito fritado foi a matéria-prima utilizada quase que exclusivamente para a elaboração dos artefatos. Esta matéria-prima foi retirada dos inúmeros diques existentes nas proximidades. Os artefatos mais típicos foram elaborados sobre lascas espessas ou núcleos. Destacam-se os raspadores plano-convexos, que possuem uma face plana ou levemente encurvada e a outra carenada. Pequenos lascamentos por percussão reforçaram a sua periferia. Variam de 5 a 15 cm de comprimento e de 3 a 7 cm de espessura. Outro grupo freqüente de artefatos foi elaborado, principalmente sobre lascas espessas. Possuem uma aresta retocada, possivelmente por pressão. Estas peças, que teriam funcionado como facas, variam de 5 a 15 cm de comprimento e de 1,5 a 4 cm de espessura. Ocorrem, também, grandes raspadores com escotaduras, e, em menor quantidade, perfuradores e talhadores.

Fase Andirá

Os sítios desta fase foram localizados principalmente no vale do rio Itararé. Alguns ocorreram no do Paranapanema. Distavam de 20 a 80 m da margem do rio principal, e sempre em terreno pouco elevado: cerca de 10 a 15 m acima do atual nível das águas. As evidências raramente ultrapassavam de 12 cm de profundidade. A área ocupada pelos restos era, em geral, pequena: 20 m de diâmetro (Chmyz, 1967b:63).

Artefatos líticos. A matéria-prima utilizada para a confecção dos artefatos, o arenito fritado, o quartzito ou o sílex, era obtida através de seixos rolados. Entre o material, existe uma quantidade de lascas simples com crosta, lascas simples em forma de cunha e lascas

preparadas, com evidências de uso. Poucos, porém, foram os artefatos elaborados, quer sobre lascas, quer sobre núcleos. Entre os primeiros distinguimos: facas, raspadores e perfuradores. Entre os artefatos elaborados sobre núcleos, aparecem: talhadores ou "chopping-tools" de grandes dimensões, raspadores, facas e percutores.

VALE DO RIO IVAI

Os sítios pesquisados no médio e baixo rio Ivaí, resultaram do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, entre 1966 e 1967. Excluindo os sítios com evidências cerâmicas, estabelecemos, na área pesquisada, uma fase pré-cerâmica (fig. 1).

Fase Ivaí

Em geral, os sítios desta fase localizavam-se entre 20 e 300 m de distância do rio principal, embora alguns fôssem encontrados distando desde 15 m até 16 km do mesmo. Ocupavam o topo de altas elevações, até 100 m acima das águas do Ivaí. A área ocupada pelos sítios era de 30 x 20 m. Entretanto, em alguns elas se espalhavam por 200 m de diâmetro. Também variada foi a estratigrafia relacionada aos vários sítios estudados: em alguns sítios a camada arqueológica jazia entre 40 a 80 cm, em outros, mais freqüentes, entre 20 a 40 cm. Alguns, ainda, entre 0 a 25 cm (Chmyz, 1969a:98).

Artefatos líticos. O arenito fritado, a matéria-prima utilizada com mais freqüência para a confecção de artefatos, foi conseguido através de seixos rolados, abundantes na região. Também o meláfiro e o sílex foram utilizados. São mais numerosos os artefatos elaborados sobre núcleos: percutores, talhadores (choppers), picões, lesmas e uma variedade de raspadores. Sobressaem os raspadores circulares, plano-convexos, laterais e com escotaduras. Em alguns artefatos, especialmente nos com escotaduras, percebe-se um lascamento secundário. As coleções que provieram de sítios com camadas de ocupações mais profundas, apresentavam, em geral, os artefatos elaborados com mais cuidado.

VALE DO RIO IGUAÇU

As pesquisas sistemáticas no vale do rio Iguaçu tiveram início em 1955, com as escavações no abrigo sob-rocha Casa de Pedra (Chmyz, 1967a). Nos anos seguintes, através do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas e da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vários trechos do seu curso, principalmente no alto e no médio, foram pesquisados. Entre 1967 e 1969, em decorrência do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, os trabalhos intensificaram-se também no baixo Iguaçu.

Do conjunto das evidências pré-cerâmicas reunidas nestes anos, foi possível o estabelecimento de três fases culturais definidas (fig. 1).

Fase Bituruna

Os sítios desta fase, localizados no médio Iguaçu, ocupavam elevações de 80 m, e cerca de 400 m de distância da margem do mesmo. As evidências espalhavam-se por uma área de 35 x 30 m, e, entre 50 a 70 cm de profundidade (Chmyz, 1968b e 1969b).

São comuns nesta fase, os fogões de pedras dispostas mais ou menos em círculo. Na periferia dos fogões jaziam centenas de lascas e lâminas, resultantes da confecção de artefatos.

Artefatos líticos. Os artefatos foram elaborados sobre lascas e sobre núcleos, cuja matéria-prima foi retirada de diques numerosos na região, ou de seixos rolados. São freqüentes os grandes raspadores plano-convexos, raspadores terminais e laterais, pontas bifaciais espessas, fôlhas bifaciais de formato elíptico e muito delgadas, outras, menores, de formato circular ou quadrangular e facas de formato trapezoidal, com retoques em tôdas as arestas.

As peças mais sugestivas da fase, são as pontas de projéteis: um grupo é constituído por pontas de grandes dimensões, geralmente com 10 cm de comprimento, com pedúnculo e aletas. Estas peças, confeccionadas em arenito fritado, poderiam ter sido usadas como pontas de lanças. Outro grupo de pontas, também pedunculadas e com aletas, não ultrapassa de 4 cm de comprimento. Neste grupo, as pontas foram elaboradas em arenito fritado e sílex. O terceiro grupo é de pontas do tipo foliáceo, de base arredondada. As pontas deste último grupo, que foram elaboradas em arenito fritado, são maiores, com 5 cm ou pouco mais de comprimento. As elaboradas em sílex, geralmente, têm 3 cm de comprimento.

Fase Iguaçu

Esta fase, localizada no vale do rio Vermelho, afluente do curso médio do rio Iguaçu, já havia sido definida em 1963 (Chmyz, 1963 e 1964). A camada arqueológica dos sítios estudados, jazia entre 20 a 60 cm de profundidade. A área ocupada pelas evidências era, em geral, de 25 x 20 m (Chmyz, 1968b e 1969b).

Foi excepcional, em todos os sítios, a ocorrência de nódulos de diabase fortemente alterados pela ação do fogo. Estes nódulos tinham dimensões variadas, mas não excediam de 15 cm de diâmetro. Talvez estejam relacionados com o processo de aquecimento indireto de água. Também nesta fase ocorreram fogões de pedras dispostas em círculo.

Artefatos líticos. A maior parte dos artefatos foi confeccionada sobre lascas e núcleos de arenito fritado, sob a forma de seixos rolados. Porém, os artefatos de pequenas dimensões foram trabalhados sobre sílex. As peças características, elaboradas sobre núcleos de arenito fritado, são os raspadores plano-convexos e os com escotaduras. Outras, elaboradas sobre lascas da mesma rocha, são as facas

(fôlhas) bifaciais e alguns raspadores laterais e terminais. Sobre lascas e lâminas de sílex foram trabalhados: raspadores laterais e terminais, circulares, fôlhas, buris, além de pontas de projéteis bifaciais, com aletas e pedúnculo, que não ultrapassavam de 4 cm de comprimento.

Fase Potinga

Os sítios desta fase foram localizados no vale do rio Potinga, também um afluente do médio rio Iguaçu. A camada arqueológica foi encontrada entre 15 a 30 cm de profundidade. Num sítio apenas, ela foi encontrada entre 40 a 50 cm de profundidade. As evidências espalhavam-se por uma área de 30 x 20 m (Chmyz, 1968b e 1969b).

Artefatos líticos. Para a confecção dos artefatos, foram utilizados o sílex e a obsidiana. Do conjunto de evidências, destacamos: pontas de projéteis com aletas e pedúnculo, medindo até 3 cm de comprimento, raspadores laterais e terminais, perfuradores, fôlhas bifaciais de formato elíptico e outras de formato alongado. São bastante freqüentes os buris em todos os sítios da fase. É espantosa a quantidade de lascas e lâminas. O lascamento por pressão foi praticado em todos os artefatos elaborados.

OUTRAS OCORRÊNCIAS

Manifestações de povos pré-ceramitas têm sido registradas, de maneira isolada, em vários outros pontos do território paranaense. Muitos destes sítios, já pesquisados, permanecem com suas evidências aguardando estudo, enquanto que outros, embora já analisados, não puderam ser correlacionados pela insuficiência de dados.

Nas imediações do Pôrto São José, na margem esquerda do rio Paraná, foram pesquisados vários sítios arqueológicos, com material de arenito fritado e sílex comparável ao da fase Ivaí. Estes sítios ocupavam camadas situadas entre 50 a 70 cm e entre 80 a 100 cm de profundidade (fig. 1, área 1).

Nos arredores de Foz do Iguaçu, encontramos vários sítios que apontam para a mesma tradição cultural, com artefatos elaborados sobre lascas e núcleos de arenito fritado e sílex. Estes ocupavam camadas entre 40 a 60 cm de profundidade (fig. 1, área 2).

O curso médio do rio Iguaçu, além das evidências que puderam ser arroladas em determinadas fases, ainda proporcionou sítios não cerâmicos que sugerem influências humanas diversas daquelas. Uma delas, está representada pela camada arqueológica I da Casa de Pedra, localizada entre 20 a 25 cm de profundidade. Os artefatos foram elaborados sobre lascas e núcleos de diabase: lâmina de machado alongada e semi-polida, raspadores alongados, possível ponta de projétil unifacial, do tipo foliáceo (Chmyz, 1967a:25 — fig. 1, área ampliada).

No alto rio Iguaçu foram pesquisados dois sítios não cerâmicos (Chmyz, 1969b). No primeiro, localizado nas proximidades de Pôrto

Amazonas (fig. 1, área 3), os restos arqueológicos ocupavam uma camada entre 65 a 85 cm de profundidade e uma área de 15 x 10 m. A maior parte dos artefatos foi elaborada sobre núcleos de arenito fritado e de diabase: raspadores com escotadura, plano-convexo, lateral e circular. Outros núcleos mostram sinais de utilização, como: quebra-côco, percutor e moedor.

Um fogão de pedras dispostas em círculo, também ocorreu no sítio.

No segundo sítio, localizado ao norte de Curitiba, (fig. 1, área 4), os vestígios arqueológicos aprofundavam-se até 10 cm e ocupavam uma área de 20 m de diâmetro. Os artefatos foram elaborados sobre núcleos e lascas de arenito fritado e sílex: raspadores com escotadura, plano-convexo, lateral, talhador e percutor.

CORRELAÇÕES

As fases Timburi e Ivaí, localizadas respectivamente nos vales dos rios Itararé-Paranapanema e Ivaí, apresentam grande número de evidências em comum, sendo possível reuni-las numa mesma tradição cultural. Também notamos muita concordância entre as duas fases e o sítio de José Vieira, localizado no vale do rio Ivaí (Laming & Empeiraire, 1959). As evidências pré-cerâmicas deste sítio foram datadas pelo processo do C-14 em 4.723 mais ou menos 355 anos a. C. (Laming-Empeiraire ms).

A mesma observação anotada por Laming & Empeiraire (1959:98) sobre a ocorrência de material melhor trabalhado nas camadas mais profundas, verificamos nos sítios das fases Timburi e Ivaí, embora em nenhum dos que pesquisamos a camada arqueológica atingiu a profundidade daquele.

Os aterros alongados, construções provavelmente relacionadas ao preparo de alimento, só apareceram ao lado de alguns sítios da fase Timburi.

Pontas de projéteis não são conhecidas nas duas fases. Entretanto, Laming-Empeiraire registrou uma ponta de flecha pedunculada, quase na base dos 5 m de depósitos arqueológicos do sítio de José Vieira (Laming-Empeiraire, 1962:156).

Ainda no sítio de José Vieira nota-se a sobrevivência da indústria lítica até o aparecimento da cerâmica de tradição Tupiguarani (Laming & Empeiraire, 1959:81). Esta camada foi datada, pelo C-14, em 673 mais ou menos 200 anos d. C. (Laming-Empeiraire, 1962: 156). Ao pesquisarmos o vale do Rio Ivaí, localizamos, algumas dezenas de quilômetros acima do sítio de José Vieira, sítios cerâmicos idênticos ao da camada superior do primeiro (ver fase Umuarama - Chmyz, 1968a: 176 e 1939a: 99). Nestes sítios havia alguns exemplos de uma indústria lítica como a encontrada associada aos restos cerâmicos de José Vieira.

De uma maneira geral, nas fases pertencentes às subtradições Pintada e Corrugada, mais antigas da tradição Tupiguarani aparecem artefatos análogos, morfológica e tecnicamente, aos das fases Timburi e Ivaí. Suas peças são encontradas ao lado de lâminas de machados de pedra polida, tembetás de cristal, polidores, etc., comuns na última tradição.

Uma maior incidência de artefatos líticos relacionados às fases Ivaí e Timburi, verificamos no baixo rio Tibagi. Em alguns sítios, as evidências líticas chegavam a ultrapassar, em número, os cacos cerâmicos de tradição Tupi-guarani (fig. 1, área 5).

Ao estudar os restos arqueológicos do sítio de Estirão Comprido, de tradição Tupiguarani, escavado no curso do alto Ivaí, Blasi aponta para a semelhança entre parte do material lítico deste, com o das camadas inferiores de José Vieira (Blasi, 1967:49).

A existência de sítios, como os comentados até agora, pode sugerir a sobrevivência dos povos lascadores de arenito fritado, quando do estabelecimento dos povos ceramistas.

Não queremos entrar em detalhes sobre a ocorrência da cerâmica simples nas porções mais profundas das camadas com cerâmica do sítio de José Vieira, bem como da sua existência entre a cerâmica de tradição Tupiguarani no Estirão Comprido e na fase Umuarama. Estes comentários, relacionados com a intrusão da tradição Casa de Pedra em sítios da tradição Tupiguarani, fugiram ao escopo do presente trabalho, e, já foram abordados em trabalhos anteriores (Chmyz, 1968a, c e 1969a).

No vale do médio rio Iguaçu encontramos novas manifestações, provavelmente pertencentes à mesma tradição cultural das fases Timburi e Ivaí: são as fases Bituruna, Iguaçu e Potinga. Nas duas primeiras fases, ocorrem os principais artefatos que caracterizam a Timburi e a Ivaí: raspadores plano-convexos, com escotaduras, facas, etc. Porém, nas três fases do Iguaçu aparecem, em grande quantidade, pontas de projéteis de dimensões e formas variadas: pedunculadas e com aletas e do tipo foliáceo. Na fase Iguaçu, e, principalmente, na fase Potinga, manifestam-se os buris.

Representariam, na região, manifestações mais recentes de povos pertencentes a mesma tradição cultural Timburi-Ivaí, fortemente influenciadas por caçadores superiores das regiões sulinas. As pontas de projéteis arrolados por Niède Guidon em território paulista diferem morfológicamente das comentadas nas fases do vale do Iguaçu (Guidon, 1964).

Outra fase pré-cerâmica bem definida, porém com área de dispersão mais restrita, foi a Andirá, localizada nos rios Paranapanema e Itararé. Os traços característicos desta fase diferem completamente das fases comentadas até agora (Chmyz, 1967b:63). Os sítios cerâmicos da tradição Itararé, pesquisados na mesma área, possuem material lítico semelhante ao da fase Andirá. Isto poderia sugerir, também, um con-

tato entre as duas culturas, permitindo-nos uma datação relativa. Notamos que nos sítios da fase Itararé (tradição Itararé) a cerâmica constitui uma minoria em relação ao conjunto arqueológico. Nas manifestações mais ao sul, da mesma tradição Itararé, a incidência de líticos é pequena e de fatura bem diferente.

No Estado de São Paulo, excetuando as ocorrências limítrofes com o Paraná, as quais comentamos, parece que a indústria lítica de Jataí, no nordeste daquele estado, guarda certas relações com a fase Timburi (Guidon, 1964:393).

O Estado do Rio Grande do Sul, que está sendo bem estudado atualmente, permite-nos uma série de comparações.

As fases Timburi e Ivai assemelham-se em alguns aspectos, às fases Humaitá e Camboatá, embora lembrem, também, os da fase Caaguaçu, exceto os artefatos bumerangóides e as lâminas de machados picoteadas e polidas (Miller, 1967 e 1969).

As evidências líticas da fase Rio Pardo apontam para a nossa fase Bituruna (Schmitz et alii, 1967).

Igualmente encontramos equivalência entre as fases Camuri e Umbu, respectivamente com a Iguazu e Potinga (Miller, 1967).

Evidências líticas filiadas ao complexo Altoparanaense (Menghin, 1955-1956 e 1957), que se estão descobrindo recentemente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Rohr, 1966), até agora não ocorreram no Paraná, com as mesmas características. Os conjuntos líticos estudados por Blasi em Barracão e Dionísio Cerqueira (fig. 1, área 6), não apresentam os típicos artefatos bumerangóides do Altoparanaense (Blasi, 1965).

BIBLIOGRAFIA CITADA

BLASI, Oldemar

- 1965 — Os indícios arqueológicos do Barracão e Dionísio Cerqueira, Paraná — Santa Catarina. Arq. Mus. Pr., Arqueologia 2, 26 pp., 5 pr. Curitiba.
- 1967 — O sítio arqueológico de Estirão Comprido, rio Ivai — Paraná. Estudos complementares. Arq. Mus. Pr., Arqueologia 3, 59 pp., 14 pr., 9 fotos, 3 quadros. Curitiba.

CHMYZ, Igor et alii

- 1968 — Notas sobre a arqueologia do Vale do rio Itararé, in Rev. do Centro Ens. Pesq. Arq. 1, 5 fig. Curitiba.

CHMYZ, Igor

- 1962 — Notícias de uma indústria lítica no planalto paranaense. Pesquisas (Antr.) 13, Inst. Anch. Pesq., 19 pp., 7 fig. São Leopoldo.
- 1963 — Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (63): Kavales, in Rev. Mus. Paulista, NS, 14, 493-512, 2 fig., 2 quadr. São Paulo.
- 1964 — Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (62): Passo do Iguaçu, in Bol. Pr. Geogr. 10 a 15, 281-296, 5 fig., 2 fot. Curitiba.
- 1967a — O sítio arqueológico PR UV 1 (Abrigo sob-rocha Casa de Pedra) Arqueologia 3, Centro Ens. Pesq., 41 pp., 10 fig., 4 fot., 2 quadr. Curitiba.
- 1967b — Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Paranapanema, in Publ. Avulsas 6, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 59-73, 2 fig., 4 est. Belém.
- 1968a — Novas perspectivas da arqueologia Guarani no Estado do Paraná, in Pesquisas (Antr.) 18, Inst. Anch. Pesq., 171-189, 1 mapa, 1 quadro. São Leopoldo.
- 1968b — Subsídios para o estudo arqueológico do vale do rio Iguaçu, in Rev. Centr. Ens. Pesq. Arq. 1, 7 fig. Curitiba.
- 1968c — Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná, in Pesquisas (Antr.) 18, Inst. Anch. Pesq., 115-125, 3 fig., 1 mapa, 1 quadro. São Leopoldo.
- 1969a — Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Ivai, in Publ. Avulsas 10, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 95-114, 4 est., 2 fig. Belém.
- 1969b — Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu, in Publ. Avulsas. . . , Mus. Pa. Emílio Goeldi, 2 fig., 6 est. Belém.

FERNANDES, Loureiro & BLASI, Oldemar

- 1956 — As jazidas arqueológicas do planalto paranaense — Nota prévia sobre a jazida do Estirão Comprido, in Bol. Inst. Hist. Geogr. Etn. Pa. 6 (3-4), 16 pp., 1 fig., 3 fot., 1 mapa. Curitiba.

GUIDON, Niède

- 1964 — A indústria lítica de Jataí, Estado de São Paulo, in Rev. Mus. Paulista, NS, 381-403, 15 fig. São Paulo

LAMING, Annette & EMPERAIRE, José

- 1959 — A jazida de José Vieira — Um sítio Guarani e pré-cerâmico no interior do Paraná. Arqueologia 1, Centr. Ens. Pesq. Arq., 143 pp., 40 fig., 1 mapa, 2 fot. Curitiba.

LAMING-EMPERAIRE, Annette

- 1962 — Travaux archéologiques en Amérique du Sud, in Objets et Mondes 2 (3), 149-164, 10 fig. Paris.
ms — Quelques datations de sites Chiliens et Brésiliens par le radiocarbone. 28 pp. datilografadas.

MENGHIN, Osvald F. A.

- 1955/56 — El Alto paranaense, in Ampurias 17-18, 171-200, 13 fig. Barcelona.
1957 — El poblamiento prehistórico de Misiones, in Anal. Arq. Etn. 12, 19-40, 19 fig., 1 mapa. Mendoza.

MILLER, Eurico T.

- 1967 — Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul, in Publ. Avulsas 6, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 15-26, 1 fig., 12 est. Belém.
1969 — Pesquisas arqueológicas efetuadas no Noroeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai), in Publ. Avulsas 10, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 33-46, 2 fig., 8 est. Belém.

ROHR, Alfredo

- 1966 — Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina. Pesquisas (Antr.) Inst. Anch. Pesq. 15, 59 p., 1 mapa, 4 pr. São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignacio et alii

- 1967 — Arqueologia no Rio Grande do Sul. Pesquisas (Antrop.) 16. Inst. Anch. Pesq., 58 pp., 5 fig. 6 pr, 1 quadr. São Leopoldo.

NOTICIAS SOBRE ALGUNOS TALLERES LÍTICOS UBICADOS EN LAS COSTAS DEL RÍO ALTO PARANÁ (PCIA. MISIONES). REPUBLICA ARGENTINA.

Dra. ANTONIA RIZZO (1)

De los numerosos sitios prospectados en nuestro último viaje efectuado a la provincia de Misiones durante los meses de setiembre y octubre de 1968 pudimos determinar la presencia de varios sitios precerámicos que se presentan con bastante uniformidad en las "restingas" del río Paraná desde el Dpto. de San Ignacio hasta el Dpto. de Eldorado (lugar hasta donde llegamos ese año en nuestras prospecciones).

Uno de los sitios precerámicos que presentan mayor extensión es el taller lítico que tuvimos ocasión de localizar en la zona de Puerto Otilia, Municipio de Leoni, Dep. Libertador Gral. San Martín, en las playas del río Alto Paraná, que abarca unos 2 km y bordea la propiedad del señor Méndez Huerta.

Este sitio que indicamos con la denominación MS-17, está delimitado por el Paraná, por una barranca de 6 m de altura con vegetación de altos pastos, montes y tacuarales que indican el nivel de crecientes del río y de S. a N. por un antiguo puerto llamado La Otilia y un gran cauce de agua que desemboca en el Paraná.

La costa en esta zona está constituida por una gran plancha de basalto donde se pueden apreciar los distintos procesos de enfriamiento ocurridos en las lavas volcánicas. Prácticamente esta "restinga" como la denominan los pobladores se haya cubierta por las aguas gran parte del año y en los momentos en que nosotros investigamos la región pudimos localizar este taller por tratarse de una época en que se produce una gran bajante del río.

(1) Jefe de Trabajos Prácticos de Arqueología Argentina, Adscripta a la Cátedra de Arqueología Argentina, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, División Arqueología. La Plata. Pcia. Buenos Aires. República Argentina.

Esta prospección se efectuó con la colaboración del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, bajo la dirección del Dr. Eduardo Mario Cigliano.

Es notable y bien visible la acción de la erosión sobre las rocas ígneas pudiendo apreciar vetas en la gran plancha de basalto, de un color rojizo, que se presentan unas veces en sentido transversal y otras perpendicular. Es este basalto rojizo el que se ha utilizado para la confección de los instrumentos.

La coloración del basalto que lo rodea va del marrón oscuro al gris oscuro, presentando pequeños hoyitos circulares producto de la acción dinámica de las aguas, la textura es porosa.

Se observan también gran cantidad de gránulos de óxido de hierro de distintos tamaños que van desde el de un grano de arroz al de un garbanzo.

Esta gran masa de basalto presenta depresiones que se hallan cubiertas de agua formando pequeñas lagunas que van desde los 10 a los 50 cm de profundidad y de 3 a 10 m de diámetro. No aparecen en esta playa cantos rodados, y si los hay son excepcionales. La costa vecina del Paraguay presenta el mismo paisaje con afloramientos de basalto.

Se procedió a efectuar una recolección superficial de los materiales líticos y se levantaron sólo dos de los grandes núcleos de basalto rojizo que aparecen en el sitio. Numerosas lascas e instrumentos se han cementado en la gran plancha de basalto, razón por la cual no los recogimos quedando "in situ". Plancha IV.

De los materiales recolectados hicimos una clasificación tipológica que nos da lo siguiente:

	cuneiformes	16	
	amigdaloides	1	
Bifaces	trapezoidales	5	
	triangulares	3	
	fragmentadas	4	
		29	29
Bifaces pequeñas sobre lasca			3
	rectangulares	9	
	semicirculares con gran		
Cepillos	muesca	1	
	rectangulares grandes	1	
		11	11

Chopping-tool		2	
	abombadas	3	
	curvas	4	
Clavas	curva cementada	1	
	rectas	2	
	fragmentadas	5	
		15	15
Láminas			4
	primarias	3	
	secundarias (grandes)	24	
	(medianas)	40	
	(pequen.)	31	
	con retoques		
	de utilización	34	
lascas	con muesca en borde		
	externo plano percusión	3	
	con muescas	11	
	con retoques marginales en anverso	28	
	con retoques marginales en reverso	9	
	retoques en plano de percusión	2	
	retoques bifaciales ...	1	
		186	186
Núcleos	grandes	11	
	medianos	20	
	pequeños	3	
		34	34
Percutor con aristas			5
Píco			1
Punta entre muesca sobre lasca			4
Raederas sobre lasca			2

	lateral sobre lasca ...	14	
	denticulados	2	
	discoidal denticulado .	1	
	lateral denticulado ...	2	
	frontal	8	
Raspadores	semicircular	3	
	discoidal	1	
	doble	1	
	nucleiformes piramida- les	13	
		45	45
	Instrumentos sin clasificar	16	
	Total	357	

Todo este material lítico presenta actualmente una pátina de color marrón oscuro constituida por un precipitado de sales de hierro y limonita.

Talleres líticos de este tipo aparecen también en otros departamentos.

Departamento de San Ignacio: El sitio MS-11 ubicado en la costa del río Paraná en el perímetro del

lote Z de la chacra del señor Buser, Municipio de Gral. Urquiza, tiene también una extensión de 2 km.

El Lote Z termina en una barranca que desciende suavemente hacia el río Paraná alcanzando una altura mínima de 7 m. Está cubierta de vegetación de altos pastos, parte de monte y grandes tacuareles. La playa donde afloran los grandes bloques de basalto no presenta cantos rodados. Al acercarnos a la zona de barranca con vegetación el terreno es arenoso. Cuando el río Paraná crece cubre los terrenos más allá de la altura de la barranca, anegándolos.

Se recorrió la costa recolectando material lítico semejante al del sitio MS-17 (núcleos, bifaces, raederas, raspadores, cepillos, lascas).

Este material aparece en general depositado detrás de grandes bloques de basalto que impidieron su desplazamiento hacia el lecho del río.

En la jurisdicción del Municipio de Jardín América (Dep. de San Ignacio) ubicamos el sitio MS-21, que bordea la chacra de propiedad del señor Jorge Machón.

Tiene una extensión de 1 km y el sitio está circunscripto por una barranca que baja en suave pendiente al Paraná. La vegetación es de

pastos altos y monte y la playa está constituida por una gran plancha de basalto.

Aparecen grandes núcleos y material lítico lascado (lascas, bífidos, raederas, raspadores, etc.), muy semejantes a los del sitio MS-11, pero que además de presentar un color marrón oscuro, están rodados.

En Puerto Tabay (Municipio de Jardín América) encontramos el sitio MS-23 de una extensión de 500 m. También se trata de una restinga del río Paraná. La playa formada por una gran plancha de basalto no presenta cantos rodados y está bordeada por una barranca de 20 m de altura, cubierta de pastos. En lo alto de la barranca existe una construcción que pertenece a Prefectura Marítima, ya que antiguamente en este lugar se hallaba situado un puerto que actualmente es muy poco usado.

En este sitio es notable la gran cantidad existente de gránulos de óxido de hierro de distintos tamaños que cementan en la plancha de basalto el material lítico.

El material recolectado está muy rodado y se presenta en menor proporción que en los anteriores sitios.

En el **Departamento de Eldorado**, aparecen también sitios precerámicos en la costa del río Alto Paraná en una extensión que va desde el arroyo Piray-guazú hasta el Piray-miní. Se localizan además en los meandros que forman en su curso los arroyos ya mencionados, y en los arroyos Pomar y Helena también afluentes del Paraná.

Todo el material lascado presenta pátina y se halla en general bastante rodado.

De todo lo mencionado anteriormente, y luego de haber recorrido tres departamentos de la provincia de Misiones, podemos deducir que en todas las restingas del río Alto Paraná desde el Departamento de San Ignacio hasta Eldorado aparecen sitios precerámicos (talleres líticos especialmente) con gran cantidad de material lascado (lascas, núcleos e instrumentos sin terminar), y que se visualizan en las épocas en que se producen las bajantes del río Paraná. Además es interesante destacar que en lo alto de las barrancas se dan con bastante regularidad los sitios cerámicos, especialmente los de tipo guaraní y en particular en el Dep. de Eldorado los sitios cerámicos de tipo Eldoradense, asociados a material lítico lascado.

Agradecimientos: En especial a los pobladores de la provincia de Misiones, señores Buser, Méndez Huerta, Machón y Moensted que prestaron su amplia colaboración para la ubicación de los sitios y las autoridades de la provincia de Misiones así como a Gendarmería Nacional (Distrito Misiones) que facilitaron en todo momento nuestras tareas de investigación.

SAMBAQUI DO MORRO DO OURO — NOTA PRÉVIA

ANAMARIA BECK (*)

GERUSA M. DUARTE (*)

MARIA JOSÉ REIS (*)

Os trabalhos de escavação que desenvolvemos no Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41), no período de 1.º de setembro/20 de outubro de 1968, fazem parte de projeto de pesquisa (Beck 1968a: 77-87), que objetiva determinar a variação do conteúdo cultural dos sambaquis, no Litoral de Santa Catarina. Assim é que, apresentamos nessa Nota Prévia, apenas os resultados preliminares de campo e laboratório, estabelecendo correlações muito restritas.

Como numerosos sambaquis do Litoral de Santa Catarina, o Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) sofreu violenta ação destrutiva, destinando-se o material daí retirado ao atêrro de ampla área, onde se situam, atualmente, os depósitos da Cia. Cachoeira de Arrendamento e Armazéns Gerais. O sambaqui foi destruído em 3/4 do seu volume total. Castro Faria (1959:109;123) descreve rapidamente o processo pelo qual se fez o desmonte, acreditando que, em vista de sua intensidade, estivesse o Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41), completamente destruído. O material arqueológico, evidenciado durante o desmonte, foi dispersado parte entre colecionadores e, parte, entre curiosos.

A Região onde se situa o Sambaqui, Litoral de Joinville ou Litoral Norte, tem sido freqüentemente percorrida por pesquisadores. Anteriormente, ao trabalho que desenvolvemos, Morro do Ouro havia sido visitado numerosas vezes e está incorporado à Bibliografia Geral sobre sambaquis do Litoral de Santa Catarina. Bigarella (Bigarella et al.: 1954:137) descreve-o como o de n.º 41 de sua relação; Piazza (1967:453) como o de n.º 4, no município de Joinville; em trabalho mimeografado Piazza (1966:3) o relaciona como SC.LJ.41, identificação que adotamos, como o fizemos, anteriormente, para sambaquis situados em outras áreas do Litoral de Santa Catarina (Beck 1968b: 37-50).

(*) Do Instituto de Antropologia da U. F. S. C.

Os trabalhos de escavação tiveram a duração de 50 dias, no período acima relacionado e contaram, além das autoras, com a participação da Professora Margarida Davina Andreatta (*) e do aluno Alfredo R. Valdetaro Neto, este da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville. Foram, os trabalhos de escavação patrocinados pela Universidade Federal de Santa Catarina, através do Instituto de Antropologia. Os trabalhos de laboratório contaram com a participação das Licenciadas Tereza D. Fossari, Eli M. Belani e Maria Angélica Santiago, estagiárias do mesmo Instituto.

Localização

O Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) situa-se ao fundo da antiga Baía de Babitonga, hoje bastante reduzida devido a intensa sedimentação que vem sofrendo, após a última ingressão marinha que a originou. Apresenta, a leste, extensa planície de Idade Quaternária, constituída por sedimentos marinhos e fluviais. Tal sedimentação realça blocos isolados do complexo cristalino, possivelmente antigas ilhas. É sobre a encosta de um destes blocos residuais, à margem direita do Rio Cachoeira, que está apoiado o sítio arqueológico.

O bloco residual, sobre o qual se apóia o Sambaqui está constituído de quartzitos, filitos e itabiritos (?), notando-se processo de pedimentação em suas encostas. A pedimentação é anterior à construção do sambaqui, pois este se encontra sobre depósito desse processo. Nota-se essa disposição a leste, onde o sítio foi cortado com jatos d'água, para aterrar o local onde estão situados os galpões da Cia. Cachoeira de Arrendamento e Armazéns Gerais.

Atualmente, as bordas do Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) acham-se afastadas cerca de 30 metros do Rio Cachoeira, que o flaqueia pelo lado Norte. A Oeste é banhado por um "marigot", antigo braço direito do Rio Bucarein. Este desembocava no Rio Cachoeira por dois braços, os quais delimitavam uma ilha, que com a sedimentação acha-se ligada a terrenos mais altos.

Às margens do Rio Cachoeira, até às imediações do sítio e, mesmo algumas dezenas de metros à montante, espécies de vegetação mangue são constatadas, como *Rhizophora mangle*, *Laguncularia racemosa* e *Avicenia schaueriana* (Bigarella et al 1954: 102). A ocorrência dessas espécies halófilas é bastante explicável já que o rio Cachoeira sofre grandemente a ação das marés permitindo, nas marés altas, o tráfego intenso de barcos, que fazem o transporte de madeira.

Trabalho de Campo

Feito o levantamento do sítio escolhemos, para desenvolver nosso trabalho de escavação, área situada sobre a face Norte do Samba-

(*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

qui, voltada para o Rio Cachoeira. Demarcamos uma área de 6 metros, em sentido E-W, e 4 metros, em sentido N-S. As linhas em sentido E-W foram identificadas por números e as linhas em sentido N-S, por letras. A escavação foi feita em níveis artificiais de 15 cm, atingindo a trincheira a profundidade de 8,85 metros. No decorrer dos trabalhos, áreas do barranco foram incorporadas à área de escavação, ao mesmo tempo que permitimos a formação de degraus, no interior da trincheira, para impedir o desabamento das paredes, o que não conseguimos evitar de todo (1). Veja Prancha V.

Estratigrafia

O Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) revelou uma estratigrafia formada por camadas e bolsões de valvas de moluscos, carvão, argila e cinzas. A importância dos achados arqueológicos nos permitiu dividi-la em três unidades:

- 1.^a — situada superiormente e por ordem cronológica, a mais recente, atingiu a profundidade de 3,15 metros, caracterizando-se por numerosos sepultamentos, artefatos líticos e estruturas de corante vermelho. Até a profundidade de 0,90 metros apresentou níveis compactos de argila, com valvas de moluscos. A seguir, os níveis tornaram-se sempre mais friáveis, constituídos por valvas de moluscos, apenas, quer em camadas, quer em bolsões.
- 2.^a — caracterizou-se por extrema pobreza, em relação aos achados arqueológicos. Poucos fragmentos líticos e restos ósseos de peixes constituíram os principais achados. Atingiu a profundidade de 5,50 metros. Apenas uma estrutura foi aí localizada e nenhum sepultamento.
- 3.^a — estendendo-se até a base da trincheira, esta unidade se caracterizou por evidências marcadas de ocupação, revelando várias estruturas horizontais identificadas como solos de cabana e fogueiras; artefatos líticos e um sepultamento (S. 11), do qual foi localizado, apenas, o crânio, muito fragmentado. O perfil apresentou uma sucessão de camadas claras, formadas por valvas de moluscos, inteiras e fragmentadas, e de camadas escuras, constituídas ora por argila escura, ora por carvão, cinzas e valvas de moluscos calcinadas.

(1) Durante o período em que foram desenvolvidos os trabalhos de campo, contamos com a colaboração do Senhor Jorge Wöllinger, Diretor da Cia. Cachoeira de Arrendamento e Armazéns Gerais, em cujos terrenos se situa o Sambaqui; do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Joinville; e do Senhor e Senhora Dorval José dos Reis, que alojaram parte da Equipe. Tal colaboração permitiu que fossem superados, em grande parte, problemas surgidos no decorrer do trabalho, pelo que a Equipe apresenta seus agradecimentos.

Em todos os níveis foram coletados fragmentos de ossos de animais, principalmente de peixes, identificados por vértebras e otólitos. Fragmentos de ossos de aves e de animais maiores, como porco do mato foram também encontrados.

As valvas de moluscos, porém, constituíram o mais importante aspecto da fauna, por serem o próprio elemento de construção do sítio. A espécie predominante aí encontrada é a *Anomalocardia brasiliensis*; níveis de *Modiolus brasiliensis*, muito fragmentados, também puderam ser observados. Outras espécies ainda ocorreram como: *Ostréa* sp, *Ostréa* gigante (arbórea?), *Cardium* (T.) *muricatum*, *Bullus striatus*, *Thais cornuta*, *Strophocheilus oblongus* (?) e outras, que não foram identificadas (2).

A Indústria

Proporcionalmente, à área escavada, o Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) revelou uma extrema pobreza, quer em relação ao número de artefatos encontrados, quer em relação às técnicas utilizadas em sua confecção. Tal constatação nos surpreendeu, pois de acordo com a Bibliografia que consultáramos, anteriormente, durante o período em que o sítio foi destruído vários achados relativos às indústrias lítica e óssea foram efetuados, conforme Tiburtius (1961: 16-17), Tiburtius e Bigarella (1960: 17-20, Fig. 1 e 2) e Castro Faria (1959: 109; 123) que afirma tratar-se de "enorme jazida, rica em material humano, esqueletos e indústria lítica..."

As indústrias óssea e conchífera eram completamente inexistentes na área que escolhemos para escavar. O único achado se constituiu de uma placa ovalada, confeccionada sobre a valva de um gastrópodo, com perfuração junto à borda superior. Trata-se de um adorno e suas dimensões são 5,5 cm de comprimento e 3,5 cm de largura.

A indústria lítica (3) revelou maior número de exemplares, que para efeito de descrição, reunimos em três grupos relativos à técnica de confecção:

1. matéria-prima utilizada
2. artefatos lascados
3. artefatos polidos.

No primeiro grupo, matéria-prima utilizada, reunimos os instrumentos chamados ocasionais (1.1) e os instrumentos cujo bloco inicial sofreu modificação (1.2) para atender ao fim a que se destinava. Encontramos os seguintes tipos:

-
- (2) Segundo Bigarella (Bigarella et al 1964:137) a fauna malacológica do Sambaqui do Morro do Ouro era constituída por: *Anomalocardia* brasileira, predominante, *Ostréa* sp, secundária, *Modiolus brasiliensis*, *Cardium muricatum*, *Chione portesiana*, *Arca americana*, *Thais* sp., *Bullus striatus*, *Nassarius polyginatus*, *Cerithium* sp. e *Neritina virginea*.
 - (3) Na análise tipológica da indústria lítica utilizamos o "Guia Para Estudos das Indústrias Líticas da América do Sul", da Dra. Annete Laming-Empeaire.

- 1.1.1 — seixos utilizados como batedores: seixos alongados, em diabásio, cujas extremidades mostram picoteamento e pequenas cicatrizes de escamas. 58 exemplares.
- 1.1.2 — fragmentos de rochas diversas (principalmente quartzo e quartzito) possivelmente utilizados para cortar, raspar e riscar. 22 exemplares.
- 1.1.3 — fragmentos de quartzito, cujo córtex mostra, nitidamente, uma porção central mais clara, que circunda toda a peça. Possivelmente utilizados para lastrar, a diferença de coloração, nestes fragmentos resultaria da amarração através da qual se fixariam às rédes de pesca. 7 exemplares.
- 1.1.4 — fragmentos de diabásio utilizados para moer corantes. 3 exemplares.

Entre os instrumentos, cuja matéria-prima sofreu modificação, encontramos menor número de exemplares:

- 1.2.1 — Instrumentos com dupla função, destinando-se a bater, moer e quebrar. As modificações sofridas pelo bloco inicial são mínimas, atendendo mais a necessidade de adaptação da peça na mão de quem a utiliza. A matéria-prima utilizada são fragmentos de quartzo e diabásio.
 - batedor-moedor: 2 exemplares
 - batedor-quebra-côco: 2 exemplares
 - moedor: 1 exemplar
 - batedor: 3 exemplares
- 1.2.2 — Instrumentos destinados a cortar, com gume embotado pela utilização, identificados como talhadores. Matéria-prima diabásio e quartzito. 2 exemplares.

Os artefatos lascados foram pouco numerosos, sendo classificados como segue:

- 2.1 — artefatos de bloco
 - 2.1.1 — raspadores laterais sobre blocos de quartzo; semi-corticais. 4 exemplares.
 - 2.1.2 — chopping-tools, sobre fragmentos de quartzo e diabásio; gume bifacialmente lascado. 2 exemplares.
- 2.2 — lascas.
 - 2.2.1 — lascas semi-corticais, com evidências de utilização sobre o gume, utilizadas para cortar e raspar; sem trabalho secundário. 2 exemplares.

Como os artefatos lascados, os artefatos confeccionados com técnica de polimento foram pouco numerosos. Encontramos, apenas, 6 exemplares, assim classificados:

- 3.1 — machados semi-polidos, com gume bifacialmente polido, de forma retangular, em diabásio. Estavam associados a sepultamentos. 5 exemplares.
- 3.2 — recipiente (fragmentado) polido interna e externamente, embora não totalmente polido. 1 exemplar.

Sepultamentos

Os sepultamentos que localizamos no Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41), em número de 10, revelaram algumas características comuns, com relação aos costumes funerários, com sepultamentos encontrados em sambaquis da mesma área, como por exemplo, posição fletida.

A descrição particularizada que fazemos de cada sepultamento, tem como objetivo fornecer mais dados, permitindo melhor comparação, entre sítios desse tipo. Veja Prancha V.

Sepultamento S. 1-A e B

Localizado no Setor A1, entre 0-15 cm de profundidade. Sepultamento duplo: um adulto e uma criança; em virtude da proximidade com a superfície, ambos os esqueletos estavam em condições precárias de conservação. Foi possível determinar, apenas, alguns dados relativos ao Sepultamento S. 1-A (esqueleto de adulto): orientação — sudeste-noroeste; posição-completamente fletido; disposição — decúbito lateral esquerdo. O esqueleto de criança, S. 1-B, estava completamente desarticulado, sendo impossível determinar sua orientação, posição e disposição.

Sepultamento S. 2-A e B

Localizados nos Setores A1-B1, entre 15 e 45 cm de profundidade. Sepultamento duplo: um adulto e uma criança; em condições precárias de conservação, devido a numerosas raízes, que fraturaram, completamente, o crânio e os ossos longos; o sepultamento S. 2-A estava orientado no sentido Norte-Sul; posição fletida (completamente), em decúbito lateral esquerdo; face orientada para sudeste; não foi possível levantar quaisquer dados relativos ao Sepultamento S. 2-B; crânio muito fragmentado, de paredes finas, completamente coberto de corante vermelho. Associado ao Sepultamento, como mobiliário funerário, encontravam-se 3 seixos rolados, com evidências de batidas, nas extremidades, e um machado semi-polido.

Sepultamento S. 3

Localizado nos Setores A0-A'0, entre 40-55 cm de profundidade. Sepultamento de adulto. Crânio muito fragmentado, ossos longos em boas condições. O esqueleto estava orientado em sentido Norte-Sul, completamente fletido, em decúbito lateral esquerdo, face orientada para leste. Como mobiliário funerário, um seixo rolado, localizado sobre os pés. Junto a este Sepultamento, encontramos dois outros: S. 5 e S. 8.

Sepultamento S. 4

Localizado nos Setores C0-D0, entre 30 e 45 cm de profundidade. Sepultamento de adulto; crânio muito fragmentado, ossos longos em boas condições; esqueleto orientado no sentido Leste-Oeste, em decúbito lateral esquerdo, completamente fletido; face voltada para sul. Junto a este Sepultamento foi localizado o Sepultamento S. 6.

Localizado nos Setores B0-C0, entre 60-75 cm de profundidade. Sepultamento de adulto: crânio, bacia e costelas fragmentados; ossos longos em boas condições; esqueleto orientado no sentido nordeste-sudoeste, completamente fletido, em decúbito lateral esquerdo, face voltada para Leste. Mobiliário funerário: um machado retangular, semi-polido, junto ao crânio; ossos parcialmente cobertos de corante vermelho. Estava junto ao Sepultamento S. 3, com os membros superiores parcialmente localizados sobre este.

Sepultamento S. 6 (Prancha V)

Localizado no Setor D0, entre 30-45 cm de profundidade. Sepultamento de criança: crânio muito fragmentado; ossos longos em boas condições de conservação, esqueleto orientado no sentido Norte-Sul, completamente fletido, em decúbito lateral esquerdo, face voltada para Leste. Estava localizado junto ao Sepultamento S. 4.

Sepultamento S. 7

Localizado nos Setores C1-C2, entre 60-75 cm de profundidade. Sepultamento de adulto; crânio e ossos longos fragmentados; esqueleto orientado no sentido Norte-Oeste, completamente fletido, em decúbito lateral esquerdo; face voltada para Leste. Estava localizado junto à parede Oeste, da trincheira.

Sepultamento S. 8 e S. 9

Estes sepultamentos estavam localizados nas paredes Sul e Oeste da trincheira, respectivamente. O Sepultamento S. 8 estava localizado junto ao Sepultamento S. 3. O Sepultamento S. 9 estava localizado junto ao Sepultamento S. 7.

Localizado no Setor A4, entre 855-870 cm de profundidade. Foi encontrado, apenas, o crânio, completamente fragmentado. Os fragmentos estavam dispersos, não sendo possível levantar quaisquer dados relativos aos costumes funerários. Pela erupção dos germes dentários permanentes deveria tratar-se de uma criança, com aproximadamente 7 anos.

Estruturas

As estruturas localizadas podem ser classificadas em três tipos:

1. estruturas de corante vermelho
2. fogueiras
3. solos de cabana.

Foram identificadas, ao todo, 9 estruturas, assim distribuídas:
estruturas de corante vermelho: 2

fogueiras: 5

solos de cabana: 2.

As estruturas em corante vermelho, eram formações compactas, localizadas entre 180-195 cm de profundidade e entre 300-315 cm de profundidade, respectivamente. Tinham ambas a forma alongada e acreditamos, inicialmente, que indicassem a localização de sepultamentos, a exemplo do que havia ocorrido em outros sambaquis (Beck 1968b: 37-50). Entretanto, as estruturas estavam completamente isoladas entre camadas de valvas de moluscos friáveis e limpas.

As fogueiras foram as estruturas horizontais de maior evidência, ocorrendo sob duas formas: associação de pedras, com carvão, cinzas, conchas calcinadas e simples formas circulares, de dimensões variadas, com vestígios idênticos à forma anterior, com maior abundância de carvão.

Os solos de cabana constituíram, porém, as estruturas mais importantes, quer por suas dimensões, quer pelo seu conteúdo. Entre os solos de cabana identificados, o que forneceu melhores evidências foi a Estrutura E. 2:

Estava localizada a profundidade de 570 cm, ocupando toda a área da trincheira. Em sua maior amplitude, apresentou a forma de 1/4 de círculo, cujo centro era uma fogueira, com abundância de carvão e cinza. Duas faixas, de coloração diversa, com 150 cm a primeira, e 100 cm a segunda, dispunham-se do centro para a periferia. Em sentido E-W a estrutura E. 2 atingiu a largura de 250 cm e em sentido N-S a largura de 300 cm. Verticalmente, tinha a espessura de 90 cm, numa sucessão de camadas mais claras e mais escuras. Era muito consistente, com abundância de argila. Em seu interior foram localizados artefatos e ossos de peixe, em grande quantidade.

Conclusões Gerais

O trabalho que desenvolvemos no Sambaqui do Morro do Ouro (SC.LJ.41) permite-nos admitir para a Região do Litoral de Joinville, pelo menos dois horizontes culturais, ligados a sítios arqueológicos, do tipo sambaqui.

Um horizonte mais antigo, pré-cerâmico, que seria caracterizado por sambaquis do tipo Morro do Ouro (SC.LJ.41), com material lítico grosseiro, sepultamentos com mobiliário funerário e, em contradição com uma indústria lítica grosseira, a presença de zoólitos e grandes machados, tota'mente polidos, quer associados a sepultamentos (Tiburtius e Bigarella 1960: 17), quer constituindo achados isolados.

Um horizonte mais recente, seria caracterizado pela introdução da cerâmica na área (Beck 1968c: 89-100). Sua presença foi observada em vários sambaquis, ocorrendo sempre nas camadas superiores desses sítios, como Rio Pinheiros 8 (Tiburtius et al 1954: 141-197) e Forte Marechal Luz (Bryan 1961: 148-151; 174).

Os dois horizontes culturais, porém, apresentam como elemento comum Sepultamentos com esqueletos fortemente fletidos e acompanhados de "mobiliário funerário": artefatos líticos, no horizonte pré-cerâmico; recipientes de cerâmica, no horizonte cerâmico (Bryan 1961: 148-151; Beck 1968c: 93; Tiburtius et al 1954: 141-197).

Os trabalhos que desenvolvemos na Região são, porém, muito recentes. Na medida em que novos trabalhos forem efetuados será possível confirmarmos essa hipótese, através de outras evidências, além das atuais.

Bibliografia Consultada

Atlas Geográfico de Santa Catarina.

1958 — Departamento de Geografia e Cartografia. Florianópolis.

BECK, A.

1968a — "A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis." Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. pp. 77-87. São Leopoldo.

1968b — "O Sambaqui de Congonhas I — Relatório Preliminar." Anais do Instituto de Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. pp. 37-50. Florianópolis.

1968c — "A Cerâmica dos Sambaquis do Litoral Norte de Santa Catarina." Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. pp. 89-100. São Leopoldo.

BIGARELLA, J. J.

1954 — "Os Sambaquis na Evolução da Paisagem Litorânea Sul-Brasileira." Separata dos Arquivos de Biologia e Tecnologia. pp. 199-221. Vol. IX. Art. 10. Curitiba.

- et TIBURTIUS, G., SOBANSKI, A.
- 1954 — "Contribuição ao Estudo dos Sambaquis do Litoral Norte de Santa Catarina. I — Situação Geográfica e Descrição Sumária." Separata dos Arquivos de Biologia e Tecnologia. pp. 99-140. Vol. IX. Art. 8. Curitiba.
- BRYAN, A. L.
- 1961 — "Excavation of a Brazilian Shell Mound." *Science of Man*. Vol. I. n.º 5. pp. 148-151. 174. Califórnia.
- Carta de Joinville — SG. 22-R. I-3
- 1963 — Serviço Geográfico do Exército. Escala 1: 50.000.
- Carta de Araquari — SG. 22-R. I-4
- 1962 — Serviço Geográfico do Exército. Escala 1: 50.000.
- Carta do Canal de Acesso de Joinville — n.º 1805
- 1941 — Departamento de Hidrografia Nacional. Escala 1.27.000.
- CASTRO FARIA, L.
- 1959 — "O Problema da Proteção aos Sambaquis." Separata dos Arquivos do Museu Nacional. Vol. XLIX. pp. 95-138. Rio de Janeiro.
- PIAZZA, W. F.
- 1966 — "Nomenclatura dos Sítios Arqueológicos Catarinenses." Mimeografado.
- 1967 — "As Fontes Primárias da História: Fontes Arqueológicas Catarinenses." Separata do III Simpósio dos Professores Universitários de História, pp. 439-482. Franca.
- ROHR, A.
- 1961 — "Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Notícias Prévias sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul." *Pesquisas. Série Antropologia* n.º 12. Pôrto Alegre.
- TIBURTIUS, G.
- 1961 — "Wildschweinhauer Als Werkgeräte." *Pesquisas. Série Antropologia* n.º 11. Pôrto Alegre.
- 1966 — "O Sambaqui da Conquista (N.º 9)." Separata do Boletim Paranaense de Geografia. n.ºs 18/19. Curitiba. et BIGARELLA, I. K., BIGARELLA, J. J.
- 1954 — "Contribuição ao Estudo dos Sambaquis do Litoral Norte de Santa Catarina. II — Sambaqui de Rio Pinheiros (N.º 8)." Separata dos Arquivos de Biologia e Tecnologia. Vol. IX. Art. 9. pp. 141-197. Curitiba. et BIGARELLA, I. K.
- 1961 — "Objetos Zoomorfos do Litoral de Santa Catarina e Paraná." *Pesquisas. Série Antropologia* n.º 7. Pôrto Alegre.

Florianópolis, julho/1969.

NOTA SÔBRE DUAS COLEÇÕES DE PONTAS DE FLECHA

ANAMARIA BECK (*)

Apresentação

Procuramos, na presente nota, estabelecer, ainda que precariamente, uma tipologia para as pontas de flecha encontradas em Santa Catarina e no Paraná. Existem grande número desses artefatos em coleções particulares e em Museus. Por outro lado, não foram localizados, ainda, sítios arqueológicos com tais artefatos líticos, o que nos levou a tentar a elaboração de uma tipologia. Com base na Bibliografia de que dispomos, encontramos em Santa Catarina um só sítio, onde foram localizadas pontas de flecha, situado no Rio Krauel, Vale do Itajaí (Piazza 1967: 39-46).

A análise tipológica de um grupo de artefatos desprovido de dados estratigráficos é sempre um trabalho pouco seguro, do ponto de vista metodológico. Porém, se os exemplares, pertencentes às coleções fôrem acompanhados de dados relativos à sua localização geográfica, tal análise se justifica e pode tornar-se útil, se considerarmos fatores como: ausência de dados estratigráficos referentes ao material arqueológico objeto da análise e impossibilidade de se efetuar trabalho sistemático de coleta ou escavação do mesmo material. Assim, a tipologia de material arqueológico com base em critérios técnicos, morfológicos e geográficos, é possível no caso de uma área relativamente pequena e, sempre desejável, no caso de uma área pouco conhecida arqueologicamente.

Os critérios serão sempre amplos e os tipos reconhecidos bastante flexíveis, permitindo a formação de grandes tradições ou categorias. Uma análise tipológica conduzida nesse sentido foi elaborada por Becker e Mello (1963: 439-54) sobre machados polidos, provenientes da Região Amazônica.

Analisamos, nesse trabalho inicial, duas coleções de pontas de flecha: Coleção Berenheuser e Coleção Tiburtius. A primeira (1) reúne pontas de flecha provenientes do Litoral de Santa Catarina e a segunda (2) reúne exemplares oriundos do Planalto de Santa Catarina e Paraná.

(*) do Instituto de Antropologia da U. F. S. C.

Foram analisados 500 exemplares de ambas as coleções, dos quais 339 foram reunidos em 26 tipos.

Ao elaborarmos a tipologia procuramos criar tipos com grande uniformidade técnica e morfológica sem nos preocuparmos com a criação de variedades e subtipos, o que explica, em parte, o grande número de tipos encontrados em relação ao pequeno número de exemplares analisados.

Análise das Coleções

Ao procedermos à análise e classificação das pontas de flecha das Coleções Berenheuser e Tiburtius, como base nos critérios expostos, observamos que o grande número de tipos encontrados, eram devidos, em parte, ao caráter assistemático que sempre orienta a organização de coleções. Alguns tipos, por exemplo, são formados por apenas 3 exemplares, pois suas características técnicas e morfológicas eram acentuadas e não permitiam sua inclusão em um dos tipos criados.

Inicialmente, dividimos as pontas em duas grandes tradições:

1. pontas com pedúnculo
2. pontas sem pedúnculo.

A seguir, cada uma dessas tradições foi dividida nas seguintes categorias:

- 1.1 pontas com pedúnculo de bordos retos e base côncava
- 1.2 pontas com pedúnculo contrátil
- 1.3 pontas com pedúnculo de bordos retos e base reta.
- 1.4 pontas com pedúnculo de bordos retos e base convexa
- 1.5 pontas com pedúnculo de bordos côncavos e base côncava
- 1.6 pontas com pedúnculo de bordos convexos e base côncava
- 1.7 pontas com pedúnculo de bordos côncavos e base convexa
- 2.1 pontas de base convexa.

Um grande número de exemplares isolados foi encontrado nas duas Coleções, sem que pudéssemos incluí-los em um dos tipos criados, em vista de suas características técnicas e morfológicas.

-
- (1) A Coleção Berenheuser foi organizada pelo Senhor Carlos Berenheuser e pertence, atualmente, ao acervo do Museu do Homem do Sambaqui, do Colégio Catarinense, dirigido pelo Professor Pe. João Alfredo Rchr SJ, que nos autorizou o estudo das pontas de flecha. Por um período superior a 20 anos o organizador da Coleção reuniu peças provenientes de todo Estado de Santa Catarina. O registro da origem das peças é porém precário, indicando áreas bastante amplas, razão pela qual fazemos referência, apenas à Região de onde provém, no caso Litoral de Santa Catarina.
 - (2) A Coleção Tiburtius integra o acervo do Museu do Sambaqui, da cidade de Joinville. Organizada pelo Senhor Guilherme Tiburtius, está bem catalogada, procedendo o organizador o perfeito registro de cada peça. O acesso à coleção de pontas de flecha nos foi possibilitado pelo Senhor Alfredo Régulo Valdetaro Neto.

Descrição dos Tipos (3)

A descrição dos 26 tipos classificados na análise de 339 exemplares de pontas de flecha levou-nos à utilização de critérios que suprissem a ausência de dados estratigráficos e de trabalhos sistemáticos sobre o assunto. Assim, com relação às dimensões dos exemplares limitamo-nos a indicar as proporções verificadas entre o comprimento total: comprimento do pedúnculo: largura das aletas. São indicadas, também, as dimensões absolutas do exemplar tipo.

Para efeito de classificação as pontas de flecha foram divididas, quanto ao comprimento, em pequenas (comprimento máximo de 5 cm); médias (comprimento máximo de 8 cm); grandes (comprimento superior a 8 cm).

A descrição dos tipos obedece à ordem anterior estabelecida pelas categorias, como segue:

1.1.1 — pedúnculo de bordos retos e base acentuadamente côncava

n.º de exemplares: 16

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas retas; pedúnculo de bordos retos com base acentuadamente côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacialmente; retoque dos bordos contínuo e em faces alternadas; base entalhada e retocada bifacialmente, em bisel duplo; o entalhe da base pode ser estreito e profundo ou amplo e raso, em ambos os casos o tratamento da base é idêntico (Fig. 1).

A proporção entre o pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura das aletas e o comprimento total é de 1:2. Pontas pequenas e médias. Exemplar tipo: 5 cm x 1,4 cm x 2,8 cm.

1.1.2 — pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava.

n.º de exemplares: 22

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, um bordo reto e um bordo ligeiramente côncavo; aletas retas; pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava; sec-

(3) Os trabalhos de laboratório foram efetuados com a colaboração dos estagiários do Instituto de Antropologia da U. F. S. C. Maria José Reis, Eli Maria Belani, Tereza D. Fossari e do aluno Alfredo Valdetaro Neto, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Joinville.

ção transversal biconvexa assimétrica; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacialmente; retoque dos bordos contínuo e em faces alternadas; base retocada bifacialmente, em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:2. Exemplar tipo: 4, 2 cm x 1 cm x 3,1 cm.

- 1.1.3 — pedúnculo de bordos retos e base côncava
n.º de exemplares: 15

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos ligeiramente côncavos; aletas retas, acentuadamente assimétricas; pedúnculo reto e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa assimétrica.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; retoque dos bordos descontínuo e em faces alternadas; base retocada em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Exemplar tipo: 4,4 cm x 1,3 cm x 2,9 cm.

- 1.1.4 — pedúnculo de bordos retos e base acentuadamente côncava.

n.º de exemplares: 4

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas retas e assimétricas; pedúnculo reto, base acentuadamente côncava; secção transversal biconvexa, secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; bordos retocados em faces alternadas; retoque abrupto e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,4. Exemplar tipo: 6,3 cm x 1,5 cm x 3,4 cm.

- 1.1.5 — pedúnculo de bordos retos e base côncava
n.º de exemplares: 40

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (município de Reserva — Paraná)

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos côncavos; aletas retas assimétricas; pedúnculo de bordos retos e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa assimétrica.

Retoque da lâmina bifacial e conchoidal; retoque dos bordos bifacial ou em faces alternadas e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:3,2 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,3. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 5,3 cm x 1,2 cm x 3,1 cm.

1.1.6 — pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava
n.º de exemplares: 10

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (município de Reserva — Paraná).

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos retos; aletas retas ou côncavas; pedúnculo de bordos retos e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa assimétrica.

Retoque da lâmina irregular e bifacial; retoque dos bordos contínuo ou descontínuo, em faces alternadas; base retocada em bisel.

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:2,4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 2,7 cm x 1,1 cm x 2,7 cm.

1.1.7 — pedúnculo de bordos retos e base côncava
n.º de exemplares: 11

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, com bordos ligeiramente convexos; aletas côncavas; pedúnculo reto e base côncava.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; bordos retocados em ambas as faces e retoque contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4,5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Pontas médias. Exemplar tipo: 5 cm x 0,9 cm x 3,1 cm.

1.1.8 — pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava.
n.º de exemplares: 2

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular e bordos ligeiramente convexos; aletas retas; pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacialmente; bordos retocados em faces alternadas, retoque contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:6 e entre a largura e o comprimento total é de 1:3. Pontas grandes. Exemplar tipo: 8,2 cm x 1,2 cm x 3,3 cm.

1.1.9 — pedúnculo de bordos retos e base ligeiramente côncava.
n.º de exemplares: 4

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos convexos; aletas retas assimétricas; pedúnculo de bordos retos e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacial e irregularmente, bordos retocados unifacialmente; base, em 2 exemplares seccionada e, em dois exemplares, entalhada (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4,7 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,7. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 4,1 cm x 1 cm x 2,4 cm.

1.2.1 — pedúnculo contrátil
n.º de exemplares: 6

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas retas; pedúnculo contrátil; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacial e irregularmente; retoque dos bordos bifacial e contínuo (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1: 3,4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 4 cm x 1 cm x 2,6 cm.

1.2.2 — pedúnculo contrátil
n.º de exemplares: 4

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos ligeiramente convexos; aletas assimétricas, 1 reta e 1 convexa; pedúnculo contrátil.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; retoque dos bordos descontínuo, em faces alternadas; bordos do pedúnculo retocados unifacialmente (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:2. Pontas médias. Exemplar tipo: 5,6 cm x 1,4 cm x 2,9 cm.

1.2.3 — pedúnculo contrátil

n.º de exemplares: 10

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica; alêtas assimétricas, sendo uma ligeiramente esboçada e uma reta; pedúnculo contrátil; secção transversal biconvexa e secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacial e irregularmente; retoque dos bordos contínuo, ocorrendo em uma, ou duas faces e, ainda, em faces alternadas; base seccionada em alguns exemplares e retocada em bisel duplo, em outros (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:3,7 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,6. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,7 cm x 2 cm x 1,9 cm.

1.2.4 — pedúnculo contrátil

n.º de exemplares: 4

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas retas; pedúnculo contrátil; secção transversal biconvexa; secção longitudinal côncava-convexa.

Lâmina retocada bifacial e irregularmente; retoque dos bordos contínuo e em faces alternadas; pedúnculo retocado bifacialmente (Fig. 1).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:2. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,8 cm x 1,8 cm x 0,7 cm.

1.3.1 — pedúnculo de bordos retos e base reta

n.º de exemplares: 5

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas acentuadamente retas e assimétricas; pedúnculo reto e base reta; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; retoque dos bordos bifacial e contínuo, base retocada unifacialmente em bisel simples (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,6 cm x 0,8 cm x 2,3 cm.

1.4.1 — pedúnculo de bordos retos e base convexa

n.º de exemplares: 5

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos retos; aletas retas; pedúnculo reto e base convexa; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada bifacial e irregularmente; retoque dos bordos em padrão de ocorrência contínuo; base em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:3,5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,1 cm x 2,1 cm x 0,7 cm.

1.4.2 — pedúnculo de bordos retos e base convexa

n.º de exemplares: 13

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (município de Reserva — Paraná).

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos côncavos; aletas côncavas; pedúnculo de bordos retos e base convexa; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa assimétrica.

Retoque da lâmina conchoidal e bifacial; retoque dos bordos bifacial e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,4. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 4 cm x 1 cm x 3,1 cm.

1.5.1 — pedúnculo de bordos côncavos e base côncava

n.º de exemplares: 79

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (Taió — Santa Catarina, Reserva — Paraná)

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos côncavos; aletas retas assimétricas; pedúnculo de bordos côncavos (acentuadamente expandido e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Retoque da lâmina irregular e bifacial; retoque dos bordos bifacial ou em faces alternadas, contínuo (Fig. 2). A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:2,5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,4. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 2,5 cm x 1 cm x 1,6 cm.

1.5.2 — pedúnculo de bordos côncavos e base côncava

n.º de exemplares: 6

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (Reserva — Paraná)

Descrição: Ponta de lâmina triangular simétrica, bordos retos; aletas retas, pedúnculo de bordos côncavos (acentuadamente expandido) e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal: biconvexa.

Retoque da lâmina bifacial e irregular; retoque dos bordos bifacial e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,8. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 4,5 cm x 1,1 cm x 2,5 cm.

1.5.3 — pedúnculo de bordos côncavos e base côncava

n.º de exemplares: 13

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (Taió — Santa Catarina).

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos retos; aletas retas, pedúnculo de bordos côncavos (acentuadamente expandido) e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Retoque da lâmina conchoideal e bifacial; retoque dos bordos em faces alternadas e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:2,3 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,3. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,3 cm x 1,4 cm x 2,8 cm.

- 1.5.4 — pedúnculo de bordos côncavos e base côncava
n.º de exemplares: 10

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (Rio Tibagi — Paraná)

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos: um convexo e um côncavo; pedúnculo de bordos côncavos (acentuadamente expandido) e base côncava; aletas retas assimétricas; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa assimétrica (Fig. 2). Retoque da lâmina conchoidal e bifacial; retoque dos bordos em faces alternadas e contínuo; base retocada em bisel duplo.

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:3,9 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,7. Pontas médias. Exemplar tipo: 5,1 cm x 1,3 cm x 2,9 cm.

- 1.5.5 — pedúnculo de bordos côncavos e base côncava
n.º de exemplares: 8

Proveniência: Coleção Tiburtius

Localização: Planalto (Reserva — Paraná: Taió — Santa Catarina).

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos ligeiramente côncavos; aletas retas; pedúnculo de bordos côncavos (acentuadamente expandido) e base côncava; secção transversal biconvexa assimétrica; secção longitudinal biconvexa assimétrica.

Retoque da lâmina irregular e bifacial; retoque dos bordos bifacial e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1: 3,9 e entre a largura e o comprimento total é de 1:2,2. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 4,1 cm x 1,1 cm x 1,8 cm.

- 1.6.1 — pedúnculo de bordos convexos e base côncava
n.º de exemplares: 31

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, bordos ligeiramente côncavos; aletas retas e assimétricas; pedúnculo de bordos ligeiramente convexos e base côncava e oblíqua; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; retoque dos bordos bifacial e contínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4,3 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,8. Pontas médias. Exemplar tipo: 5,4 cm x 1,4 cm x 2,8 cm.

1.6.2 — pedúnculo de bordos convexos e base côncava

n.º de exemplares: 10

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta triangular assimétrica, com um bordo convexo e um bordo côncavo; aletas retas e acentuadamente assimétricas; pedúnculo de bordos retos e base côncava; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Lâmina retocada irregular e bifacialmente; retoque dos bordos unifacial e descontínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4,5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,7. Pontas médias. Exemplar tipo: 5,8 cm x 1,2 cm x 3,3 cm.

1.7.1 — pedúnculo de bordos côncavos e base convexa

n.º de exemplares: 2

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular assimétrica, bordos retos; aletas assimétricas; secção transversal biconvexa, secção longitudinal biconvexa.

Retoque da lâmina irregular e bifacial; retoque dos bordos bifacial e contínuo; bordos do pedúnculo retocados bifacialmente e base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:5 e entre a largura e o comprimento total é de 1:2,5. Pontas médias. Exemplar tipo: 6,5 cm x 1,2 cm x 2,7 cm.

1.7.2 — pedúnculo de bordos côncavos e base convexa

n.º de exemplares: 3

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular, com bordos acen-tuadamente convexos; aletas retas e assimétricas; pedúnculo de bordos côncavos e base convexa; secção longitudinal biconvexa.

Retoque da lâmina irregular e unifacial; retoque dos bordos bifacial em um bordo, unifacial em outro bor-

do; base retocada bifacialmente, em bisel duplo (Fig. 2). A proporção entre o comprimento do pedúnculo e o comprimento total é de 1:4 e entre a largura e o comprimento total é de 1:1,5. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,7 cm x 0,9 cm x 2,9 cm.

2.1.1 — pontas de base convexa

n.º de exemplares: 6

Proveniência: Coleção Berenheuser

Localização: Litoral de Santa Catarina

Descrição: Ponta de lâmina triangular; sem aletas; base convexa; secção transversal biconvexa; secção longitudinal biconvexa.

Retoque da lâmina irregular e bifacial; face superior apresenta uma aresta central acentuada; bordos retocados irregularmente, retoque descontínuo; base retocada em bisel duplo (Fig. 2).

A proporção entre a largura da base e o comprimento total é de 1:3. Pontas pequenas. Exemplar tipo: 3,9 cm x 1,7 cm.

Conclusões Gerais

Como dissemos, anteriormente, a análise tipológica que elaboramos é precária. Os critérios utilizados são amplos e arbitrários. Acreditamos, no entanto, que estamos longe de esgotar o assunto. A presente nota é, tão somente, uma contribuição, no sentido de levantar o problema, como uma hipótese de trabalho, numa região onde existe ausência de pesquisas dessa natureza.

O caráter assistemático que sempre orienta a organização de tal tipo de coleção, permitiu-nos observar, apenas, que certas categorias poderiam caracterizar sua área de ocorrência. Por exemplo, a categoria 1.1 (pedúnculo de bordos retos e base côncava) representa 36% do total geral, ocorrendo principalmente no Litoral de Santa Catarina, com um índice de 22% sobre a totalidade dos exemplares analisados; a categoria 1.5 (pedúnculo de bordos côncavos e base côncava) representa 34% do total geral e sua localização se verifica no Planalto do Paraná e Santa Catarina, com o mesmo índice para a totalidade dos exemplares analisados.

Uma rápida análise do Gráfico n.º 1 permite-nos levantar a hipótese de que o Litoral de Santa Catarina se caracteriza por pontas de flecha de pedúnculo de bordos retos e base côncava, enquanto o planalto se caracterizaria por pontas de pedúnculo de bordos côncavos e base côncava.

A confirmação de tal hipótese, entretanto, só se poderá dar, quando forem efetuados estudos sistemáticos em sítios onde ocorram pontas de flecha, localizados nessas regiões: Litoral de Santa Catarina e Planalto do Paraná e Santa Catarina.

Bibliografia Consultada

BECKER, M. C. DE M. C. e MELLO FILHO, D. P.

1963 — "Ensaio de Tipologia Lítica Brasileira — Nota Prévia".
Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. XIV, pp.
439-54. São Paulo.

PIAZZA, W. F.

1967 — "Nota Preliminar Sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina".
Museu Paranaense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas
n.º 6. pp. 39-44. Belém.

SCHMITZ, P. I. e outros

1967 — "Arqueologia no Rio Grande do Sul". Pesquisas. Série
Antropologia. nr. 16, 58 pp. Instituto Anchieta de
Pesquisas. São Leopoldo.

WORMINGTON, H. M.

1964 — "Ancient Man in North America". Denver Museum of
Natural History. Popular Series n.º 4. Denver. Colorado.

Florianópolis, julho/1969.



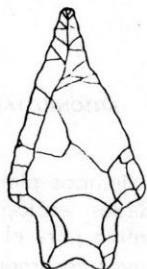
1.1.1



1.1.2



1.1.3



1.1.4



1.1.5



1.1.6



1.1.7



1.1.8



1.1.9



1.2.1



1.2.2



1.2.3



1.2.4



FIGURA Nº 1



1.3.1



1.4.1



1.4.2



1.5.1



1.5.2



1.5.3



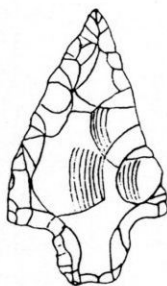
1.5.4



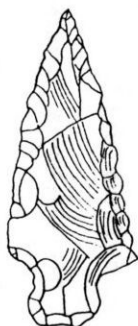
1.5.5



1.6.1



1.6.2



1.7.1



2.1.2



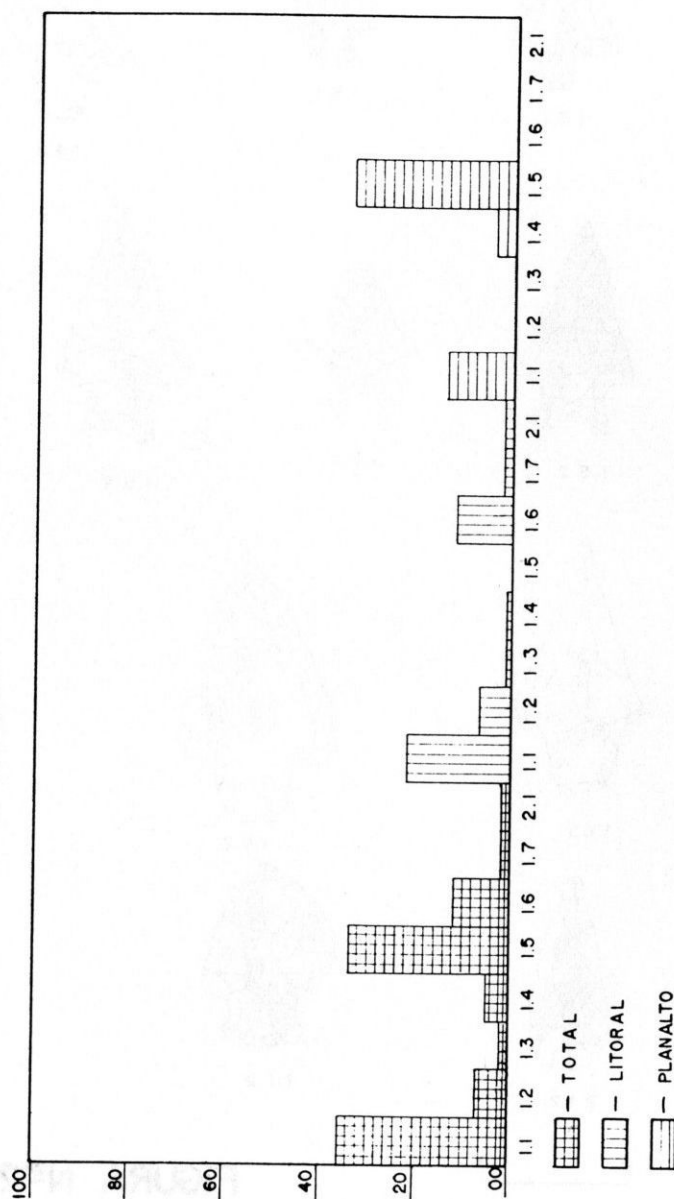
1.7.2



FIGURA Nº 2

GRÁFICO Nº 1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS CATEGORIAS QUANTO A ÁREA DE OCORRÊNCIA



UN YACIMIENTO DE CAZADORES SUPERIORES DEL MEDIO RIO NEGRO, URUGUAY

ANTONIO TADDEI

El actual territorio del Uruguay posee desde los tiempos pleistocénicos finales y aún durante el Holoceno, posibilidades ecológicas excepcionales. De ahí que ello fuera estímulo e incentivo para el establecimiento humano en tiempos prehistóricos y cuyos testimonios del mismo constituyen hoy un pródigo repositorio pleno de sugerencias.

Los vestigios líticos tallados en rocas locales patentizan modalidades diversas que implican estadios culturales, los cuales hunden sus raíces en tiempos aún no discernibles.

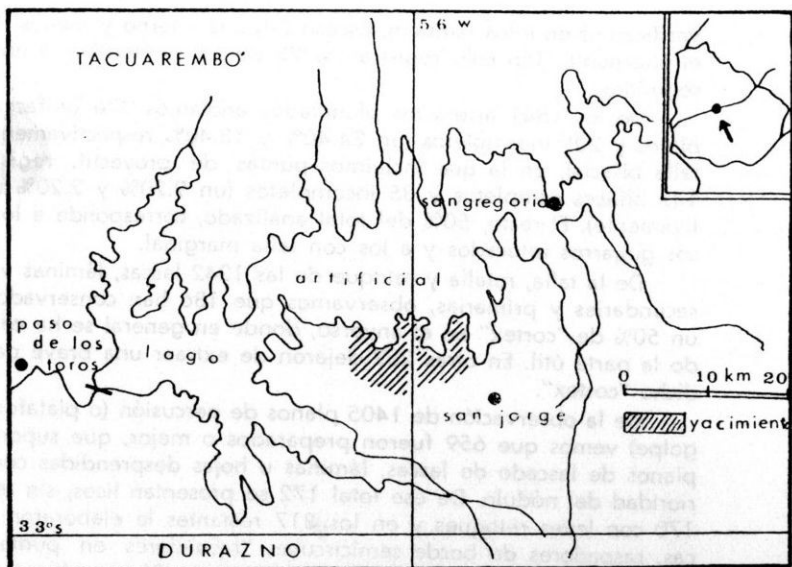
Pese a la falta de apoyo oficial en temas de investigación de arqueología prehistórica, la iniciativa particular ha podido revelar la existencia de varios "precerámicos" que van desde el cazador y recolector inferior (epiprotolítico) al cazador superior con dardo o jabalina y al cazador superior con arco (epimiolítico).

Nuestros intentos en procura de una acción metódica en los trabajos de campo facilitarán acaso desentrañar los complejos de cada área en estudio y proveer con su análisis e interpretación a su integración en áreas culturales de mayor alcance.

Esta comunicación se referirá al contenido material de un yacimiento de superficie cuyos datos pertinentes son los siguientes:

— La zona pertenece a la penillanura eo y neogondwánica. Las lluvias en cantidades suficientes dan una media de 1150 mm. anuales. El Clima templado alcanza a 17.º promedio. La red fluvial comprende un trazado bastante denso con cursos de corrientes constantes y tierras de buenas pasturas.

— El río Negro, de 650 km, nace en Brasil y luego cruza nuestro territorio desde el NE al SW.



— La zona que estudiamos, adosada a las riberas del mismo, con monte marginal de tipo galería, fueron sin duda más fuertes a lo largo de todo el cauce. En efecto, en esta región hubo hasta cinco kilómetros de monte franja o galería.

— La actual riqueza faunística del área permite suponer que la zona haya ejercido un gran atractivo entre los primitivos habitantes. La dieta habitual de los cazadores, muy rica en proteínas animales incluiría además de huevos y miel, una fauna rica y variada derivada de un excepcional medio ambiente del cual se podría hacer un análisis biogeográfico nutrido. Era abundante en cérvidos: el ciervo de los pantanales, hoy desaparecido, el guazubirá y el venado campesetre. Entre los roedores, el carpincho, la nutria (coipus) y el erizo. Su despensa era variada con el ñandú y gallináceas de monte y de campo; armadillos (tatú, mulita y peludo); además de los recursos en peces de río como ser: dorados, tarariras, bagres, patíes, bogas, surubíes, etc.

— En contraposición de esa nutrida lista de abastecimientos faunísticos, lo que le habría proporcionado el reino vegetal lo suponemos exiguu. El área carece de raíces o plantas comestibles y las frutas de estación son mínimas y poco nutritivas.

— El yacimiento se ubica en la parte norte del Dep. de Durazno (55.°50 W y 32.°50 S) sobre el antiguo curso del río Negro Medio, frente a la desembocadura del arroyo Tigre.

— En el año 1945 dicho río fue represado aguas abajo en el Rincón del Bonete; por lo que esa área fue inundada creándose un lago artificial con una superficie de 1.100 km². Campos y montes marginales fueron cubiertos por dichas aguas. En tiempos anteriores a ese embalse el sitio consistía en campo de gramilla, arbolado, rodeado por un cinturón de monte natural, lo suficientemente alto como para escapar al sur por sobre el dorso de las cuchillas en caso de grandes crecientes del río. Ese fue el lugar estratégico para asentar el paradero indígena. Actualmente las riberas del lago artificial están constantemente sometidas al oleaje que en este caso embiste el frente de esas cuchillas que apuntan al río y socava además los campos más bajos otrora adosados al exhuberante monte indígena. En las bajantes del nivel de ese embalse los suelos que han sido despojados de aproximadamente veinte cm de su cobertura vegetal primitiva exponen hoy en superficie así degradada, innúmeros yacimientos arqueológicos que antes de la inundación referida permanecían ocultos.

Los dos sitios que por esa causal pudieron rescatarse, son así dos lenguas de tierra alargadas que apuntan paralelas al norte, perpendiculares al antiguo cauce del río. Cada una de ellas tiene unos 120 m de largo por 80 m de ancho.

Se analizaron 1821 artefactos los cuales fueron separados en:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| — raspadores | — puntas de proyectil para dardo |
| — raederas | — trituradores |
| — muescas | — molinos y sus manos |
| — cuchillos | — percutores |
| — perforadores | — lenticulares o piedras de honda |
| — buriles | — piedras de boleadoras |
| — puntas de proyectil para arco | — cerámica |
| — ocre para pinturas | |

que más adelante comentaremos por separado.

MATERIA-PRIMA

Los raspadores, raederas, muescas, cuchillos, perforadores, buriles y puntas de proyectil para arco y dardo, arrojan el porcentaje de

- | | | |
|--------------------|-------------------------------|---|
| — 81% en sílex | — 2% en arenisca silicificada | — 0.6% en basalto |
| — 8.4% en cuarcita | — 1.4% en calcedonia | — 0.6% en ópalo |
| — 5.2% en ágata | — 0.8% en jaspe | resinoso, esquisto y mineral de hierro. |

Creemos que, más que significar una preferencia por el sílex, el mayor porcentaje de este es debido a la abundancia local. Agrupamos con el rótulo general de sílex a calizas silicificadas en distintos grados que pudieron ser obtenidas fácilmente de los grandes guijarros del cauce del río Negro. El resto de las rocas de la zona son menos dúctiles para una talla perfecta. La abundancia, tenacidad y dureza del sílex, que propicia una excelente fractura concoidal, explican su predilección por esta materia-prima.

TECNICA

Esta industria acusa un alto grado tecnológico en el tallado lítico. Para la talla inicial se han usado tres elementos: un yunque sobre el que se apoyó un nódulo que era a su vez golpeado mediante un percutor manual móvil. Esta modalidad que ha sido llamada técnica bipolar, fue posteriormente en esta industria, disimulada con retalla y retoque manual secundario usándose dos elementos: la lasca, lámina u hoja en una mano y el percutor móvil — duro o blando — en la otra.

El retoque es fino en la generalidad de los artefactos; pero los elaborados en láminas han sido preferidos para el retoque de presión controlada, en la que se habría utilizado un intermediario o cincel. En cambio las lascas y núcleos adscriptos en general a confeccionar raspadores, carecen de aquel retoque cuidadoso.

Del total de 1541 artefactos elaborados en lascas, láminas, hojas, núcleos y guijarros, obtuvimos:

- 41.4% (640) de lascas en general cortas con promedio de dimensiones entre (40-35-12 mm) y (55-38-15);
- 38.% (585) de láminas con promedio (50-40-10) a (40-30-7);
- 17.3% (265) de núcleos en cuyo guarismo habrán lascas gruesas no individualizables;
- 1.1% (17) de hojas con promedios entre (64-45-6) y (55-53-5);
- 2.2% (34) de guijarros notorios artefactos;

escasean las laminillas retocadas; anotamos 25 con mínimas medidas entre (36-18-5) y (22-15-3).

De las 1242 lascas, láminas y hojas referidas, un 62.7% (778) conservaron por regla general su plano de lascado y el respectivo bulbo, de los que apenas 35 han sufrido uno y pocas veces dos golpes que se marcan como negativos de talla regularizadora. Los restantes, un 37.4% (464) muestran plano de percusión y bulbo abatidos y su plano de lascado (o de arrastre) se presenta como en el caso anterior, en general liso y entero. Se constataron sólo 29 con aquella regularización. En ambos casos expuestos, se prefirieron tallarlos en el anverso; dejándose el plano de lascado, con o sin bulbo, entero. Aparte de esos 64 planos de lascado con la mínima regularización,

verificamos en ellos también, escaso retoque alterno y menos todavía el alternante. Tan solo registramos 28 de los primeros y 4 entre los segundos.

De los 1541 artefactos planillados anotamos 376 unifaces completos y 205 incompletos (un 24.40% y 13.40% respectivamente). En talla bifacial, en la que incluimos puntas de proyectil, registramos 142 bifaces completos y 35 incompletos (un 9.20% y 2.20% respectivamente). El resto, 50% del total analizado, corresponde a los escasos guijarros retocados y a los con talla marginal.

De la talla, retalla y retoque de las 1242 lascas, láminas y hojas, secundarias y primarias, observamos que 186 han conservado hasta un 50% de "cortex" en el anverso, donde en general se ha constituido la parte útil. En otras 252 dejaron de extraer una breve parte de dicho "cortex".

De la observación de 1405 planos de percusión (o plataforma de golpe) vemos que 659 fueron preparados o mejor, que suponen ser planos de lascado de lascas, láminas u hojas desprendidas con anterioridad del nódulo. De ese total 172 se presentan lisos, sin retoque; 170 con leves retoques y en los 317 restantes le elaboraron: muescas, raspadores de borde semicircular, "raspadores en punta entre dos leves cóncavos" y raspadores de filo recto. 80 son planos de percusión natural con "cortex" visible, correspondiendo el resto a los abatidos totalmente y en este caso ha desaparecido el plano de percusión incluso su bulbo.

Del total general con sus 32 tipos, 183 artefactos han agregado otros retoques al mismo y han conformado las herramientas compuestas o mejor "múltiples". Vemos así: cuchillos que añaden raederas, otras veces un raspador o perforador, etc., enriqueciendo así la tipología ya de por sí variada.

En la discriminación de tipos, exposición de técnicas y nomenclatura, preferimos, dentro de la anarquía aún reinante en la terminología clasificatoria, encauzar en parte nuestros criterios en los que, de manera preliminar, son recomendados por la Convención de Litos (Villa Carlos Paz-Córdoba-1964). Sin recaer en descripción puramente morfológica, creemos haber delimitado tipos concretos funcionales y las referidas cuotas porcentuales. Nuestra serie con sus 1821 piezas es lo suficientemente nutrida para calibrar nuestros asertos.

Pasamos ahora a describir el acervo arqueológico rescatado del yacimiento que nos ocupa.

RASPADORES — Consideramos tales a los artefactos de filo o bisel abrupto, de acción frontal y a veces lateral. En nuestro caso no acusan retoques a presión, pero son sí elaborados. Consideramos que su función no requirió mayores acomodos; aunque poseen retoques finos, no hemos notado aquella técnica. Constituyen una fuerte mayoría dentro del instrumental exhumado, ya que son un 50% (749) entre los 1541 artefactos derivados de talla. La mayoría (un 77%) se elaboraron en sílex. En este grupo tenemos:

- (a) **en hocico:** Son en total 48: (33 lascas y 9 láminas); apicales o laterales, con filo activo semicircular y muy escaso el recto. Algunos se tallaron en plano de percusión.

— De ellos 7 son "múltiples" ya que agregan:

5 raspadores laterales

1 raedera recto alterna

1 raspador apical.

— 18 unifaces completos y 10 incompletos.

— Dimensiones entre: (55-40-27) y (40-35-15).

- (b) **en "punta entre dos muescas":** Son 33: (22 lascas y 6 láminas). La punta es acá más afilada que el hocico antes expresado. Las dos muescas que la enmarcan están siempre en la misma cara y nunca alternas.

— De ellas 4 son múltiples con:

1 cuchillo

1 raspador recto-cóncavo

1 raedera recta y cuchillo

1 hocico

— 6 unifaces completos, 4 incompletos y 1 bifaz incompleto.

— Dimensiones entre: (55-40-15) y (32-20-10) para la mayoría.

Son escasos los de mayor tamaño.

- (c) **en ágata:** Son 57: Se aprovechó su estructura en bandas para obtener por clivaje, un plano de lascado. En el anverso se efectuó la retalla y retoque, dejándose muy a menudo "cortex".

— Del análisis de estos particulares raspadores surgen:

1 cóncavo-convexo

7 apicales (de ellos 1 es doble)

12 laterales (de ellos 2 son dobles)

8 apicales-laterales

4 de filos semicirculares

4 circulares y subcirculares

3 cóncavos-convexos

7 con filos en leve arco

1 doble recto convergente

1 con bordes totalmente retocados

4 en punta

1 recto-cóncavo

1 recto y muesca

1 nucleiforme

1 recto-convexo

1 cóncavo simple.

En buena parte de estos raspadores se observa retoque fino.

— 1 unifaz completo y 2 incompletos.

— Dimensiones: 8 especímenes mayores entre (86-80-20) y (70-52-15)

20 medianos desde (60-57-15) a (55-48-17)

29 menores entre (50-47-10) y (35-31-8).

- (d) **en varias puntas:** Son 42: (32 lascas, 4 láminas, 5 núcleos y 1 guijarro). Contienen caracteres que permiten elevarlos a tipo. Destacan 2 y hasta 3 puntas salientes y afiladas. De ellas 7 poseen los bordes activos totalmente retocados.

— 2 son "múltiples" ya que agregan:

1 perforador

1 hocico. Este, el N.º 746, excepcionalmente elaborado en el plano de lascado y por lo tanto es alterno.

La mayoría son nucleiformes y el resto en lascas cortas.

— 17 unifaces completos, 8 incompletos, 5 bifaces completos y 2 incompletos.

— Dimensiones entre: (60-40-20) y (45-35-18).

- (e) **apicales:** Son 27: (19 lascas, 4 láminas, 3 núcleos y 1 guijarro); en litos alargados. Vemos 1 apical alterno (el N.º 1160).

— 10 unifaces completos y 1 incompleto.

— Dimensiones: la mayoría entre (50-38-26) y (32-22-13). Más escasos los que promedian (80-60-30).

- (f) **en guijarros:** Son 15: Pertenecen sin duda a este contexto. Se les halla en íntima asociación y poseen el retoque fino del resto. Tienen corteza en ambas caras y han ido directo a la retalla y retoque. Del total 2 destacan retoques gruesos y toscos. Produjeron:

2 hocicos

1 punta

2 con filos recto-convexos

4 con filo semicircular.

— Dimensiones: entre (70-50-22) y (45-35-18).

- (g) **apicales y laterales:** Son 54: (46 lascas, 8 láminas y 1 guijarro) en que la retalla y retoque alcanza la parte distal y lateral del lito. Se observan filos denticulados.

— 5 artefactos son "múltiples" y adicionaron:

1 muesca

3 "puntas entre dos muescas"

1 hocico.

Observamos en este grupo 4 artefactos (los N.ºs 360-692-865 y 1561) con los poco frecuentes retoques alternos. 4 raspadores grandes y toscos serían ajenos a esta serie.

- 19 unifaces completos y 18 incompletos.

- Dimensiones: entre (72-62-38) y (40-30-20).

(h) **en punta:** Son 48: (8 lascas, 1 lámina, 39 núcleos y 1 guijarro). Destacan una punta aguzada en general opuesta al talón y a veces a un plano de fractura. La mayoría son nucleiformes y el resto en lascas cortas.

- 7 son "múltiples". Han agregado:

- 1 apical y lateral con retoque alternativo (el N.º 16)

- 3 apicales y laterales

- 3 laterales.

- 13 unifaces completos, 15 incompletos, 3 bifaces completos y 2 incompletos.

- Dimensiones: entre (70-50-42) y (37-35-19).

(i) **con bordes semicirculares:** Son 90: (61 lascas, 2 láminas y 27 núcleos).

- En este grupo observamos 4 "múltiples" que anexan:

- 1 lateral

- 1 cóncavo

- 1 "punta entre dos muescas"

- 1 recto, excepcionalmente tallado en el plano de lascado y además una muesca alterna.

- 29 unifaces completos, 30 incompletos y 1 bifaz incompleto.

- Dimensiones: Como este tipo se integra con mayoría de lascas y menos núcleos, sus medidas son muy fluctuantes. Las lascas oscilan entre: (63-40-31) y (25-18-11) en tanto que los núcleos están entre (56-33-38) y (48-36-23).

(j) **bifaciales nucleiformes:** Son 78 raspadores (75 núcleos, 2 guijarros y 1 lasca gruesa). Algunos considerados núcleos pueden ser lascas gruesas; carecen de bulbo y los hemos incluido como núcleos. Poseen varias caras provenientes de la talla. Algunos son verdaderos poliedros. Sus aristas han recibido retoque secundario para ser utilizado como raspador. Se observan restos de "cortex" en varios de ellos. Adoptan formas globulosas o lentiformes entre las más comunes. Se ha abatido plataforma y bulbo.

- 7 son artefactos "múltiples" y anexan:

- 1 raedera convexa

- 4 en punta

- 1 en hocico.

- 53 bifaces completos y 25 incompletos
 - Dimensiones: con gran variación entre (62-55-42) y (35-40-25).
- (k) **nucleiformes con talón:** Son 67 (11 lascas gruesas, 51 núcleos y 5 guijarros). La talla y retalla no alcanzó al talón. Su cantidad justifica elevarlo a tipo.
- Del total: 10 poseen talón natural, con "cortex" de los cuales 4 tienen plano de arrastre con sumaria regularización y los 6 restantes muestran ese mismo plano, preparado y entero. 19 destacan su talón preparado y plano de arrastre entero.
- En general en estos raspadores el talón ha sido el plano de percusión y se opone a la punta o borde activo del raspador.
- 27 unifaces completos y 23 incompletos, con sólo 2 bifaces completos.
 - Dimensiones: entre (65-53-50) y (32-30-28).
- (l) **cóncavos:** Son 4 (3 lascas y 1 lámina). Su escasez no nos exime de erigirlo en tipo dada su particular morfología. Hay además 6 de esta clase en artefactos elaborados en ágata ya mencionados. Siendo tan sólo 4 utensilios todos son "múltiples" con:
- 1 raspador convexo en el plano de percusión (el N.º 1598) y excepcionalmente con el cóncavo tallado en la cara que contiene plano de lascado y bulbo.
 - 1 raspador del tipo apical, lateral y hocico (el N.º 1111).
 - 1 raedera subrecta
 - 1 raspador en punta.
- Solamente 1 unifaz incompleto.
 - Dimensiones: Promedio de (45-32-14).
- (m) **nucleiformes con bordes totalmente retocados:** Son 54 (11 lascas gruesas, 41 núcleos y 2 guijarros). En todo el perímetro del utensilio exhibe retoques secundarios que alcanzan aún al talón cuando este fue conservado. Sus formas están entre las circulares, subcirculares, discoides, ovoides, elipsoides y otras irregulares.
- 27 unifaces completos, 20 incompletos y 3 bifaces completos.
 - Dimensiones con variantes desde: (70-60-33) a (50-37-37) y (32-22-20).
- (n) **delgados con bordes totalmente retocados:** Son 66 (60 lascas y 6 láminas). Los hemos apartado ya que éstos son de menor espesor que los (m) premencionados. Morfológicamente son circulares, discoides, subcirculares, elipsoides, etc. Aunque este gru-

po lo rotulamos "con bordes totalmente retocados", acotamos que 37 de ellos son efectivamente tales; 7 conservan talón que fue retocado; en tanto que 25 conservan restos de dicho talón pero sin retoque.

— 34 unifaces completos, 21 incompletos y sólo 1 bifaz incompleto.

— Dimensiones: entre (60-48-20) a (52-42-18) y (42-35-12).

- (o) **en filo lateral:** Son 69 raspadores (52 lascas, 13 láminas y 3 guijarros). Poseen formas que se aproximan a la: cuadrangular, rectangular, trapezoidal y triangular, que destacan filos abruptos con retoques secundarios en lados rectos, subrectos e leve cóncavos, etc. Observamos que 5 de esos filos son denticulados. Del total 4 agregaron retoques conformando "múltiples" como ser:

3 raspadores "en punta entre dos muescas"

1 raedera convexa.

Así mismo vemos que 4 son raspadores dobles laterales (los N.ºs 1211-1213-1223 y 301). Es además sugestivo que 3 de ellos presentan retoques alternos y uno un retoque alternante.

— Dimensiones: (58-46-28) a (32-36-16).

RAEDERAS — Del total de artefactos separamos 298 para analizarlos en 8 tipos. A nuestro juicio y con toda la subjetividad que entraña una clasificación tipológica, estas piezas que separamos participan de los caracteres de las raederas, que pueden sintetizarse así: artefactos de filo extenso, poco abiselado y cortante. En nuestro caso ha recibido retoque fino, a veces a presión controlada. Pueden confundirse con el cuchillo con quien comparten a veces aspectos que trastornan esa clasificación.

Participan las raederas en un 20% del total de artefactos; bajo guarismo si se le compara con el 50% atribuido a los raspadores. Del total de esas 298 raederas un 87% (261) se elaboraron en sílex, siguiéndole la cuarcita en menor proporción junto a otras rocas. Las discriminamos en: 112 lascas cortas, 177 láminas, 2 núcleos, 3 guijarros y 4 hojas.

Detallamos a continuación los tipos de raederas clasificadas:

- (a) **recto-convexas:** Son 45: (15 lascas y 30 láminas). Son convergentes y a veces laterales, 2 de ellas dentadas. Anexan como en el caso de raspadores, nuevos retoques y por ello ingresan a la clase de "múltiples". De ellos vemos:

1 buril

1 perforador

1 raspador en hocico.

El artefacto N.º 247 ofrece también retoque alternante. Reiteramos que este tipo de retoque es escasísimo en patrimonios del nivel cultural que estamos tratando.

Además observamos 2 retoques alternos.

— 16 unifaces completos, 8 incompletos y 1 bifaz incompleto.

— Dimensiones: entre (50-48-15) y (33-26-8).

- (b) **recto-cóncavas:** Son 22 (8 lascas, 13 láminas y 1 núcleo). Pueden ser convergentes o laterales. En dichos artefactos se les adicionó a 4 de ellas:

1 raedera convexa

2 cuchillos

1 raedera recta.

— 4 unifaces completos y 2 incompletos.

— Dimensiones: entre (55-40-22) y (45-27-9).

- (c) **cóncava simple:** Son 28 (13 lascas y 15 láminas). En ellas vemos 8 "múltiples" que adicionan:

2 perforadores

1 raspador en punta

1 raspador de filo semicircular

1 cuchillo

1 raspador y raedera (el N.º 150) siendo así un "hiper-múltiple".

1 raspador en hocico y alterno (el N.º 1192)

1 buril.

El artefacto N.º 1193 consiste en un "retomado" reutilizando un fragmento de mano de molino.

— 6 unifaces completos y 1 incompleto.

— Dimensiones: entre (60-50-11) y (42-25-8).

- (d) **cóncavo-convexas:** Son 37 (16 lascas, 20 láminas y 1 núcleo). Son artefactos compuestos al igual que las (a) y (b) de este grupo de raederas y pueden ser convergentes o laterales.

Vemos en 2 de ellas (los N.º 299 y 872) retoques alternos y en el N.º 571 otro raro retoque alternante. Observamos 2 "múltiples" ya que adicionan retoques y forman:

1 raspador apical

1 cuchillo.

— 14 unifaces completos, 5 incompletos y 1 bifaz incompleto.

— Dimensiones entre: (52-48-15) y (38-32-9).

- (e) **recta simple:** Son 55 (14 lascas y 41 láminas). Se han ejecutado además en ellas y toman carácter de "múltiples" 3 artefactos que añaden:

- 1 cuchillo
- 1 raedera cóncava
- 1 raspador apical.

Del total anotamos 1 raedera triple recta y 11 doble rectas convergentes o laterales.

Registramos también otro retoque alterno en la N.º 1011.

— 7 unifaces completos y 1 incompleto.

— Dimensiones: entre (50-45-20) y (42-40-9).

- (f) **apicales:** Son 29 artefactos (12 lascas, 16 láminas y 1 núcleo). Se caracterizan por un borde afilado, recto o leve cóncavo, con segura función apical. Dada su popularidad la integramos como tipo. Dentro de esa particularidad morfológica aparecen 5 "múltiples" con:

- 2 raspadores laterales
- 2 raederas doble rectas
- 1 cuchillo.

En este tipo de raederas vemos 2 doble apicales (las N.ºs 1544 y 1546)

— 10 unifaces completos, 4 incompletos y 1 bifaz incompleto.

— Dimensiones: entre (45-40-12) y (30-25-7).

- (g) **convexas simples:** Son 79 (31 lascas, 41 láminas, 2 guijarros y 4 hojas). Por su particular morfología pueden confundirse con los cuchillos y viceversa; siempre los tipos intermedios complicarán criterios clasificatorios. Retoques adicionales formaron 9 "múltiples" con:

- 2 raspadores apicales
- 2 raspadores en hocico
- 3 perforadores
- 2 muescas.

Observamos 2 retoques alternos en piezas N.ºs 672 y 1333.

— 31 unifaces completos, 7 incompletos y 2 bifaces completos.

— Dimensiones: entre (50-40-18) y (45-25-8).

- (h) **bifaciales:** Son 9 solamente (3 lascas y 6 láminas). De formas elipsoides, lanceoladas, discoides y foliáceas de punta roma. Es un artefacto característico de cazadores superiores con arco en nuestra área. La N.º 1674 desentona por su desmedido tamaño y puede ser una intrusión en nuestra serie analizada.

— 7 de retoque bifacial completo y 1 incompleto.

— Dimensiones: entre (50-30-10) y (40-28-7).

LASCAS y LÁMINAS — Separamos de los hallazgos de este yacimiento: 12 lascas y 66 láminas, sin retoque alguno o con leves trazas de uso. No identificamos hojas. En 3 lascas y 26 láminas observamos que su plano de percusión ha sido preparado y se le ha hecho saltar una astilla en el borde opuesto al bulbo que contiene el plano de lascado. Es ésta una característica, entre otras, que se repite comúnmente en esta serie indagada. Es corriente además observar que hay planos de percusión preparados que aparecen raídos por intenso uso al igual que los filos naturales de dichas lascas y láminas.

- Dimensiones: Para las **lascas**: entre (60-40-18) y (55-38-11) y para las **láminas**: entre medidas que van desde (40-26-9) a (35-24-7).

ARTEFACTOS EN PLANO DE PERCUSION — Son 107 utensilios (29 lascas y 78 láminas) cifra que puede elevarse a 317 si adicionamos los observados en los planos de percusión de otros artefactos de nuestra serie.

Los cuchillos acaparan el mayor porcentaje de ellos con 57 planos de percusión retocados. 106, mayoría absoluta, poseen planos de percusión enteros y bulbos; habiéndose preferido las láminas en un 78% sobre el 22% restante de lascas.

Acá el plano de percusión ha sido preparado o resulta ser el plano de lascas, láminas u hojas extraídas anteriormente del nódulo. Dicho plano de percusión ha sufrido uno o dos pequeños desportillamientos del lado del anverso (o cara contraria al plano de lascado que contiene asimismo el bulbo). Esto ha propiciado artefactos con estas características:

- 19 con un borde sinusoidal
- 8 con bordes rectos
- 42 con filo semicircular
- 15 con filo que destaca "una punta entre dos muescas".
- 15 son muescas simples.

Son todos ellos, repetimos, artefactos elaborados en el plano de percusión, con retallas y retoques, éstos a veces de presión controlada, que en pequeño reproducen rasgos morfológicos de los litos mayores que estamos reseñando.

A la mencionada característica técnica cabe agregar que 61 de los 107 artefactos de este grupo han conformado "múltiples" con:

- 16 cuchillos
- 12 raederas rectas y subrectas
- 7 raederas convexas simples
- 7 raederas cóncavas simples
- 2 cuchillos y raspadores laterales
- 1 raspador recto-cóncavo
- 1 cuchillo y raedera cóncava

- 1 raspador lateral y raedera cóncava
- 1 raspador en "punta entre dos muescas" y aún raedera convexa.
- 1 raedera cóncava y muesca
- 1 raedera recto-convexa
- 2 raspadores filo convexo y con hocico.
- 1 raspador "en punta entre dos muescas".
- 1 raspador lateral
- 2 raspadores apicales
- 2 muescas simples
- 1 buril
- 1 perforador
- 1 raspador en hocico.

Dejamos expresado que a algunos de los tipos que hemos reseñado, le hemos dado caracter de artefacto por las trazas de uso intenso que exhiben en sus filos.

— Para este grupo registramos: 36 unífaces completos, 10 incompletos y 1 bifaz completo. Además en el artefacto N.º 228, el plano de lascado que conserva su bulbo ha sido tallado en raedera recta, caso infrecuente, al igual que el N.º 1661 que muestra retoque alternante.

— Dimensiones: entre (40-35-12) y (32-25-6).

MUESCAS — Son 29 (12 lascas, 16 láminas y 1 núcleo). De ellas 12 son "múltiples" y anexan:

- 2 raederas convexas, de las que la N.º 370 es alterna respecto de la muesca.
- 1 raspador en hocico
- 4 cuchillos
- 2 "hiper-múltiples" con: 1 perforador y 1 raspador lateral.
- 2 raederas apicales.

Acotamos que estas 29 muescas fueron ejecutadas en parte del lito que no corresponden al plano de percusión y que en número de 34 fueron ya comentadas como ejecutadas en dicho plano.

— 8 son unífaces completos y 2 incompletos.

— Dimensiones: entre (40-40-12) y (35-25-8).

CUCHILLOS — Son 127 (13 lascas cortas, 107 láminas y 7 hojas). Algunos de ellos han sido clasificados como tales en razón de su poder cortante, naturalmente filoso y por los notorios indicios de uso; otros destacan retoques finos a presión controlada. La mayoría de ellos (114 del total) fueron elaborados en sílex y se les conservó el plano de percusión o el de fractura para facilitar su prehensión; 99 muestran plano de lascado entero y su respectivo bulbo.

Poseen el índice más alto de planos de percusión preparados y retocados en artefactos, donde en 57 de ellos se produjeron pequeñas muescas y raspadores variados. Registramos 92 de filo convexo, 23 de filo recto y 12 de filo recto-convexo. Del total anotamos 10 "múltiples" que han conformado:

- 5 perforadores
- 1 raspador de filo semicircular
- 1 muesca
- 2 raspadores laterales
- 1 raedera cóncava.

- 9 son unifaces completos
- Dimensiones: entre (50-30-9) y (40-28-7).

PERFORADORES — Son 48 (22 lascas, 20 láminas y 6 núcleos). Discriminamos 40 típicos en los que la punta perforante se sitúa entre dos muescas contiguas y en la misma cara del lito. El resto son atípicos, formados por una sola muesca. Como en otros artefactos ya comentados, los retoques adicionales han determinado que 18 de estos perforadores sean "múltiples". Vemos:

- 7 con raspadores laterales
- 3 con raspadores apicales
- 7 con raederas recto-cóncavas o convexas
- 1 muesca.

- 15 con talla unifacial completa y 6 incompleta.
- Dimensiones: entre (48-42-20) y (40-30-7).

BURILES — Son 18 (9 lascas y 9 láminas). Retoques suplementarios forman en ellos 5 "múltiples" con:

- 2 raederas rectas
- 1 raedera cóncava
- 1 raspador de filo semicircular
- 1 raspador lateral.

- Sólo 1 unifaz incompleto.
- Dimensiones: entre (60-30-20) y (50-28-10).

PUNTAS DE PROYECTIL PARA ARCO — Son 27 enteras y 12 fragmentos valorables para completar una diagnosis. Todas son con esmerado retoque bifacial, excepto 2 de ellas más toscas. La mayoría (22) son del tipo pedunculadas y con aletas. Poseen la fisionomía corriente de las puntas que con frecuencia nos ofrecen los múltiples yacimientos descubiertos en nuestro territorio, o sean las clásicas pámpidas o patagónicas. Vemos en sus caracteres:

- 5 con aletas poco destacadas, limbo convexo y pedúnculo de base recta
- 2 con aletas poco destacadas, limbo recto y pedúnculo de base cóncava

- 2 con aletas poco destacadas, limbo convexo y pedúnculo de base cóncava
- 1 con aletas poco destacadas, limbo leve cóncavo y pedúnculo de base convexa
- 1 con aletas poco destacadas, limbo recto y pedúnculo de base convexa
- 2 con aletas destacadas, limbo convexo y pedúnculo de base convexa
- 3 con aletas destacadas, limbo convexo y pedúnculo de base recta
- 3 con aletas destacadas, limbo convexo y pedúnculo de base cóncava
- 3 con aletas, lanceoladas, limbo convexo y pedúnculo de base recta
- 3 sin aletas, lanceoladas, limbo convexo y pedúnculo de base recta
- 1 sin aletas, lanceolada, limbo convexo y pedúnculo de base convexa
- 2 sin aletas, lanceoladas, limbo convexo y pedúnculo de base cóncava
- 1 foliácea amigdalóide, limbo convexo y base convexa (medidas: 41-38-10).

Las dimensiones de las puntas para arco mencionadas oscilan entre (60-22-8) y (30-20-5), con mayores frecuencias entre (46-26-7) y (40-20-6). Se recogieron además: 4 limbos convexos, 1 limbo recto, 2 pedúnculos de base cóncava con aletas destacadas; 1 con aletas destacadas y limbo recto; 1 con aletas poco destacadas y limbo convexo; y 1 con aleta destacada y limbo convexo.

PUNTAS DE DARDO — Se hallaron en el mismo yacimiento 4 puntas de dardo líticas con las siguientes particularidades:

- 2 lanceoladas (1 lámina y 1 lasca), espesas, de talla bifacial (1 tosca y 1 más elaborada) ambas en arenisca silicificada, ejecutadas a percusión, plano-convexas, de bases convexas. Dimensiones: (66-28-11) y (54-22-9).
- 1 foliácea, espesa, tosca, de talla bifacial, en sílex, ejecutada a percusión en lasca, con sumarios retoques, base leve cóncava irregular. Dimensión: (61-37-13).
- 1 foliácea, espesa, tosca, de talla bifacial, en cuarcita, ejecutada a percusión controlada, en lasca corta plano-convexa, base leve convexa. Dimensión: (58-32-9).

YUNQUES — Son guijarros ó rodados en los cuales en una de sus caras planas, se presentan con la corteza herida ó picoteada. Se usaron en la etapa del proceso de lascado. Se ubicaron 4 de ellos a los cuales debemos agregar además los detallados anexos a percutores.

TRITURADORES — Son 10. Se han empleado guijarros globulosos de cuarcita y arenisca. Presentan sus bordes desgastados por fricción en su accionar sobre las caras rústicas de molinos y morteros. A menudo ese desgaste se há efectuado en diferentes planos que convergen formando una arista definida. De ellos 2 destacan una cara que ha sido utilizada como yunque para un posible proceso de lascado. Dimensiones: (90-89-60) hasta (50-40-30).

MOLINOS y MORTEROS — Son 24. Calificamos de molinos al de concavidad de cualquier forma pero relativamente poco profunda; y de mortero el que la posee en mayor grado. De paso expresamos que estos últimos son más escasos que los molinos. Se prefirieron grandes guijarros o rodados naturales, en general de cuarcita. Se utilizan además lajas naturales de basalto local.

Registramos: — 5 con una faz lisa, cavidad elipsoide poco profunda y dimensiones frecuentes entre (250-102-105) y (108-106-60). Sólo 1 excede esas medidas con (312-160-48). De ellos 2 exhiben su "cortex" picoteada, cuya cara habría sido usada, como yunque.

- 10 son de doble faz con los siguientes caracteres: 8 de ellos poseen una cara lisa y plana y la contraria rugosa y plana; en ésta revela además un picoteado y al parecer fue usada como yunque. 1 muestra una faz lisa y plana y la contraria lisa y honda, en forma de elipse (mide: 85-42 x 11 de profundidad), cavidad posiblemente adscripta al pulido de piedras de boleadoras, con ayuda de arena y agua. 1 último de este grupo posee doble faz, ambas planas y lisas.
- 7 son lajas naturales de basalto con una sola faz pulida, circular o elipsoide, generalmente erosionadas. Uno de ellos posee una cavidad elipsoide, que habría servido para el pulido de pequeñas piedras de boleadoras. Dimensiones (120-31 x 12 de profundidad).
- 2 restantes son morteros de doble faz; uno de cavidad relativamente profunda, lisa y de forma elíptica, siendo en cambio lisa y plana la cara contraria. El restante los posee ambas lisas y profundas.

El lado rústico de estos molinos y morteros se habría destinado a machacar y triturar acaso ocre colorantes. Se usaron al efecto las "manos" con bordes que muestran desgastes, o los "trituradores" premencionados.

MANOS de MOLINOS — Son 41 las "manos" halladas. Se elaboraron en guijarros o rodados naturales. (13 en basalto, 20 en arenisca silicificada, 11 en cuarcita y 3 en mineral de hierro).

Sus características son:

- 13 con una misma faz lisa y plana (sólo 1 es leve convexa) y 3 de ellas agregan percutor.
- 11 son asimismo de una faz lisa y plana y acusan bordes desgastados del tipo "tritrador". (1 fue utilizado como pequeño yunque).
- 6 son piedras de boleadoras, que fueron "retomadas".
- 8 son de doble faz lisa y plana que adicionan "tritrador" e incluso uno fue usado como yunque.
- 3 restantes son los clásicos "quesitos" (cilindros de escasa altura); poseen una faz lisa y plana; uno de ellos muestra sus bordes desgastados del tipo "tritrador".

Respecto a sus dimensiones: 4 oscilan entre (120-90-60) y (90-80-59); 32 están entre (78-71-35) y (65-58-40); 5 entre las pequeñas van desde (60-45-40) a (50-50-39).

Pensamos que la finalidad de estas "manos" sería la de moler colores de origen mineral en las cavidades de los molinos y morteros mencionados. No hay en nuestra área elementos vegetales, por ejemplo semillas, para que fueran utilizadas como comestibles.

PERCUTORES — Son 9. Se procuraron guijarros o rodados de tamaños manuales. Muestran rastros de utilización de lo que habría sido la talla inicial. De ellos, 3 de dimensiones mayores, han sido usados a la vez como yunques; denotan heridas en la corteza central de una de sus caras planas. Algunos anexan bordes desgastados del tipo "tritrador". Sus dimensiones son: para 3 especímenes desde (130-80-60) a (90-85-65). El resto oscilan entre (70-60-40) y (50-30-24).

LENTICULARES o PIEDRAS DE HONDA — Son 39 con mayoría absoluta elaboradas en el basalto. Registramos: 16 talladas o simplemente redondeadas a percusión; 18 levemente alisadas en molinos o en morteros, con ayuda de arena y agua; y 5 son pulidas y en este caso han sufrido un alisado máximo y destacan simetría. Se les conoce como "piedras de honda" y son proyectiles para caza o guerra muy comunes en los hallazgos de esta zona. Poseen forma cercana a la circular y sección lenticular.

PIEDRAS DE BOLEADORAS — Se recogieron en este sitio 97 piedras de boleadoras enteras y 22 fragmentadas. Nos referiremos sólo a aquellas. 86 se elaboraron en basalto, 8 en mineral de hierro, 2 en diorita y 1 en cuarcita. Acudimos a los criterios clasificatorios de A. Rex Gonzales (La Boleadora-1963) para dar un criterio de esta arma propia de campo abierto y de tanta difusión en nuestro territorio: Observamos:

- 10 del tipo piriforme y ovoides, con surco polo a polo (un eje mayor que el otro) que encaja en el **Tipo B-clase h**. Dimensiones: entre (60-50-45) y (55-48-45).
- 36 esféricas con surco ecuatorial, a veces un eje mayor que el otro. **Tipo B-clase a**. Dimensiones entre (55-54) y (48-44).
- 26 subesféricas con surco ecuatorial, achatadas, **Tipo B-clase c-subclase 2**. Dimensiones entre (50-45) y (36-32). (ó el eje del sólido de revolución es el eje menor).
- 6 tendiendo a elipsoides, con surco ecuatorial en el plano del eje menor. Difiere poco del anterior descrito y lo incluimos en el mismo **Tipo B-clase c- subclase 2**.
- 12 en forma de limón, con surco polo a polo o en el plano del eje mayor. Las asimilamos al **Tipo B-clase f**. Dimensiones entre (70-61) y (55-50).
- 1 elipsoide con surco ecuatorial y polos en punta. **Tipo B-clase c-subclase 1**.
- 5 esféricas lisas, sin surco. **Tipo A-clase a**. Dimensiones entre (76-70) y (45-41).
- 1 lisa en forma de pera, (piriforme). Dimensión: (48-42).

Las de mayores dimensiones exhiben surcos en general angostos. En cambio las menores acusan surcos más anchos.

ROMPECABEZAS — Se recogió 1 solo espécimen entero y en mineral de hierro. Posee 5 protuberancias y esmerado pulido. Habría sido traído a este sitio desde área lejana, acaso desde nuestra costa atlántica donde es frecuente este tipo específico. En cambio damos por seguro que pertenecen a la série estudiada, 3 elaborados en basalto, rústicos, pulidos, con sus mamelones cortos y fracturados. Serían al parecer imitaciones groseras producidas por estos grupos del interior. Sus dimensiones promedian: (100-95-50). Personalmente pensamos que los cazadores de nuestra área central no han sido los que elaboraron esas acabadas armas de tan perfecto pulido y de alto poder traumático.

COLORES — Se hallaron 9 trozos amorfos de mineral rojo provenientes de los sedimentos glaciares conocidos por San Gregorio (Itararé). Algunos muestran canales y desgastes intencionales. En yacimientos vecinos hemos obtenido manos de molinos teñidas de rojo. Tenemos noticias de hallazgos de ocre amarillos, color de menor preferencia pero también frecuente y asociado a elementos arqueológicos de la característica que comentamos.

ESTECAS ALFARERAS — Están en relación directa con la escasez de cerámica que brindó este sitio. Son de arenas gruesas cementadas. Contrastan con las de areniscas friables más corrientes en hallazgos de yacimientos vecinos. Ostentan sus clásicas aristas laterales desgastadas por el alisado del barro cerámico, tarea previa a la cocción.

CERÁMICA — Es escasa en nuestro sitio y aparece totalmente fracturada. Se recogieron 33 fragmentos de los cuales varios pueden haber pertenecido al mismo recipiente.

En una diagnosis que no pretende ser estrictamente exacta nos atrevemos a esbozar estas características generales de dichos fragmentos:

- Antiplástico: de arena; no uniforme, mediano, irregular y denso.
- Textura: compacta.
- Fractura: irregular.
- Superficie: regular y sin defectos.
- Cocción: en atmósfera oxidante, cocida; con leve aumento de las de regular cocción sobre las de irregular.
- Formas: predominio de bordes verticales con labios redondeados.
- Espesor de paredes: con promedio de 7.3 mm.
- Tratamiento de superficie: pulida.
- Color de la pasta: castaño en un 65%.
- Cara interna: leve predominio del castaño.
- Cara externa: leve predominio del castaño.

Del total observado 7 fragmentos conservan restos de hollín.

En este exiguo lote apartamos 3 fragmentos con decoración que pertenecen sin duda a la misma visija. En líneas generales participan de los caracteres premencionados. Muestran incisiones de puntos simples en una faja de 3 líneas paralelas con 15 mm de ancho total y por debajo del borde.

CONSIDERACIONES FINALES

Los 1821 artefactos sumariamente descriptos fueron hallados en superficie. Pese a haber estado cubiertos por una capa húmica de 20 cm de espesor, deben considerarse de edad reciente pero seguramente prehispánicos. No apareció en el yacimiento ningún elemento de origen español o portugués. Por lo tanto nada nos autoriza a insinuar fechas para la instalación de ese grupo allí.

Damos por seguro que esta serie examinada no es totalmente pura. El hecho de haberse hallado en ella 4 puntas de dardo y 17 fragmentos, asociados a artefactos más evolucionados, trastorna en parte la reconstrucción patrimonial deseada. Con todo, en base a la riqueza en utensilios colectada, su análisis nos da cierto margen de seguridad. Hallazgos también de superficie con similares contenidos ergológicos, aunque no por ello debemos considerarlos cronológicamente equivalentes, los hemos ubicado en una área contigua, asimismo sobre el río Negro. En efecto: cinco yacimientos se integran con iguales elementos culturales aguas abajo y hasta unos 120 kilómetros

de este sitio; otro lo situamos enfrente del que comentamos, a sólo 2 kilómetros en la ribera opuesta; y dos más aguas arriba, distantes unos 35 kilómetros. Entre ellos hemos localizado otros yacimientos menores y todos de la misma filiación.

Hemos seleccionado este sitio para un comentario en base a la fertilidad que acusa y como el más factible de aleccionarnos sobre la reconstrucción histórica perseguida. Supone ser una área aislada, que proveyó una de las tantas facies regionales de una misma línea cultural de tanta difusión a lo largo de todo el territorio uruguayo.

Esta área comentada tuvo la peculiaridad de ser un precerámico en el umbral de entrada a un neolítico. Desde este epicentro los rasgos culturales que lo caracterizan parecen haberse irradiado y en parte desdibujados. Así: esta modalidad cazadora tuvo facies marginales derivadas de la misma tradición. Se las observan en zonas de la costa atlántica y Laguna Merin, donde en sus grandes lineamientos conserva elementos similares pero con diferencias tanto en formas como en porcentajes de utensilios. Aún considerados contemporáneos, tanto ecología como materias-primas diferentes, contribuyen a conformar esos matices locales que saltan a la vista de un sumario análisis comparativo. Su obligado nomadismo y roces con otros grupos de diferente filiación cultural en la periferia de sus desplazamientos, contribuyeron aún más a la diversificación de sus industrias.

Creemos que nuestra serie de artefactos, con las mezclas apuntadas, puede servir en parte para un cotejo con áreas cercanas. Careciendo de estratigrafía, los fundamentos son por supuesto muy recorridos y precarios. Adolecen de perspectiva temporal.

Efectuamos sin embargo las siguientes sugerencias:

- Los usuarios de la mayoría del instrumental analizado fueron cazadores superiores. Su condición de cazadores está asegurada por los hallazgos de puntas de flechas pedunculadas para arco, conjuntamente con numerosos cuchillos, raederas y raspadores necesarios a esa modalidad. Conocieron elementos de inspiración neolítica como son: el pulido de la piedra de boleadoras y el alisado y pulido de piedras de honda. Utilizaron asimismo útiles de molienda presuntamente adscriptos a moler ocre o pinturas para adorno corporal. La gran cantidad de molinos y manos, hallados en este yacimiento sugiere una existencia semisedentaria del grupo. Son elementos pesados y por ende difíciles de transportar. Algunos de ellos con pronunciado desgaste hacen suponer un establecimiento con cierto carácter estable de dicho campamento o acaso, reiteradas visitas al mismo por su excepcional producción económica.
- Serían los portadores de esta cultura, los indígenas que encontró el descubrimiento, con nítida tradición pámpida o patagónica en sus elementos básicos (puntas pedunculadas para arco, piedras de

boleadoras y de honda, molinos y sus manos). Son los grupos aborígenes que la etnografía integró con el nombre genérico de charrúas.

- Llegaron a nuestro territorio con su "precerámico" en parte neolitizado. Tal vez hayan arribado a nuestra área trayendo consigo los conocimientos de la ruda cerámica que produjeron. Con la adquisición de ésta cabe incluir a este grupo en un nivel cultural "paraneolítico". No puede decirse de ellos que conocieron el neolítico pleno, ya que ignoraron el cultivo y la domesticación de animales.
- Su filiación cultural y acaso étnica apunta entonces a los cazadores de la Pampa y mesetas patagónicas. Pero los préstamos de la cerámica en esta zona constituyen todavía una incógnita por resolver.

En tanto los investigadores de hoy y los estudiantes del tema observen el rigor científico necesario, y cuenten con la colaboración de sus colegas allende fronteras y de sus respectivos gobiernos, es que estos como muchos otros puntos oscuros de la prehistoria podrán ser esclarecidos.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO PE 13—Ln

Um sítio de contato inter-étnico: nota prévia

MARCOS ALBUQUERQUE (*)

A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente trabalho é resultado de pesquisas realizadas pelo Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

O centro deste trabalho são os primeiros contatos realizados em Pernambuco entre os europeus — portugueses no caso — e os nativos da região. Será estudada nestas Notas Prévias a cerâmica pertencente aos dois complexos, — o indígena e o europeu — sendo que a cerâmica indígena foi estudada detalhadamente, enquanto que a cerâmica européia foi considerada de uma maneira global, isto é, como um todo, para efeito de comparação numérica com a cerâmica indígena. Em trabalho próximo, já em elaboração, também será estudada detalhadamente a cerâmica européia.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O Sítio PE 13—Ln, está localizado à margem continental do Canal de Santa Cruz, em frente ao extremo Sul da Ilha de Itamaracá. O local, que faz parte do município de Igarau, no Estado de Pernambuco, está compreendido entre os meridianos de 35.º e 35.º 30' WG e os paralelos 7.º 30' e 8.º S.

A área em estudo é conhecida por "Sítio dos Marcos" e "Porto Velho" e a entrada Sul do Canal de Santa Cruz é denominada "Barra dos Marcos".

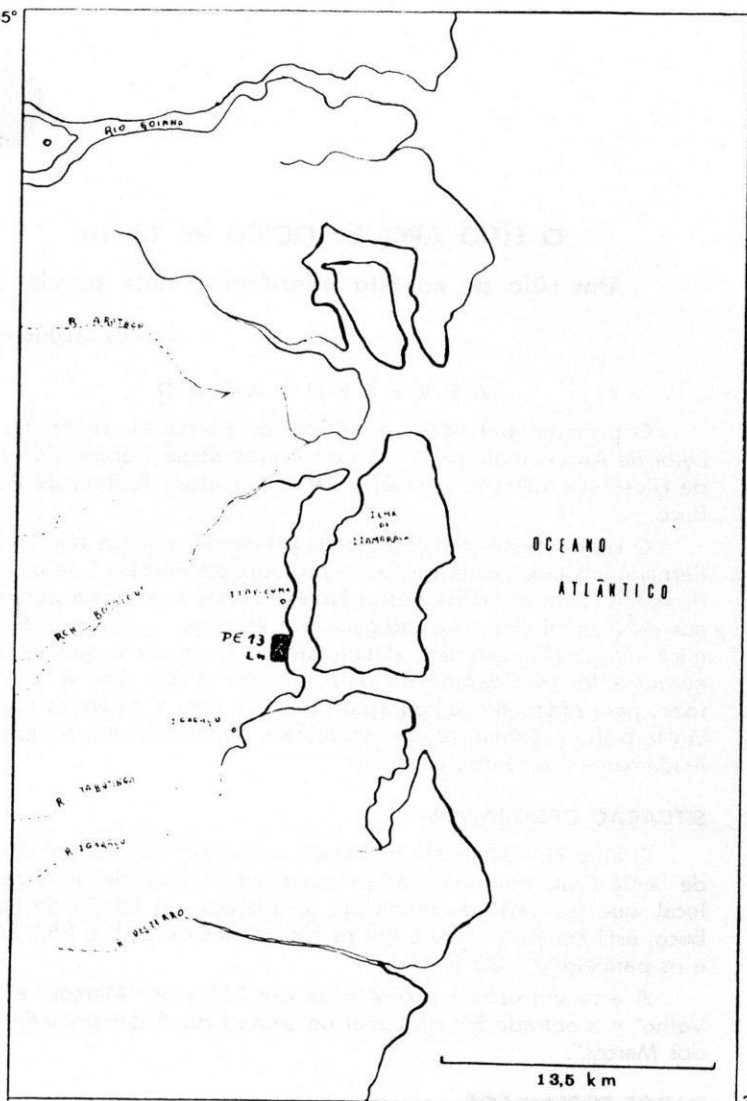
DADOS ECOLÓGICOS

Situa-se numa zona de baixada do Grupo Barreiras. O solo, que repousa sobre uma base de arenito, é do tipo Podzol, onde a lixiviação intensa carrega praticamente todo o húmus. É este um dos princi-

(*) Do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

35°

7°



30°

pais fatores que concorrem para o tipo de vegetação que aí se encontra instalada. Esta baixada se apresenta muito plana no sentido Norte-Sul. Na direção Oeste começam as elevações.

Pela classificação de Koppen, o clima é do tipo As', quente e úmido, com grande precipitação, que se concentra nos meses de outono-inverno.

A cobertura vegetal está principalmente constituída por uma vegetação herbácea intensa, onde se faz representar, entre outras, Gramínea, Myrtacea, Cyperacea, Rosacea, Solanacea e Bromeliacea. Não aparecem árvores de grande porte. Os arbustos, em geral, possuem folhas pequenas e rígidas. O Cajueiro (**Anacardium occidentale**) é o representante de maior porte, ao lado de outras Anacardiaceas como a Aroeira da Praia (**Schinus terebinthifolius**). Parasitando algumas espécies aparece uma Lauracea, áfila e aclorofilada, que é a **Cassyta filiformis**, chegando a formar um manto amarelo sobre as outras plantas que lhe servem de hospedeiras.

Há ainda nas imediações do Sítio uma área de Mangue. Nas regiões onde a água penetra periodicamente, predomina o Mangue Ratinho (**Conocarpus erectus**). Aproximando-se do Canal, aumenta a população do Mangue Branco (**Laguncularia racemosa**), e ao chegar na área mais baixa, que quase todo tempo passa coberta pelas águas, a população é quase que exclusivamente de Mangue Roxo (**Risophora mangle**).

Na área livre de inundações, o solo é de relativa profundidade, as raízes, entretanto, concorrem apenas a uma estreita faixa na superfície do solo.

A mandioca (**Manihot**) é plantada por alguns moradores. Devido ao excesso de água, utilizam o sistema de canteiros individuais, o que facilita a drenagem e protege o cultivo, que mesmo assim não apresenta bom desenvolvimento. As folhas são em geral amareladas. O Milho (**Zeamays**) cuja época de plantio coincide com a de maior quantidade d'água (precipitação), só é plantado nas encostas, porém, é sempre prejudicado devido ao esgotamento do solo.

A TOPOGRAFIA

1) TOPOGRAFIA ATUAL

O terraço onde foram realizadas as escavações, possui atualmente uma topografia mais ou menos regular, semiplana. Esta regularidade ou semi-regularidade topográfica, deve-se ao fato de ser o terreno, pela sua constituição, facilmente atacado pelos agentes erosivos, naturais e humanos, que desmatando, carreando etc., contribuem para o nivelamento da área.

Tôda a faixa do terraço que beira o Canal de Santa Cruz, acha-se recoberta por uma camada de grama que é conservada pelos veranistas da localidade como elemento anti-erosivo e estético.

Com o objetivo de melhorar o aspecto da área, os veranistas locais, em número de seis, utilizaram uma motoniveladora no terreno, do que resultou a uniformidade topográfica da área em que foram realizadas as escavações.

2) TOPOGRAFIA ANTIGA

Baseado na distribuição do material arqueológico, supomos que no local onde foram realizadas as escavações, e que se trata, possivelmente, do local onde existiu a Feitoria de Cristóvão Jaques, a topografia apresentava ondulações que oscilavam de um metro entre a parte mais alta e a mais baixa, numa extensão de 14 m. Estas ondulações são bastante explicáveis em virtude deste terraço repousar sobre uma base de arenito que se distribui irregularmente, aflorando nas extremidades norte e sul, numa extensão de aproximadamente 300 m.

AS ESCAVAÇÕES

1) ESCOLHA DO LOCAL E NOMENCLATURA

O local foi escolhido para escavação, pelo fato de apresentar grande quantidade de material arqueológico rolado que se encontrava ao longo da praia durante baixamar. A maior parte deste é constituída de cerâmica européia, aparecendo também bastante cacos de procedência indígena. Não raros ainda, são os cachimbos de tipos variados. Foi portanto, no local de maior concentração destes fragmentos, que foi realizado o primeiro corte de uma série, que, por mera coincidência, se situou na parte mais profunda do terraço, como também relativamente distante das casas de veraneio.

Recebeu este Sítio a denominação de PE 13-Ln. Os sítios arqueológicos catalogados pelo Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, recebem uma nomenclatura constituída das iniciais do Estado e um número que corresponde ao número da escavação realizada pelo referido Instituto. Em seguida ao número aparecem duas letras das quais a primeira corresponde à Bacia Fluvial e a segunda à posição do Sítio nesta mesma Bacia. Caso o Sítio esteja situado no litoral, no local onde deveria aparecer a inicial da Bacia Fluvial, apareceria a letra **L**, seguida de um **n** ou **s** (norte ou sul), que indicará a posição do Sítio com relação ao Recife.

A nomenclatura dos Cortes obedeceu à seguinte disposição: as linhas paralelas ao Canal de Santa Cruz foram denominadas segundo letras do nosso Alfabeto, **A, B, C**, etc., e as perpendiculares ao Canal, números **0, 1, 2**, etc. Cada corte, portanto, foi denominado em função das letras que o compreendem. O Corte C-D-2-3, por exemplo, é o espaço limitado entre os piquêtes **C** e **D**, paralelos ao Canal, e os piquêtes 2 e 3, perpendiculares ao mesmo.

2) TÉCNICA DE ESCAVAÇÃO

Escolhido o local e realizadas as devidas marcações, foram retirados níveis artificiais de 20 cm a partir do zero convencionado.

O material arqueológico coletado estratigraficamente foi ensacado no campo com etiqueta correspondente para posterior numeração — o material é numerado de modo que tôdas as peças de cada nível e do mesmo Corte recebam o mesmo número — e estudo no laboratório. Este material está conservado no depósito do Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

A ESTATIGRAFIA

De um modo geral, este Sítio, apresenta três camadas distintas. A primeira, que constitui a parte superior do Sítio, está composta de sedimento local associado a húmus e possui uma coloração escura, estando entremeadada de raízes e radículas, especialmente no Corte D-E-3-4. Em alguns Cortes o solo apresenta-se de constituição mais arenosa, talvez devido às águas de infiltração que, através do processo de lixiviação, teriam provocado a separação das partículas em função da densidade. Pode-se atribuir, ainda à ação humana através da realização de pequenos aterros.

A segunda camada, que apresenta praticamente a mesma composição da primeira, é mais lavada e, conseqüentemente, mais clara.

A terceira, que entra em contato com o arenito, é bastante mais arenosa e mais clara do que as anteriores.

OS NÍVEIS

- 0-20: Nível de coloração escura e composto de sedimento arenoso e húmus.
- 20-40: Nível de coloração e composição idênticas ao anterior, porém, com bastante raízes.
- 40-60: Este nível possui semelhanças de coloração e de composição com os anteriores, possuindo, no entanto, um número consideravelmente menor de raízes.
- 60-80: Neste nível os Cortes são idênticos aos anteriores, na parte sul, ao passo que na parte norte apresentam uma sensível modificação, com predominância arenosa, especialmente no Corte C-D-1-2.
- 80-100: Neste nível a coloração é bem mais clara especialmente no Corte C-D-1-2. Aparecem neste nível conchas de *Ostrea* branca, *Luchela* e *Anomalocardia*.
- 100-120: Neste nível o Corte C-D-1-2 aparece bastante arenoso e claro, enquanto que os demais Cortes se apresentam de coloração e composição idênticas aos anteriores.
- 120-140: Nível de coloração amarelo acinzentado e de composição arenosa.
- 140-160: Idêntico ao anterior.
- 160-180: Idêntico ao anterior.

Obs. Na descrição da estatigrafia foi levado em conta, principalmente os Cortes que possuem níveis mais profundos, pois como vimos anteriormente, todo o Sítio repousa sobre uma base de arenito que não se distribui regularmente em toda a sua extensão.

A CERÂMICA

A cerâmica deste Sítio pertence a dois complexos culturais distintos: o europeu e o indígena, havendo, no entanto, como era de esperar, uma cerâmica aculturada, resultante do período de contato mais prolongado dos europeus com os indígenas locais.

Para este estudo foram consideradas as seguintes categorias: cerâmica indígena, cerâmica européia, esta elaborada apenas em argila sem nenhum processo especial de vitrificação, etc., cerâmica de origem duvidosa, pertencente ao período de aculturação, louça e modelagem, nesta última categoria incluindo-se os cachimbos e demais peças conseguidas através do processo de modelagem.

Foram coletados 3185 fragmentos cerâmicos procedentes de todos os níveis de todos os cortes deste Sítio.

Sendo este Sítio um local de fixação européia e não indígena, é bastante explicável a taxa percentual de 72,4% para a cerâmica européia e de apenas 13,6% para a cerâmica indígena.

Existiram nas imediações, áreas de habitação indígena, mas o local escavado foi unicamente um local de contato euro-indígena.

DISTRIBUIÇÃO DA CERÂMICA ATRAVÉS DOS VÁRIOS NÍVEIS

Nos níveis mais profundos deste Sítio encontra-se uma maior concentração de cerâmica de procedência indígena. Maior concentração, e não totalidade, como deveria acontecer caso fôsse este Sítio, antes da chegada do europeu, de habitação indígena. A cerâmica indígena embora mais abundante, está sempre associada, nos níveis mais profundos, a material de origem européia, como cerâmica, objetos de metal (pregos, etc.).

Nos níveis médios, que correspondem à presença mais numerosa ou mais constante dos europeus, aparece a cerâmica que foi classificada como de origem duvidosa, e que resulta possivelmente de um período de aculturação.

É nos níveis superficiais, correspondentes à etapa de fixação total dos portugueses, que predomina a cerâmica européia sobre a indígena, até o completo desaparecimento desta última.

Há bastante regularidade na distribuição da cerâmica, que se apresenta quantitativamente decrescente no sentido dos níveis mais profundos aos superficiais, quer da européia que, de modo inverso da indígena, decresce no sentido dos níveis mais profundos e aumenta de maneira considerável no sentido dos níveis superiores.

Além da cerâmica européia elaborada basicamente em argila, aparece uma louça de pasta argilosa e com pintura azul sobre branco, que não se encontra nos níveis mais profundos. O seu aparecimento é notado no nível 50-70, embora pouco representada. Aparece apenas um fragmento.

A CERÂMICA INDÍGENA

A cerâmica indígena, que é proveniente dos níveis mais profundos deste Sítio, é constituída essencialmente por três tipos básicos, que denominamos de Itamaracá, Itapiçuma e Igarauçu. Veja Prancha VI

TIPO ITAMARACÁ

1) PASTA

MÉTODO DE MANUFATURA: Acordelada.

ANTIPLÁSTICO: Pequenos fragmentos de cerâmica triturada (cacos moídos).

TEXTURA: São na grande maioria, os cacos deste tipo, salvo algumas exceções bastante compactos. Não possuem fratura regular. O anti-plástico se encontra bem distribuído.

QUEIMA: Normalmente há uma boa queima, e em atmosfera oxidante. Porém aparecem algumas vezes manchas escuras resultantes da oxidação incompleta.

NÚCLEO: É de cor preta, tornando-se um pouco mais claro, algumas vezes, no sentido da superfície.

2) SUPERFÍCIE

CÔR: Predomina o marrom avermelhado claro. Aparece, algumas vezes, o cinza claro e escuro.

TRATAMENTO: A grande parte dos casos foi simplesmente alizada. Alguns porém, receberam engobe, sobre o qual foram realizadas pinturas.

DUREZA: Entre 3 e 4,5 (Mohs)

3) FORMA

Semi-globulares, ovais. Base arredondada.

4) BORDAS

Reforçadas externamente e simples.

5) ESPESSURA

No bojo varia entre 10 e 22 mm.

DECORAÇÃO: Predomina a decoração pintada sobre a plástica. Aparece o vermelho sobre branco, vermelho e preto sobre branco,

prêto sôbre branco e o engobe branco. As decorações plásticas são: ungulado, que só aparece neste tipo, acanalado, que aparece também em outros tipos, embora predomine neste, e borda talhada.

TIPO ITAPIÇUMA

1) PASTA

MÉTODO DE MANUFATURA: Acordelada.

ANTIPLÁSTICO: Pequenos fragmentos de cerâmica triturada (cacos moídos) e areia.

TEXTURA: Há uma boa distribuição do anti-plástico sendo que os cacos dêste tipo são bastante compactos e de fratura irregular.

QUEIMA: Em atmosfera oxidante, aparecendo algumas vezes manchas escuras como resultado de uma queima não muito regular.

NÚCLEO: De côr preta, sendo que algumas vezes se torna mais clara, quanto mais se aproxima da parte externa do vaso.

2) SUPERFÍCIE

CÔR: Predomina o marrom avermelhado claro.

TRATAMENTO: Em sua maioria os cacos são alisados. Aparecem também cacos engobados, sôbre os quais foram realizadas pinturas.

DUREZA: Entre 3 e 4,5 (Mohs)

3) FORMA

Semi-globulares, ovais. Base arredondada.

4) BORDAS

Reforçadas externamente e simples.

5) ESPESSURA

No bojo varia entre 11 e 23 mm.

DECORAÇÃO: Predomina a decoração pintada sôbre a plástica. É neste tipo que mais aparece o prêto sôbre branco. Aparece ainda o vermelho sôbre branco, o vermelho e prêto sôbre branco, o acanalado, a borda talhada e o engobe branco.

TIPO IGARAÇU

1) PASTA

MÉTODO DE MANUFATURA: Acordelada.

ANTIPLÁSTICO: Grãos de areia.

TEXTURA: Há boa distribuição do antiplástico. Alguns cacos se apresentam friáveis, embora muitos, ou melhor, a maioria se apresenta compacta. Não apresentam fratura regular.

QUEIMA: Em atmosfera oxidante. Êste tipo apresenta uma queima mais homogênea que a dos tipos anteriores.

NÚCLEO: Algumas vezes aparece de côr ligeiramente escura, sendo que a maioria apresenta queima integral ou quase integral.

2) SUPERFÍCIE

CÔR: Predomina o vermelho alaranjado.

TRATAMENTO: Em sua maioria os cacos são alisados.

DUREZA: Entre 3 e 4,5 (Mohs)

3) FORMA

Semi-globulares. Base arredondada.

4) BORDAS

Predominam as bordas simples, embora apareçam algumas reforçadas.

5) ESPESSURA

No bojo varia entre 10 e 22 mm.

DECORAÇÃO: Predominam os tipos simples, embora apareçam escovado, acanalado, borda talhada, engobe branco, preto sobre branco e vermelho sobre branco.

Baseado em documentos históricos referentes aos primeiros contatos indo-europeus em Pernambuco, e no material arqueológico recolhido, podemos admitir ser este Sítio o provável local onde Cristóvão Jaques instalou sua Feitoria em 1516.

Foi estudada nesta nota prévia, apenas a cerâmica indígena. Esta cerâmica pertence ao Complexo Tupi-guarani, e faz parte da Fase Itapacurá, que possui três tipos básicos: o Itamaracá, o Itapiçuma e o Igarau.

Parece ter sido o Tipo Itamaracá o que correspondeu às primeiras trocas efetuadas com os europeus. Tendo estas trocas se intensificado, parece ter surgido, o Tipo Itapiçuma. Este Tipo deve ter procurado satisfazer à necessidade de trocas mais intensas, por se tratar de uma cerâmica de mais fácil elaboração do que o Tipo Itamaracá.

Intermediário aos dois Tipos anteriores, parece ter surgido o Tipo Igarau, que aparece como uma verdadeira cerâmica de transição.

Sobre estes Tipos simples aparecem os Tipos decorados. Predomina a decoração pintada sobre plástica.

Se confrontarmos o número de fragmentos da cerâmica encontrada, com os da cerâmica européia (Figura 2) pode-se observar as etapas dos contatos do ameríndio com o europeu, neste Sítio. No início, isto é, nas camadas mais profundas, observa-se a predominância da cerâmica indígena sobre a européia. Em seguida ocorre uma faixa onde parece ter havido um equilíbrio de trocas. E, finalmente, marca-se o desaparecimento gradual da cerâmica indígena, com a fixação do europeu na área.

Em trabalho definitivo, já em elaboração, teremos oportunidade de estudar a cerâmica européia, incluindo louça e modelagem, assim como os objetos de metal, os líticos e os fragmentos ósseos.

S U M Á R I O

Procurou este trabalho, de modo preliminar, estudar a cerâmica indígena do Sítio PE 13-Ln. Foi este Sítio um local de contato inter-étnico, onde provavelmente Cristóvão Jaques instalou uma Feitoria em 1516.

Aparecem neste Sítio duas cerâmicas: a européia e a indígena.

A cerâmica indígena foi dividida, segundo o anti-plástico, em três tipos básicos: o Tipo Itamaracá, o Tipo Itapiçuma e o Tipo Igarau. Sobre estes tipos aparecem decorações plásticas como a ungu-lada, a acanalada, a escovada, e de borda talhada, como também pinturas como o vermelho e preto sobre branco, o vermelho sobre branco, o preto sobre branco e o engobe branco.

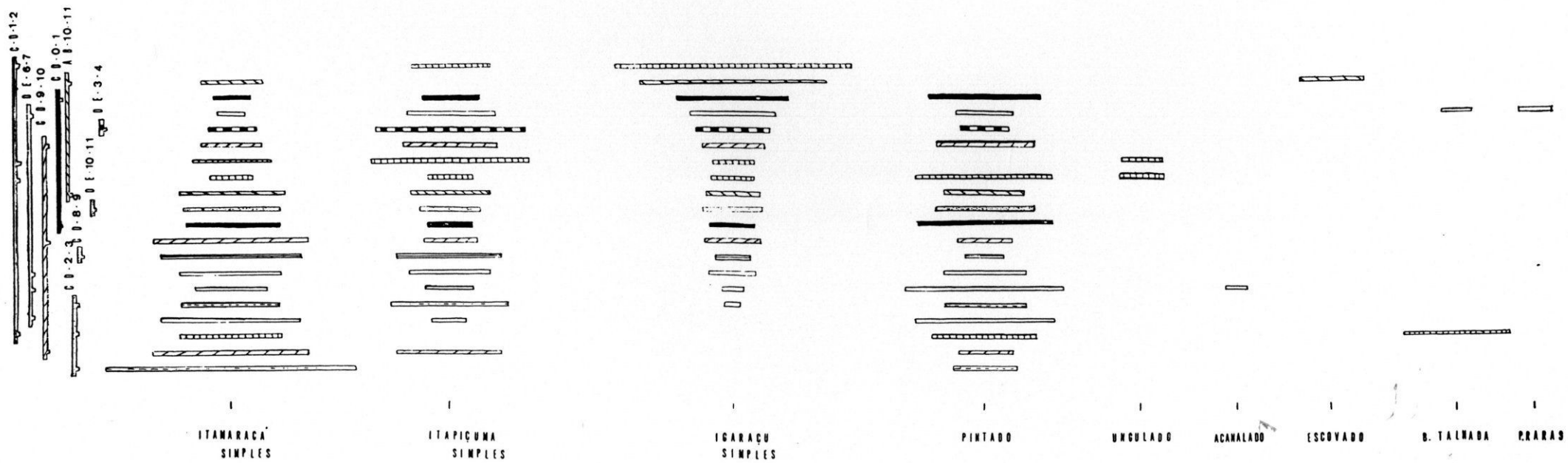
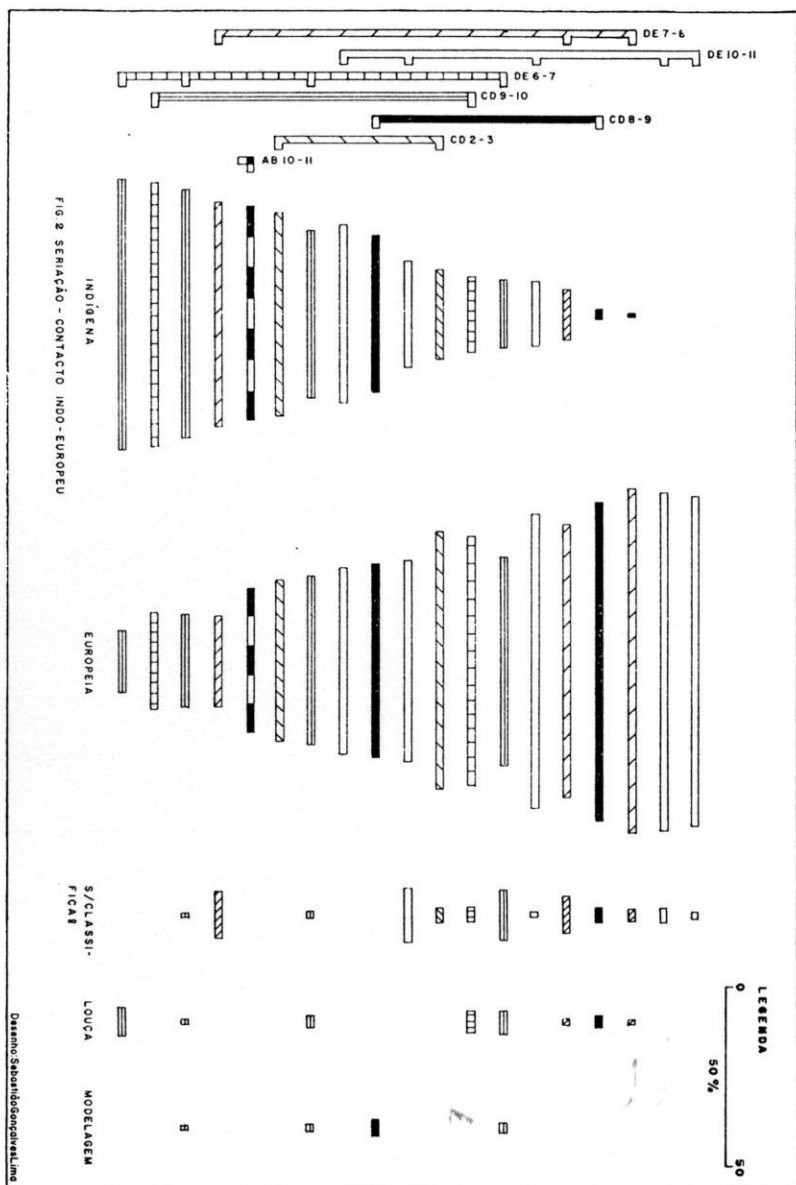


FIG. 1 SÉRIÇÃO : CERÂMICA INDÍGENA



A OCORRÊNCIA DA CERÂMICA DE "TRADIÇÃO UNA" NO ESPÍRITO SANTO

CELSO PEROTA (*)

A cerâmica da Tradição Una, estudada na área dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, representada pelas fases Ururai, Mucuri e Ipuca, ocorre no Estado do Espírito Santo, notadamente na região circunvizinha à Vitória e no Vale do Rio Jucu.

Foram prospeccionados 5 sítios. Todos são abrigos sob rocha, com pouco material arqueológico, exceto no abrigo que denominamos "Mestre Álvaro", onde pudemos coletar 85 cacos de cerâmica e 3 peças líticas. Nos demais abrigos não conseguimos mais do que 15 cacos em cada um.

Os tipos cerâmicos destes abrigos são invariavelmente o que denominamos de Jucu Simples (simples grosso), Tanguá Simples (simples fino) e o polido estriado. Em dois abrigos coletamos dois cacos com Asa Corrugada.

A cerâmica dos abrigos pesquisados tem as seguintes características:

1 — PASTA

Método de manufatura — acordelado, que consiste na disposição circular dos cilindros de argila. Somente num caso notamos uma base modelada.

Antiplástico — areia fina e grossa, grânulos de quartzo até 4 mm, hematita em pequena quantidade e malacacheta ou mica que dá brilho à pasta e nas paredes.

Textura — antiplástico bem distribuído na pasta, fratura irregular, ausência de bolhas de ar, portanto bem compactadas sem serem friáveis ao toque.

Côr — preta predomina, com pequena variação para cinza escuro.

Queima — oxidação incompleta a completa.

(*) Do Museu de Arte e História da Universidade Federal do Espírito Santo.

2 — SUPERFÍCIE

Côr — cinza escuro e marrom aparecem em pequena quantidade de cacos e a côr preta predomina.

Tratamento — Estão de maneira geral, bem tratados. O alisamento foi constante, em vários casos, notam-se estrias do objeto alisador, de um seixo ou de maços de capim. São raros os casos em que o antiplástico aflora na superfície.

3 — DUREZA

3 e 4, predominando 3,5 (escala de Mohs).

4 — FORMAS

De contôrno simples, peças globulares fundas e rasas e arredondadas.

5 — BORDAS

Extrovertidas, diretas, inclinadas externamente, com lábios arredondados.

6 — ESPESSURA

4 a 11 mm predominando de 6 a 8 mm.

AS CORRELAÇÕES

Na fase Mucuri foram prospeccionados 5 sítios sendo que 3 dêles são abrigos sob rocha e seu material apresenta uma semelhança tipológica e morfológica idêntica ao material encontrado no Espírito Santo. A ocorrência de formas globulares, com bordas inclinadas para dentro, tigelas de bordas diretas e algumas formas ligeiramente cambadas é a constante nas duas regiões. Nos tipos cerâmicos há uma pequena variação, pois na área do Rio de Janeiro e Guanabara aparecem os tipos "entalhado" e "acanalado" com pouca freqüência. Dos tipos o simples predomina com certo equilíbrio entre os de pasta fina e grossa, porque quase não há discrepância no tamanho dos grânulos de quartzo que serviram de antiplástico. O polido estriado é constante em todos os sítios, tendo uma boa freqüência de cacos.

Dos sítios da fase Mucuri localizados em abrigos sob rocha dois serviram de cemitério e um de habitação. Na nossa área não encontramos indícios de enterramento e pela pequena quantidade de cerâmica, como também o reduzido número de formas, que geralmente são de pequeno porte, supomos que os abrigos foram utilizados como paradeiro de caça (como até hoje são usados). Esta suposição está, também, baseada na pequena quantidade de peças líticas que são três: 1 batedor e 2 raspadores com escotadura, sendo que um dêles é de sílex, rocha que não se encontra num raio aproximado de 50 km.

CONCLUSÃO

De acordo com os dados que temos, existe uma continuidade da cerâmica de "Tradição Una" desde o Estado do Rio de Janeiro e Guanabara ao do Espírito Santo. A cerâmica dos tipos entalhado e acanalado, que aparece em pequena quantidade na fase Mucuri pode ser intrusiva, bem como o aparecimento da asa corrugada em nossa área. As datações do C-14 1060 mais ou menos 90 (890 A.D.) (SI 436) para o sítio base no Estado do Rio de Janeiro, sugere uma contemporaneidade com outros grupos cerâmicos e por isto é viável o aparecimento de tipos cerâmicos intrusivos. As pesquisas futuras e novas datações pelo C-14 poderão ampliar os dados aqui expostos rapidamente.

BIBLIOGRAFIA

BROCHADO, José Proença, et alii

- 1968 — Brazilian Archeology in 1968. An Interim Report on the National Program of Archeological Research. inédito.

CHMYZ, Igor

- 1967 — O Sítio Arqueológico PR-UV 1 (Abrigo Sob Rocha Casa de Pedra). Curitiba. In Arqueologia III. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. 40 pp. e grav.

DIAS JÚNIOR, Ondemar J.

- 1964 — O Abrigo Funerário de Canavial. In Bol. Inst. Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro. Pág. 2 a 11. Mimeografado.
- 1969 — Resultados Preliminares do segundo ano de Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares 1966-67. Publ. avulsas. Museu Paraense "Emílio Goeldi", 10: 119-129. il.

RUSCHI, Augusto

- 1953 — Contribuição à Arqueologia de Santa Tereza, no Estado do Espírito Santo. Objetos de Pedra de Origem indígena. Santa Tereza ES. In Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, Antropologia n.º 1. 22 pp. e grav.

ARQUEOLOGIA DOS ESTADOS DO RIO DE JANEIRO

E GUANABARA: linhas de pesquisa

MARIA DA CONCEIÇÃO DE M. COUTINHO BELTRÃO (*)
LINA MARIA KNEIP (*)

O MEIO GEOGRÁFICO

O Estado do Rio de Janeiro, e a Guanabara, ocupam um lugar de destaque na fisiografia brasileira: representam o vértice do ângulo formado pelas linhas de falhamento WSW e ENE que vêm de São Paulo, terminando em Cabo Frio com as linhas de falhamento de SSW e NNE que se prolongam de Cabo Frio para o nordeste do Brasil. São elas responsáveis pela mudança de direção aí sofrida pela costa. As primeiras determinam a seguinte sequência paralela, do mar para o interior: 1) cordão de ilhas costeiras cristalinas; 2) fossa submersa; 3) muralha constituída pelas serras da Pedra Branca, Carioca, Maciço de Niterói, Serra da Boa Esperança, Maciço de Cabo Frio, com altitudes abaixo de 1.000 metros. As linhas de falhamento de SSW e NNE formam a fossa submersa de Campos à Baía de Todos os Santos.

Estes falhamentos do escudo cristalino brasileiro, constituído por gnaisses e granitos, produziram na região do Rio de Janeiro as rupturas mais espetaculares, responsáveis pelo seu relevo acidentado, além de permitirem a ascensão de magmas alcalinos (foiaítos, fonolitos, tinguaítos, etc.) em Cabo Frio, Itatiaia, Tinguá, etc.

Os bastões da muralha mais avançados para o mar, chamados "pontais", determinaram a redução da velocidade das correntes marinhas que incidiam em ângulo agudo na costa, ocasionando a deposição dos sedimentos arenosos, formando as "restingas" e as lagoas. Estes sedimentos arenosos das restingas contrastam com os sedimentos argilosos quaternários e terciários que preenchem as fossas mais interiores, inclusive a de Campos.

Vários são os indícios de subsidência recente do litoral, sobretudo os constituídos pelas rias do fundo das baías.

(*) Do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

As fossas Parati-Campo Grande, Guanabara-Rio Bonito, ou seja, a Baixada Fluminense, era, em grandes trechos de sua parte emersa, muito pantanosa, antes da vinda do europeu que a aterrou e drenou gradativamente.

O clima da região é determinado pelo relêvo acima descrito. A Serra do Mar determina para o lado do interior um clima com inverno seco e para o lado do mar um clima sem estação seca definida, que vai de superúmido, nas suas encostas, a subúmido, na região litorânea de Cabo Frio a Campos.

Os tipos de vegetação que cobrem os Estados do Rio de Janeiro e Guanabara podem ser facilmente compreendidos à luz do exposto. A região arenosa das restingas é ocupada por uma vegetação semixerófila, com cactáceas, bromeliáceas, etc., e nas partes mais altas e nas depressões, por pequenas capoeiras de composição florística peculiar, da qual participam o gerivá, a pitangueira, etc.

Na orla interior das baías, lagunas, desembocadura dos rios, pelo menos antes da vinda dos europeus, encontravam-se amplos manguezais. A região argilosa das baixadas é ocupada por vegetação pantanosa e as encostas das serras, por mata pluvial tropical.

Pelo depoimento dos cronistas seiscentistas, Thétvet, Léry, Staden, Anchieta e outros, era a região muito piscosa e rica em caça.

ORIENTAÇÃO DA PESQUISA

Antes de iniciarmos nosso trabalho de pesquisa dos sítios arqueológicos no Estado da Guanabara, isto é, até 1963, realizamos um levantamento bibliográfico para avaliação dos dados existentes.

Este levantamento remontou aos cronistas dos séculos XVI e XVII que deixaram informações sobre os Tupinambá, nome dado aos Tupi-Guarani que ocupavam o Rio de Janeiro, por ocasião da descoberta do Brasil.

Além das informações que conseguimos colher sobre os Tupi-Guarani, todas as outras informações referiam-se aos sambaquis, exceção feita às pseudo-inscrições fenícias da Pedra da Gávea (que na realidade nada mais são do que sulcos dispostos em diversas direções resultantes de um trabalho de erosão).

A partir de 1964 em virtude de um acordo firmado entre o Museu Nacional e a Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desenvolvemos intenso trabalho de localização, preservação e caracterização dos sítios arqueológicos na área ocupada pelos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara. Ao lado desses trabalhos temos nos dedicado à pesquisa arqueológica em campo e laboratório, visando a datação e identificação de complexos culturais vários que se distribuem no tempo e no espaço desde o momento da chegada dos primeiros grupos de povoamento.

Através da análise das fontes bibliográficas e do programa de pesquisa de campo e laboratório logramos estabelecer uma série de hipóteses de trabalho que orientarão nossos estudos futuros.

Identificamos na área geográfica ocupada pelos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, dois grandes grupos de sítios arqueológicos: uns relacionados ao estágio cultural denominado Arcaico e outros vinculados ao estágio Formativo. Preferimos adotar a classificação de Willey e Phillips (1949), porque acreditamos que ela se ajuste melhor às nossas realidades.

O ESTÁGIO ARCAICO

Como representantes do estágio Arcaico identificamos os sambaquis, os aldeamentos dos Coroados e os acampamentos Puri e Guaitacá.

Os índios que os Tupi-Guarani rechaçaram no momento de sua chegada à costa há cerca de 1.500 anos foram por eles designados "tapuias", termo que têm sido muitas vezes vinculado à família lingüística Jê (grupo não ceramista e que contrariamente aos Tupi não dormiam em rêdes). O etnólogo francês Métraux sugere que o termo "tapuia" deve ser evitado nas publicações científicas e esclarece que os Tupi designavam por este nome todos os grupos alheios à cultura Tupi. Seriam portanto "tapuia" tanto os Jê quanto qualquer outro grupo lingüístico não Tupi. Ao que parece seriam os Jê os construtores dos sambaquis de cujo substrato a cerâmica encontra-se ausente, ocorrendo às vezes apenas na superfície e podendo sua presença ser encarada como elemento intrusivo, ocasional, isto é, desvinculada do grupo que construiu o depósito conchífero que conhecemos sob a denominação de sambaqui. Torna-se necessário uma advertência: observem que fazemos uma distinção nítida entre sambaqui, aldeamento e acampamento (Coutinho Beltrão e Kneip, 1967).

Os sambaquis são, talvez, os mais característicos representantes do estágio Arcaico na costa. O estágio Arcaico é o estágio cultural dos grupos essencialmente coletores e que viviam em condições ambientais senão idênticas, pelo menos bem próximas das condições atuais. Alguns níveis do Arcaico oferecem cultura tecnológica numericamente reduzida e formalmente variada, outros oferecem formas mais especializadas e mais cuidadosamente manufaturadas. Existiria assim um Arcaico "inferior" e um Arcaico "superior". Mas, como não podemos atribuir-lhes sentido cronológico, preferimos evitar a divisão.

Ao contrário do estágio Lítico (identificado por um dos autores no Estado de São Paulo), geralmente associado a uma fauna de grande porte, os grupos do Arcaico, se caçadores, dependeriam de uma fauna menor e mais variada.

Em outros pontos da América pontas de flechas caracterizam o período. Não identificamos, contudo, nenhuma dessas pontas que possam servir de peças-guia para uma ou mais faixas de tempo do Arcaico neste ponto da costa. Sabemos que no interior do Estado de São Paulo elas existem.

Nos sambaquis mais antigos alguns artefatos semelhantes aos grandes bifaces e certos raspadores maciços semelhantes ao estágio Lítico estão presentes. Seriam sobrevivência do Lítico inferior?

A cerâmica e a agricultura incipiente podem ocorrer no Arcaico. Neste caso a agricultura não seria a fonte primária ou predominante da alimentação.

Os sambaquis embora relativamente pequenos em extensão são freqüentemente profundos, podendo às vêzes indicar considerável continuidade temporal. O tamanho do grupo que construiu o sambaqui deveria ter sido essencialmente determinado pela disponibilidade de alimentação na área.

Os Coroados, conhecidos em tempo histórico, possuíam uma economia e uma tecnologia que se enquadram dentro do Arcaico. Sua cerâmica era simples e não era fabricada em abundância; e sua permanência nos aldeamentos era instável e de pouca duração. A continuidade temporal, sugerida em alguns casos pela espessura dos sedimentos, era ao que tudo indica sazonal. Os Coroados possuíam uma agricultura incipiente e o aparecimento dessa forma elementar de cultivo não ocasionou profundas modificações em suas atividades econômicas com a coleta, caça e pesca, nem tampouco modificações nos padrões de povoamento ou em suas tecnologias.

Os Puri que como os Coroados também integram o grande tronco lingüístico Macro-Jê representam ainda melhor o estágio Arcaico por não possuírem nenhuma agricultura e por ser sua cerâmica, simples, globular, (imitando a forma do fruto da sapucaia), ainda mais rudimentar que a dos Coroados.

Nas "lapas" (têrmo genérico empregado para designar grutas ou abrigos) de Santa Maria Madalena, no interior do Estado do Rio de Janeiro, foram encontradas evidências bem conservadas dos Puri por Castro Faria. A ocupação das lapas de Santa Maria Madalena parece eventual. Trata-se de um acampamento Puri ocupado por um pequeno bando com uma economia baseada na coleta de frutos e raízes, na caça e na pesca, não diferindo muito daquela economia apresentada pelos Puri conhecidos em época histórica. A cerâmica descrita por Castro Faria (1942, ms.) apresenta as seguintes características: "vaso de côr escura; superfície do corpo lisa; bordo com ligeiro espessamento na face externa e decoração constituída de traços inclinados. Observando-se o bordo da peça na parte fraturada verifica-se que o espessamento era obtido pela oposição de novos rolos, nesse caso três. Assim conseguiam uma espécie de escalonamento, e a cada um dêsses rolos correspondia uma faixa de ornatos. Pasta muito porosa, contendo grande quantidade de areia. Os traços incisos no bordo são apenas inclinados mas com uma regularidade apreciável, de sorte que o conjunto se apresenta bastante harmônico". Um outro exemplar apresenta decoração constituída de traços incisos cruzados, mas guardando tôdas as características do exemplar precedente.

Conhecemos apenas um sítio cujos remanescentes teriam sido deixados pelos Coroados. Trata-se de um aldeamento situado em terreno arenoso nas margens do Rio Una, distantes uns 500 metros do Oceano na região do mangue. Os vestígios se estendem por 300 m de extensão em ambas as margens do rio. Na camada arqueológica de 1,50 m de profundidade encontramos cerâmica do tipo simples de forma e função idênticas às descritas em trabalhos que falam dos Coroados conhecidos em época histórica. Trata-se de uma urna funerária, de decoração simples, de bôjo de forma ovóide, e de contorno simples. Estava **in situ** e recoberta por uma grande pedra que fechava completamente a porção correspondente à boca da urna. Dentro da urna foram encontrados fragmentos de cerâmica correspondente a recipientes menores (tijelas ou pequenos jarros), além de alguns artefatos de pedra e ainda conchas, associados a um esqueleto com ossos partidos. Todas essas características também correspondem às descrições de enterramentos dos Coroados conhecidos historicamente. Contudo não é improvável que esses vestígios de aldeamento tenham sido deixados pelos Guaitacá que ocupavam aquela parte da costa em período histórico e a respeito dos quais pouco sabemos.

Este sítio arqueológico que estamos relacionando aos Coroados ou aos Guaitacá foi datado em seu nível de 80–90 cm em 890 mais ou menos 90 DC., pelos responsáveis pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da **Smithsonian Institution**.

O ESTÁGIO FORMATIVO

Identificamos como representantes do estágio Formativo apenas os Tupi-Guarani.

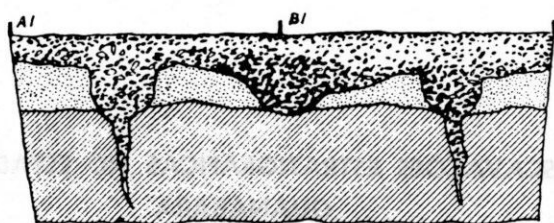
A tarefa do arqueólogo no que se refere aos Tupi que o europeu aqui encontrou é grandemente facilitada não só pelo fato de existirem numerosas descrições de vários aspectos de sua cultura, como também porque os Tupi atuais têm sido objeto de várias pesquisas. Por outro lado sua cerâmica pintada em vermelho ou vermelho e preto sobre uma camada de engobo branco permite uma fácil identificação do grupo a ela relacionado.

Os vestígios arqueológicos relacionados aos Tupi-Guarani são representados na área pelos aldeamentos e pelos acampamentos para a coleta de molusco.

Serão aqui designados acampamento do primeiro tipo aqueles em que a presença da cerâmica pintada em todos os níveis, fartamente descrita pelos cronistas, nos permite estabelecer indiscutível correlação entre essa forma de ocupação e aquele grupo lingüístico.

Localizam-se grande número de acampamentos do primeiro tipo, próximos ao mar, junto aos bancos de molusco. Os acampamentos Tupi para coleta de molusco não constam da literatura dos cronistas. No Estado da Guanabara foram localizados na planície de

Fig.1



OSTREA

ARGILA

CARVÃO

AREIA

0 1 2m

Fig.2

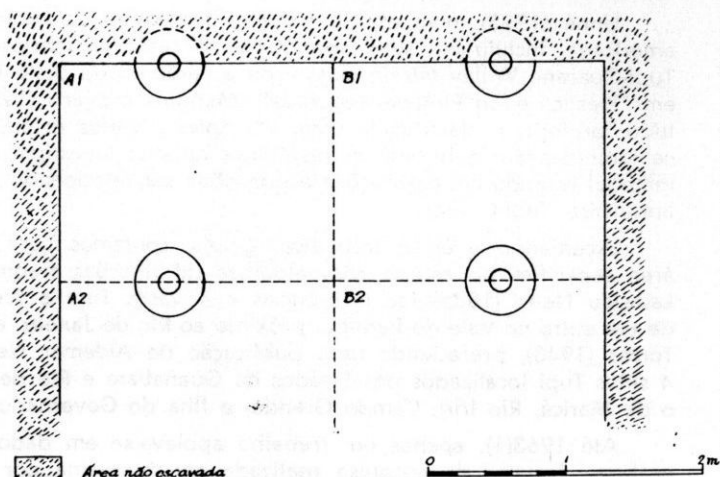


Fig. 1 — Vestígios de estacas no sítio GB-1. Fase Jequié.

Fig. 2 — Planta das estacas ao nível arqueológico de 25 a 30 cm.
Sítio GB-1. Fase Jequié.

Guaratiba sob o nome de sambaquis. Nós os rebatizamos de acampamentos Tupi. São pequenos acampamentos de forma circular e têm em média 40 m de diâmetro. A análise de seu substrato sugere que depois de ocupados sazonalmente por algumas dezenas de anos foram abandonados em virtude do esgotamento dos bancos de moluscos. A constatação deste fato pôde ser obtida pela análise da distribuição dos moluscos, por tamanho, nos níveis arqueológicos arbitrários, num dos acampamentos por nós escavado. Nos níveis inferiores retiramos ostras que puderam alcançar seu pleno desenvolvimento. À medida que nos aproximamos da superfície o tamanho das ostras vai decrescendo até tornar-se extremamente pequeno no momento em que o sítio foi abandonado.

Os aldeamentos correspondentes ao primeiro tipo de acampamento são de grandes dimensões podendo atingir mais de 500 metros de diâmetro. São, portanto, circulares, situados à beira de riachos e não longe dos rios, e, quando localizados junto ao mar, às vezes se encontram em pequenas elevações e em terrenos arenos-argilosos. Eram habitados a maior parte do ano. Suas cabanas coletivas eram retangulares e dispostas em redor de uma praça quadrangular onde se desenrolava a vida social e religiosa.

A ausência de cerâmica pintada em certos acampamentos, aqui denominados do segundo tipo, mas que possuem um outro tipo de decoração, a corrugada, também tradicionalmente considerada como vinculada ao grupo Tupi-Guarani, pode ser explicada pelo fato de que nem todos os Tupi possuem cerâmica pintada. Os Tupi atuais, por exemplo, desconhecem este tipo de cerâmica. Os acampamentos do segundo tipo correspondem a aldeamentos de menores dimensões nos quais, como é lógico, registramos também ausência de cerâmica pintada e presença de cerâmica corrugada.

Os Tupi antigos, tal como os Tupi atuais, acampavam junto às plantações. Os acampamentos junto às plantações tornavam-se necessários sobretudo quando estas estavam longe das aldeias.

Temos observado em nossas tentativas de localização de sítios a existência de um nível de queimadas que poderá ou não corresponder às queimadas que os Tupi realizavam como uma das fases que precedia ao plantio. As plantações eram feitas primeiramente junto às aldeias; à proporção que o solo se fatigava iam se distanciando até às vezes 6 km da aldeia. Os acampamentos junto às plantações e os acampamentos construídos na época da caça são descritos pelos cronistas.

Em qualquer dos tipos de acampamentos construíam habitações provisórias sobre quatro estacas, bem diferentes das enormes cabanas coletivas retangulares dos aldeamentos. Vestígios dessas estacas foram encontradas no acampamento Tupi conhecido por "Sambaqui do Telégrafo" (vide figs. 1 e 2).

Na interpretação cultural dos diferentes tipos de acampamentos Tupi devemos considerar que só parte de sua cultura material encontra-se presente e que esta só poderá ser plenamente interpretada, (levando-se em conta, naturalmente, as restrições interpretativas próprias dos trabalhos arqueológicos), quando forem realizadas escavações em larga escala nos aldeamentos semi-permanentes.

Os traços diagnósticos do Formativo no que diz respeito aos Tupi podem ser reconhecidos pela constatação das seguintes realidades: possuíam agricultura, que embora não muito desenvolvida, permitia a integração do homem numa vida de aldeia semi-sedentária; ao lado da agricultura conheciam a tecnologia da cerâmica.

Pelo exposto, nossas linhas de pesquisa partem em várias direções, baseando-se no pressuposto de que há várias realidades culturais, em estágios diferentes, umas vinculadas provavelmente aos Jê, Puri, Coroado e Goitacá e outra ao Tupi-Guarani.

BIBLIOGRAFIA

COUTINHO BECKER, M. da Conceição de M.

Documentos sobre a pré-história dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara. **Documentos sobre a pré-história do Brasil Meridional**, coordenado pela Dra. Laming, em elaboração pela Universidade de Paris, (no prelo).

COUTINHO BELTRÃO, M. da Conceição de M. e L. M. KNEIP

1967 — Arqueologia e Geomorfologia: tentativa de uma abordagem interdisciplinar. **Boletim Carioca de Geografia**, XVIII: 1-16. Rio de Janeiro.

COUTINHO BELTRÃO, M. da Conceição de M. e R. B. LARAIA

O método arqueológico e a interpretação etnológica. Em elaboração pela **Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro.

CASTRO FARIA, Luiz

1942 — Relatório arquivado no Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Rio de Janeiro.

WILLEY, Gordon R. and P. PHILLIPS.

1958 — Method and Theory in American Archaeology. The University of Chicago Press.

MÉTRAUX, A.

1946 — The Guaitacá. **Bureau of American Ethnology Bulletin** 143, I: 521-522. Washington, Smithsonian Institution.

1946 — The Puri-Coroado Linguistic Family. **Bureau of American Ethnology Bulletin** 143, I: 523-530. Washington, Smithsonian Institution.

ESCAVAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS NO ESTADO DA GUANABARA

MARIA DA CONCEIÇÃO DE M. COUTINHO BELTRÃO (*)
LINA MARIA KNEIP (*)

A — Introdução

As informações sobre os índios Tupi-Guarani, que nos foram legadas pelos cronistas, missionários, viajantes, etc. a partir do século XVI, serviram de base a trabalhos mais recentes como os de Métraux (1927, 1928) e Florestan Fernandes (1949, 1952) que, reconstruindo aspectos de sua cultura, nos permitiram uma melhor compreensão dessa sociedade tribal.

Linné (1925), num ensaio sobre a tecnologia da cerâmica sul-americana, incluiu em suas observações a cerâmica fabricada pelos Tupi-Guarani. Willey (1949) classificou a cerâmica do Leste brasileiro em "Plástica e/ou Pintada Regulada". Meggers e Evans (1958), contudo, preferiram classificá-la como "Simples". Vários estudiosos, recentemente, têm publicado os resultados de suas investigações sobre material retirado em escavações e que pôde ser relacionado à família lingüística Tupi-Guarani.

Excetuando-se êsses trabalhos, gerais, contamos para a nossa área específica de estudo com algumas informações fragmentárias. Ladislau Netto (1885) faz referências a 4 vasos Tupi e fragmentos de um outro no Vale do Paraíba, próximo ao Rio de Janeiro e Alberto Torres (1943), prefaciando uma publicação de Aldemar Neves, cita 4 sítios Tupi localizados nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro: o de Maricá, Rio Iriri, Campo Grande, e Ilha do Governador.

Até 1963(1), apenas um trabalho apoiava-se em dados estratigráficos. Trata-se da pesquisa realizada em Araruama por Baerreis e Castro Faria nos quais a presença da cerâmica corrugada permitiu o reconhecimento de uma provável correlação ou filiação dos materiais escavados com o grupo lingüístico Tupi-Guarani.

(*) Do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Recentemente Dias Junior (1967) do programa arqueológico da **Smithsonian Institution** nos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara estabeleceu a Fase Guaratiba que pensamos estar intimamente relacionada aos grupos Tupi da costa.

Desde 1964 vêm os autores desenvolvendo intensas pesquisas de campo e laboratório sobre material retirado de escavações localizados nesses Estados. Em 1967, publicamos "Arqueologia e Geomorfologia: tentativa de uma abordagem interdisciplinar". Três outros trabalhos estão em vias de ser publicados.

B — O meio geográfico

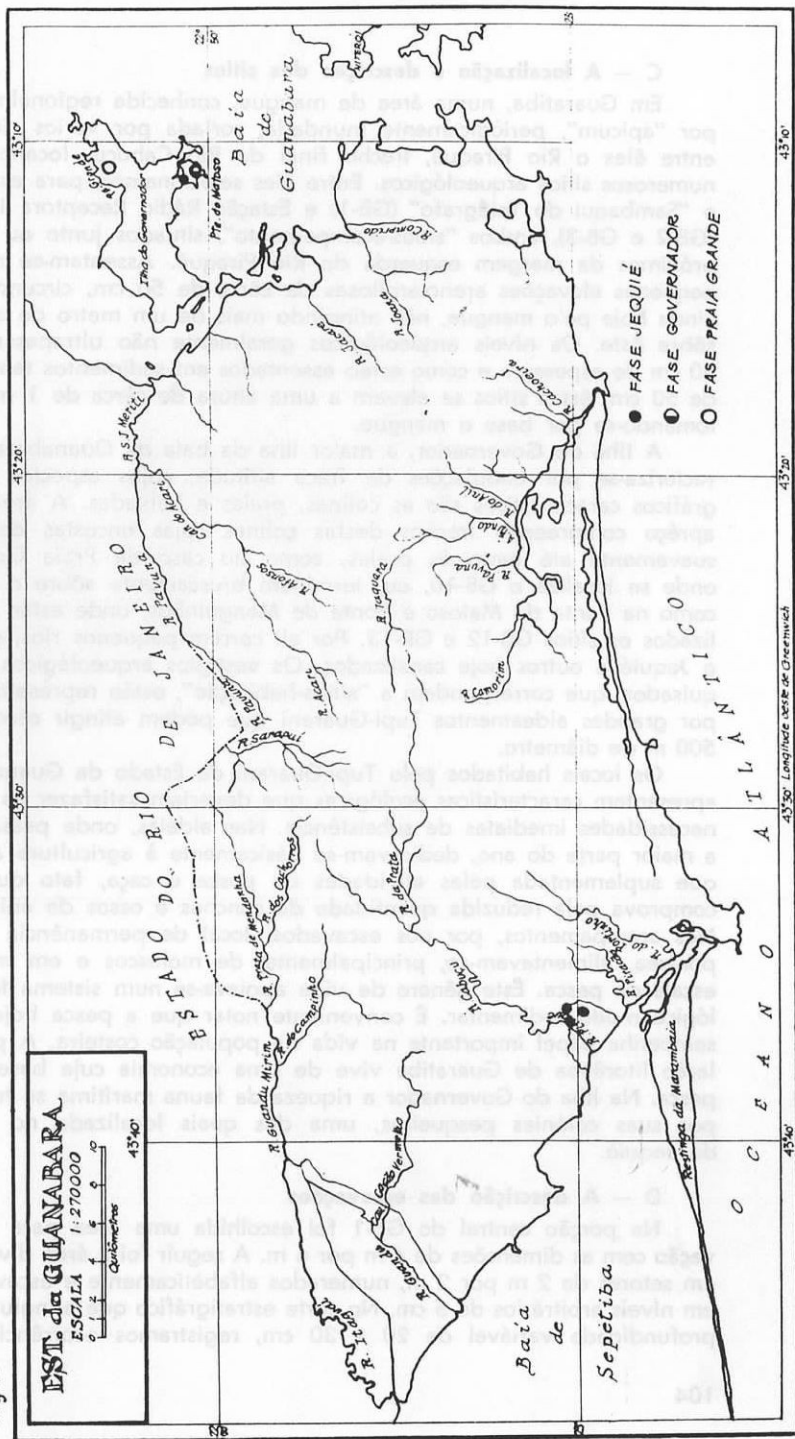
Dentro do quadro regional, onde se desenvolve nossa pesquisa, distinguimos duas áreas morfológicamente distintas: uma região de planície situada no extremo sul dos limites cariocas, a baixada de Guaratiba, e uma região de colinas situada no interior da baía de Guanabara, na Ilha do Governador.

Segundo a classificação de Koppen, estas regiões se enquadram no tipo Aw de clima quente e úmido, com estação seca de outono-inverno em que 80 a 90% das chuvas caem no período de outubro a março. Por sua posição litorânea, no período seco ocorrem chuvas abundantes em virtude das massas frias provenientes do sul do Continente, o que não ocorre no Aw típico em que a distinção entre os período seco e chuvoso é mais nítida.

Em relação à cobertura vegetal, a baixada de Guaratiba está compreendida dentro da chamada "vegetação litorânea", cujas diferenças fito-fisionômicas se devem à diversidade dos ambientes ecológicos que variam dentro daquele modelado. São reduzidos os números de espécies vegetais desta área. Podemos citar, por exemplo, o "mangue vermelho" (*Rhizophora mangle* L.), o "mangue branco" (*Luguncularia recemosa* (L.) Gaertn), a "salsa de praia" (*Ipomoea* sp.), as "septiabeiras" (*Bumelia Obtusifolia* Roem et Schult), etc. As colinas e encostas suaves da Ilha do Governador, hoje cobertas por formações de matas ralas e capoeiras, foram outrora ocupadas pela floresta tropical primitiva. Nas praias arenosas e estreitas, desenvolvem-se pequenas formações de pitangueiras que desaparecem ao primeiro contato com as colinas cristalinas.

O tipo do solo das colinas da Ilha do Governador é "Latosol amarelo (YL)". Em Guaratiba o solo circundante é do tipo hidromorfo, sujeito à influência das altas marés, altamente salino, também devido à influência dos sedimentos marinhos. O solo apresenta-se plano com ligeiras ondulações. A vegetação que recobre os acampamentos é diferente da vegetação circundante, pois está condicionada à presença de calcáreo que existe em depósitos arqueológicos desse tipo.

Fig. 2



C — A localização e descrição dos sítios

Em Guaratiba, numa área de mangue, conhecida regionalmente por "apicum", periodicamente inundada, cortada por vários rios e, entre eles o Rio Piraquê, trecho final do Rio Cabuçu, localizamos numerosos sítios arqueológicos. Entre eles selecionamos, para estudo, o "Sambaqui do Telégrafo" (GB-1) e Estação Rádio Receptora I e II (GB-2 e GB-3), ambos "sítios-acampamento", situados junto ou bem próximos da margem esquerda do Rio Piraquê. Assentam-se sobre pequenas elevações areno-argilosas de cerca de 50 cm, circundadas ainda hoje pelo mangue, não atingindo mais de um metro de altura sobre este. Os níveis arqueológicos geralmente não ultrapassam a 50 cm de espessura e como estão assentados em sedimentos também de 50 cm, estes sítios se elevam a uma altura de cerca de 1 metro, tomando-se por base o mangue.

A Ilha do Governador, a maior ilha da baía da Guanabara, caracteriza-se por ondulações de fraca altitude, cujos aspectos topográficos característicos são as colinas, praias e baixadas. A área em aprêço compreende trechos destas colinas cujas encostas descem suavemente até junto às praias, como no caso da Praia Grande onde se localiza o GB-10, ou, terminam bruscamente sobre o mar, como na Ponta do Matoso e Ponta de Manguinhos, onde estão localizados os sítios GB-12 e GB-13. Por ali correm pequenos rios, como o Jequié e outros hoje canalizados. Os vestígios arqueológicos pesquisados, que correspondem a "sítios-habitação", estão representados por grandes aldeamentos Tupi-Guarani que podem atingir cerca de 500 m de diâmetro.

Os locais habitados pelo Tupi-Guarani do Estado da Guanabara apresentam características ecológicas que deveriam satisfazer às suas necessidades imediatas de subsistência. Nas aldeias, onde passavam a maior parte do ano, dedicavam-se basicamente à agricultura ainda que suplementada pelas atividades da pesca e caça, fato que se comprova pela reduzida quantidade de conchas e ossos de animais. Nos acampamentos, por nós escavados, local de permanência temporária, alimentavam-se, principalmente, de moluscos e em menor escala da pesca. Este gênero de vida apoiava-se num sistema tecnológico muito rudimentar. É conveniente notar que a pesca hoje desempenha papel importante na vida da população costeira. A população litorânea de Guaratiba vive de uma economia cuja base é a pesca. Na Ilha do Governador a riqueza da fauna marítima se traduz por suas colônias pesqueiras, uma das quais localizada no Saco de Jequié.

D — A descrição das escavações

Na porção central do GB-1 foi escolhida uma área para escavação com as dimensões de 4 m por 6 m. A seguir foi a área dividida em setores de 2 m por 2 m, numerados alfabeticamente e escavados em níveis arbitrários de 5 cm. No corte estratigráfico que atingiu uma profundidade variável de 20 a 30 cm, registramos ocorrência de

Ostrea sp. associada aos representantes da família **Mytilidae**, principalmente. A fauna malacológica constituía mais de 50% do conteúdo do substrato e apresentava-se em maior concentração e dimensões nos níveis inferiores, diminuindo sobretudo em tamanho à medida que se aproximava dos níveis superiores. Pelo testemunho arqueológico, a coleta de moluscos e, em menor escala, a pesca, desempenharam importante papel na alimentação dos aborígenes. (São, ainda hoje, abundantes no local, as ostras (**Ostrea arborea** Chemnitz), mexilhões (**Mytilidae**), conchas (**Phacoides pectinatus** Gmelin; **Anomalocardia brasiliana** Gmelin), e caranguejos que vivem em cavidades na lama. Todavia, a coleta destes moluscos se restringe hoje às áreas próximas ao mar).

Com relação ao material ósseo foram insignificantes os ossos de animais coletados limitando-se a alguns roedores e aves. (Segundo informações colhidas dos moradores locais por ali existiu abundância de pacas, tatus, porcos-do-mato, jacarés, etc., hoje praticamente extintos).

Anotamos grandes concentrações de carvão formando concreções com o material conchífero, ósseo, cerâmico e lítico, nos locais de antigas fogueiras. Registramos ainda presença de corantes minerais, artefatos de ossos e conchas. Evidências arqueológicas de significativa importância são as marcas de estacas dispostas paralelamente duas a duas, formando cabanas provisórias, tipo de habitação característica de certas populações nômades. Os cronistas nunca mencionam para as tribos Tupi-Guarani esse tipo de acampamento para coleta de moluscos; referem-se apenas às cabanas provisórias construídas nas proximidades das roças ou destinadas à estação da caça (Tapyi).

Nos sítios GB-10, GB-12 e GB-13, delimitamos à superfície vários setores de 2 m² cada. A seguir escavamos em níveis arbitrários de 10 cm, atingindo o corte estratigráfico uma profundidade variável de 50 a 90 cm. A camada estéril alcançava 10 cm em alguns setores e 50 cm em outros. Comparada aos acampamentos de Guaratiba, o volume da fauna malacológica nos aldeamentos da Ilha do Governador é pouco significativa. Em quantidade reduzida anotamos exemplares das espécies **Ostrea sp.**, **Phacoides pectinatus** Gmelin, **Anomalocardia brasiliana** Gmelin. As "fossas culinárias" eram formadas por carapaças de moluscos, associados a ossos de peixe, cerâmica, carvão e material lítico. Raríssimos ossos de aves, mamíferos e, em maior quantidade que estes, ossos de peixe. Registramos ainda presença de fogões, corantes e num dos aldeamentos cerâmica Neo-brasileira e Colonial.

E — A diagnose dos materiais

1. Os artefatos cerâmicos, ósseos e conchíferos.

Essas escavações sistemáticas efetuadas em sítios da Guanabara no decorrer do ano de 1965, 1966 e 1967, levaram-nos em todos

os casos a identificá-los, pelas características inconfundíveis da cerâmica, como relacionadas ao grupo lingüístico Tupi-Guarani. Da análise tipológica dos materiais, especialmente do material cerâmico, chegamos ao reconhecimento, através da seriação, de 3 fases para o complexo cerâmico Tupi na costa da Guanabara: Fase Jequié, Fase Governador e Fase Praia Grande (ver mapa). Nas Fases Jequié e Governador a indústria óssea e conchífera foi bem insignificante em relação à indústria lítica e cerâmica, especialmente para a Fase Governador. As peças trabalhadas de ossos de animais foram utilizadas como adornos ou instrumentos. Certas vértebras de peixe apresentavam perfurações artificiais de forma circular, acompanhando os anéis naturais do corpo da vértebra sendo que, das 147 vértebras utilizadas como adorno apenas 22 apresentavam perfuração central intencional. Registramos ocorrência reduzida de perfuradores e pendentes confeccionados com dentes ou osso de roedores e aves. Embora as carapaças de moluscos fôssem abundantes, especialmente nos acampamentos, os artefatos de conchas foram pouco utilizados por esses indígenas. Constatamos apenas 27 fragmentos de bivalvos utilizados como raspadores e pendentes, principalmente da espécie *Phacoides pectinatus* Gmelin.

2. O material lítico

Utilizando-se de matéria-prima abundante no local, fabricavam os Tupi-Guarani numerosíssimos artefatos a partir de lascas de quartzo leitoso e hialino. Esses artefatos encontram-se sempre associados à cerâmica de Tradição Tupi-Guarani. A ausência de informações sobre esses artefatos deve-se ao fato de que, não possuindo na grande maioria dos casos forma definida, passam despercebidos aos não especialistas.

Técnicamente o material lascado apresenta as seguintes características: lascados por percussão direta com o auxílio de um percutor de pedra; plataforma de percussão lisa em todos os casos observados, formando ângulos variáveis com o anverso das lascas.

Morfológicamente têm formas e dimensões variáveis e, algumas vezes, apresentam retoques muito regulares (serrilhado e denticulado).

Funcionalmente podem ser sempre enquadrados nas categorias de facas e raspadores com quase sempre pouco ou nenhum retoque, pois as lascas de quartzo não necessitam de acabamento esmerado para suprir as funções onde resistências e bom corte são necessários. Numerosos resíduos de lascamento foram observados ao lado das lascas e núcleos.

Entre os artefatos confeccionados a partir da técnica do desbaste destacamos os seixos arredondados que foram desbastados para servir de quebra-côcos. Podem apresentar algumas vezes uma depressão central em uma ou nas duas faces. Outras vezes são utilizados lateralmente como percutores. Alguns objetos de função ainda não determinada também sofreram desbaste.

Embora não tenhamos encontrado até o presente, nenhum artefato polido, objetos confeccionados com utilização desta técnica são freqüentemente citados desde os primeiros cronistas em associação com a cerâmica de Tradição Tupi-Guarani.

3. Os sepultamentos

Em trabalho anterior (Coutinho Beltrão e Kneip, 1967), chamamos atenção para o fato de que nem todos os depósitos conchíferos eram sambaquis, afirmando que muitos desses depósitos estavam relacionados intimamente ao grupo lingüístico Tupi e correspondiam a seus acampamentos e aldeamentos. Esta afirmação se fortalece com os estudos morfológicos realizados por Marília Carvalho de Mello e Alvim nos esqueletos encontrados nos sítios por nós denominados acampamentos e aldeamentos. É esta a sua diagnose: "Pelo confronto dos caracteres morfológicos dos espécimes dos sítios GB-2 localizado em Guaratiba (coletados por Coutinho Beltrão em 1965) com os exemplares do sítio Cabeça de Índio (coletados por Salles Cunha em 1959) e os do "Sambaqui" do Piracão (exumados por Fróes de Abreu em 1926), verificamos a similitude dos mesmos o que nos permite agrupá-los em uma única população. Trata-se de um grupo Tupi do litoral carioca. O material humano do sítio GB-2 difere do encontrado nos sambaquis dos Estados do Paraná e de Santa Catarina, pelas observações cranioscópicas, craniométricas e osteométricas por nós realizadas".

F — As Fases Culturais (veja mapa)

Através da diagnose do material cerâmico estabelecemos fases culturais baseando-nos, na análise do antiplástico e, principalmente no tratamento da superfície. A seriação foi conseguida com amostras coletadas estratigraficamente, tendo a estratigrafia determinado a tendência da seriação. Cerca de 80% dos cacos são simples enquanto o restante apresenta decoração Pintada e Plástica. A principal divisão foi feita entre a cerâmica simples e decorada.

1. Fase Jequié

Da descrição tipológica da cerâmica da Fase Jequié, resultante da análise de 3.178 cacos e de uma tijela intacta, representados pelos sítios GB-1, GB-2, GB-3 e GB-13, estabelecemos a seqüência de uma das fases do complexo cerâmico Tupi na citada área. Quanto às suas características cerâmicas, corresponde à Fase Guaratiba, estabelecida por Dias Junior (1967).

Elaboramos a seqüência cronológica desta fase, subdividindo a cerâmica Simples em dois tipos, de acordo com o tamanho do antiplástico, sendo classificado como "grosso" o antiplástico superior a 2 mm e "fino" o antiplástico inferior a 2 mm. A decoração Pintada é geralmente vermelha ou vermelha e preta sobre engôbo branco, ocorrendo também decoração pintada sem engôbo, isto é, direta-

mente sobre uma superfície bem alisada, internamente e/ou externamente. Na decoração plástica temos, segundo a ordem de popularidade, o Corrugado, Escovado, Entalhado, Penteado, Ungulado e variações como Digitungulado, Digitado e Serrungulado, Acanalado e Pontado. A decoração ou é plástica ou é pintada, excepcionalmente ocorrendo os dois tipos associados, tais como: Pintado-Entalhado, Corrugado-Entalhado, Corrugado-Pintado, Polido-Estriado. Podemos considerar certas características como comuns à fase Jequié: a técnica de manufatura acordelada observando-se o fraccionamento dos roletes em grande número de cacos; a pasta arenosa sendo o antiplástico dominante o quartzo e em ocorrência menor ou isolada o feldspato, hematita e outras impurezas como cinzas e carvão; a queima pobremente controlada com o núcleo negro abrangendo de 40% a 100% da espessura do caco; as superfícies regularmente alisadas, observando-se em certos casos marcas do instrumento utilizado no alisamento e em outros vestígios de alisamento a mão; dureza variando entre 2 e 3 da Escala de Mohs.

2. Fase Governador

A Fase Governador é representada apenas por um sítio (GB-12) que corresponde a um dos aldeamentos na Ilha do Governador. Pode ser relacionada em algumas de suas características cerâmicas à Fase Jequié. Não estabelecemos para esta fase nem a seqüência nem a popularidade dos tipos cerâmicos, por níveis arqueológicos, em virtude do sítio encontrar-se perturbado. Neste sítio a cerâmica indígena aparece associada à cerâmica Neobrasileira e Colonial (ao todo 875 cacos), não se podendo diagnosticar pela análise estratigráfica se a cerâmica Neobrasileira foi um elemento cultural intrusivo ou se processos aculturativos desenvolveram-se entre o indígena e o europeu. Os sítios desta Fase, no Estado da Guanabara, estão localizados em áreas hoje densamente povoadas, mas seu processo de destruição começou bem anteriormente, na época do desbravamento, com a devastação desenfreada das matas. Embora se encontrem alguns tipos cerâmicos comuns à Fase Jequié, surgem novos padrões decorativos tais como o Inciso, Carimbado e Acanalado-Espatulado, sendo este último bem nítido. A cerâmica Neobrasileira apresenta diferenças com relação à pasta, podendo ser **arenosa** e **argilosa**. O tipo de antiplástico é comum à cerâmica indígena e à Neobrasileira, embora seja escasso ou raríssimo em certos casos, variando o tamanho de 0,5 a 2 mm, alcançando às vezes 3 mm ou mais. Na pasta **arenosa** a textura é compacta, uniforme, apresentando os cacos com pasta arenosa uma superfície áspera e aqueles com pasta argilosa uma superfície macia. Queima variando de incompleta para completa oxidação. A superfície é bem alisada, observando-se marcas bem finas do instrumento utilizado no alisamento. A cor dos cacos arenosos é quase sempre negra e a dos cacos argilosos, avermelhada. O método de manufatura não foi determinado para a

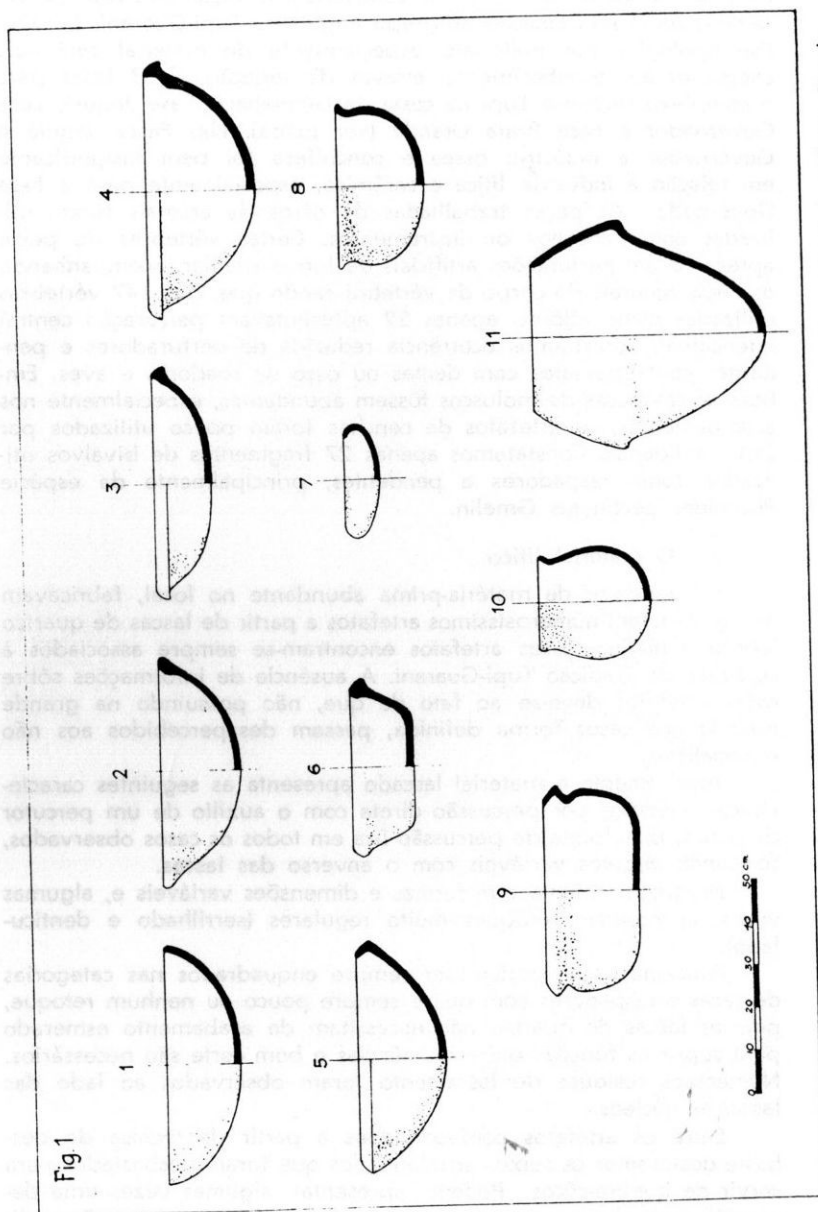


Fig. 1 — Formas cerâmicas de Tradição Tupi-Guarani encontradas no Estado da Guanabara. Formas 3, 4, 6 cerâmica Pintada; forma 5 cerâmica Entalhada; forma 9 cerâmica Simples, formas 10 e 11 cerâmica Corrugada; as outras formas são Simples, Plásticas e Pintadas.

maioria dos cacos, sendo contudo alguns modelados, outros acorde-lados. A fratura é regular e a decoração apresenta-se Simples, Ungulada ou Digitungulada, e quando pintada o é em vermelho e apenas no interior dos recipientes. A cerâmica Colonial se caracteriza por fragmentos de utensílios feitos no tórno, tais como: vasilha-mes, cachimbos, etc. Registramos, como elementos da cultura colo-nial, fragmentos de porcelana européia, grandes formões e pregos metálicos, tijolos, etc.

3. Fase Praia Grande

A descrição dos tipos cerâmicos da Fase Praia Grande baseia-se na análise de 520 cacos coletados estratigráficamente ou ainda em coleções de superfície dos setores perturbados. Esta Fase é repre-sentada pelo sítio GB-10. Como características principais desta fase podem ser consideradas: pasta mais grosseira e arenosa que as fases anteriores não permitindo estabelecer-se distinção do antiplástico em "grosso" e "fino"; todo o antiplástico é grosso e mais abundante que nas Fases descritas anteriormente; a queima pobremente controlada com o núcleo negro compreendendo 100% da espessura do caco; a côr predominantemente alaranjada; presença de asas aplicadas e de orifícios que serviriam para passagem de fibras para facilitar sus-pensão ou transporte; decoração predominantemente dos tipos Sim-ples, Pintada e Entalhada, aparecendo o tipo Ungulado apenas na superfície do sítio associado à cerâmica Pintada e Entalhada; frag-mentos predominantemente espessos alcançando alguns 2,5 cm.

Os Recipientes

Para essas 3 fases cerâmicas reconstituímos 11 tipos de forma de vasilhames que variam de acôrdo com o perfil da borda (ver fig. 1). Em relação à quantidade de cacos encontrados nas escavações o número de cacos correspondentes às bordas foi bem insignificante e o de número dos correspondentes às bases quase ausente. As for-mas reconstituídas correspondiam quase sempre a tijelas e apenas, em dois casos, vasos. São de borda direta, reforçada interna e ex-ternamente, cambada, introvertida, expandida, inclinada interna, extrovertida. Os vasos são de borda expandida e carenada. Lábios predominantemente redondos, sendo alguns planos e biselados. As bases são geralmente arredondadas. As bôcas são arredondadas pa-recendo ser retangulares apenas quando correspondem às tijelas. Há formas únicas restritas a um tipo de decoração. As formas do-minantes na Fase Jequié são as formas 1, 2, 3, 7, 8 da figura 1 e em menor escala as formas 4, 5, 6, 7. Reconstituímos um vaso cor-respondendo à forma 10 e outro à forma 11; ambas receberam de-coração corrugada. Na Fase Governador as formas típicas são for-mas 1, 2, 3, ocorrendo também formas 6 e 8. Na Fase Praia Grande temos as formas 1, 2 e em menor escala a forma 5.

Os cacos espessos pareciam existir em maior freqüência nos al-deamentos o que significaria ausência de grandes recipientes para

os acampamentos; tivemos nossa suspeita comprovada ao realizarmos em laboratório a reconstituição das formas dos recipientes; com efeito, as tijelas e pequenos vasos estiveram presentes nos acampamentos e os vasos de grandes dimensões apenas nos aldeamentos. Não conseguimos reconstituir, pela ausência de bordas, formas de grandes vasos para a Fase Praia Grande os quais deveriam existir em virtude da grande espessura de seus cacos e também pelo fato de que sepultamentos em grandes urnas foram encontrados pelos trabalhadores no local do aldeamento.

D — Datações relativas e absolutas

Os Tupi-Guarani, que se fixaram recentemente no litoral, não podiam deixar de estar incluídos na faixa "c" de antiguidade relativa (3.000 a 500 anos atrás) que estabelecemos para os sítios conchíferos mais recentes situados nos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara.

Dall'Igna Rodrigues (1965) numa pesquisa lingüística baseada nas percentagens de cognatos recua até 5.000 anos a idade de todo o Tronco Tupi-Guarani e a 2.500 anos o da família Tupi-Guarani. Chama a atenção para o fato de que tôdas as famílias lingüísticas do Tronco Tupi, até agora conhecidas, se encontram na região do Guaporé e acredita que aí deve ser procurado o centro de difusão do Proto-Tupi. Considera curiosa a difusão da família Tupi-Guarani e sugere um exame mais detido dos componentes dessa família para preencher lacunas atinentes às migrações desses povos.

De modo geral lingüístas e etnólogos acreditam que a chegada dos Tupi à costa deu-se cerca de 1.500 anos atrás.

Informações verbais transmitidas por Dias Junior dão uma antiguidade de cerca de 1.000 anos (datação absoluta pelo método C14) para os sítios da Fase Guaratiba que ao que tudo indica parece corresponder à nossa Fase Jequié. Ao tentarmos estabelecer a extensão espacial desta Fase conseguimos identificá-la em escavações num sítio em S. Pedro da Aldeia no Estado do Rio de Janeiro.

A Fase Governador começou antes dos primeiros contatos com o europeu. Assemelha-se em alguns casos à cerâmica descrita na Fase Calundu (Dias Junior, 1967) embora em nosso caso a cerâmica Neobrasileira seja decorada.

Seria a Fase Praia Grande a mais antiga das Fases de Tradição Tupi-Guarani desta parte da Costa? Comparada à Fase Jequié ela é bem mais grosseira e difere dela ainda pelo fato de não haver seleção do antiplástico.

No estado atual de nossos conhecimentos não estamos em condições de tecer considerações sobre os aspectos temporais e espaciais desta Fase. O que sabemos com certeza é que esta tradição com motivos pintados em vermelho ou vermelho e preto sobre engôbo branco é comum a tôdas as Fases cerâmicas por nós identificadas como pertencentes à Tradição Tupi-Guarani.

BIBLIOGRAFIA

- COUTINHO BELTRÃO, M. da Conceição de M. e L. M. KNEIP
 1967 — Arqueologia e Geomorfologia: tentativa de uma abordagem interdisciplinar. **Boletim Carioca de Geografia**, XVIII. Rio de Janeiro.
- DALL'IGNA RODRIGUES, Aryon
 1965 — A Classificação do Tronco Lingüístico Tupi. Separata do vol. 12, n.º 1 e 2 da **Revista de Antropologia**. São Paulo.
- FERNANDES, Florestan
 1949 — Organização Social dos Tupinambá. — **Revista do Museu Paulista**, N. S., III. São Paulo.
 1952 — A função social da guerra na sociedade Tupinambá. **Revista do Museu Paulista**, N. S., VI. São Paulo.
- LINNÉ, S.
 1925 — **The Technique of South American Ceramics**. Göteborgs Kungl. Veteuskans — och Vitterhets — Samhälles Handlingar XXIX, 5: IV. Göteborg.
- MEGGERS, Betty J. and EVANS
 1958 — Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, XLVI: 9—32. Rio de Janeiro.
- MÉTRAUX, A.
 1927 — Les migrations historiques des Tupi-Guarani. **Journal de la Société des Américanistes** de Paris, N. S., XIV. Paris.
 1928 — **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris.
- NETTO, Ladislau
 1885 — Investigações sobre a Archeologia Brasileira. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, VI: 257—556. Rio de Janeiro.
- NEVES, Aldemar
 1943 — Cerâmio de Sapucaia. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, 15: 40—50. Vitória.
- SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS
 1966 — Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Manuais de Arqueologia**, Centr. Ens. Pesq. Arq., Curitiba.
- WILLEY, Gordon R.
 1949 — Ceramics. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, XXIX, 5: 139—204. Washington.

NOTAS

- (1) Data em que um dos autores (Becker, no prelo) elaborou o capítulo "Documentos sobre a pré-história dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara" para integrar o livro "Documentos sobre a pré-história do Brasil Meridional", coordenado pela Dra. Laming.

FASE MUCURI (Estado do Rio de Janeiro)

Algumas Considerações

ONDEMAR DIAS (*)

I — Introdução

A fase Mucuri foi determinada durante o II.º e III.º ano do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) no Estado do Rio de Janeiro (1). Os resultados aqui divulgados são procedentes da análise de material coletado em cinco sítios cerâmicos.

A fase Mucuri distribui-se no rio Paraíba, tendo como limites conhecidos a cidade de Campos e, penetrando pelos seus dois afluentes, o Grande e o Preto (margem direita) até a região de S. Sebastião do Alto e Trajano de Moraes.

O meio ambiente é relativamente variado. Estende-se êle da região sedimentar de Campos às "encostas rebaixadas da serra do Mar" (Lamego 1963: 11/s), nas proximidades da cidade de S. Fidélis, onde, segundo o mesmo autor, inicia-se o baixo curso do Paraíba.

Da cobertura vegetal antiga, Floresta Latifoliada Tropical, muito pouco resta. Atualmente a região é predominantemente agrária (pastoreio, monocultura açucareira e policultura), com alguma exploração mineral (calcáreo).

A caça é muito restrita. Animais de pequeno porte.

O clima da região é o Aw de Köppen (do litoral) ou, segundo Galvão (1967: 18/19) o Subtermaxérico, tropical quente e úmido, com precipitação anual que pode atingir 3.000 mm.

II — Os sítios Arqueológicos

Dos cinco sítios que compõem a fase, três são abrigos sob rocha. Todos êles situados à meia encosta de colinas rochosas, onde predomina o gnaiss. Sômente um apresenta condições habitacionais (RJ—GP—8 — Toca dos Caboclos). Neste sítio, a área coberta tem cerca de 30 m². Embora possua um solo profundo, observamos, pelo corte aberto, que a ocupação foi superficial. Daí retiramos cerâmica, contas de ossos e restos de mamíferos e aves.

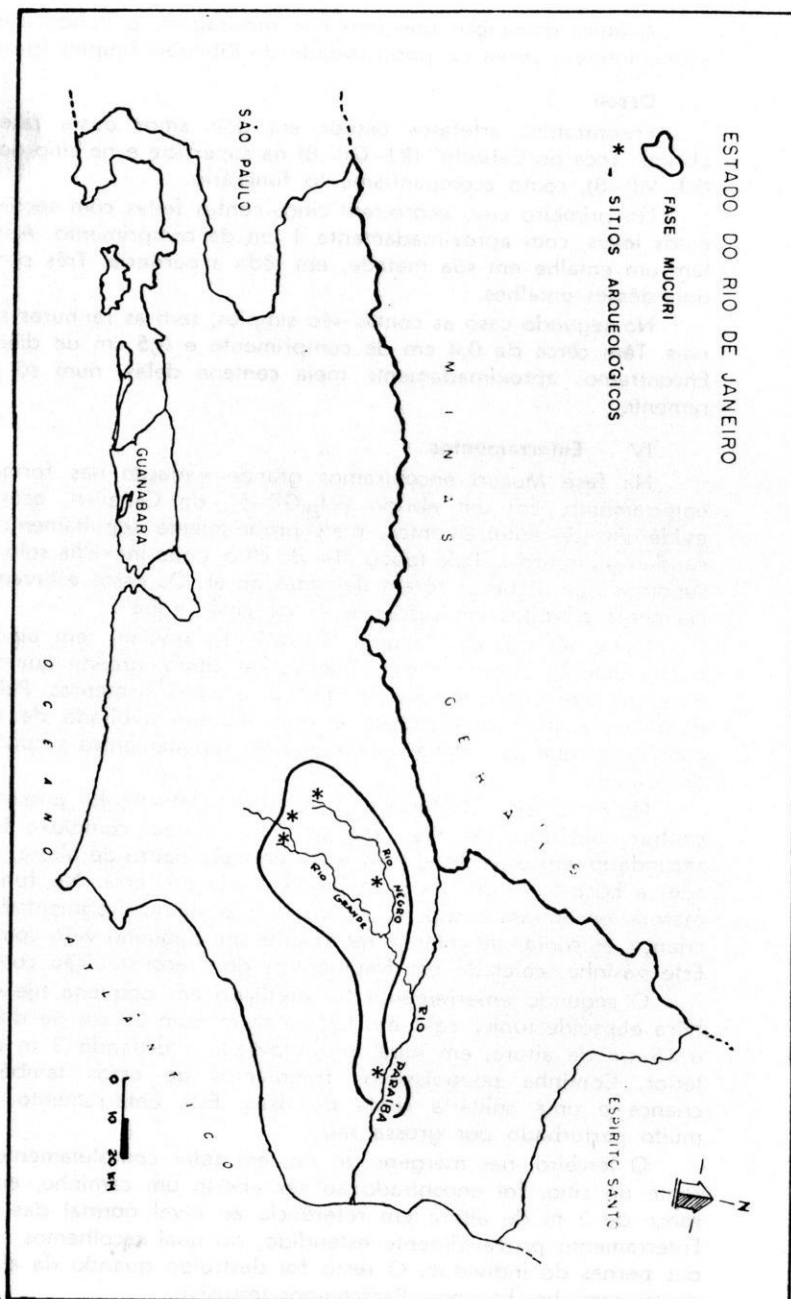
(*) Do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO



FASE MUCURI

* - SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



Outro abrigo, de reduzida área coberta, apresentou pouca cerâmica superficial e, numa prateleira situada a cinco metros de altura, grande quantidade de ossos humanos, sem qualquer acompanhamento funerário.

O terceiro abrigo (RJ-GP-5), do Canavial, pelas reduzidas dimensões, falta de solo e restrita proteção, demonstra ser local de enterramento secundário em urnas. Há tempos demos breve notícia a respeito (Dias: 1964).

O quarto sítio, em campo aberto, em elevação de cota 70 m, foi há tempos revolido pelo arado, que não deixou vestígios superficiais. A cerâmica foi recolhida exclusivamente no nível 0/10 do Corte Estratigráfico aberto (RJ-GP-7).

O último e maior sítio da fase foi o RJ-GP-8, sítio do Caju, no perímetro urbano da cidade de Campos. É o único sítio da fase localizado à beira de um rio de consideráveis proporções, como o Paraíba. Os anteriores, embora próximos de águas correntes, sempre se distanciavam dos rios de algum volume.

Este sítio, parcialmente destruído por um loteamento, está quase que totalmente ocupado por residência particular (2). Mesmo assim foi possível observar que se trata de um sítio habitação, onde recolhemos, em certo trecho, enterramentos secundários. A camada ocupacional aprofunda-se até os 40 cm. Este sítio tem cerca de 4.000 m² e nele abrimos inúmeros cortes, cujos níveis nos possibilitaram verificar a tendência na sequência da cerâmica.

Os sítios são, portanto, tipologicamente diversificados. Desde pequenos abrigos com sinais de habitação, a sítios funerários e sítios de campo aberto. A linha de coesão nos é dada pela cerâmica, pelos artefatos ósseos e pela prática de enterramentos secundários, como se verá pela análise do material.

III — Análise do material. Veja Prancha VII.

Cerâmica — Analisamos um total de 3.105 fragmentos, predominantemente simples (80% aproximadamente). A seriação foi estabelecida pela diferença no emprêgo do tempêro. Consideramos "grosso" o antiplástico de dimensões superiores a 2 mm e "fino", conseqüentemente, o de dimensões menores. O primeiro tipo foi denominado Mucuri Simples e o segundo, Ribeirão Simples.

Pasta: Método de manufatura — predominou o acordelamento, embora peças pequenas tenham sido modeladas. Os roletes, quando destacados, mostram ter dimensões medianas (de 1 a 2,5 cm). A espessura das peças varia de 0,4 a 2,5 cm.

Tempêro: Houve certa variação. O quartzo predomina, sobretudo no Mucuri Simples, mas o feldspato é muito notado. Grãos minúsculos de hematita são encontrados disseminados na pasta e se relacionam, sobretudo, ao feldspato. Por outro lado, no quartzo predominando notamos a ocorrência de lamínulas de mica na superfície das peças. Há certa associação de cacos grossos com tempêro grosso e vice-versa.

Textura: Regularmente coesa. Fragmentação nem sempre acompanhando a solda dos roletes, que, normalmente, estão bem ligados. Casos de peças pouco coesas, mas predomínio, conforme dissemos, da textura regular.

Queima — Grande quantidade de peças com coloração negra, proveniente de oxidação muito incompleta, retendo alta percentagem de carbono na pasta, não eliminado durante a cocção. Poucas peças com queima completa.

A coloração varia com a queima, mas há uma tendência acentuada para o cinzento.

Dureza — Variável. Geralmente 2,5 a 3,5 na escala de Mohs.

Superfície: O tratamento foi bastante regular. Existem faces bem alisadas, quase polidas, sendo raras as marcas provocadas pelo deslizamento do grão do tempêro.

Decoração:

A decoração encontrada é exclusivamente plástica e ocorre em cerca de 20% dos fragmentos.

Predomina o Polido Estriado, em todos os sítios. O Entalhado é restrito a um único sítio, assim como o Acanalado. As decorações são nítidas.

A pasta é semelhante ao tipo Simples, assim como o tratamento das superfícies não decoradas.

Formas:

São exclusivas da cerâmica simples as formas: Tijelas de paredes redondas e bordas diretas ou extrovertidas e vasos de paredes inclinadas para fora com borda direta. Exclusivas das decoradas são as formas: Vasos de paredes inclinadas para fora com bordas extrovertidas (Polido Estriado); Vasos globulares de bôca constrita (Pol. Est. e Acanalado); vasos com paredes inclinadas para o interior e borda extrovertida (Pol. Est.) e vaso com borda reta em bôjo carenado e borda extrovertida, pescoço reto também em bôjo carenado (Pol. Estriado). A tijela só foi encontrada com o Entalhado, num sítio único. Tijela de borda cambada.

Seqüência:

Não foi possível determinar com clareza, pela seriação dos sítios, possíveis caminhos ou rotas de difusão. Pudemos, no entanto, verificar que ocorre uma variação nítida na freqüência dos tipos. Assim, a cerâmica simples, com tempêro grosso (Ribeirão Simples) diminui à medida que aumenta a popularidade do Mucuri Simples (fino). Nas formas verificamos que na parte inferior do gráfico é mais popular o vaso com as paredes inclinadas para o interior, diminuindo a ocorrência, para o alto da seqüência, em favor do vaso com paredes inclinadas para fora. A forma tijela de paredes arredondadas predomina no meio do gráfico.

A única decoração que deu boa mostragem, o Polido Estriado, acompanhou a curva de popularidade do Ribeirão Simples (grosso).

Ósseo

Encontramos artefatos ósseos em dois sítios desta fase. No abrigo "Toca do Caboclo" (RJ-GP-8) na superfície e no sítio do Caju (RJ-MP-8), como acompanhamento funerário.

No primeiro caso ocorreram cinco contas feitas com secções de ossos leves, com aproximadamente 1 cm de comprimento. Apresentam um entalhe em sua metade, em toda a periferia. Três possuem dois desses entalhes.

No segundo caso as contas são simples, sem as ranhuras seccionais. Têm cerca de 0,4 cm de comprimento e 0,5 cm de diâmetro. Encontramos aproximadamente meia centena delas, num só enterramento.

IV — Enterramentos

Na fase Mucuri encontramos grande variação nas formas de enterramento. Em um abrigo (RJ-GP-5), do Canavial, ocorreram evidências de enterramentos, mais propriamente sepultamentos, secundários em urnas. Pela topografia do sítio, onde inexistia solo, presumimos que as urnas foram deixadas ao ar. Os ossos estavam parcialmente envoltos em cascas secas de cipó "imbé".

Outro abrigo, do Palmital (RJ-MP-1), revelou, em uma prateleira natural, situada a cinco metros de altura, grande quantidade de ossos sem conexão e sem quaisquer acompanhamentos. Pela exigüidade do local de depósito e pelo número avultado de restos, concluímos que se tratava igualmente de sepultamentos secundários, ao ar-livre.

No maior sítio da fase, o do Caju (RJ-MP-8), foi possível encontrar evidências de três enterramentos. O mais complexo foi um secundário, em urna. Esta, com cerca de meio metro de altura, estava com a boca a 20 cm da superfície e cheia de terra. No fundo da mesma encontramos alguns poucos ossos muito fragmentados de criança, as contas de colar já referidas e um pequeno vaso com bico. Este vasinho, coletado em fragmentos, deu reconstrução completa.

O segundo enterramento foi efetuado em pequena tijela, com boca elipsóide (único caso em toda a fase), com 30 cm de diâmetro e 15 cm de altura, em igual profundidade e distando 3 m da anterior. Continha pouquíssimos fragmentos de ossos também de criança e uma solitária conta de osso. Este enterramento estava muito perturbado por grossa raiz.

O terceiro, nas margens do rio, em setor completamente diferente do sítio, foi encontrado ao ser aberto um caminho, em barranco de 3 m de altura em referência ao nível normal das águas. Enterramento provavelmente estendido, do qual recolhemos a parte das pernas do indivíduo. O resto foi destruído quando da abertura do tal caminho, há anos. Pareceu-nos intrusivo.

V — Conclusão

Esta fase, pertencente à tradição Una (Dias Junior: 1967) tem semelhanças com a Fase Una, tanto na cerâmica quanto na quase inexistência do material lítico. Este, não mencionado na descrição do material, restringe-se a dois quebra-côcos elipsóides de diabásio. Tem limites, pelo que sabemos através das últimas pesquisas, com fases Tupi-Guarani, como a Ipuca (médio e baixo Paraíba) e Itaocara (ao Norte — médio Paraíba). Ainda não se pôde estabelecer relações claras entre estas fases de tradições diferentes. Quanto à relação cronológica, aguarda-se os resultados da datação pelo C-14, de carvão coletado no sítio do Caju. Para a tradição em que esta fase se enquadra, possuímos a datação de 1060 mais ou menos 90 (890 AD) — SI 436, para o nível 80/90 cm do RJ—JC—23, sítio Grande do Rio Una. Na base da análise das características cerâmicas podemos supor que a fase Mucuri é mais recente.

A relação com fases de outros pontos do país são ainda mais difíceis, havendo, porém, certas similitudes com o material escavado por Chmyz (1967) na Paraná (fase Casa de Pedra). Segundo informações pessoais, também no Estado do Espírito Santo ocorre material semelhante em abrigos (segundo informes do prof. Celso Perota).

No ano corrente, 1969, encontramos cerca de 34 sítios de tradição não Tupi-Guarani, no Sul do Estado de Minas Gerais. A abundância deste material naquele Estado, embora com características distintas, talvez explique, em parte, a existência destas fases não Tupi-Guarani no Estado do Rio, área considerada, histórica e etnograficamente, Tupi.

NOTAS

- 1 — O PRONAPA é patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution. Os Coordenadores científicos são os profs. Clifford Evans e Betty Meggers. O autor é responsável pelo Programa nos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Sul de Minas, tendo como Instituições de Pesquisa o Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara e o Instituto de Arqueologia Brasileira.
- 2 — Tornamos público nosso agradecimento ao proprietário do sítio Sr. Mario Magalhães, quem nos forneceu todas as facilidades de pesquisa e acolhida extremamente agradável.

BIBLIOGRAFIA CITADA

CHMYZ, Igor

- 1967 — O Sítio Arqueológico PR—UV—1 (Abrigo sob-rocha Casa de Pedra) — Un. Fed. do Paraná, Curitiba, 40 pp., il.

DIAS JÚNIOR, Ondemar F.

- 1967 — Notas Prévias sobre Pesquisas Arqueológicas nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro — Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: 1965/66, Mus. Par. Emílio Goeldi — Pub. Av.: 6, 89—100 pp., il.
- 1964 — O Abrigo Funerário do Canavial — Cordeiro — RJ — Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira: 2, il. multilit.

GALVÃO, Marília

- 1967 — Regiões Bioclimáticas do Brasil — Rev. Bras. de Geografia: 29 (1) — 3—36 il.

LAMEGO, Alberto R.

- 1963 — O Homem e a Serra — Bibliografia Geográfica Brasileira — C. N. G. IBGE — Rio pp. 8—454 il.

Rio, junho de 1969.

NOVAS MANIFESTAÇÕES DA TRADIÇÃO ITARARÉ NO ESTADO DO PARANÁ

IGOR CHMYZ (*)

Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas
Universidade Federal do Paraná

INTRODUÇÃO

Em fins de 1968 realizamos prospecções arqueológicas num abrigo sob-rocha, em companhia de seus descobridores e professores e alunos da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. Este sítio, que recebeu a sigla PR UV 17: Abrigo Bruacas, dista, a NW da sede do município de União da Vitória, cerca de 26 km. Está localizado na escarpa basáltica que delimita o terceiro planalto paranaense (fig. 1, área ampliada, à pág. 14) na mesma formação em que descobrimos o abrigo PR UV 1: Casa de Pedra. Em linha reta, este sítio dista do Abrigo Bruacas cerca de 12 km (Chmyz, 1967a).

O sítio PR UV 17 está situado entre os vales dos rios Palmital e da Prata, ambos tributários da margem direita do médio Rio Iguaçu. Dista da margem deste último rio aproximadamente 12 km.

Na região podem ser vistas, ainda, porções cobertas pela mata secundária das zonas de araucárias. A parte compreendida pelo abrigo e arredores, foi desmatada há apenas dez anos.

A região sofre as conseqüências de um frio acentuado nos meses de inverno. As geadas são freqüentes no período de março a outubro, principalmente em julho e agosto. A temperatura média anual é de 16° a 17°C (Simões, 1954: 126).

A sua altitude, em relação ao nível médio do mar, é de 950 m.

Quando descoberto, há poucos anos, o abrigo estava intato. Os seus descobridores efetuaram uma pequena sondagem no solo, parализando-a em seguida, ao constatarem a existência do material arqueológico.

(*) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

O Sítio

O abrigo tem formato alongado, contornando o flanco de uma pequena elevação. Praticamente em tôda a periferia do morro existem abrigos como o que está sendo focalizado. Entretanto, aqueles encontram-se entulhados, não permitindo, atualmente, a penetração. Mesmo o abrigo com restos arqueológicos, apresenta-se entulhado nas duas extremidades.

Da estradinha que ladeia o morro, pode-se notar a porção superior do abrigo, cêrca de 10 m acima da mesma. O declive do morro ainda prossegue, após ultrapassar a estradinha, encerrando no não muito extenso vale do Rio da Prata.

A região é muito bem servida por pequenos cursos de água. O mais próximo do abrigo está a 100 m, no fim do declive.

O sítio tem, aproximadamente, 25 m de extensão, 2 m de altura máxima e 8 m de penetração máxima na rocha. Tanto a altura, como a penetração, são muito variáveis. O abrigo é quase dividido por uma série de colunas naturais que ligam o teto e a base, mas permitem a passagem, como portas.

As evidências arqueológicas foram encontradas nos lances que se aprofundavam mais, e, com o teto alto; concentravam-se especialmente ao longo das paredes. Nas partes mais centrais, havia espessos indícios de fogueiras. Nestes restos encontramos alguns cacos de cerâmica, lascas de pedras, ossos de vários animais de pequeno porte, carbonizados ou não, grande quantidade de carapaças de lamelibrânquios e sementes carbonizadas da palmeira Jerivá. Entre os fragmentos de carvões, foi possível identificar o nó de pinheiro.

A camada de ocupação humana jazia entre 5 a 15 cm de profundidade. O terreno arenoso, nesta camada, tinha a coloração cinza. Nas proximidades das fogueiras, a côr cinza ganhava tom mais escuro. Abaixo dos 15 cm, já em terreno estéril, a areia tornava-se avermelhada, e, após 30 cm, amarela clara, como as paredes do abrigo.

O Material Arqueológico

A cerâmica. Nos diversos setores pesquisados, foram coletados 384 cacos de cerâmica. A análise revelou uma predominância da cerâmica sem decoração (90%). As decorações que se manifestaram no sítio, apesar de variadas, quantitativamente pouco representaram (10%).

Estão presentes dois tipos simples, caracterizados pelo antiplástico: **Bruacas Simples**, com antiplástico grosso (grânulos de rochas e quartzo até 5 mm, embora os com 2 e 4 mm sejam mais frequentes; bolas de hematita até 3 mm. Ainda ocorrem raros cacos com conchas moídas e carvão vegetal) e **Pinaré Simples**, com antiplástico fino (com a mesma ocorrência de antiplásticos do tipo anterior, porém selecionados: não ultrapassam de 1,5 mm).

Entre os decorados, estão: **Bruacas Polido Estriado**, **Bruacas Pinçado**, **Bruacas Cestaria Impressa**, **Pinaré Malha Impressa**, com variedades A e B, **Bruacas Ponteado**, com variedades A, B e C, **Bruacas Escovado** e **Bruacas Ungulado**. Veja Prancha VIII.

Julgamos conveniente comentar algumas dessas decorações: o tipo Pinaré Malha Impressa, variedade A, mostra algumas depressões mais ou menos circulares e rasas, formando filas para elas entre si e em sentido oblíquo à borda. As depressões, que se alinham, estão ligadas entre si, porém um pouco afastadas das outras linhas de depressões que correm paralelamente.

O tipo Pinaré Malha Impressa, variedade B, mostra sulcos enfileirados. Estes sulcos, de formato alongado, estão ladeados por elevações equivalentes em proporções aos primeiros. Esta alternância de altos e baixos vai circundando a peça. A fileira de cima é semelhante, porém desencontrada: se na de baixo havia uma depressão, na de cima há uma elevação, e, assim por diante. Nas fileiras subsequentes nota-se a mesma alternância.

Na variedade A, do tipo Bruacas Ponteado, as incisões têm formato retangular, com a extremidade superior arredondada. O eixo maior dos retângulos está orientado no sentido perpendicular à borda. Estes pontilhados formam fileiras que correm paralelamente entre si e em relação à borda.

Nas variedades B e C do tipo Bruacas Ponteado, houve variação apenas na forma da extremidade do objeto com o qual foram praticados os pontos. No primeiro caso, resultaram pontos de forma triangular, e, no segundo, de forma quadrangular. A disposição dos pontos pela superfície das peças é idêntica à comentada na variedade A.

Existem alguns casos, nos quais a decoração era limitada às porções superiores da peça, interrompendo-se nas proximidades da base. Daí em diante a peça era alisada.

O tipo Bruacas Escovado não tem o mesmo aspecto da decoração escovada encontrada na tradição Tupiguarani. Aqui as estrias são pouco profundas e muito finas, dispondo-se em sentido perpendicular à borda.

Para o tipo Bruacas Cestaria Impressa, pode-se usar a mesma descrição que para o Pinaré Malha Impressa, variedade B, com a ressalva de que aqui não se verificam as finas depressões, como as deixadas por fios. Neste caso, as depressões e as elevações são bem regulares, causadas pelas largas talas vegetais.

Para outros tipos, ver **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica** (Parte I, 1966 e Parte II, 1969).

Quanto aos aspectos interno e externo da cerâmica do Abrigo Bruacas, notamos uma semelhança extraordinária com os que descrevemos para a tradição Itararé (Chmyz, 1967b: 67; 1968a: 116; 1969a e b): a mesma característica da pasta, da coloração das superfícies e do afloramento dos antiplásticos.

Também nas formas e dimensões do vasilhame, encontramos identidade perfeita com aque'a tradição. A classificação das formas foi efetuada segundo os padrões estabelecidos para a tradição Itararé. Estão presentes, no Abrigo Bruacas, as seguintes formas: 1, 2, 3, 5A, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 11A (ver fig. 1 em Chmyz, 1968a: 118).

A espessura dos cacos varia entre 3 e 11 mm, sendo mais comuns os entre 5 e 7 mm. Os diâmetros verificados nas bôcas das peças variam entre 8 e 16 cm, predominando entre 10 a 14 cm. Ocorrem bases arredondadas, planas e côncavas.

A dureza, segundo a escala de Mohs, varia entre 2 a 3,5, predominando a 3.

Discos de barro. Ocorreram dois fragmentos de discos elaborados em argila, com duas perfurações na parte central. Estes "botões" tinham, respectivamente, 35 e 45 mm de diâmetro. A espessura, em ambos os casos, era de 7 mm na parte central, afinando-se gradativamente para as porções periféricas. Os dois discos foram confeccionados com argila com antiplástico grosso, e, posteriormente, queimados.

Polidor. Um fragmento de cerâmica do tipo Polido Estriado apresentava todos os lados bastante desgastados pela operação de polir ou alisar.

Faca de concha. Este artefato foi confeccionado numa valva de lamelibrânquio. Carapaças da mesma variedade de molusco, foram encontradas em quantidade no abrigo. Do artefato resta a metade. Na borda oposta a ligamentar, foram praticadas várias incisões que lhe deram o aspecto de serra.

Artefatos líticos. Durante as prospecções coletamos 82 fragmentos de rochas de vários tipos. Dêstes, apenas 8 mostravam sinais de trabalho. Entre os núcleos com evidências, havia um raspador lateral e um seixo rolado, de formato alongado, com picoteamentos em dois lados simêtricamente dispostos de uma extremidade. Entre os artefatos elaborados sobre lascas, classificamos: raspadores com escotadura e terminal, facas e um polidor plano. Os artefatos foram elaborados sobre arenito fritado, diabase e sílex.

Em alguns artefatos nota-se o lascamento por pressão.

Petroglifos. Nas paredes arenosas do abrigo constatamos a existência de conjuntos gravados. Os mais freqüentes são os círculos que formam alinhamentos paralelos. Estes círculos têm, em geral, 2 cm de diâmetro e cerca de 5 mm de profundidade. Outros conjuntos representavam sulcos alongados como os causados pelo polimento de artefatos de pedra.

Correlações

A descoberta do sítio PR UV 17: Abrigo Bruacas, reveste-se de grande importância por permitir uma série de correlações entre os quatro Estados sulinos brasileiros.

As evidências do abrigo estão estreitamente relacionadas com a tradição Itararé. Ao definirmos esta tradição cerâmica em recente trabalho (Chmyz, 1968: 116), comentamos sua área de dispersão, evidenciada por suas características marcantes. Foi localizada inicialmente nos vales dos Rios Itararé e Paranapanema (fase Itararé). Posteriormente, nos vales dos Rios Ivaí e Iguaçu. Constatamos, também, que a cerâmica Itararé aparecia, de maneira intrusiva, em muitas fases da tradição Tupiguarani (especialmente nas subtradições Corrugada e Escovada). Também, na camada superficial de alguns sambaquis do litoral paranaense e catarinense.

Com a seriação efetuada com os sítios da fase Açungui (tradição Itararé), pesquisados no alto e médio Rio Iguaçu, obtivemos um possível movimento migratório deste povo, descendo o curso do mesmo. O último grupo de sítios desta fase foi localizado no vale do Rio Potinga, afluente da margem direita do médio Rio Iguaçu, 50 km a nordeste do abrigo Bruacas.

Entretanto, em tôdas as manifestações que estudamos, até agora, da tradição Itararé, seja na fase Itararé, seja na fase Açungui, a tipologia apresentou-se constantemente, como: cerâmica simples, dividida em dois tipos, segundo o antiplástico, e, um tipo com engôbo vermelho, não muito pouplar. No abrigo Bruacas, surge, pela primeira vez, um grupo de decorações. No conjunto cerâmico, os tipos decorados representam apenas 10%. O restante está dividido pelos tipos simples, com antiplásticos grossos e finos.

A morfologia da cerâmica do abrigo Bruacas é idêntica a das fases Itararé e Açungui, inclusive nas dimensões dos recipientes.

A presença dos tipos decorados no abrigo, representaria o contato do povo de tradição Itararé que o habitou, com outro, portador de cerâmica também e responsável por aquelas técnicas decorativas.

Ao estudarmos as casas subterrâneas existentes nos municípios de Cruz Machado e Bituruna, cerca de 40 km a oeste do abrigo Bruacas, encontramos vestígios cerâmicos que poderiam ser relacionados aos do abrigo. Os cacos cerâmicos ocorreram em aterros, possíveis túmulos, relacionados a fase das casas subterrâneas (fase Catanduva). Apenas um caco estava decorado: mostrava pequenas depressões, como causadas pela impressão da polpa do dedo. Os outros cacos pertenciam ao tipo simples, com antiplástico grosso. Estes cacos estavam bastante erodidos, mas permitiram comparações, como as que comentamos, e, também, com relação à espessura (Chmyz, 1968a e 1969b).

Cerâmica simples, comparável à tradição Itararé, ocorre em Santa Catarina. Piazza e Eble descreveram um sítio cerâmico encontrado no Rio Plate, afluente do Rio Itajaí (Piazza & Eble, 1968). Recentemente, Beck apresentou novos dados sobre cerâmica encontrada na camada superficial de sambaquis do litoral catarinense (Beck, 1968).

A cerâmica encontrada por Bryan na camada superficial do sambaqui do Forte Marechal Luz, também relacionada à tradição Itararé (Bryan, 1961), comentamos, juntamente com outras ocorrências, em trabalho anterior (Chmyz, 1968b). Procuramos, no presente trabalho, o contato da tradição Itararé com o povo ceramista responsável pelas decorações encontradas no abrigo Bruacas.

Schmitz, ao descrever a cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina, fez referências à cerâmica da Base Aérea de Florianópolis, escavada por Rohr (Schmitz, 1959: 298 e 309; Rohr, 1959). As formas das vasilhas lembram muito as de tradição Itararé (ver tábua I do primeiro trabalho citado). As figuras 1 e 1a, da mesma tábua I, mostram um recipiente com a decoração denominada "cuneiforme", "gravada com um estilete". Nota-se uma semelhança desta decoração com o tipo Bruacas Ponteadado, variedade B.

Outro sítio, no litoral catarinense, com grande quantidade de cerâmica comparável, foi escavado por Rohr: a Tapera. Convidados pelo pesquisador, estamos realizando o estudo do seu material cerâmico. Até o momento, cerca de 12.000 cacos já foram analisados. Neste sítio, as evidências predominantes são as de tradição Tupi-guarani. São comuns os traços da tradição Neobrasileira, influenciada pela primeira. Aparecem, associados aos cacos da tradição Tupi-guarani, prováveis cacos de fatura Itararé. A decoração ponteadada (cuneiforme) também está presente na Tapera.

É no Rio Grande do Sul que vamos encontrar a maior incidência de cerâmica com decorações comparáveis às do abrigo Bruacas.

A cerâmica enquadrada na fase Caxias, por Schmitz e seus colaboradores, proveniente da área litorânea e das casas subterrâneas do planalto riograndense, inicia as nossas comparações (Schmitz et alii, 1967: 7 e 8). De um conjunto de 781 cacos analisados, apenas 151 pertenciam ao tipo simples. Os demais enquadravam-se em tipos decorados. Estas decorações (ver pranchas I e II do trabalho citado), assemelham-se às encontradas no abrigo Bruacas. Igualmente, as demais características, como: antiplástico, dureza, espessura das paredes e as dimensões das peças. Infelizmente, o referido trabalho não traz detalhes sobre os perfis de bordas.

A fase Taquara, definida por Miller no nordeste do Rio Grande do Sul, também apresenta muitos traços comparáveis (Miller, 1967: 19 e 20). As evidências desta fase, que devem estar relacionadas à fase Caxias, foram encontradas em casas subterrâneas e em sítios abertos. As decorações registradas no abrigo Bruacas estão presentes na fase Taquara. Entretanto, algumas outras, como também verificamos na fase Caxias, não se fizeram representar naquele abrigo. Parece que os recipientes da fase Taquara atingem dimensões maiores que as que estudamos no presente trabalho. A ausência dos dados sobre perfis de bordas impedem, novamente, uma comparação mais profunda.

Fora do território brasileiro, contamos com o registro de cerâmica feito por Menghin na Província argentina de Misiones (Menghin, 1957). Neste trabalho, Menghin comenta alguns recipientes e cacos cerâmicos encontrados em Eldorado. As figuras 15 e 16 do referido trabalho, estampam peças reconstituídas, sem decoração. Os vasos da fig. 15 são semelhantes a algumas peças que reconstituímos no abrigo Bruacas.

Ao escavar as estruturas circulares (túmulos?), na mesma região, Menghin encontrou novas evidências cerâmicas. Esta cerâmica, "semejante aunque no siempre idéntica con la de la chacra de Moensted", segundo as próprias palavras do autor, apresentava alguns cacos com impressões de cestaria e outros com pontos feitos por objeto pontegudo (Menghin, 1957: 33).

As recentes datações pelo carbono radioativo situam a fase Caxias entre 430 a 1.330 anos da nossa era (SI-607 e SI-608), as fases Taquara e Taquaruçu entre 650 a 1.790 anos da nossa era (SI-601 e SI-599). Não possuímos sítios da tradição Itararé datados por êsse processo. Porém, em alguns sítios da tradição Tupiguarani, que foram datados pelo C-14, aparece a cerâmica Itararé de maneira intrusiva. Estas datas variam entre 820 a 1.190 anos da nossa era (SI-422 e SI-140). A estratigrafia de alguns sítios de tradição Itararé sugere uma antiguidade um pouco maior que a correlacionada com os sítios da tradição Tupiguarani.

A intensificação de pesquisas no Estado de Santa Catarina permitiria uma melhor verificação da área de dispersão da tradição Itararé, mais para o sul, bem como o comportamento desta cultura em relação aos outros elementos ceramistas influenciadores vindos do sul, e que se manifestaram no abrigo Bruacas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BECK, Anamaria
- 1968 — A cerâmica dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina, in Pesquisas (Antr.) 18, Inst. Anch. Pesq. 89—100, 2 fig. São Leopoldo.
- BRYAN, Alan L.
- 1961 — Excavation of a Brazilian Shell Mound, in Science of Man 1 (5), 148—151 e 174, 10 fig. Mentone.
- CHMYZ, Igor et alii
- 1968 — Notas sobre a arqueologia do vale do Rio Itararé, in Rev. Centr. Ens. Pesq. Arq. 1, 5 fig. Curitiba.
- CHMYZ, Igor
- 1967a — O sítio arqueológico PR UV 1 (abrigo sob-rocha Casa de Pedra). Arqueologia 3, Centr. Ens. Pesq. Arq., 41 p, 10 fig, 4 fot., 2 quadr. Curitiba.
- 1967b — Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Rio Parapanema, in Publ. Avuls. 6, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 59—73, 2 fig. 4 est. Belém.
- 1968a — Subsídios para o estudo arqueológico do vale do Rio Iguaçu, in Rev. Centr. Ens. Arq., 1, 7 fig. Curitiba.
- 1968b — Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná, in Pesquisas (Antr.) 18, 115—125, 3 fig. 1 mapa, 1 quadr. São Leopoldo.
- 1969a — Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Rio Ivaí, in Publ. Avuls. 10, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 95—114, 2 fig. 4 est. Belém.
- 1969b — Pesquisas arqueológicas no alto e médio Rio Iguaçu, in Publ. Avuls., 2 fig., 6 est. Belém.
- MENGHIN, Osvaldo F. A.
- 1957 — El poblamiento prehistorico de Misiones, in Anal. Arq. Etnol. 12, 19—40. 19 fig., 1 mapa. Mendoza.
- MILLER, Eurico T.
- 1967 — Pesquisas Arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul, in Publ. Avuls. 6, Mus. Pa. Emílio Goeldi, 15—26, 1 fig., 12 est. Belém.
- PIAZZA, Walter F. & EBLE, Alroino
- 1968 — Arqueologia do vale do Itajaí — Sítio cerâmico "Rio Plate" (SC VI 19), in Blumenau em Cadernos, 11 p. não numeradas, 4 fig. Blumenau.

ROHR, Alfredo

- 1959 — Pesquisas páleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, n.º 1 — A jazida da Base Aérea de Florianópolis, in Pesquisas 3, 199—266, 26 fig. Pôrto Alegre.

SCHMITZ, Pedro Ignacio et alii.

- 1967 — Arqueologia no Rio Grande do Sul, in Pesquisas (Antr.) 16, 58 p., 5 fig., 6 pr., 1 quadr. São Leopoldo.

SCHMITZ, Ignacio

- 1959 — A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea, in Pesquisas 3, 267—324, 18 táb. Pôrto Alegre.

SIMÕES, R. M. A.

- 1954 — Notas sôbre o clima do Estado do Paraná, in Rev. Bras. Geogr. 1 (16), 126—132, 2 quadr. Rio de Janeiro.

TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERÂMICA

1966 — Parte I

- 1969 — Parte II, in Manuais de Arqueologia 1, Centr. Ens. Pesq. Arq. Curitiba.

DISTRIBUCION DE SITIOS ARQUEOLOGICOS EN EL DEPARTAMENTO DE ELDORADO, MISIONES, REPUBLICA ARGENTINA

ANTONIA RIZZO (1)

El Dep. de Eldorado representa un lugar de la provincia de Misiones, donde se encuentran con asiduidad y profusión materiales arqueológicos diversos constituídos por material lítico lascado, por cerámicas no pertenecientes al tipo "guaraní", por puntas de proyectil y también por cerámica "guaraní".

Se trata además de una región donde se comenzaron a efectuar los primeros trabajos sistemáticos en arqueología pudiendo establecer el Dr. Menghin las primeras cronologías relativas para esta provincia y determinar el Altoparanaense.

Dada la importancia de esta zona para nuestros estudios, con ayuda del señor Ulf Monsted poblador de Eldorado y gran colaborador en las investigaciones arqueológicas que estamos llevando a cabo y teniendo en cuenta los trabajos de Menghin elaboramos un mapa tratando de ubicar los hallazgos efectuados hasta el momento por los habitantes de esta región.

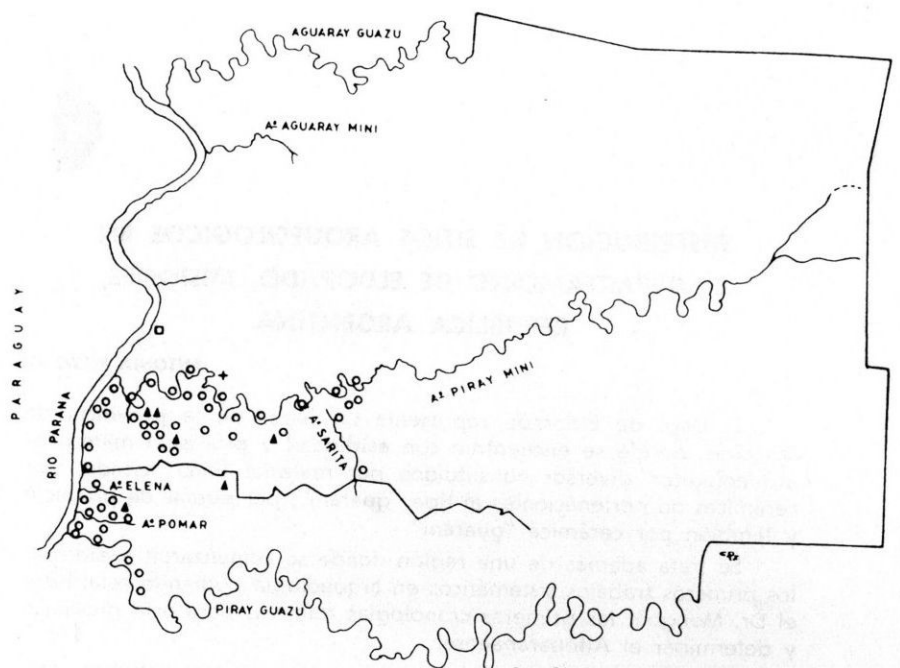
La ciudad de Eldorado situada al N. O. de la provincia está casi completamente rodeada de cursos de agua: el río Paraná, El Piray-guazú y el Piray-miní (dos grandes arroyos que desembocan en el Paraná, nacen en las sierras centrales de Misiones y delimitan la ciudad). En épocas de crecienta estos arroyos cierran totalmente la ruta Nacional N.º 12, invaden los puentes y aíslan la ciudad de sus comunicaciones terrestres. A su vez estos dos grandes arroyos (verdaderos ríos) tienen numerosos afluentes que proveen de agua a muchas chacras de los pobladores.

Por los materiales vistos en Eldorado podemos deducir que:

a) el material lítico aparece en:

- 1) costas del río Paraná, desde el Piray-miní (especialmente en Amoité en la propiedad del señor Hermann Wachnitz), pa-

(1) Becaria del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina.



Dpto. EL DORADO MISIONES

- - Sitios con material lítico trabajado
- ▲ - Sitios con cerámica tipo Eldorado
- + - Sitios con cerámica marrón rojiza pulida con decoración incisa de rayado en diagonal
- - Sitios con cerámica "guarani"

sando por el Puerto viejo y Puerto nuevo de Eldorado hasta la desembocadura del Piray-guazú;

- 2) en los meandros que forman en su curso los arroyos Piray-guazú y Piray-miní;
- 3) que en el curso del Piray-miní y sus afluentes desde la desembocadura al nacimiento, los hallazgos siguen una línea que pasa por la chacra de Wachnitz, H.; los terrenos de Ulf Monsted (Lotes N6-N5-N1) al lote 31-D (Kuenzil, O.), Lote 23-D (Noeller), lote 32-D (Buhl), lote 29-D (Monsted), lote 24-D (Schmidgal), lote 21-D (Fenner), lote 47-D (Kunzi, E.), lote 49-D (Kunzi, C.), lote 42-D (Marcus y Goesseninger), lote 27-D (Beck, E.), continua en el lote 268 (Wachnitz, E.), lote 250 (Schwartzenberg) y lote 262 (Schaefer), llega hasta el puente que pasa a la zona de Victoria en el Piray-miní, lotes 187 y 188 y sigue hasta cerca del arroyo Sarita en el km. 24, lote B (Beck, Cristian);

- 4) que sigue también una línea en el arroyo Piray-guazú desde su desembocadura al nacimiento y en sus arroyitos afluentes. Aparece en la chacra de Arnold, E., lote 2, la. F (Koehler), lote 7, la. F (Beck, Pedro), lote 28 F (Korsager);
 - 5) los arroyos Pomar y Helena afluentes del Paraná;
 - 6) en los caminos secundarios luego de la erosión producida por las grandes lluvias.
- b) la cerámica lisa tipo Eldoradense aparece en:
- 1) lotes N6—N5—N1, 29—D (Monsted); lote 23—D (Noeller), lote 262 (Schaefer, A.), lote 28—F (Korsager) y sitio n.º 29 (chacra hijos Arenhardt);
 - 2) el señor Erhard, R., manifiesta que en su propiedad, en pleno centro de la ciudad de Eldorado, en km. 10, encontró fragmentos de cerámica negra, rojiza y grisácea pulidas, pertenecientes a recipientes pequeños.
- c) Fuera de la jurisdicción de la ciudad y dentro del departamento, pasando el arroyo Piray-miní y hacia el N., en la colonia Victoria aparece cerámica "guaraní", en puerto Victoria, en el km 17 en el centro de la colonia material lítico pulido y alisado y en el Lote 117 — fracción A (Erhardt) puntas de proyectil y cerámica marrón rojiza pulida con decoración incisa de rayado en diagonal;
- d) Puntas de proyectil están apareciendo en lote 24—D (Schmidgal), en lotes N6—N5 (Monsted), en colonia Las Delicias en la ruta provincial que va desde Puerto Delicia a Intercontinental llegando a ruta 101, y en lote 117 — fracción A (Erhardt).

Esta distribución de materiales arqueológicos nos permite afirmar que el Departamento de Eldorado representa un lugar de gran población prehistórica de Misiones por la enorme cantidad y variedad de material que se encuentra y donde una investigación sistemática nos ayudaría a determinar los sucesivos asentamientos humanos y establecer secuencias cronológicas efectivas.

BIBLIOGRAFIA

MENGHIN, Osvaldo F. A.

1955—1956 — El Altoparanaense, Rev. Ampurias, vol. XVII—XVIII, Barcelona.

1957 — El poblamiento prehistórico de Misiones, Anales de Arqueología y Etnología, t. XII, Mendoza.

1960 — Misiones en tiempos precolombinos, Univ. Nac. del Litoral, Rev. Universidad, Santa Fe.

MENGHIN, Osvaldo F. A. y WACHNITZ, Hermann

1958 — Forschungen über die Chronologie der Altoparanákultur, Acta praehistorica II, Buenos Aires.

RIZZO, Antonia

1968a — Un yacimiento arqueológico en la provincia de Misiones: la gruta de Tres de Mayo, Tesis para el Doctorado, Univ. Rosario (en prensa).

1968b — Hallazgos arqueológicos efectuados en un yacimiento en gruta en Tres de Mayo, provincia de Misiones, R. A., Pesquisas, Antropologia N.º 18, São Leopoldo.

1968c — Nuevas prospecciones arqueológicas en la provincia de Misiones, informe presentado al Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA ARMAÇÃO DO SUL

(NOTA PRÉVIA)

Pe. JOÃO ALFREDO ROHR S. J. (*)

MARGARIDA D. ANDREATTA (*)

Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

I. — Situação Geográfica

A antiga Armação do Sul, atualmente, é simples vila de pescadores. Recentemente começou a transformar-se, também, em balneário.

Localiza-se no sudoeste da Ilha de Santa Catarina, ao meio do Estado do mesmo nome. A sua história, porém, remonta ao Brasil-Colônia. O naturalista Saint-Hilaire, cita-a entre as armações, que se estabeleceram em diversos pontos do litoral brasileiro, com o fim de dar caça às baleias e industrializar o óleo do cetáceo. Foi fundada em 1772, sob o nome de "Armação da Lagoinha", em referência à Lagoa do Peri, que fica um quilômetro distante da Armação do Sul. (1)

O sítio arqueológico, estende-se, possivelmente, sobre área de dois mil metros quadrados, sendo delimitado de um lado pelo Oceano Atlântico e do outro, pelo rio, que dá vazão à Lagoa do Peri.

II. — Área Escavada

A parte do sítio, atualmente, em pesquisa, abrange o terreiro murado da casa de veraneio de propriedade do Sr. Antônio Mendes de Souza. Compreende quarenta metros quadrados e atinge dois metros de profundidade, tendo como base, areia de antigas dunas.

Foi estaqueada em setores de quatro metros quadrados, que se situam entre as coordenadas NE-SO e NO-SE e foram aprofundados em níveis artificiais de 10 cm.

III. — Estratigrafia

Registramos, no perfil estratigráfico, níveis distintos da seguinte composição:

(*) Do Museu do Homem do Sambaquí, Florianópolis, SC.

A. — De 0—50 cm, cultura atual com húmus, raízes, grande abundância de cacos de telhas e tijolos e uma estrutura de pedras maciças com calça, areia e conchas moídas, remanescente das antigas instalações da Armação da Baleia.

Associados à cultura atual, foram encontrados quarenta cacos de cerâmica, possivelmente, neobrasileira. No entanto, nada podemos afirmar em definitivo, de vez que, nos sítios de Caiacanga-Mirim e na Tapera, análogos ao da Armação do Sul, ocorreu cerâmica, apenas, em determinadas áreas, podendo o mesmo suceder na presente pesquisa, o que verificaremos com o prosseguimento dos trabalhos.

B. — De 50—80 cm, terra de côr escura, com tendência ao amarelo-escuro, misturada com areia fina e conchas, estas, via de regra, na base do mesmo nível compacto.

C. — De 80—110 cm, areia de côr castanho-escuro, algumas vêzes com tendência a côr de café, pouco compacto.

D. — De 110—190 cm, areia de côr clara e pouco compacta.

E. — De 190 cm em diante, areia clara das dunas, embaçamento do sítio.

IV. — Material lítico

Este é bastante representativo, em relação à área escavada, até a presente data. A matéria-prima é o diabásio, andesito e granito, seguido do quartzo. Compreende grande número de seixos utilizados nas extremidades ou em ambas as faces, possivelmente, como batedores, amoladores ou quebra-coquinhos; artefatos bifaciais polidos: machados, tembetás, pingentes e fragmentos de bordos ativos ou passivos de machados; e artefatos lascados: machados, pontas, chopping-tools, núcleos, raspadores, lascas e matéria corante.

V. — Material ósseo

Ocorre enorme quantidade de ossos de peixes em todos os níveis. São numerosas, também, as ossadas de cetáceos.

A indústria óssea, no entanto, é mais pobre que a lítica. É representada por pontas de projéteis, simples e duplas; vértebras de peixes perfuradas; fragmentos de ossos de baleia carbonizados; Ossos de mamíferos e aves, uma vez, associados a esqueletos humanos; outras vêzes dentro de fogueiras.

VI. — Material conchífero

É representado pelas seguintes espécies da fauna malacológica: Olivancillaria brasiliensis Chemnitz.

Phacoides pectinatus Gmelin

Ostrea arborea Chemnitz

Donax hanleyanus Philippi.

Foi coletada uma valva de *Ostrea arborea*, com evidências de uso em uma das extremidades, utilizada, possivelmente para cortar ou sectionar.

VII. — Fogueiras ou covas culinárias

Foram encontradas, principalmente, no nível de areia e caracterizam-se pela presença de cinza, carvão, abundância de ossos de peixe e de baleia calcinados e valvas de moluscos fragmentadas, igualmente calcinadas. Associados a estas evidências, eram encontrados fragmentos de rocha, gretados pelo fogo, artefatos inteiros ou quebrados e espinhos de ouriço. As fogueiras possuíam, em média, dois metros de diâmetro (Prancha IX).

VIII. — Núcleos de ocre

Assim denominados por se tratar de blocos compactos de ocre vermelho (hematita), com diâmetro de 60–70 cm e 25 cm de espessura. Associados ao ocre, ocorrem fragmentos de limonita, bolotas de argila, valvas fragmentadas e, mais raramente, fragmentos de rocha. Convém notar, que registramos estes núcleos, em número de cinco, todos próximos a sepultamentos, que se apresentaram envolvidos em ocre vermelho (Sepultamentos 7, 27 e 28). (Prancha IX).

IX. — Sepultamentos

Foram registrados trinta sepultamentos na área pesquisada, porém, apenas, dezoito foram retirados, até o momento. Os demais serão estudados com o prosseguimento dos trabalhos (Prancha X).

São dignos de registro os seguintes detalhes, referentes aos sepultamentos:

- Dez achavam-se estendidos em decúbito ventral (Veja também Rohr, 1966: 13).

- Seis estavam estendidos em decúbito ventral.

- Em dois não foi possível determinar a disposição, por se estenderem sob o muro, que cerca a propriedade.

- Sete dos esqueletos tinham o crânio orientado em sentido leste e os demais em outros sentidos.

X. — Mobiliário funerário

Dezesseis esqueletos tinham associado rico material arqueológico, constando de:

- Machados polidos e tembetás (Sepultamentos 2, 28, 29).

- Fragmentos de rocha, de seixos e de artefatos (Sepultamentos 4, 3, 5, 7, 13, 17, 23).

- Ossos de baleia, fragmentos de costelas e vértebras (Sepultamentos 5, 8, 10, 13, 17, 27).
- Pontas de osso (Sepultamentos 4, 22, 29).
- Dente de mamífero trabalhado (Sepultamento 5).
- Envolvidos em ocre vermelho (Sepultamentos 6, 7, 28, 29).

XI. — Considerações finais

Em vista de as escavações se acharem apenas em sua fase inicial, nenhuma conclusão definitiva, por ora, pode ser feita. Observamos o seguinte:

- trata-se de um sítio não-cerâmico;
- o material lítico se apresenta polido e lascado;
- a indústria óssea contém pontas de projéteis (simples e duplas), fragmentos seccionados e vértebras de peixes perfuradas;
- fogueiras ou covas culinárias com restos de ossos de peixes, mamíferos marinhos e terrestres, calcinados;
- núcleos de ocre vermelho (hematita) associados a esqueletos;
- sepultamentos estendidos em decúbito dorsal e ventral;
- abundante mobiliário funerário junto aos sepultamentos.

NOTAS

1. SAINT-HILAIRE, A — Viagem à Província de Santa Catarina, Ed. Nacional, São Paulo, 1820, S. 5.^a v. 58: 252.
2. ROHR, J. A. — Exploração Sistemática do Sítio da Praia da Ta-pera, Pesquisas, Antropologia nr. 15, 1966, São Leopoldo: 1—20.

CACHIMBOS DO RIO GRANDE DO SUL*

ITALA IRENE BASILE BECKER ()**

PEDRO IGNACIO SCHMITZ

INTRODUÇÃO

Os cachimbos que estudamos fazem parte do acervo do material indígena do Estado do Rio Grande do Sul. Alguns parecem tipicamente indígenas, outros europeus ou resultantes do contato com o branco. Alguns exemplares provêm de coletas ou pesquisas de campo, outros de doações ou coleções particulares, que nos foram cedidas para análise. Os exemplares estudados, em geral, estão bem conservados, embora alguns apresentem uma ou mais pequenas fraturas. Incluímos, entretanto, ao lado destes, um número significativo de fragmentos. Estes fragmentos, ora de forninho, ora de porta-boquilha, às vezes são muito pequenos e não permitem a reconstituição da forma, razão porque os consideramos simplesmente como "fragmentos". Pertencem, em sua maior parte, aos cachimbos de tipo europeu; indicamos a quantidade quando descrevemos o tipo ao qual possam pertencer.

Os cachimbos analisados pertencem a cinco coleções, nas quais a procedência está geralmente indicada. No quadro, ao fim do trabalho, damos um apanhado geral dos exemplares analisados. A maior coleção, com 45 exemplares, é a do Instituto Anchieta de Pesquisas, de São Leopoldo, RS, que reúne a coleção do antigo Seminário Central da Imaculada Conceição e os exemplares de pesquisas recentes; segue a Coleção do Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul, com 33 exemplares e 3 fragmentos; a Coleção da Escola Normal Martin Luther, de Estrêla, com 11 exemplares; a Coleção de Rio Grande, pertencente a nosso colega, Prof. Guilherme Naue, com 2 exemplares inteiros e 33 fragmentos; a Coleção particular do colega Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, de Hamburgo Velho, com 2 exemplares.

(*) Trabalho realizado dentro do Projeto do Vale do Rio Pardo, com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas, por pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas.

(**) Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas; Pesquisadora do Departamento de Ciência e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, à disposição do Instituto Anchieta de Pesquisas.

Por motivos vários não incluímos as outras coleções existentes no Estado.

Da Coleção do Instituto Anchietano de Pesquisas alguns exemplares foram anteriormente descritos no Anuario do Estado do Rio Grande do Sul, Anno XXI, 1905, Pôrto Alegre, no artigo intitulado "Os Aborígenes do Brasil sob o ponto de vista ethnologico" de Pe. Ambrosio Schupp, S. J., 263 ss. Não foram, entretanto, classificados naquela ocasião.

No presente estudo de classificação e comparação atendemos a dois aspectos: à forma e ao material de que são feitos os cachimbos. Para a primeira seguimos em linhas gerais a classificação de Antonio Serrano in "Arqueologia Brasileira — Subsídio para a Arqueologia do Brasil Meridional", 1937, São Paulo, 28 ss. Quando julgamos necessário incluímos outras subdivisões além das ali indicadas, levando em consideração não só as características gerais da peça, mas também as particularidades da mesma. Atendemos especialmente para o tipo de forninho e seu formato, e a seção do porta-boquilha (tubo de aspiração). Quando êstes elementos não nos parecem suficientes para uma subdivisão, simplesmente descrevemos os exemplares em separado, com todos os detalhes, colocando-os no tipo de que mais se aproximam. Assim, transferimos o subtipo "piriforme", colocado entre os Angulares, para o tipo Tubular. O esquema resultante é, pois, basicamente o mesmo de Antonio Serrano.

Tipo	Subtipo	Variedade
1 — Tubular	a — cônico	reto curvado
	b — tronco-cônico	reto curvado
	c — piriforme	
2 — Forninho		
3 — Monitor		
4 — Angular	a — de porta-boquilha curta	
	b — de porta-boquilha longa	

As subdivisões menores são colocadas dentro do corpo do trabalho junto aos subtipos correspondentes.

Quanto às medidas que são indicadas, consideramos, no tamanho da peça, duas medidas básicas: o comprimento e a altura máximas. Para o comprimento tomamos a medida correspondente ao todo da peça no sentido horizontal (do corpo do forninho à extremidade oposta); para a altura tomamos a medida correspondente à altura do corpo do forninho. Nos cachimbos de tipo Tubular, só consideramos o comprimento e o diâmetro maior. Para as medidas das partes

do cachimbo tomamos, no forninho, a profundidade e o diâmetro (internamente) e para a chaminé o comprimento (de seu ponto inicial junto à base do forninho ao extremo oposto) e o diâmetro.

Para a análise do material seguimos as técnicas tradicionais de descrição; os resultados encontram-se na segunda parte.

Para a referência das coleções convencionamos designar simplesmente **Col. São Leopoldo** à Coleção do Instituto Anchieta de Pesquisas, de São Leopoldo; **Col. Santa Cruz** à Coleção do Museu do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul; **Col. Estrêla** à Coleção da Escola Normal Martin Luther, de Estrêla; **Col. Rio Grande** à Coleção do Prof. Guilherme Naue, de Rio Grande; **Col. Ribeiro** à Coleção do Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, de Hamburgo Velho.

1 — Cachimbo tipo tubular

“Todos êstes cachimbos têm a forma de cone, de pequena base e grande altura. Seu forninho abre-se na base e tem, na imensa maioria dos exemplares, a forma de funil. A chaminé atravessa a pipa (cachimbo) na linha do eixo do cone, tendo geralmente de 3 a 6 mm de diâmetro.” (Serrano, 1937, 30).

a) **Tubular cônico reto** — São 21 exemplares com as variações, que a seguir apresentamos:

1) Forninho raso e aberto: São 8 cachimbos nos quais o forninho é raso e aberto, sendo seu diâmetro a largura máxima da peça. Pertencem 1 à Col. São Leopoldo, 4 à Col. Santa Cruz e 3 à Col. Estrêla. Estão bem conservados. Um dêles apresenta forma um pouco distinta: o corpo da peça, a partir da boca do forninho, vai estreitando suavemente em direção à extremidade oposta dando-lhe a forma de uma campainha. As medidas das peças variam de 5 a 8,5 cm para o comprimento; o diâmetro do corpo da peça não excede a 2 cm. As medidas do forninho são de 0,8 a 1,8 cm de profundidade por uma abertura (diâmetro) variável de 1,3 a 3,2 cm. Pr. II, 19, 20; Fig. 1, 1.

2) Forninho médio: São 5 exemplares com uma profundidade de forninho, que classificamos de média. Pertencem todos à Col. São Leopoldo. A conservação é pior que a das peças anteriores, tendo um exemplar apenas a metade do corpo. As medidas destas peças variam, para o comprimento, entre 4,5 e 8 cm, e para o diâmetro de 1,8 a 2,4 cm. As medidas do forninho são de 2 a 3 cm de profundidade por uma abertura variável entre 1,8 e 2,2 cm. Pr. I, 21; Fig. 1, 2.

3) Forninho profundo e mais aberto, quase a metade da peça: São 4 exemplares nos quais o forninho corresponde quase à metade da peça e tem uma abertura maior. Os exemplares pertencem à Col. Santa Cruz e estão bem conservados. As medidas das peças variam entre 5,3 e 6,3 cm, por um diâmetro também variável entre 2,8 e 3,2 cm. No forninho as medidas variam de 2,1 a 3,2 cm de pro-

fundidade por uma abertura variável entre 2,2 e 2,7 cm. A largura máxima da peça está na parte correspondente à bôca do forninho. Pr. II, 15; Fig. I, 3.

4) Forninho do tamanho da peça: São 2 exemplares nos quais o forninho ocupa todo o corpo da peça. Pertencem à Col. Santa Cruz. Estão bem conservados. O comprimento das peças é de 6,3 e 7,3 cm, totalmente ocupados pelo forninho, que tem uma abertura máxima de 2,8 e 2,3 cm respectivamente e que vai estreitando em direção à extremidade oposta, onde alcança apenas 3 mm. O diâmetro das peças varia entre 3,5 e 3 cm. Pr. II, 12; Fig. I, 4.

Correlacionamos êstes cachimbos tubulares com os similares de Misiones, Argentina (Menghin, 1962, 59 ss). Os estampados por Ott (1958, 123 s) pertencem aos de forninho profundo.

Ainda na categoria dos tubulares cônicos retos temos um exemplar, que conotamos de atípico. Trata-se da peça de n.º 305A da Col. São Leopoldo, procedente de Bom Jardim, atual município de Ivoti. Está em regular estado de conservação. Pela sua forma básica incluímos a peça entre os tubulares. Distingue-se, entretanto, pelas quatro aletas do corpo, que correm no sentido longitudinal da peça, a partir dos 5 mm da extremidade distal (abertura do forninho) até 14 mm da extremidade oposta, que é afinada, de secção circular e que poderia ser a boquilha. Estas aletas, com 1,5 cm em sua largura máxima foram feitas com o barro ainda molhado e puxado paralelamente, deixando, entre uma e outra, um sulco mais ou menos largo e profundo, em toda a extensão do corpo da peça. Em razão destas aletas o cachimbo se apresenta como tendo quatro lados côncavos, cujos vértices são as extremidades das próprias aletas. O forninho é raso, com 1,5 cm de profundidade por 2,3 cm de diâmetro. A chaminé atravessa toda a peça a partir do centro do forninho e tem um diâmetro uniforme de 5 mm. O cachimbo mede 9,6 cm de comprimento por uma largura máxima de 3,6 cm. As aletas, como a bôca do forninho e a boquilha estão um pouco danificadas. A peça lembra a fruta denominada popularmente "carambola". Foi descrita por Schupp (1905, 267, Fig. 58). Pr. I, 23.

b) **Tubular cônico curvado** — Trata-se de um único exemplar encurvado com as características gerais do tipo. Pertence à Col. Santa Cruz. Tem a superfície brunida e parte do forninho está quebrada. A parte oposta à base do cachimbo é constituída por um achatamento em toda a sua extensão, formando como que um lado. O forninho teria 1,2 cm de profundidade por 2,3 cm de abertura. A chaminé é encurvada e atravessa toda a peça, a partir mais ou menos do centro do forninho; tem diâmetro de 4 mm. A extremidade oposta ao forninho é levemente afinada, o que possibilitaria seu uso direto, sem auxílio da boquilha. O comprimento do cachimbo é de 6 cm por 2,2 cm de diâmetro. Pr. II, 18; Fig. I, 5.

Encontramos cachimbo semelhante na Bahia (Ott, 1944, 124, Fig. 51).

c) **Tubular piriforme** — É uma piteira piriforme, de corpo parcialmente quebrado, maciço, com o forninho escavado; trata-se da peça n.º 323A, da Col. São Leopoldo, procedente de Bom Jardim atual município de Ivoti. O forninho mede 1,8 cm de profundidade por 2 cm de abertura. A chaminé, muito estreita, com 3 mm, parte do centro do forninho e atravessa a peça no sentido do eixo longitudinal até a boquilha, que tem a forma de pequeno e bem pronunciado mamilo. A peça mede 5 cm de comprimento por 3 cm de diâmetro em sua largura máxima. Pr. I, 20; Fig. I, 6.

Todos os cachimbos tubulares são classificados de indígenas.

Nas coleções por nós estudadas não apareceu o subtipo tronco-cônico.

2 — **Cachimbo tipo forninho**

Nesta categoria incluímos, segundo Serrano (1937, 30), "os cachimbos constituídos simplesmente por forninho, dotado de um orifício lateral para a boquilha". Entre os 9 exemplares dêsse tipo, por nós analisados, encontramos apenas duas das formas básicas, a esférica e a tronco-cônica, que denominamos de formas simples. Como aparecem combinações dessas duas formas as colocamos como forninhos de formas compostas.

a) **Forninho simples esférico** — São 4 exemplares, esféricos, pertencentes 2 à Col. São Leopoldo (Pr. I, 22), 1 à Col. Santa Cruz (Pr. II, 17) e 1 à Col. Estrêla. Estão bem conservados. Estes exemplares diferem entre si apenas pelas medidas ou pela decoração plástica. Um único exemplar, da Col. Estrêla, (Fig. I, 11) difere pela chaminé, que desce reta pelo centro da base do forninho, atravessando a espessura total de sua parede de 9 mm e pela borda do corpo do forninho, que termina em lábio arredondado, levemente extrovertido e reforçado, formando um anel externo. O exemplar 301A, da Col. São Leopoldo, (Fig. I, 7) com decoração plástica incisa, em gomos, no sentido do eixo longitudinal da peça, foi descrito e publicado anteriormente (Schupp, 1905, 265, Fig. 5). As medidas destas peças variam entre 2,2 e 3,8 cm por 2,6 e 3,2 cm para o corpo; no forninho as medidas variam entre 1,2 e 2,2 cm de profundidade por um diâmetro variável entre 1,5 e 2,8 cm.

Colocamos estes cachimbos como de cultura indígena. Um exemplar de pesquisas foi encontrado em associação com cerâmica Tupi-Guarani.

b) **Forninho simples tronco-cônico** — Trata-se de 3 exemplares. Pertencente 1 à Col. São Leopoldo (Pr. I, 24), 1 à Col. Santa Cruz e 1 à Col. Estrêla (Fig. I, 8). Estão bem conservados. Os três exemplares diferem entre si pelo tamanho, espessura das paredes (fina e grossa), pela decoração e pela localização do orifício lateral (porta-boquilha). Este orifício tem de 3 a 4 mm de diâmetro; parte às vezes do centro do forninho, ora bem encurvado até a base, ora em ângulo

e muito próximo à borda do forninho, ora direto e próximo à base. O forninho acompanha a forma da peça; sua profundidade é variável entre 1,3 e 2 cm, por um diâmetro variável entre 1,5 e 3,8 cm. A borda do forninho é terminada por um lábio arredondado ou aplanado. O único exemplar decorado (Pr. II, 16; Fig. I, 13), lembra exatamente um dedal de costura; sua decoração é incisa e ocupa toda a superfície da peça, deixando livre a base e parte próxima à mesma. As medidas das peças variam entre 2,3 e 3,7 cm para a altura por uma largura variável entre 2 e 3 cm.

Classificamos estes cachimbos como de cultura indígena duvidosa, à exceção do exemplar de Santa Cruz, que classificamos como europeu.

c) **Forninho composto** — Trata-se de 2 exemplares resultantes da combinação de formas esféricas e tronco-cônica. Pertencem à Col. Santa Cruz. Um está bem conservado e o outro bastante quebrado. Como diferem entre si em vários aspectos, descrevemo-los em separado.

Um dos exemplares tem a pasta grossa, a coloração do tijolo claro, alisamento mediano e decoração plástica por ungulações irregulares. É formado por dois vasos superpostos, Um dos vasos, o que serve de base ao cachimbo, é globular, com estreitamento do gargalo, borda extrovertida e lábio em bisel duplo. Possui o orifício lateral (porta-boquilha) no estreitamento do colo. O segundo vaso, o tronco-cônico, se levanta a partir do estreitamento do colo do primeiro, tendo também a borda extrovertida e o lábio arredondado. O forninho é umbudiforme e mede 4,5 cm de profundidade por 4,3 cm de diâmetro. A peça toda mede 5,6 cm de altura por 4,4 cm de largura junto à boca do forninho. Pr. II, 21; Fig. I, 9.

Classificamos este cachimbo como de cultura indígena.

O outro exemplar é também de pasta grossa, cor marrom escuro, de superfície simples e brunida. Sua forma lembra um pequeno cálice, no qual a parte correspondente ao corpo do forninho teria sido escavada. Embora tendo esta parte quebrada, permite ver a sua forma globular. Da parte central da base do forninho, desce a chaminé com 3 mm de diâmetro, em ângulo, até a metade da base. Esta base é maciça e tem a forma tronco-cônica com estrangulamento na parte média. O que resta do forninho tem uma profundidade de 1,5 cm por um diâmetro de 3,2 cm. O tamanho atual da peça é de 4 cm de altura por uma largura de 3,5 cm na base.

Classificamos este cachimbo como de cultura indígena duvidosa.

3 — Cachimbo tipo monitor

São 9 cachimbos de pasta grossa, dos quais 4 têm as características do tipo monitor: "tem na base a forma de dois troncos piramidais quadrangulares, unidos pela base. Quase na parte média se levanta o forninho." (Serrano, 1937, 30). Outros dois exemplares são

atípicos quanto à base, de seção circular ou cilíndrica e finalmente três outros se constituem numa transição para o tipo monitor, sem contudo se enquadrarem no tipo angular com barbilha "cuja evolução conduz ao tipo monitor" (ibidem, 31). Descrevemos êstes quatro exemplares separadamente. Dos 8 exemplares 4 pertencem à Col. São Leopoldo, 3 à Col. Santa Cruz e 1 à Col. Estrêla. À exceção dos exemplares de Santa Cruz, que estão quebrados, a conservação é boa. A peça n.º 304A, da Col. São Leopoldo, foi descrita e publicada anteriormente (Schupp, 1905, 266). Pr. I, 19.

Os 4 exemplares típicos diferem entre si pela decoração plástica e/ou pelo tamanho (Fig. I, 15 é um dos exemplares). A decoração plástica só aparece em uma peça (Fig. I, 12). É incisa e se constitui de losangos irregulares, contínuos, formando barras e se distribui pelos lados; na base os losangos são mais regulares e se entrelaçam. Quanto ao tamanho, os 3 exemplares de Santa Cruz podem ser definidos como peças pesadas, ainda que estejam quebrados; um dêstes exemplares tem como particularidade a falta de chaminé (parece tratar-se de uma peça em fabricação). As medidas aproximadas para o comprimento variam entre 5 e 7 cm (nos exemplares quebrados) e é de 5 cm para a única peça inteira. As alturas variam entre 1,8 e 3 cm. O forninho tem profundidade variável entre 1,3 e 2,1 cm por um diâmetro que oscila entre 1,5 e 2 cm.

Classificamos êstes cachimbos como de cultura indígena.

A forma típica aparece em exemplares do sul da Argentina (Badano, 1945, Lâmina I, II, III — principalmente n.ºs 43.354, 43.370 e 43.379).

Os 2 cachimbos atípicos têm como diferença a base propriamente dita, que se constitui no corpo da peça. No exemplar de Estrêla (Fig. I, 14), o corpo da peça é formado por um perfeito cilindro, no meio do qual se insere o forninho. Nas extremidades o cilindro continua com seção mais reduzida, estando quebrado. A decoração da peça é incisa, formada por quadrículas irregulares, que lhe cobrem a parte superior. As medidas são de 4,3 cm para o comprimento e 2,8 cm para o diâmetro; a profundidade do forninho é de 2,1 cm por um diâmetro de 2 cm. O outro cachimbo, o 321A, da Col. São Leopoldo, é um sólido que lembra uma amêndoa. É mais ou menos brunido e de coloração marrom enegrecido. Tem 4,8 cm de comprimento por um diâmetro de 1,1 cm. O forninho oblongo, com 2 cm de abertura, por 1,6 cm de profundidade, está encaixado assimetricamente no corpo da peça. Pr. I, 18.

Os outros 3 exemplares, transição para o tipo monitor, pertencem à Col. São Leopoldo. Trata-se das peças 310A (Pr. I, 12), precedente de Conventos, Lajeado. Apenas difere do monitor típico porque uma das duas pirâmides retangulares que formam a base foi seccionada logo após o corpo do forninho, ficando apenas com uma extensão de 1 cm. O forninho é de seção retangular e se destaca, no corpo da peça, por uma borda aplanada de 0,5 cm de

altura. O forninho é arredondado na base e tem 2 cm de profundidade por um diâmetro de 1,8 cm. O porta-boquilha (tubo de aspiração) estreita-se em direção à extremidade proximal do cachimbo, que termina em pequeno mamilo, cuja periferia está um pouco prejudicada. A chaminé, com 4 mm de diâmetro, é levemente inclinada e atravessa toda a extensão do porta-boquilha. A peça mede 10 cm de comprimento por uma altura máxima de 3,5 cm na parte correspondente ao corpo do forninho. O cachimbo dispensaria boquilha auxiliar. O exemplar 330A (Pr. I, 11) é uma peça muito bonita, de coloração marrom escuro, com decoração plástica incisa. Tem o formato aproximado de um charuto, que se expande suavemente em leque rebaixado, terminado por cinco apêndices tronco-cônicos, periféricos (barbilha), com 8 mm de comprimento, dispostos regularmente a uma distância intermédia de 10 a 14 mm. O corpo do forninho corresponde à parte mais alta do cachimbo; começa ali o rebaixamento do leque, que por sua vez constitui a maior largura da peça, descontados os dois apêndices quebrados. O forninho tem uma profundidade de 2,5 cm por 1,8 cm de diâmetro. Tem o lábio aplanado e um pouco danificado. A partir do corpo do forninho, a parte correspondente ao porta-boquilha, começa a estreitar-se até alcançar um diâmetro de apenas 1 cm na extremidade proximal, de seção circular. É atravessada, em toda a extensão, pela chaminé, que parte da base do forninho e se vai alargando até alcançar 7 mm de diâmetro na boquilha. A decoração plástica, incisa, é constituída por motivos circulares ou quadrangulares, regularmente dispostos, que circundam a boca do forninho e se prolongam até a metade do porta-boquilha. O tamanho máximo do cachimbo é de 10 cm de comprimento por 3 cm de altura e 5 cm de largura atual. O terceiro exemplar pertence à Col. Santa Cruz (Riedel — 74); está quebrado no porta-boquilha de seção circular. Constitui-se numa transição para o monitor. Fig. I, 10.

Classificamos todos os exemplares do tipo monitor como de cultura indígena.

Encontramos formas semelhantes na Bahia (Ott, 1944, 125, Fig. 52) e com ressalvas na Argentina (Canals Frau, 1953, 454, Fig. 98; Serrano, 1955, 108, Fig. 28).

4 — Cachimbo de tipo angular

Os cachimbos deste tipo somam o maior número nas coleções por nós analisadas: são 60 peças inteiras ou quase inteiras e mais 37 fragmentos de forninho, de porta-boquilha etc. Pertencem 35 cachimbos e 1 fragmento à Col. São Leopoldo: 15 cachimbos e 3 fragmentos à Col. Santa Cruz; 6 cachimbos à Col. Estrêla; 2 cachimbos e 33 fragmentos à Col. Rio Grande e 2 cachimbos à Col. Ribeiro. Dos fragmentos de Rio Grande apenas 9 possibilitaram o desenho e os restantes, por serem muito pequenos, foram apenas re-

gistrados. Pelas características gerais os agrupamos de acordo com a classificação de Serrano (1937, 29) em angulares de porta-boquilha curta e angulares de porta-boquilha longa.

a) **Angulares de porta-boquilha curta** — São 35 cachimbos, nos quais “as boquilhas têm o corpo do seu forninho tão logo quanto o porta-boquilha, formando ambas partes sempre em ângulo reto” (ibidem, 1937, 33). Pelas suas particularidades os distinguimos em quatro variedades, que descrevemos separadamente.

1 — Porta-boquilha curta, forma típica: São 29 cachimbos pertencentes 14 à Col. São Leopoldo (Pr. I, 13, 16); 9 à Col. Santa Cruz (Pr. II, 3; Fig. II, 3 — Pr. II, 4; Fig. II, 4 — Pr. II, 5 — Pr. II, 6; Fig. II, 7 — Pr. II, 7 — Pr. II, 10 — Pr. II, 8; Fig. II, 2 — Pr. II, 9 — Pr. II, 10); 4 à Col. Estrêla (Veja Fig. II, 1) e 2 à Col. Rio Grande (Fig. II, 9) e mais 23 fragmentos ora de boquilha, ora do corpo do forninho, ora metade da peça. Em geral os cachimbos estão bem conservados à exceção de três bastante quebrados. A decoração plástica em geral é a mesma descrita por Serrano, ibidem: “Os exemplares deste subtipo em sua maioria, possuem na base do porta-boquilha ou na boca do forninho ou em ambas as partes, um acréscimo em forma de anel, com entalhes paralelos. Em outros, duas séries lineares de pontos orlam a boca do forninho e do porta-boquilha”. Outros exemplares são um pouco mais enriquecidos por formas esculpidas em baixo relevo; um exemplar de Estrêla reproduz muito bem, em escultura antropomórfica, a cabeça de um índio (Fig. II, 5); outros são brunidos, sendo um totalmente vidrado. O exemplar 128A, da Col. São Leopoldo, tem um furo de suspensão na base do corpo do forninho. O forninho, em alguns casos desce um pouco inclinado. Destes 29 exemplares apenas 4 não foram feitos em forma (339A, Pr. I, 17 — 142—3, Pr. II, 2, Fig. II, 8 — D 71, Pr. II, 6, Fig. II, 7 — R s.n., Pr. II, 10), distinguindo-se também pelo tamanho das peças, pela pasta e cozimento da mesma e pela decoração plástica num exemplar (Veja Pr. II, 2; Fig. II, 8). Esta decoração consiste de ungulações bem esparsas, irregulares e motivos vegetais incisos, que contornam toda a superfície da peça. Os tamanhos em geral variam de 3,5 a 4,8 cm para o comprimento (com 2 exceções, 2,7 e 6 cm respectivamente para o 339A e 142—3) por uma altura variável entre 3 e 4,2 cm também com exceção nos dois exemplares referidos.

Classificamos estes cachimbos como de cultura européia.

Encontramos similares em Serrano (1938, 164, Fig. 20a); em Barata (1951, 183 ss, Fig. 14, 36, 42, 43, 45, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65 e 66); em Godói (1946, 38, 59, Fig. V) e em Sosa (1957, 217); para o de figura antropomórfica em Ott (1958, 134) e Barata (1951, 183 ss, Fig. 28).

2 — Porta-boquilha curta com grande apêndice — São apenas dois exemplares com particularidades que os distinguem do tipo geral. Pertencem, 1 à Col. Santa Cruz (Pr. II, 1) e 1 à Col. Estrêla (Fig. II, 6). São de conservação média. A distinção está num apên-

dice, que se prolonga a partir da parte dianteira do corpo do forninho e que tem a mesma altura dêste: o apêndice tem aproximadamente a forma de um leque no qual a superfície é decorada por pequenas perfurações circulares e a borda é recortada em pequenos semi-círculos. Toda a superfície da peça é lisa, brunida e de coloração vermelho-tijolo. O forninho, largo ou estreitado na base, é bastante profundo, com 4,3 cm num e 3,2 cm no outro exemplar; a chaminé é larga e mais ou menos uniforme, com 4 mm em toda a sua extensão e parte da base do forninho, atravessando horizontalmente o porta-boquilha de seção quadrangular. O tamanho da peça é de 8,5 cm para o exemplar quebrado, por 6,2 cm de altura e no outro, de 6,5 cm de comprimento por uma altura de 4,2 cm.

Classificamos os dois exemplares como de cultura indígena.

Encontramos êstes cachimbos em Serrano (1937, 29); em Sosa (1957, 219 quadro); em Bianchi (1960—1965, 392, Fig. 1); em Menghin (1962, 65, Fig. 2). Existem outros exemplares em coleções do Rio Grande do Sul. A Dra. Antonia Rizzo nos comunicou que existem também em coleções de Misiones, Argentina (1969, com. pes.).

3 — Porta-boquilha curta e seção poliédrica — São 3 cachimbos de porta-boquilha curta e seção poliédrica, totalmente planos no lado que lhes serve de base. Pertencem à Col. São Leopoldo e estão um pouco quebrados no porta-boquilha. Os exemplares diferem entre si por certas particularidades: no 334A (Pr. I, 9), o lado oposto à base é côncavo e o corpo do forninho é de seção cilíndrica; no 318A (Pr. I, 3) o corpo do forninho é poligonal e se destaca do porta-boquilha; no 131 (Pr. I, 15) o corpo do forninho é retangular. Nos dois primeiros a abertura do forninho é um círculo mais ou menos regular e no terceiro é parabólica; a profundidade do forninho é de 2,5, 3 e 2 cm respectivamente. O porta-boquilha é de seção poligonal e tem, em 2 exemplares, 4 lados e no outro, 8 lados. Diferem também pela pasta, fina ou grossa e pela coloração variável em tons de pardo. O tamanho das peças é de 5,3 cm de comprimento por 3,8 cm de altura no 318A, 6 cm por 3,5 cm no 334A e 5,4 cm por 4,5 cm no 131.

Classificamo-los como de cultura indígena.

4 — Porta-boquilha curta e corpo esferóide — Trata-se de um único exemplar da Col. Estrêla (Fig. II, 13), com o corpo do forninho esférico e o porta-boquilha curto e cilíndrico. O corpo do forninho, uma esfera de 3 cm de diâmetro, é seccionada na parte correspondente à boca. Lembra um pequeno vaso de formato globular, com leve estreitamento do colo, de lábio levemente extrovertido e arredondado. O porta-boquilha, com 1,1 cm de comprimento, é de seção cilíndrica e é atravessado pela chaminé de 4 mm de diâmetro, situada a 1,5 cm da base do corpo do forninho. A peça mede em seu todo 4 cm de comprimento por 2,8 cm de altura e tem 2 cm de profundidade no forninho.

Classificamos êste exemplar de cultura indígena.

b) **Angulares de porta-boquilha longa** — São 25 exemplares com as características gerais do tipo: "seção poliédrica e porta-boquilha comprida" (Serrano, 1937, 33). Pelas suas particularidades os descrevemos como quatro variações:

1 — Porta-boquilha longa, forma típica: São 21 exemplares pertencentes 13 à Col. São Leopoldo; 5 à Col. Santa Cruz; 1 à Col. Rio Grande e 2 à Col. Ribeiro. Em geral estão bem conservados, à exceção de dois bastante quebrados no corpo do forninho e/ou no porta-boquilha. Entre êstes 21, apenas 5 exemplares se distinguem no todo e entre si, razão pela qual os descrevemos em separado. Não fizemos, entretanto, uma nova subdivisão para os mesmos. Entre os exemplares típicos (Pr. II, 11, 13, 14; Fig. II, 15), de porta-boquilha longa, a diferença a registrar seria a inclinação do forninho em algumas peças, a forma cilíndrica do porta-boquilha no 302A (Pr. I, 5) e a decoração plástica existente em apenas três exemplares (72 327A e 312A). No exemplar 72 (Fig. II, 11) a superfície é brunida, quase vidrada e totalmente decorada por leves incisões losangulares. Nos outros dois, a parte oposta à base da peça, é formada por um suave escalonamento com dois degraus bem acentuados no 327A (Pr. I, 2). Esta peça a mais encorpada dentro do todo, tem o mesmo escalonamento também na parte dianteira do corpo do forninho, que pouco se destaca do corpo da peça. As laterais do corpo do forninho são decoradas por incisões em barras, xadrez ou quadrículas. A decoração plástica do exemplar 312A (Pr. I, 14) abrange quase toda a peça; deixa livres a parte dianteira do corpo do forninho e a base do cachimbo, ambas aplanadas. Neste exemplar a decoração plástica consiste em depressões feitas pela pressão dos dedos; são quadrangulares e dispostas regularmente. — Os tamanhos máximos das 22 peças variam de 5,5 a 8 cm de comprimento por uma altura variável entre 3 e 5 cm. A profundidade do forninho varia entre 1,8 e 2,5 cm.

Os cinco exemplares, que se distinguem na variedade acima são:

Peça 12 — Pertence à Col. Rio Grande. Trata-se de um cachimbo europeu, ao qual se atribui origem holandesa, feito em fôrma e em gesso branco. Está quebrado: só possuímos a metade do corpo do forninho com o porta-boquilha e mais fragmentos da mesma. O corpo do forninho é cilíndrico e mede 4,3 cm de altura, sendo quase todo ocupado pelo forninho. O porta-boquilha é longo e fino (3,3 cm na parte quebrada) e situa-se na base do forninho. O corpo do forninho e o porta-boquilha formam um ângulo obtuso. Veja Fig. II, 12. Pertence a um sítio de contato entre indígenas e portugueses (Ver Naue e outros, 1969).

Peça 332A — Pertence à Col. São Leopoldo e procede de Pinhal Alto, no município de Júlio de Castilhos. É uma peça angular, na qual o corpo do forninho, de seção circular, é um prolongamento da base da peça, também de seção circular. Êste prolongamento, que

está quebrado, sobe inclinado até 1,5 cm além da boca do forninho, formando um anteparo na parte dianteira do mesmo. A partir do corpo do forninho, o porta-boquilha é atravessado em todo o seu comprimento pela chaminé, que parte a 2,2 cm da base do corpo do forninho. A peça mede 8,3 cm de comprimento, por uma altura máxima de 4,5 cm. Pr. I, 10.

Peça 342A — Trata-se de um cachimbo angular, com seção circular no corpo do forninho e poliédrica no porta-boquilha. Pertence à Col. São Leopoldo. Procede de Bom Jardim, atual município de Ivoti. Está bem conservada e lembra um cachimbo contemporâneo. O corpo do forninho é um cone invertido de 5 cm de altura e unido posteriormente à parte correspondente ao porta-boquilha de 3,5 cm de largura no ponto de junção. O corpo do forninho, bem como o forninho, são de seção circular. A profundidade do forninho é de 2,5 cm por um diâmetro de 2,1 cm. O porta-boquilha, a partir do ponto de junção, vai estreitando-se lentamente até a extremidade proximal da peça, onde mede 1,3 cm. Pr. I, 4.

Com alguma ressalva o 332A assemelha-se aos descritos por Serrano (1937, 32, Fig. 12,6) e o 302A a um de Badano (1945, lâmina IV, n.º 43.383).

Peça 325A — Assemelha-se ao exemplar anterior distinguindo-se, entretanto, por ter o corpo do forninho formado por um cone truncado e pela menor espessura do porta-boquilha. Pertence à Col. São Leopoldo e procede também de Bom Jardim, atual município de Ivoti. Está com o porta-boquilha quebrado. O corpo do forninho mede 4 cm de altura e tem o lábio aplanado. O forninho tem uma profundidade de 3,1 cm por um diâmetro de 1,6 cm. O porta-boquilha, mais alto que o corpo do forninho, é encimado por um lábio aplanado, que se destaca por uma incisão profunda. É atravessado pela chaminé situada a meia altura deste. O porta-boquilha parece estreitar-se em direção à extremidade proximal da peça. O tamanho atual do cachimbo é de 4 cm de comprimento por 4,4 cm de altura.

Peça 129 — É um cachimbo angular, resultante da combinação de formas geométricas: um cone truncado para o corpo do forninho e uma pirâmide retangular para o porta-boquilha. Aproxima-se dos exemplares acima descritos, distinguindo-se entretanto por ter um aplanamento na parte de junção do cone com o porta-boquilha, formando um lado. Pertence à Col. São Leopoldo e procede de Osório. Está muito bem conservado. Pr. I, 1.

Lembra o exemplar n.º 9, Fig. 12, 32 de Serrano, 1937.

2 — Porta-boquilha longa e seção poliédrica — Trata-se do exemplar 326A, pertencente à Col. São Leopoldo e muito bem conservado. A base da peça é uma pirâmide quadrangular, que termina em barbilha na parte onde se levanta o corpo do forninho, que tem a forma aproximada de um cilindro. O corpo do forninho, bem como o forninho, são de seção circular. Está bem destacado na peça e tem o lábio aplanado. O forninho, levemente inclinado tem 2,6 cm de

profundidade por um diâmetro de 2,2 cm. O porta-boquilha, que é a própria base da peça, mantém em toda a sua extensão quase a mesma largura (2,4 cm); é atravessado pela chaminé, que parte estreita da base do forninho e termina mais alargada na extremidade oposta, necessitando de boquilha suplementar. O tamanho da peça é de 10 cm de comprimento por uma altura máxima de 3,5 cm. Este exemplar foi descrito e publicado anteriormente (Schupp, 1904, Vol. VI, 488 ss). Pr. I, 6.

3 — Porta-boquilha longo, seção polidédrica e encurvado — É um único exemplar com todas as características do tipo angular de porta-boquilha longo. Pertence à Col. de São Leopoldo (311A), procede de Santa Cruz do Sul e está bem conservado. Distingue-se entretanto pelo formato encurvado resultante do seccionamento do vértice do ângulo na parte correspondente ao corpo do forninho. Toda a peça é de seção quadrangular, com estreitamento suave em direção à extremidade proximal. O corpo do forninho tem a mesma seção, tendo o forninho a forma de um cone com 3,2 cm de profundidade e 2,5 cm de abertura. A chaminé parte da base do forninho e atravessa toda a extensão do porta-boquilha. Pelo diâmetro da chaminé em sua extremidade proximal o cachimbo necessitaria boquilha suplementar. A peça mede 10,5 cm de comprimento por uma altura máxima de 5,8 cm. Pr. I, 7.

4 — Porta-boquilha longa com o corpo do forninho e chaminé num só conjunto — São duas peças, que, por suas características externas, podem ser consideradas atípicas entre os angulares, mas que levando em consideração o ângulo formado pela chaminé, nos possibilita incluí-las no tipo como uma variedade. Descrevemo-las separadamente.

Peça 308A — Pertence à Col. São Leopoldo, procede de Bom Jardim, atual município de Ivoti e está um pouco prejudicada. Já foi descrita por Schupp (1905, 265, Taboa II, Fig. 10) que assim se expressa: "É um sapato, servindo a abertura de foco e achando-se no bico a abertura para haurir o fumo". Tem a decoração plástica em pontos simples, regularmente dispostos em linhas perpendiculares à borda do forninho e/ou ensaiando motivos. A decoração cobre toda a superfície da peça, atingindo a base aplanada. A extremidade proximal da chaminé, que está um pouco quebrada, permite ver um alisamento interno provavelmente provocado pelo uso da boquilha suplementar. A peça mede 6,3 cm de comprimento por uma altura máxima de 3,5 cm. Pr. I, 8.

O segundo exemplar, s/n.º, pertencente à Col. Estrêla, visto em plano é um perfeito cilindro. Todo o corpo da peça, incluindo-se o forninho, é constituído pelo cilindro que é atravessado, na parte correspondente ao porta-boquilha, pela chaminé. A parte do cilindro, vista em perfil, é suavemente levantada e tem um corte tangencial à borda. Em razão desse corte o forninho tem uma profundidade irregular de 1 cm numa parede e 3 cm na outra. A peça mede 11

cm de comprimento por um diâmetro de 2,5 cm, que seria a altura da mesma. Fig. II, 14.

Classificamos todos os cachimbos de porta-boquilha longa como de cultura indígena.

Análise da pasta

À análise da pasta nos foi possível somente através das peças que estão fragmentadas. Na Col. São Leopoldo, salvo alguns exemplares, é quase impraticável um estudo porque a quebra é muito antiga; na Col. Santa Cruz, por se tratar de uma coleção mais nova, onde as fraturas são bastante recentes, nos foi possível observação melhor. As outras Coleções, por motivos diversos, não foram analisadas sob este aspecto. Nos exemplares estudados constatamos bastantes variações na pasta, o que nos levou a fazer três categorias: cachimbos presumidamente indígenas, cachimbos presumidamente europeus e cachimbos de origem duvidosa.

1 — Cachimbos presumidamente indígenas — Quanto ao método de manufatura observamos serem modelados a mão.

A pasta é grossa, arenosa ou argilosa, com um antiplástico constituído por grãos de ágata e hematita com mais ou menos 2 mm distribuídos irregularmente na pasta. A textura é mais ou menos frim, não friável, com algumas bôlhas de ar e raras laminações. A quebra é irregular e a queima é mediana. A cor do núcleo é pardo escuro, marrom, às vezes avermelhada entre paredes escuras, às vezes em tons de pardo ou tijolo.

Na superfície a cor varia entre os tons de pardo escuro, claro, amarelado, marrom, tijolo ou acinzentado. O alisamento da superfície é de mediano para ruim, apresentando pequenos calombos ou rugosidades; às vezes aparecem pequenas depressões e sinais de unhas resultantes do processo de alisamento. Alguns exemplares estão mais bem alisados, sem contudo estarem totalmente brunidos. A decoração plástica em geral é simples, havendo, entretanto, exemplares com decoração em pontos simples, ungulações, depressões e incisões, apresentando motivos geométricos: círculos, quadrados, losangos.

A forma é bastante variável, como se pode ver pelas subdivisões descritas no corpo do trabalho. Predominam entretanto as tubulares (piteiras), forninhos, angulares de porta-boquilha longa e monitores. Os lábios são arredondados. Aparecem também alguns levemente aplanados e biselados.

2 — Cachimbos presumidamente europeus — São geralmente feitos em fôrma, em duas bandas, notando-se perfeitamente a linha de junção.

A pasta é de argila mais fina, semelhante a porcelana ou gesso e muito suave ao tato. É bem compacta e a fratura é irregular, muitas vezes no ângulo de junção do corpo do forninho com o porta-boqui-

lha. A queima é boa; a côr do núcleo é variável entre tonalidades bastante claras, tijolo, pardo acinzentado e pardo escuro quase marrom, entre paredes de côres variáveis.

A côr da superfície varia entre as tonalidades de pardo, tijolo, cinza e marrom. A superfície em geral é bem alisada, notando-se, entretanto, às vêzes rugosidades mais suaves que nos cachimbos presumidamente indígenas. Alguns são brunidos, outros vidrados. Geralmente são decorados com motivos variados conforme descrição no texto. Figura antropomórfica só aparece em um exemplar.

Quanto à forma dominam os angulares de porta-boquilha curta, aparecendo também alguns forninhos. Os lábios são geralmente aplanados, havendo também alguns levemente arredondados.

3 — Cachimbos de origem duvidosa — O método de manufatura é como nos presumidamente indígenas.

A pasta é grossa e o antiplástico variado, contendo hematita, ágata, pequenos restos de palha muito mal distribuídos na pasta. A textura revela pasta pouco amassada, pouco compacta, com laminações, porosidades, muitas bôlhas de ar e cavidades. A fratura é irregular e a queima mediana. A côr do núcleo é como nos presumidamente indígenas.

Na superfície a côr dominante é o marrom em várias tonalidades e o pardo escuro. As peças estão bem alisadas, parecendo às vêzes terem recebido uma espécie de banho e muitas vêzes são brunidas. Alguns cachimbos não têm decoração plástica, sendo nesse caso mais ou menos brunidos; outros são decorados por incisões, reproduzindo simples figuras geométricas, que às vêzes cobrem tôda a peça.

Apresentam formas variadas de angulares, monitores e forninhos compostos. Os lábios são preferentemente grossos e aplanados.

O motivo principal de os colocarmos como duvidosos é a pasta mal amassada, o brunido da superfície e a decoração: poderiam ter sido produzidos por colonos.

Considerações gerais

A existência de cachimbos de barro, pedra, madeira ou bambu utilizados para a inalação de fumaça de fumo ou outras ervas é muito comum no Brasil e áreas próximas (Veja Handb. Southam. Indians, 1963, passim).

A ocorrência, no mesmo grupo, de cachimbos de formas variadas também não deve causar estranheza. Métraux registrou para os índios do Rio Pilcomayo, Chaco, cachimbos tubulares, angulares, monitores e compostos (forninho) (1963, I, 347).

Os tipos descritos por nós em sua maior parte provêm de sítios Tupi-Guarani, que os parecem ter usado todos simultânea ou sucessivamente. Em outras áreas, entretanto, eles não parecem ocorrer

todos simultaneamente. É o motivo por que damos a seguir um esboço da área de expansão, baseados numa bibliografia incompleta de que pudemos dispor.

Os cachimbos angulares descritos são registrados no Rio Grande do Sul, em Misiones, Argentina e na Bahia, sendo encontrados em sítios Tupi-Guaranis e mesmo dentro de urnas (Menghin, 1962, 61); na Bahia foi encontrado em urna um cachimbo angular de madeira com a mesma forma dos aqui descritos (Ott, 1958, 123). — Cachimbos tubulares de barro foram registrados etnograficamente para várias tribos do Chaco (Métraux, I, 347). Também os tapirapé fumavam curtos cachimbos tubulares de madeira ou barro (Wagley e Galvão, III, 1963, 176). Numerosos outros grupos fumavam cachimbos tubulares de bambu ou madeira. — Segundo Cooper (1959, V, 529 s) o cachimbo tubular seria o mais largamente espalhado, especialmente no Chaco e no Leste e Sudeste do Brasil e à base da evidência histórica e arqueológica seria aparentemente uma forma muito antiga, talvez a mais antiga do continente sul-americano.

Os cachimbos de tipo forninho por nós descritos não nos são conhecidos de outras áreas, sendo igualmente, ao menos alguns deles encontrados em sítios Tupi-Guaranis. — Formas compostas com forninho e boquilha separados foram encontradas entre os índios do Rio Pilcomayo, Chaco (Métraux, 1963, I, 347), sendo duas das formas mais características a cilíndrica e a cônica da Montaña (Cooper, 1959, V, 530).

Os cachimbos tipo monitor e modificados aqui descritos, são encontrados só raramente no Rio Grande do Sul; ocorrem também em paraderos de Santa Fé, Argentina (Serrano, 1955, 108) e Santiago del Estero (Canals Frau, 1953, 450), mas principalmente na Patagônia argentina (Badano, 1945). — Segundo Willey (1963, I, 28) teriam ampla difusão. Ocorrem principalmente entre os mapuche-huiliche e tehuelche e em dois sítios arqueológicos supostamente pré-colombianos do Sudeste da Bolívia (Cooper, 1959, V, 530). Métraux atribui cachimbos de tipo monitor também aos índios do Rio Pilcomayo, no Chaco (1963, I, 437).

Entre os cachimbos angulares devemos distinguir vários subtipos.

Além de outros, os produzidos em moldes em duas bandas, parecem tipicamente de tradição européia; entre eles aparecem raros com figuras humanas. A grande semelhança das formas em áreas muito separadas indica tratar-se de exemplares produzidos em maior quantidade e provavelmente em "fábricas", que distribuiriam o material. Se, entretanto, olharmos os pormenores dos exemplares, notamos que dificilmente aparecem dois completamente iguais, o que nos poderia levar a admitir produção regional segundo modelos mais ou menos universais ou uma técnica em que o molde não poderia ser usado duas vezes.

No lado atlântico da América do Sul são encontrados em áreas tão diferentes como Pará (Barata, 1951, 183 ss), Bahia (Ott, 1958), São Paulo (Godói, 1946), Rio Grande do Sul, Uruguai (Sosa, 1957, 217). Alguns exemplares foram encontrados em sítios Tupi-Guaranis, outros em cavernas no planalto do Rio Grande do Sul (Serrano, 1938, 164). — Não sabemos se o registro de Cooper (1959, V, 530 s), que segue, se refere apenas a este tipo de cachimbo quando diz que "cachimbos com esculturas ou molde humano ou zoomorfo são relativamente raros, sendo noticiados do Chaco e de sítios arqueológicos largamente espalhados — aparentemente não todos pré-colombianos — na Venezuela, Ecuador, Peru, Norte da Argentina e o extremo sul do Brasil."

Os cachimbos angulares de porta-boquilha curto e grande apêndice em forma de crista ou leque são atribuídos aos caingúá (Tupi-Guarani) e guayaquí e segundo Métraux teriam sido usados até recentemente (1963, III, 89). Foram encontrados vários exemplares no Rio Grande do Sul, sendo registrados outros para Misiones Argentinas (Menghin, 1962, Dra. Antonia Rizzo, com. pes.) e o Paraguai (Bianchi, 1960).

As demais formas de cachimbos angulares, em várias formas e tamanhos são encontradas no Rio Grande do Sul em quantidades bastante apreciáveis. Parece ser o tipo mais difundido. Foram registrados para Misiones (Menghin, 1962), Santa Fé, Argentina (Serrano, 1955, 108, Fig. 28, 29), o Paraná (Blasi, 1967; Blasi, Chmyz, 1963), a Bahia (Ott, 1958). — Segundo Métraux (1963, I, 347) cachimbos de barro tubulares e curvos ocorrem em várias tribos do Chaco. — Segundo Cooper (1959, V, 530) "cachimbos angulares são encontrados principalmente, excluindo os que são de contato evidente, em largas seções da bacia que corre de Alagoas no extremo Leste Brasileiro, descendo pelos Estados litorâneos do Brasil e através da Argentina e Patagônia até o Chile."

Não temos certeza se todos os cachimbos descritos são do grupo Tupi-Guarani, mas a suposição é bastante fundamentada; isto mostraria a variedade destes cachimbos no grupo.

O que a presente comunicação pretende, embora não podendo contar com material de procedência bem segura e bibliografia completa, é fornecer aos outros arqueólogos, que trabalham na área elementos para futuras comparações.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BADANO, V. M.

1945 — Pipas Patagónicas de la Colección Alemandri — Córdoba, Argentina.

BARATA, F

1951 — Os cachimbos de Santarém — Rev. do Museu Paulista, vol. V, 184 ss, São Paulo.

BLASI, O.

1967 — O sítio arqueológico de Estirão Comprido, Rio Ivaí, Paraná, Estudos complementares — Arq. do Museu Paranaense, Arqueologia nr. 3, Curitiba.

BLASI, O., CHMYZ, I.

1963 — A Jazida Arqueológica de J. Lopes (Rio Ivaí, Paraná) — Boletim Paranaense de Geografia, nr. 8 e 9, 63 ss.

BIANCHI, M. R. de

1960/65 — La colección Guayaki existente en el Museo Etnográfico — RUNA, vol. X, partes 1—2, Buenos Aires.

CANALS FRAU, S.

1953 — Las poblaciones indígenas de la Argentina, Su Origen, Su Pasado, Su Presente — Ed. Sudamericana, Buenos Aires.

COOPER, J. M.

1959 — Stimulants and Narcotics — in Handb. Southam. Indians, vol. V, 525 ss, Washington.

GODÓI, M. Pereira de

1946 — Los extinguidos paingú de la cascada de Emas (Estado de San Pablo, Brasil) — Córdoba, Arg.

MENGHIN, O. F. A.

1962 — Observaciones sobre la arqueología guarani de Argentina y Paraguay — Sep. Jornadas Internacionales de Arqueología y Etnografía, Buenos Aires.

MÉTRAUX, A.

1963a — Ethnography of the Chaco — in Handb. Southam. Indians, vol. I, 197, ss, New York.

1963b — The Guarani — in Handb. Southam. Indians, Vol. III, 89 ss, New York.

NAUE, G., SCHMITZ, P. I., VALENTE, W., BASILE BECKER, I. I., LA SALVIA, F., SCHORR, M. H. A.

1969 — Novas Perspectivas sobre a Arqueologia de Rio Grande, RS, ms.

OTT, C.

1958 — Pré-História da Bahia — Salvador, Bahia.

SCHUPP, A.

1904 — Breves notícias sobre uns objetos interessantes feitos pelos indígenas do Brasil — Rev. do Museu Paulista, vol. VI, 488 s., São Paulo.

1905 — Os aborígenes do Brasil sob o ponto de vista ethnológico — Anuario do Estado do Rio Grande do Sul, Anno XXI, 263 ss, Pôrto Alegre.

SERRANO, A.

1937 — Arqueologia Brasileira — Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional — Separata da Revista do Arquivo, nr. 36, São Paulo.

1938 — Arqueología de las Grutas de San Francisco de Paula, Rio Grande do Sul (Brasil) — Extracto de la Revista Chilena de Historia Natural, Año XLI, 161 ss, Santiago de Chile.

1955 — Los pueblos y culturas indígenas del Litoral — Santa Fé, Arg.

SOSA, R. M.

1957 — La Nación Charrua — Montevideo.

WAGLEY, C., GALVÃO, E.

1963 — The Tapirapé — in Handb. Southam. Indians, III, 167, New York.

WILLEY, G. R.

1963 — The Archeology of the Greater Pampa — in Handb. Southam. Indians, vol. I, 25 ss, New York.

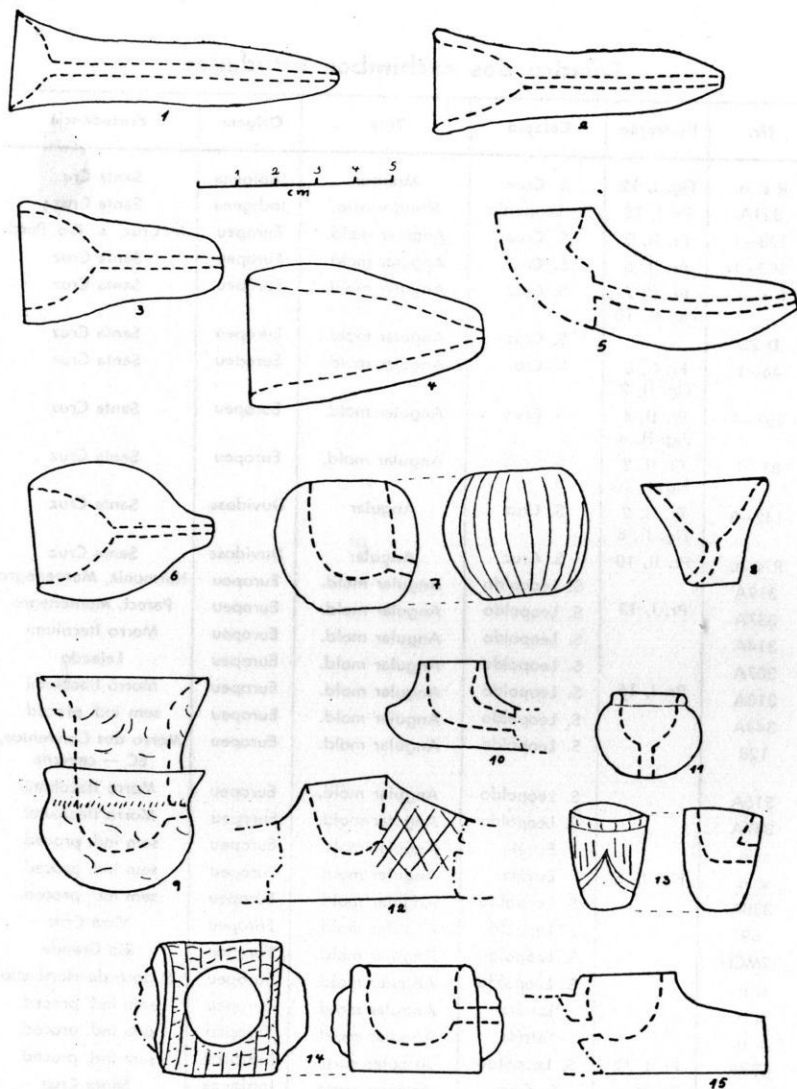


Fig. 1: Coleção Santa Cruz: 1, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 13, 15; — Coleção São Leopoldo: 2, 6, 7; — Coleção Estrêla: 8, 11, 14.

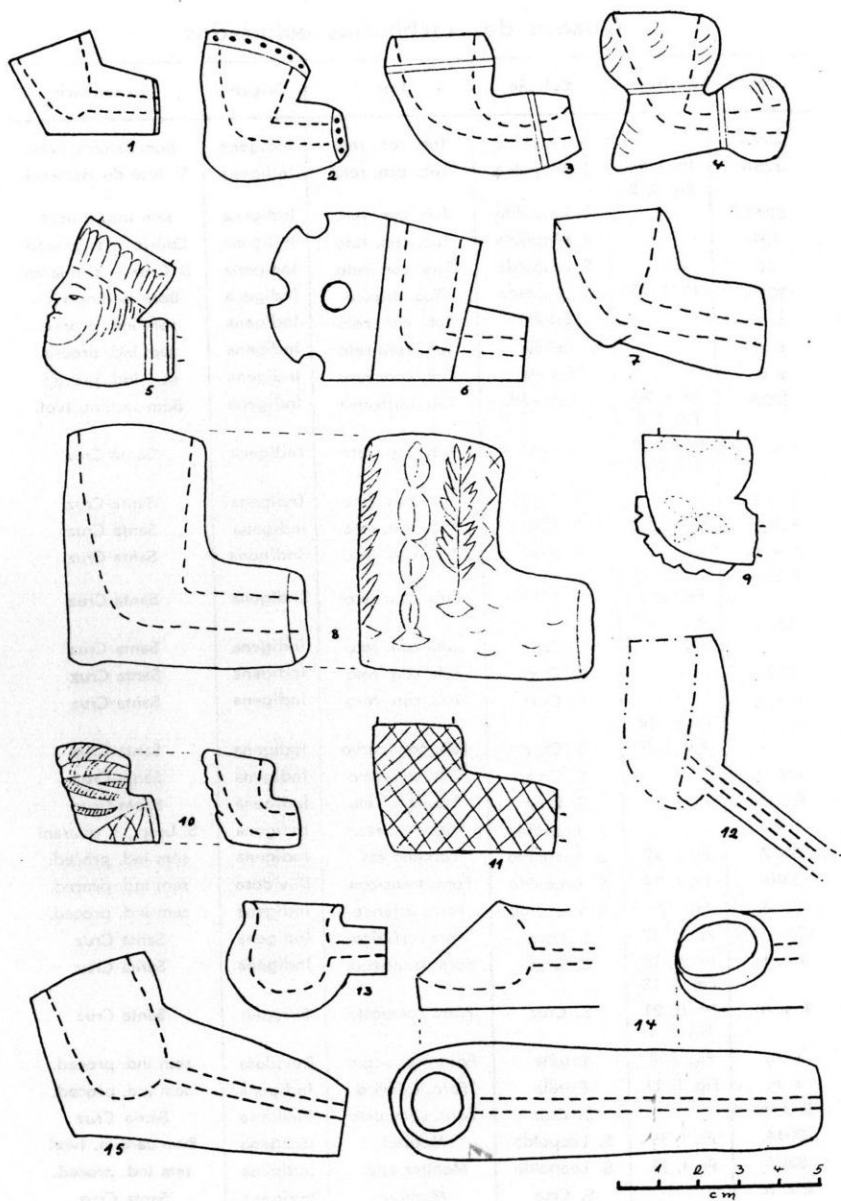


Fig. II: Coleção Estrêla: 1, 5, 6, 13, 14; — Coleção Santa Cruz: 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 15; — Coleção Rio Grande: 9, 12.

Quadro dos cachimbos estudados

Nr.	Ilustração	Coleção	Tipo	Origem	Procedência
309A	Pr. I, 21 Fig. 1, 2	S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
328A		S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	S. José do Hortêncio
329A		S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	sem ind. proced.
129	Pr. I, 23	S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	Osório — s. guarani
70		S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	S. Cruz — s. guarani
305A		S. Leopoldo	Tub. atípico	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
s. n.		Estrêla	Tub. con. reto	Indígena	sem ind. proced.
s. n.		Estrêla	Tub. con. reto	Indígena	sem ind. proced.
s. n.	Pr. I, 20 Fig. 1, 6	Estrêla	Tub. con. reto	Indígena	sem ind. proced.
323A		S. Leopoldo	Tub. piriforme	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
R s. n.	Pr. II, 20 Fig. 1, 1	S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.	Pr. II, 19	S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.	Pr. II, 15 Fig. 1, 3	S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
52—1	Pr. II 12 Fig. 1, 4				
D 31	Pr. II, 18 Fig. 1, 5	S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. curvo	Indígena	Santa Cruz
R s. n.		S. Cruz	Tub. con. reto	Indígena	Santa Cruz
2	Pr. I, 22	S. Leopoldo	Tub. con. reto	Indígena	S. Leop., s. guarani
337A		S. Leopoldo	Fornilho esf.	Indígena	sem ind. proced.
340A		S. Leopoldo	Forn. tronc-con.	Duvidosa	sem ind. proced.
301A	Fig. 1, 7	S. Leopoldo	Forn. esférico	Indígena	sem ind. proced.
331—16	Pr. II, 17	S. Cruz	Forn. esférico	Indígena	Santa Cruz
R s. n.	Pr. II, 16 Fig. 1, 13	S. Cruz	Forn. tronc-con.	Indígena	Santa Cruz
R s. n.	Pr. II, 21 Fig. 1, 9	S. Cruz	Forn. composto	Europeu	Santa Cruz
s. n.	Fig. 1, 8	Estrêla	Forn. tronc-con.	Duvidosa	sem ind. proced.
s. n.	Fig. 1, 11		Forn. esférico	Indígena	sem ind. proced.
R. s. n.	Pr. I, 19	S. Cruz	Forn. composto	Duvidosa	Santa Cruz
304A		S. Leopoldo	Monitor	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
330A		S. Leopoldo	Monitor atíp.	Indígena	sem ind. proced.
R s. n.	Fig. 1, 14	S. Cruz	Monitor	Indígena	Santa Cruz
s. n.		Estrêla	Monitor atíp.	Indígena	sem ind. proced.
310A	Pr. I, 12	S. Leopoldo	Monitor atíp.	Indígena	Lajeado
D 74	Fig. 1, 10	S. Cruz	Monitor atíp.	Indígena	Santa Cruz
P 674	Fig. 1, 15	S. Cruz	Monitor	Indígena	Santa Cruz

Quadro dos cachimbos estudados

Nr.	Ilustração	Coleção	Tipo	Origem	Procedência
R s. n.	Fig. I, 12	S. Cruz	Monitor	Indígena	Santa Cruz
321A	Pr. I, 18	S. Leopoldo	Monitor atíp.	Indígena	Santa Cruz
103—1	Pr. II, 9	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	S. Cruz, s. Rio Pard.
203—1	Pr. II, 5	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
R s. n.	Pr. II, 7	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
	Fig. II, 10				
D 73		S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
46—1	Pr. II, 8	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
	Fig. II, 2				
252—1	Pr. II, 4	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
	Fig. II, 4				
81—1	Pr. II, 3	S. Cruz	Angular mold.	Europeu	Santa Cruz
	Fig. II, 3				
142—3	Pr. II, 2	S. Cruz	Angular	Duvidosa	Santa Cruz
	Fig. II, 8				
R s. n.	Pr. II, 10	S. Cruz	Angular	Duvidosa	Santa Cruz
319A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Harmonia, Montenegro
337A	Pr. I, 13	S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Parei, Montenegro
314A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Morro Itacolumi
307A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Lajeado
313A	Pr. I, 16	S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Morro Itacolumi
344A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
128		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Morro dos Conventos, SC — caverna
316A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Morro Itacolumi
317A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Morro Itacolumi
s. n.		Estrêla	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
s. n.	Fig. II, 5	Estrêla	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
338A		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
69		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Vera Cruz
32MCN		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Rio Grande
s. n.		S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	S. José do Hortêncio
s. n.		Estrêla	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
s. n.		Estrêla	Angular mold.	Europeu	sem ind. proced.
339A	Pr. I, 17	S. Leopoldo	Angular curto	Indígena	sem ind. proced.
R s. n.	Pr. II, 6	S. Cruz	Angular curto	Indígena	Santa Cruz
	Fig. II, 7				
32	Fig. II, 9	Rio Grande	Angular mold.	Europeu	Rio Grande — s. contato com europeu
12MCN	Fig. II, 12	S. Leopoldo	Angular mold.	Europeu	Rio Grande
s. n.	Fig. II, 13	Estrêla	Angular curto	Indígena	sem ind. proced.
D 32	Pr. II, 1	S. Cruz	Ang. c. apend.	Indígena	Santa Cruz
s. n.	Fig. II, 6	Estrêla	Ang. c. apend.	Indígena	sem ind. proced.
318A	Pr. I, 3	S. Leopoldo	Angular curto	Indígena	sem ind. proced.
334A	Pr. I, 9	S. Leopoldo	Angular curto	Indígena	Herval
131	Pr. I, 15	S. Leopoldo	Angular curto	Indígena	S. Cruz, s. Rio Pard.

Quadro dos cachimbos estudados

Nr.	Ilustração	Coleção	Tipo	Origem	Procedência
s. n.	Fig. II, 1	Estrêla	Angular curto	Indígena	sem ind. proced.
12MCN		S. Leopoldo	Angular longo	Europeu	Rio Grande
303A		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
4		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.
312A	Pr. I, 14	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.
341A		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.
336A		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
327A	Pr. I, 2	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.
D 72	Fig. II, 11	S. Cruz	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
320A		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Lajeado
302A	Pr. I, 5	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
332A	Pr. I, 10	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Mun. J. de Castilho:
R s. n.	Pr. II, 13	S. Cruz	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
35-0	Pr. II, 14	S. Cruz	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
D 70	Fig. II, 15				
129	Pr. II, 11	S. Cruz	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Osório — s. guarani
R s. n.		S. Cruz	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
129	Pr. I, 1	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Osório — s. guarani
342A	Pr. I, 4	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
325A		S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
95		Ribeiro	Angular longo	Indígena	C. Bom, s. guarani
s. n.		Ribeiro	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
326A	Pr. I, 6	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.
311A	Pr. I, 7	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Santa Cruz
308A	Pr. I, 8	S. Leopoldo	Angular longo	Indígena	Bom Jardim, Ivoti
s. n.	Fig. II, 14	Estrêla	Angular longo	Indígena	sem ind. proced.

ALGUMAS DATAS DE CARBONO 14 DE CASAS SUBTERRÂNEAS DO PLANALTO DO RIO GRANDE DO SUL

PEDRO IGNACIO SCHMITZ (*)

Desde 1966 estão sendo realizadas pesquisas nas casas subterrâneas do planalto Sul-Brasileiro, no município de Caxias do Sul e arredores, no Estado do Rio Grande do Sul, tendo sido feitos levantamentos sistemáticos de sítios, cortes estratigráficos e escavações. Duas notas foram publicadas sobre o andamento das pesquisas, sendo a primeira em Arqueologia no Rio Grande do Sul, Pedro Ignacio Schmitz e outros, 1967, 2-14; a segunda, Resumo das pesquisas arqueológicas no Planalto do Rio Grande do Sul, Fernando La Salvia, 1968a, 103-108. Sobre o mesmo assunto pode-se ver também Schmitz e outros, 1968, 167 ss e La Salvia, 1968b.

A pesquisa, financiada pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Secretaria de Turismo de Caxias do Sul e a Universidade de Caxias do Sul, envolveu os seguintes pesquisadores: Pedro Ignacio Schmitz, Fernando La Salvia, Itala Irene Basile Becker, Guilherme Naue, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, João Alfredo Rohr, Danilo Lazzarotto, Rolf Steinmetz e Elton Krause, todos ligados ao Instituto Anchieta de Pesquisas. A escavação de parte de uma aldeia de casas subterrâneas, começada pela equipe em 1967, deverá ser concluída em início de 1970, encontrando-se interrompida por falta de condições climáticas favoráveis.

A presente comunicação pretende acrescentar às informações anteriores as datas de C14, conseguidas na primeira metade do corrente ano de 1969. A análise das amostras de carvão, proveniente das casas subterrâneas, foi feita pelo laboratório da Smithsonian Institution, Washington, por intermédio dos Drs. Clifford Evans e Betty J. Meggers, a quem manifestamos aqui a nossa gratidão. Possuímos 7 datas, que apresentamos e comentamos rapidamente.

As idades foram calculadas na base dos valores de Libby para a vida-média do C14, i.é 5.570 mais ou menos 30 anos. Nas conversões para A. D. empregamos 1950 como ano standard de referência.

(*) Do Instituto Anchieta de Pesquisas.

Todos os sítios datados provêm do município de Caxias do Sul, situando-se numa altitude entre 700 e 800 m e numa latitude e longitude aproximadas de 29°15' lat. Sul e 51° W. Gr., numa área de campo entremeada de mata de araucária. Os sítios pertencem à fase Caxias, sendo a cerâmica de tradição Taquara (Brochado e outros, 1969, 12 ss).

a) **Vila Sêca**, Município de Caxias do Sul: Sítio de duas casas subterrâneas, no tôpo de pequena elevação, em campo de pastagem, perto de bosque de Araucária. A casa maior tem 10 m de diâmetro por 1,70 m de profundidade, antes da escavação; a casa menor, distante 100 m da anterior, tem 6,40 m de diâmetro por 0,80 m de profundidade, antes da escavação. Na mesma fazenda de criação existe ao menos mais um sítio de casas subterrâneas e na proximidade as mesmas são numerosas.

Na casa maior, escavada na argila vermelha compacta, foi feita uma trincheira do centro para a periferia, aprofundando-a até 1,20 cm, sem atingir o piso original, porque a chuva interrompeu a escavação. As camadas, no centro da casa, apresentam-se da seguinte maneira: 0-35 cm — argila vermelha, semelhante à dos arredores (entulho posterior ao abandono); — 35-75 cm — camada de cor cinza escura, contendo grande quantidade de cinza e pequenos grânulos de carvão (última camada de ocupação) — 75-120 cm — camada de argila avermelhada, contendo pedras em decomposição, algumas delas completamente vermelhas pela ação do fogo, e uma regular quantidade de grânulos grandes de carvão (primeira camada de ocupação). O carvão que foi datado, provém de um fogão a 100 cm de profundidade, quase no centro da casa: os grânulos apareciam sobre pequenos círculos de terra queimada, de cor vermelha; as fogueiras eram feitas sobre uma espécie de pavimento de pedras esparsas. Nesta casa não foi encontrada cerâmica, mas foram recolhidas pedras lascadas, muitas delas nucleiformes, bastante decompostas, das quais é muito difícil dizer quais são trabalhadas e qual a sua função. A pesquisa foi feita por Pedro Ignacio Schmitz e Elton A. Krause, em 17-1-66.

A data conseguida para esta casa é de 1520 mais ou menos 90 anos (A. D. 430), sendo por enquanto a mais antiga das casas subterrâneas. — SI-607.

b) **Santa Lúcia do Piaí**, Município de Caxias do Sul: Sítio de 36 casas subterrâneas e aproximadamente 40 "túmulos" ou montículos de terra ou pedra, dentro de um bosque cercado de campo. Das 5 datas conseguidas para este sítio uma provém de uma casa grande e profunda, duas de uma casa média, duas de um montículo de terra. Tanto nas casas, como no montículo, encontra-se cerâmica de tradição Taquara e material lítico lascado e polido ainda não analisado. A pesquisa foi feita pela equipe mencionada no começo.

A casa grande, que mede 11 m de diâmetro por 6 m de profundidade, começou a ser escavada em 1967, encontrando-se ainda in-

completa. A espessura média da camada de entulho ultrapassa 100 cm de estratos, contendo material arqueológico abundante, sendo o piso original de rocha avermelhada em decomposição. O carvão datado provém da base de um fogão, que acompanha as camadas de entulho da base ao topo e é formado de pequenas pedras, dispostas em forma circular, encontrando-se bem perto de uma parede da casa. No fogão encontrou-se semente calcinada de *Araucaria brasiliensis*, um pedaço de mão-de-pilão e bastante cerâmica. O carvão datado estava numa profundidade de 100 cm e foi recolhido em 14-5-67. Veja também Schmitz e outros, 1967, 5 s.

A data é de 1480 mais ou menos 70 anos (A. D. 470). — SI-603.

A outra casa, escavada na rocha, mede 5 m de diâmetro por 3 m de profundidade. A camada de entulho mede aproximadamente 100 cm, sendo irregular e inclinada para o centro da casa. As camadas apresentam-se da seguinte forma: 0-25 cm — solo pardo com raízes, algumas pedras pequenas e pouco carvão (camada de entulho recente); é separada da camada seguinte por raízes; 25-50 cm — solo pardo mais avermelhado, com pedras bastante grandes (entulho mais antigo); também esta camada é separada da seguinte por raízes; 50-75 cm — solo vermelho, compacto, sem pedrinhas, mas com pedras grandes e alguns grânulos de carvão (entulho mais antigo e último nível de ocupação); daqui provém uma amostra; 75-105 cm — solo cinza, fôfo, com muito carvão, cerâmica e algum material lítico; é a camada principal de ocupação, provindo daqui a outra amostra; o piso original da casa é de rocha avermelhada, compacta, em decomposição. Veja também Schmitz e outros, 1967, 6 s.

A amostra da camada mais profunda, colhida em 3-11-67, provém de um grande tronco queimado, que se encontrava deitado quase sobre o piso original da casa. A data conseguida é de 1330 mais ou menos 100 anos (A. D. 620), portanto 150 anos posterior à casa anterior. — SI-605.

A outra amostra, proveniente da camada de 50 a 75 cm, foi colhida em 6-5-67, imediatamente por baixo e parcialmente dentro do espesso nível de argila vermelha. A data é de 840 mais ou menos 60 anos (A. D. 1110), sendo 490 posterior à da ocupação anterior. — SI-606.

Entre as duas casas, de que provêm as datas anteriores e que distam entre si aproximadamente 500 m, encontra-se o montículo de terra, que foi datado, tendo uma área de ocupação de aproximadamente 6 m de diâmetro. A parte superficial e central era formada por um atêrro de cor pardo-avermelhada de uns 50 cm de espessura, tendo por baixo uma camada húmica de terra escura de aproximadamente 1 m de espessura. Nesta camada húmica constatou-se a presença de grânulos isolados de carvão vegetal, artefatos lascados de rocha, cristal de quartzo e ágata, bem como de cerâmica. Veja também Schmitz e outros, 1967, 7.

A primeira amostra, coletada em 3-5-67, provém de 80-100 cm de profundidade, fornecendo uma data de 1140 mais ou menos 40 anos (A. D. 810). — SI-602.

A segunda amostra, proveniente de 55 cm de profundidade, fornecendo uma data de 630 mais ou menos 70 anos (A. D. 1320), portanto 510 anos posterior. SI-604.

c) **Ana Rech**, Município de Caxias do Sul: Sítio com 3 casas, bem próximas umas das outras e dispostas em linha reta; têm as seguintes medidas: a — 4,90 m de diâmetro por 2,4 de profundidade atual; b — 3 por 0,70 m; c — 2,2 por 0,50 m. O carvão provém da primeira casa, na qual foi feito o corte estratigráfico de 1 por 1 m, encontrando-se as seguintes camadas: 0-40 cm — húmus recente; 40-55 cm — camada de carvão recente, provavelmente do tempo da ocupação pelos imigrantes no começo do século; 55-115 cm — camada de argila de cor cinza clara com pedras em decomposição; depois de 115 cm — a mesma argila, mas misturada com muita cinza e carvão; não foi possível chegar ao fundo por causa de uma vertente, que brotou dentro do buraco no momento da escavação. O carvão datado provém de um tronco queimado, que se encontrava em pé na camada mais profunda, sendo coletado em 9-2-66, na prospecção realizada por Pedro Ignacio Schmitz e Elton Krause. Dentro da casa não encontramos cerâmica, mas o proprietário nos informou que, ao cortarem o mato para fazer as plantações, encontraram bastante cerâmica na vizinhança das casas.

A data conseguida é de 620 mais ou menos 90 anos (A. D. 1330), coincidindo quase com a data mais recente do montículo do sítio anterior.

Além das datas indicadas o Prof. Eurico Th. Miller, do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, Taquara, conseguiu outras três, pertencentes à mesma cultura e à mesma área. A primeira vem de uma casa subterrânea, no Município de Passo Fundo, sendo a amostra da profundidade de 65-70 cm e fornecendo a data de 1300 mais ou menos 70 anos (A. D. 650). — SI-601. Uma amostra de sítio superficial do Município de Taquara forneceu a data de 1190 mais ou menos 100 anos (A. D. 760). — SI-409. A terceira, também de sítio superficial no Município de Sapiranga, é de 1380 mais ou menos 110 anos (A. D. 570). — SI-414.

A base destas datas podemos fazer alguns comentários. Até o momento os sítios datados mais antigos no Rio Grande do Sul são do começo do século V da era cristã. Até o século XIV temos uma continuidade de datas para a mesma área. Observa-se mais que o mesmo lugar parece ter sido reocupado durante todo este período, como indicam as datas do sítio de Santa Lúcia do Piaí. Não só a mesma área parece ter sido reocupada, mas a mesma casa e o mesmo montículo, o que indicaria a conservação da tradição do grupo. A reocu-

pação do mesmo lugar pode explicar o grande número de casas num mesmo sítio, mesmo com uma população não muito densa. Estudos mais detidos nos darão uma idéia melhor da evolução da cultura na mesma área e no mesmo sítio: até agora as casas grandes são mais antigas que as pequenas. É possível que as casas "semi-subterrâneas", como existem em Santa Lúcia do Piaí, abertas no próprio atêrro da casa grande, sejam as mais recentes de tôdas, antes de os índios morarem em cima do solo.

Outra observação que podemos fazer é que, em áreas de baixa altitude, encontramos sítios superficiais da mesma cultura e época que as casas subterrâneas do planalto.

Por último observamos que as casas subterrâneas mais antigas do Rio Grande do Sul têm já uma cerâmica perfeita e acabada desde as camadas mais profundas, indicando que provavelmente devemos procurar a sua origem em outro lugar ou em períodos mais antigos das mesmas casas subterrâneas. Ao passo que esta cerâmica parece ligada às casas subterrâneas do Rio Grande do Sul e partes de Santa Catarina, segundo informação pessoal do Prof. Igor Chmyz, as casas subterrâneas do Paraná não teriam cerâmica.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BROCHADO, J. P. e outros

- 1969 — Arqueologia Brasileira em 1968. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas — Publ. Av. nr. 12, Mus. Par. Emílio Goeldi, Belém.

LA SALVIA, F.

- 1968a — Resumo das pesquisas arqueológicas no Planalto — Rio Grande do Sul — Anais do II Simp. de Arqueologia da Área do Prata, Pesquisas, Antropologia, nr. 18, São Leopoldo, 101-113.
- 1968b — Síntese das pesquisas arqueológicas no Planalto Sul Riograndense — Casas subterrâneas, in Chronos, n.º 2, Caxias do Sul.

SCHMITZ, P. I. e outros

- 1967 — Arqueologia no Rio Grande do Sul — Pesquisas, Antropologia n.º 16, São Leopoldo.
- 1968 — Casas subterrâneas no Planalto Riograndense — Pré-História Brasileira, Inst. Pré-História Univ. São Paulo.

A CERÂMICA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI

Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica

JOSÉ PROENZA BROCHADO (*)

DANILO LAZZAROTTO (**)

ROLF STEINMETZ (**)

Os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, fundados pelos Missionários jesuítas no noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul, eram grandes núcleos, contando alguns milhares de habitantes no seu apogeu, constituídos de algumas centenas de casas comunais com muitos compartimentos, dispostas segundo um plano urbanístico convencional, tendo ao centro uma igreja, casa canônica, colégio, cabildo, hospital, oficinas, e outros edifícios administrativos. Eram, no tempo da sua autonomia (1682-1756), administrados pelos próprios índios, orientados por alguns sacerdotes, prestando obediência ao império colonial espanhol. Subsistiam pela agricultura e pecuária, efetuada em "estâncias" distantes e pela exportação de couros e erva-mate. Os indígenas reunidos nas Missões pertenciam, na sua maioria, ao grupo lingüístico Guarani.

Em consequência do tratado de Madrí (1750), os Povos foram ocupados pelas tropas luso-espanholas, no final da Guerra Guaranítica (1753-1756). Os missionários jesuítas foram expulsos (1768) e substituídos por administradores espanhóis, e seguiu-se a decadência. Em 1801 foram ocupados pelos gaúchos e incorporados ao império português. A decadência prolongou-se até 1828, quando foram saqueados e despovoados pelos argentinos (Pôrto, 1954; Sepp, 1943). Atualmente, de alguns deles, restam vastas ruínas das igrejas e vestígios de outros edifícios, construídos de pedra, assim como grande quantidade de telhas, tijolos e ladrilhos, fragmentados, acumulados sobre grandes áreas.

(*) Da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPq.

(**) Do Museu Antropológico "Diretor Pestana" da Faculdade de Filosofia de Ijuí, Rio Grande do Sul.

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E ESCAVAÇÕES

Foram identificados **nove** sítios atribuídos à denominada fase Missões, nos trabalhos de 1967, 1968 e 1969 (Brochado, 1968, 1969 a, 1969 b MS).

- RS-IJ-11: Reinaldo Meotti,
- RS-IJ-16: João de Conto,
- RS-IJ-26: Erwino Boettker,
- RS-IJ-27: João Honorato Donadelli,
- RS-IJ-29: São João Velho (Povo de São João Batista),
- RS-IJ-37: São Miguel das Missões (Povo de São Miguel Arcanjo),
- RS-IJ-38: São Lourenço das Missões (Povo de São Lourenço Mártir),
- RS-SM-1: Dalla Lana (São Martinho),
- RS-LC-46: Viamão.

Três sítios correspondem às ruínas de três dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai: o IJ-29: São João Batista e o IJ-38: São Lourenço Mártir, na bacia do rio Ijuí, e o IJ-37: São Miguel Arcanjo, na do rio Piratinim; mas todos relativamente próximos, no divisor de águas entre as duas bacias, distanciados não mais que uns 15 km uns dos outros. Outros quatro sítios: os IJ-11, 16, 26 e 27, se encontram localizados nas proximidades do antigo Povo de Santo Ângelo Custódio (atualmente a cidade de Santo Ângelo), na bacia do rio Ijuí, perto da confluência com o rio Ijuizinho. Os dois restantes se encontram: o SM-1: Dalla Lana, na escarpa do planalto, na garganta por onde se evade o Ibicuí-mirim e que constituía o caminho de acesso às Missões, subindo da campanha. Nas proximidades teria se situado anteriormente a primeira redução de São Miguel (1632-1637), e posteriormente a localidade de São Martinho que foi sede de uma estância de criação de gado do Povo de São Lourenço. O LC-46: Viamão, se situa nas leves alturas que dominam a várzea do Gravataí, próximo ao estuário do Guaíba e à laguna dos Patos.

Nestes **nove** sítios foram executadas **quinze** coletas superficiais; **quatro** no IJ-29, **duas** no IJ-37, **uma** no IJ-38, **duas** no LC-46, **duas** no IJ-26 e **uma** em cada um dos outros **quatro**: IJ-11, 16, 27 e SM-1; assim como **seis** cortes estratigráficos: **quatro** no IJ-29 e **dois** no IJ-37, que produziram um total de **vinte e três** níveis, **três** dos quais estéreis de cerâmica.

- IJ-29, Corte 1, A e B, com 6,0 x 1,0 m e **três** níveis: 0-5, 5-65 (E) e 65-70 cm;
- Corte 2, com 5,5 x 3,5 m e **quatro** níveis: 0-5, 5-15, 15-25 e 25-55 cm;
- Corte 3, com 1,0 x 0,5 m e 0-100 cm, sem níveis;
- Corte 4, com 2,0 x 1,5 m e **nove** níveis: 0-15, 15-30, 30-40 (E), 40-50, 50-60, 60-70, 70-80, 80-90 e 90-100 cm;

IJ-38, Corte 1, com 2,0 x 1,0 m e **cinco** níveis: 10-20, 20-30 (E), 30-40, 40-50, 50-60 cm;
Corte 2, com 2,0 x 0,5 m e 0-60 cm, sem níveis.

Observou-se que os cortes C3 e C4, no IJ-29: S. João Batista e C1 e C2, no IJ-38: São Lourenço Mártir, foram executados através de acumulações resultantes de limpezas sucessivas da área dos Povos. A evidência principal constituem as pequenas dimensões a que estava reduzida toda a cerâmica e a associação com fragmentos de telhas, ossos de bovinos e terra removida, em quantidades variáveis de nível para nível; assim como a existência de níveis intermediários sem cerâmica. Que as acumulações parecem ter resultado da remoção periódica dos resíduos, que ficariam antes algum tempo depositados em lugares transitados, e não da deposição direta, ao menos da cerâmica, é evidenciado também pela sua fragmentação, que teria resultado do pisoteio por pessoas e/ou animais.

As coletas superficiais foram efetuadas, no caso dos Povos, quase todas na sua periferia, i. é, na área posterior às últimas habitações que os formavam. Quanto aos sítios que não os Povos: IJ-11, 16, 26 e 27, SM-1 e IC-46; não se diferenciam do padrão dos sítios de habitação das fases indígenas precedentes na região, principalmente da fase Ijuí (BROCHADO, 1969a: 20, 23 seq.).

ANÁLISE DO MATERIAL

CLASSIFICAÇÃO DA CERÂMICA

A classificação da cerâmica resultou do estudo de **trinta e cinco** coleções cerâmicas: **quinze** coleções superficiais, efetuadas em **nove** sítios e **vinte** níveis estratigráficos, obtidos em **seis** cortes, executados em **dois** sítios. Foram estudados um total de **seis mil** cacos, aos quais foi aplicado o método de análise quantitativa para derivar cronologias culturais (FORD, 1949, 1957, 1962; DEETZ, 1967; MEGGERS & EVANS, 1967 MS; MEGGERS, 1968).

No conjunto da cerâmica da fase Missões observa-se imediatamente a existência de cerâmicas de **duas** tradições diferentes, as quais passaram a constituir duas **séries**: a **série** Ijuí, de tradição indígena Tupiguarani e a **série** Missões, de tradição européia, introduzida pelos missionários jesuítas europeus nos séculos XVII e XVIII (BROCHADO, 1968:230 seq.; 1969a:20 e 1969b:25 MS). Cada uma destas **séries (wares)** foi estabelecida agrupando os cacos com respeito às características da pasta, tempêro, textura, côr, queima e método de manufatura. Subseqüentemente procurou-se subdividir êstes dois grandes grupos em unidades menores, mais úteis e significativas. De acôrdo com a metodologia aceita das características consistentemente associadas formarem uma entidade denominada **tipo cerâmico**, dentro de cada série foram observadas também as diversas técnicas de acabamento da superfície e reconstruídas as formas e dimensões das

vasilhas (FORD, 1949:38—44; 1954; EVANS & MEGGERS, 1960:10—13; MEGGERS & EVANS, 1967:18 seq.; MEGGERS, 1968:10 seq.). Desta forma, foram estabelecidos **dezesseis tipos cerâmicos**; dos quais **onze** bem claros e **cinco** raros ou apenas tentativos para cuja nomenclatura se utilizou o sistema binomial.

Na Série Ijuí toda a cerâmica foi produzida pelo método da superposição dos roletes de pasta ainda plástica, i. é, acordelada (TERMINOLOGIA, 1966:7) e o tempêro, queima, método de manufatura, técnicas de decoração e as formas das vasilhas acompanham, até certo ponto, a tradição indígena local, particularmente a da fase Ijuí (BROCHADO, 1969a:16 e 1969b:25), com a qual possui muitas semelhanças. A partir do estudo conjunto das técnicas de decoração e das formas, foi possível estabelecer **oito** tipos diferentes; todos com decoração plástica: Ijuí Escovado, Ijuí Corrugado, Ijuí Serrungulado, Ijuí Ungulado, Ijuí Ponteado, Ijuí Roletado, Ijuí Pinçado e Ijuí Nodulado.

Na Série Missões praticamente toda a cerâmica foi produzida pelo método do torneamento na roda-do-oleiro, e as formas das vasilhas e a maior parte das técnicas de decoração se afastam completamente da tradição indígena, pertencendo à tradição européia da época. Foram estabelecidos **oito** tipos diferentes. **Dois** tipos simples: Missões Simples e São Lourenço Simples; e **seis tipos** decorados: **dois** com decoração pintada: São João Vermelho e São Miguel Preto Polido, e tentativamente, mais **dois**, com decoração plástica: Missões Inciso, Missões Ungulado secante em linhas, e um pintado: Missões Pintado de branco; além do Missões Amarelo Esmaltado que parece importado.

Ao todo foi possível reconstruir, a partir dos cacos; pois não foi encontrada senão uma vasilha inteira; **onze** formas generalizadas e **onze** formas raras; encontrando-se na Série Ijuí: **sete** formas generalizadas e **três** formas raras, e na Série Missões: **quatro** formas generalizadas e **oito** formas raras. A cerâmica da Série Missões é, portanto, mais padronizada do que a da Série Ijuí na sua expressão mais generalizada, mas apresenta maior número de formas raras.

DESCRIÇÃO DOS TIPOS CERÂMICOS

Na descrição dos tipos cerâmicos foi utilizada a **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica** (TERMINOLOGIA, 1966, 1969).

SÉRIE IJUÍ

IJUÍ ESCOVADO:

Pasta:

Tempêro: Quantidades variáveis de grãos arredondados, resultantes da decomposição das rochas vulcânicas do planalto, parcialmente laterizados, recobertos ou já totalmente compostos de óxidos de ferro com impurezas, medindo entre 0,5 e 3 mm ou mais. Pequena

quantidade de grãos de quartzo, sob a forma cristalina e de calcedônia e/ou ágata, arredondados ou sub-angulosos, diversamente corados: branco, amarelo, rosa, castanho etc.; medindo de 0,1 a 0,5 mm; ocasionalmente até 1 mm ou mais. Também são observáveis grãos arredondados e muito friáveis, possivelmente de argila, entre 0,5 e mais de 1 mm e manchas de carvão vegetal entre 1 e 3 mm. O tempero, representando menos de 10% da mistura, está em geral bem distribuído.

Textura: Pouco compacta, mas sem bôlhas de ar visíveis. A fratura é denteada em ziguezague, mas não muito friável.

Côr: Núcleo cinza-escuro ou preto, situado entre duas faixas ou capas de coloração mais clara e espessura variável, adjacentes às superfícies exterior e interior. Raramente cinza-escuro ou preto através de toda a seção.

Queima: Incompleta, provavelmente em fogueiras abertas, sem regulação.

Método de manufatura: Acordelado, indicado por freqüentes fraturas ao longo dos roletes superpostos, as quais apresentam impressões positivas ou negativas dêstes.

Superfície:

Côr: Varia do amarelo-ocre-claro ao preto, mas predominam em geral as colorações escuras: castanho, cinza e preto.

Tratamento:

Exterior: Decoração: Escovado: Sulcos mais ou menos paralelos, dimensionalmente irregulares, distribuídos irregularmente e que muitas vêzes se cruzam, superpõem e confundem; produzidos pela passagem de um instrumento de múltiplas pontas na superfície ainda plástica. Os sulcos geralmente são executados em posição horizontal, paralelamente à bôca das vasilhas; mais raramente inclinados em diagonal.

Técnicas associadas:

Pinçado: Muitas vêzes as bordas das vasilhas dêste e de outros tipos foram decoradas por pressões exercidas conjuntamente com as extremidades de dois dedos e unhas, causando uma espécie de pelis-camento da superfície ainda plástica. Os pinçados alinham-se quase sempre em uma faixa horizontal próxima à borda.

Ponteados: Também as bordas podem ter sido decoradas por pressões executadas com instrumentos de ponta romba sôbre o lábio, o que lhe dá um aspecto semelhante ao da decoração digitungulada.

Ocasionalmente observam-se ungulações, linhas incisivas, ponteados ou pinçados incipientes, executados sôbre a própria decoração escovada.

Interior: A qualidade inferior da pasta e a exposição aos elementos resultou na perda por erosão da maior parte da superfície original, principalmente da parte interna das vasilhas, a qual se apresenta em geral profundamente fendilhada e descascando. Nas superfícies internas melhor conservadas, observam-se as marcas do alisamento, paralelas à borda, provavelmente executadas com um instrumento liso e duro que causou a flutuação das partículas mais finas, produzindo um efeito algo lustroso.

Dureza: 3 (escala de Mohs).

Forma (na fase Missões):

1. a-b — Vaso de contorno mais ou menos inflado (jarro), com bôjo esferóide ou elipsóide em posição horizontal (TEJERO & LITVAK, 1968: 10 seq.), bôca mais ou menos constricta e base plana, contínua com as paredes ou formando um ângulo obtuso com elas. Pescoço cilíndrico ou tronco-cônico, em posição normal ou mais comumente invertida, mais ou menos destacado do bôjo por uma inflexão.

Diferentes tratamentos da borda:

a — Vertical ou levemente introvertida, reforçada externamente e decorada com uma faixa de corrugações fortes. Lábio redondo ou plano, às vezes com decoração digitungulada ou mais raramente unglada;

b — Preferentemente vertical ou extrovertida, raramente introvertida, contraída, com lábio redondo, ou direta, com lábio plano, quase sempre com decoração digitungulada, mais raramente ponteadas ou ungladas.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: 15 a 45 cm; diâmetro da bôca: 12 a 40 cm; altura: 15 a 25 cm; espessura das paredes: 8 a 15 mm.

Decoração (Motivos): Escovada, estendendo-se desde junto do lábio até próximo da inflexão da base.

2 — Tijela funda tronco-cônica (alguidar), com base plana ou levemente côncava e paredes retas ou levemente côncavas, inclinadas para fora, formando ângulo obtuso com a base. Borda extrovertida, reforçada externamente e decorada com uma faixa de pinçados, ou direta; lábio redondo ou, no último caso, levemente aplanado.

Dimensões: Diâmetro da bôca: 14 a 32 cm; altura: 8 a 12 cm; espessura das paredes: 8 a 12 mm.

Decoração (Motivos): Escovada, estendendo-se a partir da faixa de pinçados ou das proximidades da borda, até próximo do ângulo da base.

3 — Tijela em forma de meia calota ou elipsóide em posição horizontal (idem ibd.:10 seq.), base plana ou levemente arredondada, contínua com as paredes, convexas, inclinadas exteriormente. Borda direta ou levemente contraída, com lábio redondo ou aplanado, com decoração digitungulada ou, mais raramente, unglada.

Dimensões: Diâmetro da bôca: 10 a 32 cm; altura: 4 a 8 cm; espessura das paredes: 7 a 9 mm.

Decoração (Motivo): Escovada, extendendo-se desde pouco abaixo do lábio até próximo da base.

Forma rara "a": — Tijela cilíndrica de contôrno levemente infletido, com base arredondada, contínua com as paredes quase verticais. Borda reforçada externamente, com lábio apontado.

Dimensões: Diâmetro da bôca: aproximadamente 8 cm; altura: aprox. 5 cm; espessura das paredes: 4 mm.

Decoração (Motivo): Mesma que na forma 3.

IJUÍ CORRUGADO:

Pasta e superfície: Mesma do Ijuí Escovado. Sômente varia: Decoração: Corrugado (complicado), corrugado-ungulado e corrugado-simples ungulado:

Os roletes superpostos foram unidos por pressões rítmicas das extremidades dos dedos ou outro instrumento de formato semelhante, exercidas perpendicular ou diagonalmente em relação à superfície ainda mais ou menos plástica, formando-se cristas irregulares, causadas pelo escorregamento e a acumulação do material no sentido em que a pressão foi exercida. Observou-se duas variedades, distinguidas pela maior ou menor pressão, sentido em que foi exercida e plasticidade da pasta no momento em que foram executadas: "A" (mais fraco) e "B" (mais forte). Às vêzes a unha ou a borda curva do instrumento se imprimiu também na pasta, constituindo o que se denomina de corrugado-ungulado. Neste último caso ainda, os roletes poderiam não ter sido completamente obliterados, constituindo o que se denomina de corrugado-simples ungulado.

Técnica associada:

Digitungulado: Muitas vêzes a borda das vasilhas dêste e de outros tipos foi decorada por pressões rítmicas das extremidades dos dedos e unhas ou de outro instrumento semelhante, executadas sôbre o lábio, o que lhe dá um aspecto indentado ou serrilhado, em zigzague.

Forma (na fase Missões):

4 — Vaso de contôrno infletido (panela), com bôjo esférico ou ovóide em posição normal e bôca constrita. Base arredondada, mais raramente plana ou côncava, contínua com as paredes. Borda vertical ou, mais comumente, extrovertida; quase sempre direta, raramente contraída e com lábio redondo, algumas vêzes apontado ou aplanado. Também é comum a borda reforçada externamente, mais raramente internamente, e nestes casos o lábio apresenta decoração digitungulada, mais raramente ungulada.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: 15 a 45 cm; diâmetro da bôca: 12 a 40 cm; altura: 12 a 40 cm; espessura das paredes: 8 a 10 mm.

Decoração (Motivos): Na maioria das vasilhas é o corrugado "B" (mais forte) ou "A" (mais fraco), ou o corrugado-ungulado, estendendo-se desde junto do lábio até quase a base. As vezes observa-se uma faixa de corrugações mais fortes ("B") junto à borda ou, ocasionalmente, corrugações somente junto à borda, com o bôjo sem decoração (Fig. 1, 4).

5 — Tijela meia-calota ou elipsóide em posição horizontal, com a base arredondada, contínua com as paredes. Borda introvertida, levemente contraída, com o lábio redondo com decoração digitungulada. Dimensões: Diâmetro da bôca: aprox. 20 cm; altura: aprox. 7 cm; espessura das paredes: aprox. 9 mm.

Decoração (Motivo): Corrugado "A" desde próximo do lábio até quase a base (Fig. 1, 5).

IJUÍ SERRUNGULADO:

Pasta e superfície: Mesma do Ijuí Escovado. Somente varia: Decoração (Técnica): Pressões exercidas conjuntamente com a extremidade de dois dedos e unhas — uma espécie de peliscamento da superfície ainda plástica — formando cristas irregulares, causadas pelo escorregamento e a acumulação do material no sentido em que foram exercidas as pressões convergentes. As cristas dos peliscamentos ou pinçados se alinham em faixas paralelas, em posição vertical ou mais raramente inclinada.

Forma (na fase Missões):

6 — Vaso de contorno infletido (panela), com bôjo cilíndrico, bôca ligeiramente ampliada e base arredondada, separada das paredes verticais por uma leve inflexão. Borda extrovertida, contraída, com lábio redondo.

Dimensões: Diâmetro da bôca: aprox. 20 cm; altura: aprox. 11 cm; espessura das paredes: média 10 mm.

Decoração (Motivos): Uma faixa de decoração corrugada "B" junto à borda e faixas de decoração serrungulada, executada verticalmente, paralelas, estendendo-se desde a faixa de corrugado até próximo da base. Às vezes se combinam também a decoração serrungulada em faixas paralelas, em posição diagonal, e a escovada. (Fig. 1, 6).

Forma rara "a" — Vaso de contorno infletido, com bôjo esférico, bôca constrita e base arredondada. Borda provavelmente extrovertida, contraída, com lábio redondo, como na forma 6.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: aprox. 13 cm; altura: aprox. 8 cm; espessura das paredes: 7 a 11 mm (média: 10 mm).

Decoração (Motivo): Roletado, horizontal, na região superior do bôjo e faixas de decoração serrungulada, paralelas, em diagonal, na região inferior, estendendo-se até próximo da base.

IJUÍ UNGULADO:

Pasta e superfície: Mesma do Ijuí Escovado. Sòmente varia: Decoração (Técnica): Incisões em crescente, produzidas pela borda da unha ou outro instrumento semelhante, na superfície ainda plástica. As ungulações, em posição vertical, alinham-se em faixas ou registros, horizontais e paralelos.

Forma (na fase-Missões):

7 — Vaso de contôrno infletido (panela), com bôjo esférico ou elipsóide em posição horizontal e bôca constricta ou de diâmetro igual ao bôjo. Base arredondada, contínua com as paredes. Borda vertical ou mais comumente extrovertida, contraída, com lábio redondo, ou reforçada externamente com lábio biselado, raramente com decoração ungulada.

Dimensões: Diâmetro da bôca: 12 a 20 cm; diâmetro do bôjo: 16 a 18 cm; altura: aprox. 8 cm; espessura das paredes: 5 a 13 mm (média: 8 mm). As paredes são caracteristicamente engrossadas na região média do bôjo.

Decoração (Motivo): Faixas horizontais, paralelas, de ungulações em posição vertical, estendendo-se desde junto do lábio até próximo da base ou sòmente na metade inferior do bôjo (Fig. 1, 7).

IJUÍ ROLETADO:

Pasta e superfície: Mesma do Ijuí Escovado, sòmente varia: Decoração (Técnica): Os roletes superpostos foram conservados, portanto não houve alisamento da superfície e encontram-se separados claramente por sulcos mais ou menos profundos. Ocasionalmente observam-se ainda ungulações em posição vertical, dispostas em faixas horizontais, paralelas, coincidindo com os roletes expostos ou incisões paralelas, em posição vertical ou inclinada, cortando um ou diversos roletes expostos.

Forma (na fase Missões): Não foi possível reconstruí-la claramente. Provavelmente tijelas e/ou vasos de contôrno simples e base arredondada, de pequenas dimensões (mais de 10 cm). Os roletes se observam separados, i. é, a decoração começa desde a base,

IJUÍ NODULADO:

Pasta e superfície: Mesma do Ijuí Escovado, sòmente varia: Decoração (Técnica): Pressões exercidas conjuntamente com as extremidades de dois dedos, formando nódulos, causados pelo escorregamento e acumulação do material no sentido das pressões convergentes exercidas.

Forma (na fase Missões):

8 — Vaso de contôrno infletido, com bôjo ovóide em posição invertida, bôca constricta e base plana, formando um ângulo obtuso com as paredes. Borda extrovertida.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: aprox. 17 cm; diâmetro da bôca: aprox. 15 cm; altura: aprox. 12 cm; espessura das paredes: média: 10 mm.

Decoração (Motivo): A decoração se estende desde as proximidades da borda até a inflexão da base.

Alguns raros cacos, cuja pasta pode ser tanto como a do Ijuí Escovado como a do Missões Simples; e que também não apresentam sinais certos que indiquem se pertenceram a vasilhas executadas pelo método do acordelamento ou se foram torneadas; possuem decorações plásticas que poderiam constituir mais dois tipos, tentativamente incluídos na Série Ijuí. Em nenhum caso foi possível reconstruir a forma destas vasilhas.

IJUÍ PONTEADO:

Punções, alinhados em uma ou mais faixas paralelas, horizontais, ocasionalmente situadas entre duas linhas incisas, também paralelas e horizontais.

IJUÍ PINÇADO:

Pinçados, alinhados em uma ou mais faixas horizontais ou dispersos no corpo da vasilha.

SÉRIE MISSÕES

MISSÕES SIMPLES:

Pasta:

Tempêro: Argilo-arenoso, semelhante ao dos tipos da Série Ijuí, observando-se, no entanto, mais judiciosa escolha do tempêro, com menor freqüência dos grãos maiores. Os grãos de quartzo medem entre menos de 0,1 até apenas 0,2 mm e os grãos de rochas vulcânicas da região não ultrapassam 0,5 mm. Além destes, freqüentemente é possível observar ainda pequenas quantidades de cacos moídos, visíveis até 1 mm. Em casos limites, quase todo o tempêro visível chega a desaparecer.

Em alguns sítios que não os Povos: IJ-11, 26 e 27, e no corte C4 (40-50 cm) do IJ-29: São João Batista; observou-se, em proporção superior a 10%, um tempêro de grãos angulosos, de coloração preta e vermelha, brilhante, com reflexos metálicos, provavelmente de minério de ferro moído ("itacuru"); o que constituiria uma experiência talvez no sentido de aumentar a resistência da cerâmica. O mesmo ocorreu, nos três primeiros sítios citados, com tempêro como o descrito no tipo Ijuí Escovado.

Textura: Pouco compacta, mas não friável. Fratura plana.

Côr: Núcleo cinza-claro, escuro ou preto, muito visível, situado entre duas faixas ou capas de coloração mais clara e espessura variável, adjacentes às superfícies interna e externa.

Queima: Mais ou menos completa. Algumas vezes semelhante à da cerâmica de tradição indígena (Série Ijuí) e outras vezes melhor. Provavelmente executada em fornos não bem regulados.

Método de manufatura: Torneada. No entanto um pequeno número de cacos de cerâmica sem decoração, classificados neste tipo, não apresentam sinais certos de terem pertencido a vasilhas torneadas, existindo a possibilidade de que estas tenham sido manufaturadas por outro método, como o acordelado.

Superfície:

Côr: Varia do amarelo-ocre, passando pelo laranja e castanho, até o preto. No exterior predominam os tons caracteristicamente embaçados e no interior o preto brilhante.

Tratamento:

Exterior: Superfície áspera e irregular, apresentando as estrias do torneamento, grosseiras e nem sempre paralelas à borda. Muitas vezes são visíveis ainda outras marcas de alisamento, causadas por um instrumento duro e liso que deixou estrias cuja superfície calçada chega, algumas vezes, até o brilho do polimento. Caracteristicamente tôdas as inflexões (perfis das bordas e bases, pedestal e anelares, etc.) são irregulares e pouco claras, apresentando ângulos mortos. As vasilhas parecem torneadas a menor velocidade do que, por exemplo, as do tipo São Lourenço Simples ou as atuais, e teriam sido moldadas manualmente durante o torneamento.

Apesar de classificadas como sem decoração, muitas vezes as vasilhas deste tipo apresentam decoração executada pelas técnicas do pinçado, ponteadado e ungulado, em faixas horizontais, próximas à borda, e pela do digitungulado, sobre o lábio. Num único exemplar observou-se decoração carimbada ou estampada junto a base.

Interior: Em todos os cacos suficientemente conservados, polido e brilhante, com a característica côr quase preta; tendo desaparecido a maior parte dos sinais de torneamento, exceto reentrâncias e saliências anelares, paralelas, medindo mais ou menos 1 cm de largura cada uma, resultantes do trabalho de polimento.

Dureza: 3

Forma:

1. a-b — Vaso de contôrno mais ou menos infletido (jarro) com bôjo ovóide em posição normal. Bôca constricta e base plana ou, mais raramente, pedestal, com perfil em quarto de círculo direito ou de toro. Pescoço cilíndrico ou tronco-cônico em posição normal ou invertida, mais ou menos bem destacado do bôjo por uma inflexão.

Diferentes tratamentos da borda:

a — Extrovertida, vertical ou, mais raramente, introvertida; reforçada externamente, mais raramente internamente; com lábio redondo;

b — Extrovertida, vertical ou, mais raramente, introvertida; reforçada externamente e decorada com uma faixa de pinçados, mais raramente ponteados ou unguilados, em posição vertical ou cruzados; lábio redondo.

Observa-se a presença de alças, dispostas verticalmente, asas simples aplicadas e agarradeiras de forma tronco-cônica, terminadas por um botão.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: 20 a 40 cm; diâmetro da bôca: subtipo "a": 15 a 18 cm; subtipo "b": 15 a 35 cm; altura: 18 a 30 cm; espessura das paredes: subtipo "a": 10 a 12 mm; subtipo "b": 8 a 10 mm.

Decoração: Sômente as faixas de pinçados, ponteados ou unguilados, na borda, no subtipo "b" (Fig. 1, 1, a-b).

2. a — Tijela funda, tronco-cônica (alguidar), com base plana ou levemente côncava, muito espessa (15 a 20 mm), contínua ou formando um ângulo muito obtuso com as paredes, retas ou levemente convexas, inclinadas exteriormente. Borda extrovertida ou vertical; contraída, com lábio apontado; direta, com lábio redondo ou algo aplanado, às vezes com decoração digitungulada; ou reforçada externamente e decorada com uma faixa de pinçados.

Dimensões: Diâmetro da bôca: 16 a 30 cm; altura: 6 a 7 cm; espessura das paredes: 5 a 15 mm (média: 9 a 12 mm).

Decoração: Sômente a faixa de pinçados na borda ou a decoração digitungulada no lábio (Fig. II, 2a).

2. b-d — Tijela meia-calota ou tronco-cônica, com as paredes fortemente inclinadas para fora, mais comumente convexas, mas também retas ou côncavas, diretas ou contraindo-se gradualmente. Borda extrovertida, direta ou contraída, com lábio redondo ou levemente aplanado, muitas vezes com decoração digitungulada ou, no caso do subtipo de base pedestal, com paredes retas, reforçada exteriormente com um friso semi-cilíndrico (filête), único ou duplo.

Diferentes tratamentos da base:

b — Base pedestal, espessa, com perfil de quarto de círculo direito, pouco destacado do corpo;

c — Base pedestal, espessa, com perfil de toro ou quarto de círculo reverso, bem destacada do corpo por uma constrição (canelura ou caveto);

d — Base anelar, alta e reforçada, também bem destacada do corpo.

Dimensões: Diâmetro da boca: subtipos "b" e "c": 10 a 22 cm; subtipo "d": 25 a 30 cm; altura: 3 a 5 cm; espessura das paredes: 5 a 8 mm (maioria: 7 mm).

Decoração: Sòmente digitungulada no lábio ou fileteada na borda (Fig. II, 2b, 2c, 2d).

3. a—d — Tijela de contôrno infletido, com as paredes convexo-côncavas, mais ou menos inclinadas para fora e em geral contraindo-se gradualmente. Borda extrovertida, contraída ou às vêzes reforçada externamente, formando um friso semi-cilíndrico (filête).

Diferentes tratamentos da base:

a — Base plana, talvez levemente côncava, formando um ângulo obtuso com as paredes (quase se confunde com a seguinte:)

b — Base pedestal, como a da "2b";

c — Base pedestal, como a da "2c";

d — Base anelar, cilíndrica, aproximadamente reta, baixa e delicada, mas bem destacada do corpo.

Dimensões: Diâmetro da boca: 10 a 26 cm; altura: 4 a 10 cm; espessura das paredes: 5 a 7 mm.

Decoração: Sòmente, ocasionalmente, fileteada na borda (Fig. II, 3b, 3c, 3d).

4. a—c — Prato raso, mais raramente mais fundo, tronco-cônico, com paredes retas ou côncavas, excessivamente inclinadas para fora, diretas ou contraindo-se gradualmente e terminando por uma borda inclinada em plano horizontal; geralmente também direta, com lábio aplanado ou plano, ou levemente contraída, com lábio redondo.

Diferentes tratamento da base:

a — Base plana ou côncava, relativamente espêssa (7 a 9 mm), contínua ou formando um ângulo obtuso com as paredes;

b — Base pedestal, como a da "2c";

c — Base anelar, como a da "3d";

Dimensões: Diâmetro da boca: 10 a 26 cm (maioria: 20 a 26 cm); altura: 2 a 2,5 cm; espessura das paredes: 5 a 9 mm.

Decoração: Não foi observada. (Fig. III, 4a, 4b, 4c).

Formas raras:

a — Tijela muito funda (pote ou "vaso-de-flôres"), tronco-cônica com base plana, formando um ângulo obtuso com as paredes, retas, inclinadas exteriormente, contraindo-se gradualmente. Borda contraída e lábio redondo. Ocasionalmente uma perfuração central na base.

Dimensões: Diâmetro da boca: 8 a 22 cm; altura: 5 a 15 cm; espessura das paredes: 8 a 20 mm (média: 12 mm).

Não foi observada decoração (Fig. III, fr a).

É provavelmente tijela meia-calota, com as paredes convexas fortemente inclinadas para fora. Base anelar. Borda de formato desconhecido.

Dimensões: Diâmetro da base: aprox. 10 cm.

Decoração: Carimbada, em forma de ferradura, pelo menos na região inferior das paredes, junto à base.

SÃO LOURENÇO SIMPLES:

Pasta:

Tempo: Menor quantidade de areia, ainda mais fina do que no tipo Missões Simples. Os grãos de quartzo não alcançam 0,2 mm e observam-se ocasionais fragmentos de cacos moídos, visíveis até 1 mm.

Textura: Muito compacta. Fratura plana. Ruído metálico ao ser percutida.

Côr: Tons claros, desde o amarelo-ocre até o laranja-e, raramente o vermelho vivo; em alguns raros casos observa-se um núcleo de coloração cinza-claro, pouco destacado, através de toda a seção.

Gueima: Completa, com oxidação completa ou quase completa. Certamente efetuada em forno regulado.

Método de manufatura: Torneada, como no tipo Missões Simples.

Superfície:

Côr: Tons claros, desde o amarelo-ocre até o vermelho-vivo, como na pasta, predominam tanto no exterior como no interior.

Tratamento: Externa e internamente, perfeitamente alisada, mas sem brilho, i. é, não polida. Evidências bem pronunciadas do torneamento: estrias e sulcos finos, paralelos à borda e todas as inflexões (perfil das bordas e bases, pedestal e anelares, filizes etc.) são claras, apresentando ângulos vivos. As vasilhas parecem torneadas a maior velocidade do que as do tipo Missões Simples, sugerindo ainda o uso de gabaritos mecânicos durante o torneamento.

Dureza: 3 a 4.

Formas:

1 — Vaso de contorno mais ou menos infletido (jarro), com bôjo ovóide em posição normal, boca constrita e base anelar. Pescoço cilíndrico ou tronco-cônico, em posição normal ou invertida, mais ou menos bem destacado do bôjo por uma inflexão. Borda unicamente como a do subtipo "a" da forma "1" do tipo Missões Simples.

Observa-se a presença de alças dispostas verticalmente.

Dimensões: As mesmas que as da forma "1" do tipo Missões

Simplex.

Não se observou decoração (Fig. II, 1a).

2. b—d — Tijela meia-cabote ou tronco-cônica, com as paredes fortemente inclinadas para fora, mais comumente convexas, mas também retas ou côncavas, diretas ou contraindo-se gradualmente; com lábio redondo ou levemente aplanado, algumas vezes com decoração digitungulada.

Diferentes tratamentos da base e dimensões: Mesmos que nas formas 2. b—d do tipo Missões Simplex.

Decoração: Somente digitungulada, no lábio.

3. b—d — Tijela de contorno infletido, até ocasionalmente composto, com as paredes convexo-cônicas ou convexo-cilíndrico-cônicas, mais ou menos inclinadas para fora e em geral contraindo-se gradualmente. Ocasionalmente, no entanto, o corpo se apresenta com aspecto carenado, devido a um forte espessamento da parede na sua região média. Borda extrovertida; contraída com lábio redondo ou expandida com lábio plano.

Diferentes tratamentos da base e dimensões: Mesmo que nas formas 3. b—d do tipo Missões Simplex.

Não foi observada decoração. (Fig. II, 3c).

4. a—d — Descrição: diferentes tratamentos da base, dimensões e decoração: Mesmos que nas formas 4. a—c do tipo Missões Simplex; observando-se somente que no subtipo a, as bases são exclusivamente côncavas.

Formas raras:

a — Tijela tronco-cônica (candeeiro), com base côncava, muito espessa. Borda vertical ou extrovertida direta, com lábio redondo ou reforçada externamente com um friso semi-cilíndrico (filéte). Fundo convexo, tronco-cônico ou hemisférico, com uma perfuração central para a introdução da mecha. Uso como candeeiro, na iluminação.

Dimensões: Diâmetro da boca: aprox. 12 cm; altura: aprox. 4 a 6 cm; espessura das paredes: 4 a 8 mm.

Decoração: Somente fileteada na borda (Fig. III, fr a).

b — Prato muito raso, plano, com pingados na periferia.

Dimensões: Diâmetro: 6 ou 8 cm; altura: aprox. 1 cm.

SÃO JOÃO VERMELHO:

Pasta: Mais freqüentemente é a mesma descrita para o tipo Missões Simplex, mas algumas vezes (cerca de 10%) pode ser também como a descrita para o tipo São Lourenço Simplex. Ver a descrição destes tipos para mais detalhes.

Superfície:

Côr: Vermelha-viva brilhante; mais raramente alaranjada, amarelada ou escurecida, quase castanha; resultante da aplicação do engôbo. Onde êste falta, principalmente no interior, varia do amarelo-ocre, passando pelo laranja, até o preto, caracteristicamente em tons embaçados.

Tratamento: Exterior e interiormente varia entre as características do tratamento da superfície dos tipos Missões Simples e São Lourenço Simples, na maior parte recoberto por um engôbo vermelho, cuja espessura pode alcançar até quase 1 mm e que não escama facilmente, apesar de que o faça por vêzes. O engôbo oculta praticamente todos os defeitos e sinais da superfície original e a sua própria superfície é perfeitamente plana, unida e brilhante. O engôbo cobre tôda a superfície, externa e internamente, ou sômente a externa, até o lábio ou até alguns centímetros abaixo dêste, internamente.

Dureza (do engôbo): 3.

Formas:

1. a—b — Vaso de contôrno mais ou menos infletido (jarro), às vêzes composto, com bôjo ovóide em posição normal ou invertida, freqüentemente carenado na altura do ombro. Bôca constricta e base plana ou pedestal, com perfil em quarto de círculo direito ou de toro. Pescoço cilíndrico ou tronco-cônico invertido, sempre bem destacado do bôjo por uma inflexão forte.

Diferentes tratamentos da borda:

- a** — Extrovertida, reforçada externamente, com lábio redondo;
- b** — Cambada, em posição mais ou menos vertical; às vêzes também reforçada exteriormente, com lábio redondo.

Observa-se a presença de alças dispostas verticalmente.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: 20 a 40 cm; diâmetro do pescoço: 10 a 20 cm; diâmetro da bôca: 15 a 40 cm; altura: 18 a 30 cm; espessura das paredes: 10 a 12 mm.

Decoração (Motivos): Engobada de vermelho em tôda a superfície externa, até o lábio ou até entre 1 e um máximo de 4 cm abaixo do lábio, no interior (Fig. III, 1b).

2. b—d — Tijela meia-calota ou tronco-cônica, com as paredes fortemente inclinadas para fora, mais comumente convexas, mas também retas ou côncavas, diretas ou contraindo-se gradualmente.

Borda extrovertida, direta, contraída ou reforçada externamente, algumas vêzes com um friso semi-cilíndrico (filête); mais raramente expandida. Lábio redondo, freqüentemente aplanado, raramente com decoração digitungulada ou ponteadada.

Diferentes tratamentos da base e dimensões: Mesmos que nas formas **2. b—d** do tipo Missões Simples.

Decoração (Motivos): Mais freqüentemente engobada de vermelho em toda a superfície externa e interna; muitas vezes externamente e entre 0,5 e um máximo de 4 cm abaixo do lábio, internamente; mais raramente só no exterior, até o lábio. Muito raramente, digintungulada ou ponteadada no lábio. Num único caso observou-se uma faixa de ungulados, exteriormente, situada 3 mm abaixo do lábio, numa área não engobada. (Fig. III, 2b, 2c).

3. a—d — Descrição, diferentes tratamentos da base e dimensões: Mesmos que nas formas 3. a—d do tipo Missões Simples.

Decoração (Motivos): Mesmos que nas formas 2. b—d, descritas anteriormente. Num caso observou-se desenhos borrosos em tinta branca sobre o engôbo vermelho, na região côncava do corpo, desde possivelmente a borda até a região convexa próxima à base. Em outro caso, observou-se uma faixa de corrugações na borda, logo abaixo do lábio, também sobre uma área não inteiramente engobada, mas com as saliências e reentrâncias ressaltadas com tinta vermelha-e-branca. (Fig. III, 3a, 3b, 3c).

4. a—c — Descrição, diferentes tratamentos da base e dimensões: Mesmos que nas formas 4. a—c do tipo Missões Simples.

Decoração: Engobada de vermelho interior e exteriormente.

Formas raras:

a — Vaso com bôjo ovóide em posição normal e bôca constricta. Borda e base de forma desconhecida. Caneluras verticais estendem-se desde um friso semi-cilíndrico, provavelmente próximo da borda, até a região de maior diâmetro do bôjo.

Dimensões: Diâmetro do bôjo: 9 cm; diâmetro do pescoço: 4 cm; altura: aprox. 8 cm; espessura das paredes: 6 a 9 mm.

Decoração (Motivo): Parte do caco está engobado de vermelho e parte de preto (ver: São Miguel Preto Polido), sem padrão definido.

b — Provável tijela com base pedestal muito elevada (compoteira), engobada de vermelho exteriormente. Borda e extremo da base de formato desconhecido.

c — Um caco exteriormente engobado de vermelho e interiormente esmaltado de amarelo (ver: Missões Amarelo Esmaltado). Forma desconhecida.

SÃO MIGUEL PRETO POLIDO:

Pasta: Como as descritas para o tipo São João Vermelho (Missões Simples ou São Lourenço Simples).

Superfície:

Côr: Escura, predominantemente castanha, arroxeada, côr-de-couro ou preta, brilhantes; mais raramente clara: amarelada ou rosa-

da; resultando da aplicação do engôbo. Onde este falta, principalmente no interior, varia do amarelo-ocre, passando pelo laranja, até o preto, caracteristicamente em tons embaçados.

Tratamento: Exterior e interiormente varia entre as características do tratamento da superfície dos tipos Missões Simples e São Lourenço Simples, na maior parte recoberto por um engôbo escuro ou preto, cuja espessura média parece maior do que a do São João Vermelho, mas que também não ultrapassa 1 mm. Também não escama facilmente, apesar que o faça mais frequentemente do que o daquele. O engôbo, que oculta praticamente todos os defeitos e sinais da superfície original, parece ter, às vezes, por base o engôbo vermelho vivo e sua própria superfície apresenta marcas rasas de polimento, não rigorosamente paralelas à borda ou entre si, que muitas vezes se superpõem e refletem a luz. O polimento parece ter sido executado com um instrumento duro e liso de pequena seção, arredondada. O engôbo cobre toda a superfície, externa e internamente, ou somente a externa, até o lábio, ou internamente e somente parte da externa até alguns centímetros abaixo do lábio, ocorrendo também o contrário.

Dureza (do engôbo): 3.

Formas:

2. a-b — Tijela meia-calota ou tronco-cônica, com as paredes fortemente inclinadas para fora, convexas ou côncavas, mais raramente retas, diretas ou contraindo-se gradualmente. Borda extrovertida, direta, contraída, algumas vezes reforçada externamente com friso semicilíndrico (filête). Lábio redondo ou aplanado, muito raramente com decoração digitungulada.

Diferentes tratamentos da base:

a — Base pedestal, espessa, com perfil de quarto de círculo direito, pouco destacada do corpo;

b — Base pouco espessa, com perfil reto, bem destacada do corpo por uma constricção (caveto ou canelura).

Dimensões: Diâmetro da boca: 10 a 30 cm; altura: 3 a 5 cm; espessura das paredes: 5 a 11 mm (maioria: 8 mm).

Decoração (Motivos): Engobada de preto, na maioria dos casos exterior e interiormente; às vezes só no exterior, a partir do lábio ou no interior e em somente parte do exterior, até 5 a 25 mm abaixo do lábio; mais raramente no exterior e em somente parte do interior, até 5 ou 8 mm abaixo do lábio.

3. a-b — Tijela de contorno infletido, com as paredes convexo-côncavas, mais ou menos inclinadas para fora e em geral contraindo-se gradualmente. Algumas vezes, no entanto, o corpo se apresenta com aspecto carenado, devido a um forte espessamento da parede na sua região média. Borda extrovertida, direta ou contraída.

Diferentes tratamentos da base; dimensões e decoração: Mesmos que nas formas 2. a—b, descritas anteriormente. A espessura das paredes alcança até 14 mm no ângulo.

4. b — Descrição: Mesma que na forma 4. b do Tipo Missões Simples. Base pedestal, espessa, com perfil de quarto de círculo direito, pouco destacada do corpo.

Dimensões: Diâmetro da boca: 10 a 20 cm; altura: 2 a 2,5 cm; espessura das paredes: 5 a 7 mm.

Decoração: Engobada de preto exterior e interiormente.

Alguns raros cacos, cuja pasta pode ser tanto como a descrita para o tipo Ijuí Escovado como a para o tipo Missões Simples, e que também não apresentam sinais certos que indiquem se pertenceram a vasilhas executadas pela técnica do acordelamento ou torneadas, possuem decorações plásticas, mais raramente pintada, que podem constituir mais três tipos, tentativamente incluídos na Série Missões. Somente em um caso foi possível reconstruir a forma destas vasilhas.

Missões Inciso:

Incisões praticadas com a extremidade de instrumentos aguçados de pequena seção. As incisões, em posição vertical, horizontal ou inclinada, são espaçadas, muitas vezes sobrepostas em mais de uma posição, formando padrões reticulados (ver: Ijuí Roletado).

Missões Ungulado secante em linhas:

Ungulações alinhadas que se seccionam pelas extremidades, formando linhas curvas, provavelmente parte de um desenho floral (?).

Missões Pintado de branco:

Pintura branca, espessa, semelhante a um rebôco, na superfície externa. Forma de uma tijela de contorno simples, base plana, contínua com as paredes, medindo 16 ou 18 cm de diâmetro. Diâmetro da boca aprox. 20 cm.

Além dos tipos de cerâmica anteriormente descritos, todos com certeza produzidos localmente, cumpre ainda citar a ocorrência de um último tipo, também incluído na Série Missões, mas possivelmente um produto importado:

MISSÕES AMARELO ESMALTADO:

Pasta: Como a descrita para o tipo São Lourenço Simples.

Superfície:

Côr: Amarela, mais raramente acastanhada, alaranjada ou esverdeada, com característico brilho vítreo, resultando da aplicação de esmalte ante-cocção. Onde este falta, no interior, desde a amarela até a laranja, porém sem brilho.

Tratamento: exterior e interiormente é o mesmo que o descrito para o tipo São Lourenço Simples, na maior parte recoberto por um esmalte de espessura sempre bem menor que 1 mm. A superfície do esmalte apresenta características marcas rasas, paralelas à borda, que lhe dão uma aparência ondulada e refletem muito bem a luz. O esmalte aparece também freqüentemente trincado, mas só escama muito raramente. Parece tratar-se de um esmalte vítreo de origem européia e as vasilhas, muito raras teriam sido possivelmente importadas. No entanto, um caco internamente esmaltado de amarelo encontra-se externamente engobado de vermelho, em tudo idêntico ao descrito para o tipo São João Vermelho, ao que tudo indica produzido localmente (ver: São João Vermelho: forma rara c:).

Dureza (do esmalte): até 4.

Forma: Não foi possível reconstruir claramente a forma das vasilhas c deste tipo, mas parece que predominam os pratos de pequenas dimensões.

Finalmente, foram encontrados ainda alguns raros fragmentos de vasilhas confeccionadas de:

LOUÇA EUROPÉIA:

Louça ou barro fino (majólica), esmaltado interna e externamente de branco, algumas vezes com desenhos em azul e/ou amarelo, caracteristicamente um produto de importação.

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Em primeiro lugar observa-se que os ceramistas possuíam padrões de preferência quanto à combinação das técnicas de confecção, com as formas e as técnicas de decoração das vasilhas. Por exemplo, na Série Ijuí, onde as vasilhas eram tôdas produzidas pelo método dos roletes, i. é, acordeladas, os jarros (1. a—b) e os alguidares (2) eram exclusivamente decorados pela técnica do escovado, assim como as panelas (4 e 7) pela do corrugado (corrugado (complicado), corrugado-ungulado e corrugado-simples ungulado) e ungulado, e somente as tijelas (3 e 5) utilizavam uma ou outra das duas primeiras técnicas. Em contraposição, na Série Missões, onde as vasilhas parecem tôdas produzidas no tórno, as mesmas quatro formas (1, 2, 3, e 4) se repetem nos quatro tipos principais (Missões Simples, São Lourenço Simples, São João Vermelho e São Miguel Prêto Polido), é verdade que com graus de popularidade diferentes em cada um destes tipos.

Observa-se ainda que a maioria das vasilhas da Série Missões apresentam dimensões menores do que as da Série Ijuí. As pequenas dimensões e o fato de que estas constam principalmente de tijelas (2 e 3) e pratos (4), indicam o seu uso antes para o consumo do que para a preparação dos alimentos. Para esta preparação parecem ser mais apropriados os jarros (1), alguidares (2) e panelas (4), escovados ou corrugados, da Série Ijuí, e os jarros (do subtipo 1.b), simples ou engobados de vermelho, da Série Missões.

A respeito do provável uso das vasilhas cujas formas foram reconstruídas, é interessante relembrar a passagem, na abundante documentação sobre os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, principalmente sobre o Povo de São João Batista, que se refere à confecção de vasilhas de cerâmica "para buscar água e levá-la à cozinha, cântaros ou talhas, moingas de barro para o refeitório e outros utensílios semelhantes. . ." (SEPP, 1943: 226-7).

É interessante ainda indicar que, apesar das duas tradições — indígena e européia — terem sempre coexistido durante a fase Missões, foram muito pequenas as influências de uma sobre a outra que puderam ser detectadas.

Na primeira (Série Ijuí), a forma geral dos alguidares (2) e as bases planas dos jarros (1. a-b) e tijelas (3) do tipo Ijuí Escovado, devem ser buscadas na cerâmica de tradição européia. Nesta (Série Missões) observou-se somente a aliás freqüente decoração da borda pelas técnicas do pinçado, ponteadado e ungulado e do lábio pela do digitungulado, nos jarros (1.b) e tijelas simples (2) do tipo Missões Simples, mais raramente também nas tijelas simples (2) do tipo São Lourenço Simples; e a ponteadado ou digitungulada do lábio, também raramente, nas tijelas simples (2) do tipo São João Vermelho. Os dois únicos casos de faixas de ungulações ou corrugado em tijelas simples (2) ou de contôrnio infletido (3. a, d) do tipo São João Vermelho, devem também ser atribuídos à influência das técnicas de decoração da cerâmica de tradição indígena.

Evidencia-se portanto que o sentido da difusão das técnicas deve ter sido fortemente da tradição européia para a indígena. A paucidade das influências recíprocas poderia talvez ser explicada admitindo-se que a cerâmica de tradição européia devia ser produzida em massa, nas oficinas dos Povos, segundo técnicas e modelos importados, por artesãos do sexo masculino, os quais não possuíam maiores conhecimentos das técnicas da cerâmica indígena, tradicionalmente produzida domesticamente pelas mulheres.

De qualquer maneira, é digno de nota o fato de que ao lado da produção mecanizada da cerâmica pelas oficinas dos Povos, continuasse a produção doméstica, sem uso do tórno, seguindo técnicas indígenas tradicionais.

Finalmente, é interessante anotar o achado de fragmentos de vasilhas de cerâmica, principalmente do tipo Ijuí Escovado, desgastados na sua periferia de maneira a formarem pequenos discos com 5 ou 6 cm de diâmetro, cuja utilidade não é conhecida.

OUTROS MATERIAIS

CERÂMICA:

Além dos fragmentos das vasilhas, ocorre nos Povos também grande quantidade de fragmentos de tijolos, telhas, tijoletas e ladrilhos, mais raramente adôbes, de vários formatos e dimensões; inclu-

sive alguns de tijoletas hexagonais, esmaltadas de amarelo (mesmo que o do tipo Missões Amarelo Esmaltado), com motivos florais estampados. Documentos referentes ao Povo de São João Batista, se referem à confecção de telhas, tijolos e ladrilhos, utilizados na construção dos edifícios, assim como explicitamente à das referidas tijoletas esmaltadas (SEPP, 1943: 213, 222, 226-7).

VIDRO:

Fragmentos de vidro de coloração verde ou, mais raramente, âmbar ou transparentes, de diferentes espessuras, quase sempre muito erodidos e embaçados, parecem, na maior parte, provenientes de garrafas. Outros fragmentos, planos e de espessura muito pequena, transparentes, foram obtidos nos cortes e poderiam pertencer a vidraças.

MICA:

Fragmentos recortados, de pequenas dimensões, também foram obtidos em um dos cortes e poderiam ter tido a mesma utilização.

FERRO:

São muito abundantes, tanto superficialmente como nos cortes, os fragmentos da rocha vulcânica local, contendo minério de ferro, denominada "itacuru". Como este minério foi, segundo dados históricos, fundido e utilizado nas Missões (SEPP, 1943: 193, 214-16) encontram-se ocasionalmente também fragmentos de escórias da sua fundição ou o próprio ferro retirado, muitas vezes na forma de objetos, como: cravos, lâminas, etc.

Em coletas de superfície têm sido encontradas moedas, medalhas, botões metálicos, chaves, ferros de lança, estribos, fivelas, etc., objetos os quais não é possível adjudicar com certeza a determinada época.

LÍTICO:

Os instrumentos líticos mais comumente encontrados em quase todos os sítios da fase Missões, são os objetos discoidais, convexos ou plano-convexos, de forma lenticular, com dimensões entre 5 e 6 cm de diâmetro e 3 a 4 cm de espessura central, os quais foram executados pela técnica do picoteado, quando sobre basalto, e pela do polimento, quando em arenito. A estes últimos pode-se provavelmente equiparar também os simples seixos irregularmente aproximados à forma lenticular. Sua utilidade é muito controvertida, tendo sido comumente denominados: "pedras de funda".

Foram recolhidos também dois cachimbos angulares, em arenito, incompletamente perfurados.

Além destes recolheram-se alguns talhadores lascados com ponta e bisel; alguns fragmentos de objetos polidos, planos, tabulares, de

diversos formatos, a maioria em arenito, com sinais de utilização como desgastadores ou polidores; alguns batedores de aresta, muitos fragmentos de boleadeiras com sulco, e nódulos e lascas de quartzo ou ágata, entre os quais um com sinais de uso, possivelmente como pederneira numa arma de fogo.

COMPARAÇÃO DO MATERIAL

Em outros lugares (BROCHADO, 1969a:24 e 1969b:34 MS) já foram feitas comparações entre o material da fase Missões e o das fases Monjêlo, do Rio Grande do Sul (MILLER, 1967:23 seq.) e Lavrinha, do Paraná, de tradição Neobrasileira; assim como o das fases Tamboara, Tibagi e Caloré, também do Paraná (CHMYZ, 1967:66 seq.; 1969:103 seq.), de tradição Tupiguarani.

No entanto, as maiores semelhanças se encontram na comparação com o material da fase Ijuí, do Rio Grande do Sul (BROCHADO, 1968:230; 1969a: 16 e 1969b: 22 MS), também da tradição Tupiguarani, que ocupou a mesma área geral da bacia do rio Ijuí, no noroeste do Estado, que a fase Missões. As semelhanças são tais que foram usadas as mesmas denominações para diversos tipos cerâmicos de uma e outra fase, os quais foram, na fase Missões, reunidos na denominada Série Ijuí. Nestes tipos as semelhanças se estendem não só às formas, como às técnicas e até aos motivos de decoração de algumas vasilhas muito populares. Por exemplo, no tipo Ijuí Escovado, os jarros (1) da fase Missões apresentam grande semelhança com a forma mais popular da fase Ijuí, incluindo até as duas variedades (subtipos a e b) nas quais esta foi subdividida; apenas na fase Ijuí a base é sempre arredondada, os sulcos da decoração escovada predominantemente inclinados em diagonal e mais freqüentemente entrecruzados e as corrugações na borda, no subtipo a, mais fracas. As tijelas (2) parecem também se encontrar na fase Ijuí. No tipo Ijuí Corrugado as panelas (4) e tijelas (5) da fase Missões apresentam grande semelhança com as duas formas mais populares dos tipos Ijuí Corrugado "A" e "B", Ijuí Corrugado-ungulado e Ijuí Corrugado Simples-ungulado, da fase Ijuí; a única diferença sendo que as bases são predominantemente planas ou côncavas naquela e sempre arredondadas ou côncavas nesta. O mesmo acontece, no tipo Ijuí Ungulado, com as panelas (7), muito populares nas duas fases, incluindo até as duas variedades nas quais foram subdivididas; apenas, na fase Ijuí, as vasilhas são caracteristicamente de dimensões um pouco maiores. Quanto ao tipo Ijuí Serrungulado, é interessante a semelhança das panelas (6) com uma forma muito comum, típica, neste caso, do tipo Ijuí Corrugado Simples-ungulado da fase Ijuí.

Além disso observou-se ainda, nas duas fases, pelo menos a existência dos tipos Ijuí Nodulado e Ijuí Roletado, o último dos quais não existe nas demais fases indígenas da área.

Quanto aos tipos Ijuí Simples, Ijuí Vermelho e Ijuí Pintado (vermelho e/ou preto sobre branco), são muito diferentes dos tipos Missões Simples, São João Vermelho e Missões Pintado de branco, da fase Missões.

As técnicas de decoração associadas, como o unglado ou o digitunglado na borda, foram raramente observadas na fase Ijuí; a primeira em vasilhas do tipo Ijuí Corrugado Simples-unglado e a segunda do Ijuí Corrugado, num único sítio da fase (RS-IJ-31: José Krantz).

Excetuando-se os objetos lenticulares ou "pedras de funda" e os cachimbos, o restante do material lítico também é muito semelhante ao comumente encontrado nos sítios da fase Ijuí.

Desde que a fase Ijuí, no ponto atual dos conhecimentos arqueológicos sobre o noroeste do Estado, parece ter sido a mais recente na sequência das fases de tradição Tupiguarani (Idem, 1969b: 33 MS), tudo leva a crer que precedeu imediatamente a fase Missões, constituindo a cultura cerâmica dos indígenas que ocupavam a região por ocasião da primeira entrada dos missionários europeus (1632-1637) (Idem, 1969a:23).

Até agora as pesquisas efetuadas em sítios de contato inter-étnico, povoações luso — ou hispano-indígenas, na área da bacia do Prata, o foram em fundações militares e não em missões religiosas como os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai: uma povoação do Chaco, na República Argentina, Ciudad Real del Guayra (1557-1631/32) (CHMYZ, 1963) e Villa Rica del Spiritu Sancto (1570-1631/32) (BLASI, 1963), no Estado do Paraná. Além destas se encontram em andamento outras, em Cayastá (Santa Fé la Vieja), na Argentina (comunicação pessoal da Prof.^a Maria Teresa Carrara) e em Rio Grande, no Rio Grande do Sul (comunicação pessoal dos Professores Guilherme Naue e Vander Valente) (NAUE et al., 1969 MS).

A SEQUÊNCIA SERIADA E SUAS IMPLICAÇÕES

Os tipos cerâmicos precedentemente definidos e descritos foram utilizados para o estabelecimento de uma sequência das coleções — níveis estratigráficos e coletas superficiais — com significação espacial e temporal, o que foi feito pelo método do cálculo da ocorrência percentual, i. é, da variação da popularidade, dos diversos tipos e sua seriação. Como nesta primeira sequência seriada não se levou em conta a variação das formas dentro de cada tipo e como nestas às vezes concorrem tratamentos diferentes da superfície, é necessário fazer os seguintes reparos:

No tipo Ijuí Corrugado pode ter-se incluído também as superfícies com decoração corrugada encontradas na região do pescoço dos jarros do tipo Ijuí Escovado da forma 5. a; assim como nos tipos Missões Simples e São Lourenço Simples, pode ter-se incluído regiões não decoradas de vasilhas de diversos outros tipos, principalmente

do São João Vermelho e do São Miguel Prêto Polido. O Ijuí Ungulado inclui a aliás muito rara, decoração ungulada encontrada em vasilhas dos tipos Missões Simples e outros. Algumas vezes se combinam na mesma vasilha decorações pelas técnicas do corrugado, ungulado, serrungulado, escovado e roletado; os fragmentos tendo sido sempre adjudicados ao cômputo da técnica menos freqüentemente encontrada. Cabe ainda lembrar que as técnicas de tratamento da superfície denominadas "corrugada" e "escovada", apesar de tratadas na descrição, segundo é habitual, como técnicas de decoração, possivelmente correspondem simplesmente, a primeira ao sistema de união dos roletes superpostos e a segunda à tentativa de alisamento da superfície das vasilhas com um objeto grosseiro e áspero.

A base da seqüência foi a seriação das coleções cerâmicas correspondentes aos **treze** níveis estratigráficos dos três cortes mais profundos (C2 e C4, no IJ-29: São João Batista e C1, IJ-38: São Lourenço Mártir), às quais se adicionou posteriormente mais **três** coleções obtidas em outros três cortes (C1 e C3, no IJ-29 e C2, no IJ-38). Tendo como base as tendências então observadas, foram seriadas ou interdigitadas **treze** coleções de superfície, obtidas em diferentes pontos dos três Povos e nos sete outros sítios de habitação.

No final, a seqüência pôde seriar **vinte e nove** coleções cerâmicas, resultantes de **treze** coletas superficiais: **quatro** do IJ-29: São João Batista, **duas** do IJ-26 e **uma** de cada um dos **sete** sítios seguintes: IJ-38: São Lourenço Mártir, IJ-37: São Miguel Arcanjo, IJ-11, IJ-16, IJ-27, SM-1 e LC-46; e **dezesesseis** níveis estratigráficos: **onze** do IJ-29 e **cinco** do IJ-38.

Na análise da seqüência cronológica assim obtida (Fig. V), observa-se que **quatro** tipos — **dois** da Série Ijuí e **dois** da Série Missões — demonstram mudanças de freqüência muito claras e regulares que em geral cumprem o padrão ideal de dominância sucessiva.

O tipo Missões Simples aumenta inicialmente de popularidade cerca de 43% (de 17 a 60%), para depois diminuir proporcionalmente.

O tipo São João Vermelho, depois de aumentar inicialmente cerca de 21% (de 32 a 53%), declina continuamente. Mas este declínio é mais pronunciado até o ponto onde o tipo Missões Simples alcança o máximo de popularidade, quando o São João Vermelho já diminuiu cerca de 49% (de 53 a 4%). Depois deste ponto há um pequeno crescimento e o declínio é, relativamente, menos pronunciado, diminuindo apenas mais cerca de 19% (de 23 a 4%).

Quanto ao tipo Ijuí Escovado, que se mantinha relativamente estável até o mesmo ponto acima referido, crescendo inicialmente apenas cerca de 22% (de 4 a 26%) e diminuindo a seguir proporcionalmente, recomeça de repente a crescer, aumentando cerca de 53% (de 3 a 56%) e substituindo tanto o tipo Missões Simples como o São João Vermelho, ambos declinantes.

Finalmente, o tipo Ijuí Corrugado, muito menos popular e que se mantinha também relativamente estável, oscilando entre menos de 1 e 8%, a partir também do mesmo ponto cresce de repente cerca de 18% (de 0 a 18%), para depois declinar novamente até a sua virtual extinção.

Quanto aos demais tipos, também pouco populares, não apresentam tendências tão claras. O São Lourenço Simples e o São Miguel Preto Polido, aumentam irregularmente, respectivamente cerca de 10% (de 2 a 12%) e 15% (de 4 a 19%), para depois declinarem, faltando algumas vezes na parte superior da seqüência.

Os tipos Ijuí Pinçado, Missões Inciso e Missões Ungulado secante em linhas, não ultrapassando os 3%, se reúnem na metade inferior da seqüência, estando ausentes da metade superior. Pelo contrário, os tipos Ijuí Roletado, Ijuí Nodulado e Missões Pintado de branco, não ultrapassando os 4%, se reúnem na metade superior da seqüência, estando ausentes da metade inferior. Quanto aos tipos Ijuí Serrungulado, Ijuí Ungulado e Ijuí Ponteado, não ultrapassando os 5%, apesar de presentes, mais ou menos irregularmente em toda a seqüência, somente alcançam os seus máximos na sua parte superior. Finalmente, o tipo Missões Amarelo Esmaltado, não ultrapassando os 3%, também somente se observa na metade superior da seqüência.

O material restante (louça européia, vidro, minério e objetos de ferro e instrumentos líticos), como foi observado unicamente em quantidades muito pequenas, somente foi efetuada a anotação da sua presença ou ausência; em geral também não tendo sido feita anotação quando encontrado nas coletas superficiais, mas somente nos cortes estratigráficos. Cacos de louça européia foram encontrados nos níveis do C2, no IJ-29; São João Batista, situados na parte média da seqüência, demonstrando desta maneira a sua contemporaneidade com esta. O mesmo aconteceu com os fragmentos de vidro e de mica. Fragmentos de minério de ferro surgiram nos níveis inferior, médio e superior do C1, no IJ-38; São Lourenço Mártir, situados na base da seqüência. Objetos de ferro surgiram logo depois.

Os objetos lenticulares ou "pedras de funda" também são frequentes nos cortes, desde a parte inferior da seqüência, tendo-se observado que estes são sempre executados em basalto e por picoteamento. Os executados em arenito e grosseiramente polidos, só surgem nas coletas superficiais, situadas na parte superior da seqüência. Quanto aos demais instrumentos líticos, em geral pouco expressivos, é interessante apenas observar que são também na maior parte picoteados os situados na metade inferior e lascados os na metade superior da seqüência.

Além das categorias representadas no gráfico (Fig. V) observou-se ainda que a maior popularidade da presença de decoração unguilada, digitungulada, pinçada ou ponteada na borda ou no lábio das vasilhas tanto da Série Ijuí como da Série Missões, se concentra na

parte média desta mesma seqüência, não existindo ou sendo muito rara nas extremidades superior e inferior.

Subseqüentemente foi montada uma seriação complementar à primeira, na qual levou-se em conta também as formas reconstruídas das vasilhas de cada tipo. Para obter estas formas foram desenhados e estudados 605 cacos de bordas e 142 de bases, do total de **seis mil** cacos obtidos.

Na sua forma gráfica (Fig. IV) esta seriação foi decomposta em três níveis, nos quais se representou:

a — a comparação da variação da popularidade das formas das vasilhas derivadas da tradição indígena (Série Ijuí), com relação a das da européia (Série Missões) (Fig. IV, parte superior);

b — a variação da popularidade das formas das vasilhas, independentemente dos tipos de cerâmica nas quais foram confeccionadas (Fig. IV, parte média);

c — a variação da popularidade das formas das vasilhas, categorizada também quanto ao tipo de cerâmica nas quais foram confeccionadas (Fig. IV, parte inferior).

As formas utilizadas nestas seriações foram simplificadas, i. é, omitiram-se as variações no tratamento das bases (plana, côncava, pedestais e anelares), por ser impossível seu relacionamento seguro com cada um dos cacos de borda, cuja contagem e percentuação constituiu o índice de popularidade. No cabeçalho do gráfico (Fig. IV), no entanto, para não multiplicar os desenhos, cada forma, principalmente na Série Missões, foi representada com uma única das várias bases possíveis, tendo sido escolhida arbitrariamente a base pedestal.

Como a cerâmica das coleções obtidas nos cortes se apresentava muito fragmentada, impedindo a reconstituição das formas das vasilhas para a sua seriação, foi utilizada exclusivamente a proveniente das coleções de superfície, nas quais os cacos apresentam geralmente maiores dimensões. De maneira que as referidas seriações correspondem portanto unicamente à metade superior da seqüência anteriormente descrita (Fig. IV). Além disso, as coleções dos sítios IJ-11, 16, 26 e 27, por serem muito pequenas e estarem situadas muito próximas umas das outras na seqüência anterior, foram somadas, para poderem ser utilizadas nesta.

Colocaram-se em seqüência, na ordem, as coleções superficiais dos sítios IJ-38: São Lourenço Mártir, IJ-29: São João Batista, IJ-11, 16, 26 e 27, e SM-1. Na análise da seqüência cronológica assim obtida, observa-se, inicialmente, que confirma plenamente a porção correspondente (superior) da seqüência anterior (Fig. V), refinando-a em diversos pontos.

Na segunda das seriações (Fig. IV, parte superior) observa-se, por exemplo, como as formas derivadas da tradição européia (Série Missões): jarros (1), tijelas simples (2) e de contôrno infletido (3) e pratos (4), vêm inicialmente aumentando de popularidade, mas são logo pro-

gressivamente substituídas pelo reflorescimento das formas derivadas da tradição indígena (Série Ijuí): jarros (1), alguidares (2) e tijelas (3) escovados, panelas (4 e 7) e tijelas (5) corrugados ou unguladas. Esta tendência reproduz a que seria apresentada na metade superior da seqüência da primeira seriação, tomando-se por base a variação da popularidade das técnicas de decoração e comparando a soma das técnicas da Série Missões com a das da Série Ijuí; a qual não foi reproduzida por falta de espaço, mas se encontra implícita (Fig. V).

Na terceira das seriações (Fig. IV, parte média) observa-se que esta mesma tendência é apresentada também em geral por cada uma das formas separadamente, porém com índices diferentes. As tijelas simples (2) ou de contôrno infletido (3) e os pratos (4), seguem a tendência geral das formas da Série Missões; observando-se a maior popularidade das tijelas simples (2) em relação às demais. Quanto aos jarros (1), apresentam uma tendência intermediária entre a das formas da Série Missões e da Série Ijuí; o que poderia ser explicado por sua semelhança com os jarros escovados (1) desta última. Observa-se ainda como somente algumas das formas da Série Ijuí vieram a substituir as formas européias declinantes. O florescimento precoce das panelas corrugadas (4) ou unguladas (7), foi seguido pelo seu rápido declínio e a maior popularidade foi finalmente atingida pelos jarros escovados (1). Os alguidares escovados (2) e as tijelas (3) escovadas e corrugadas ou unguladas (5), apresentam pequena popularidade e declinam continuamente.

Na quarta das seriações (Fig. IV, parte inferior), num nível ainda maior de refinamento dos tipos, é possível observar a variação através do tempo dos padrões de preferência dos ceramistas quanto à combinação das técnicas de confecção com as formas e as técnicas de decoração das vasilhas. Vê-se como, na Série Ijuí, estas passam de predominantemente corrugadas, para escovadas, enquanto as da Série Missões passam, em geral, de predominantemente engobadas de vermelho (tipo São João Vermelho) para sem decoração (tipo Missões Simples ou São Lourenço Simples). Em segundo lugar, esta seriação torna possível estabelecer a posição cronológica e a variação da popularidade das diversas formas de cada tipo. Vê-se que as mais populares inicialmente eram as tijelas simples, dos tipos São João Vermelho ou São Lourenço Simples e os jarros do tipo São João Vermelho, subsequente as primeiras declinaram e foram substituídas, no final, pelos jarros do tipo Ijuí Escovado e pelas tijelas simples e os jarros do tipo Missões Simples, enquanto os jarros do tipo São João Vermelho ainda se mantinham. Outras formas, como os alguidares e tijelas do tipo Ijuí Escovado, as tijelas do tipo Ijuí Corrugado e os pratos de qualquer tipo, são sempre muito pouco populares. A técnica de decoração do tipo São Miguel Preto Polido também sempre foi muito pouco utilizada.

É interessante também notar que as vasilhas mais complicadas ou aperfeiçoadas quanto à forma ou às técnicas de produção ou de

decoração, são, em geral, as que declinam e/ou se extinguem primeiro. Neste caso estão as tijelas simples dos tipos São Lourenço Simples, cozidas a temperatura mais elevada e torneadas a maior velocidade, e São Miguel Prêto Polido, com um acabamento da superfície mais complicado, e as tijelas de contôrno infletido e os pratos, independentemente do tipo, os quais exigiriam também técnicas mais complexas para a sua confecção.

Utilizando-se outros dados, que não figuram nas quatro sariações apresentadas, foi possível estabelecer também as diferenças temporais ocorridas dentro de muitas das formas. Nos jarros escovados (1), nas panelas corrugadas (4) e unguladas (7), observa-se que a ênfase passa das bordas extrovertidas para as predominantemente verticais. Nos jarros, por exemplo, o subtipo a substitui o b. Quanto ao tratamento das bases, parece que existem duas tendências contrárias; nas tijelas simples e de contôrno infletido do tipo Missões Simples a ênfase passa das bases anelares para as em pedestal, bem destacadas, pouco destacadas e finalmente planas; enquanto nas tijelas simples, infletidas e nos pratos do tipo São Lourenço Simples, a ênfase passa das bases em pedestal (ou côncavas, no caso dêstes últimos) para as anelares e nos jarros, tijelas simples e infletidas e nos pratos do tipo São João Vermelho, das planas para as pedestal, não ocorrendo as anelares.

Alguns tipos ou formas muito pouco representadas ou raras, que também não constam destas últimas sariações, apresentam a seguinte distribuição ou posição cronológica:

As panelas (6) Fig. I, e a forma rara a do tipo Ijudí Serrungulado, se encontram em tôda a seqüência. Os candeeiros (Fig. III, fr a) do tipo São Lourenço Simples sòmente se encontram em forma reconhecível na metade inferior da seqüência das sariações pelas formas (IJ—38 e IJ—29), declinando. Quanto às demais formas raras (a do tipo Ijuí Escovado ("vaso-de-flôres", Fig. III, fr a), b do tipo Missões Simples, b do tipo São Lourenço Simples e a, b e c do tipo São João Vermelho, sòmente foram reconhecidas nas coletas superficiais do sítio IJ—29: São João Batista, que foram as mais abundantes.

A seqüência cronológica estabelecida por estas quatro sariações revela, em geral, um desenvolvimento inicial das técnicas de tradição européia e um posterior declínio, com o retôrno das menos complexas de tradição indígena.

INTERPRETAÇÃO DA SEQÜÊNCIA CRONOLÓGICA

A possibilidade de introduzir uma perspectiva histórica pelo conhecimento de diversas datas relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, permitiu interessantes tentativas de interpretação das variações de popularidade apresentadas pelos tipos cerâmicos da fase Missões.

Em primeiro lugar, por este meio, se verifica que toda a seqüência abrange, no máximo, cento e cinquenta anos e mais provavelmente não mais do que uns cem anos (Fig. V) e pode ser subdividida em dois períodos distintos (Fig. V, A e B).

O primeiro período (Fig. V, A) não começa antes de 1769, i. é, da segunda fundação do Povo de São Lourenço Mártir (C1, no IJ-38:) e o auge da popularidade do tipo Missões Simples, assim como o primeiro dos mínimos do tipo São João Vermelho e dos desaparecimentos do tipo São Lourenço Simples, não pode ter sido muito posterior a 1763, i. é, à fundação da Aldeia dos Anjos (Gravataí) LC-46: Viamão), próximo do estuário do Guaíba, com índios dos Sete Povos que acompanharam de volta o General Gomes Freire de Andrade, depois da ocupação destes pelas tropas luso-espanholas na Guerra Guaranítica ou da Missões (1753-1756) (PÔRTO, 1954:II, 196 seq.). Corresponde portanto a uns setenta anos.

Este período é formado principalmente pela seqüência dos níveis estratigráficos dos cortes (C1 e C2) do IJ-38: São Lourenço Mártir e (C4, C3 e C2) do IJ-29: São João Batista, que se continuam e substituem aproximadamente nesta mesma ordem. Algumas raras coleções de superfície, quase todas resultantes da erosão do mesmo material dos cortes, (A6 (C2) e A9 (C4), no IJ-29), se interdigitam entre eles. Na comparação do material da fase Missões, foi postulado que a cultura cerâmica dos indígenas de tradição Tupiguarani da fase Ijuí, antecedeu imediatamente a fase Missões na área e pode ser indicada como a responsável pelo tipo de cerâmica reunido na denominada Série Ijuí. Esta observação, está comprovada historicamente pelo fato dos missionários jesuítas terem reunido, entre 1626 e 1636, a população indígena da região, nas oito primeiras reduções fundadas a leste do rio Uruguai (PÔRTO, 1954:I, 76-94). Posteriormente, entre 1636 e 1641, devido às incursões dos mestiços luso-brasileiros escravizadores de índios, estes primitivos Povos tiveram que ser transladados para oeste do rio Uruguai. No entanto, seus habitantes se mantiveram em geral isolados dos Povos que já existiam naquela região (Idem ibd.: 196-202). A partir de 1682/1687 estas populações começaram a retornar, tendo sido os Povos refundados na mesma área, com a denominação dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai (Idem ibd.: II, 31-85). Desta maneira, seus habitantes eram descendentes dos primitivos indígenas da região. Quanto à maior popularidade já apresentada desde o início da seqüência pelos tipos de tradição européia da Série Missões, (Fig. V), com relação aos da Série Ijuí, esta facilmente se explica pelos sessenta anos (1626-1687) de missi-onarização e aculturação européia já decorridos desde os primeiros contatos, dos quais quase cinquenta enquanto estabelecidos ao oeste do rio Uruguai (1641-1687). A maior abundância dos fragmentos de telhas e do minério de ferro e pedra de construção da região ("itacuru") observada nos níveis inferiores dos cortes (C1 e C2, do IJ-38 e C3 e C4) do IJ-29), parece indicar também a época da fundação e

o período dos trabalhos de construção dos Povos. Durante este período a cerâmica de tradição européia da Série Missões aumenta continuamente de popularidade, enquanto os tipos da Série Ijuí declinam até quase se extinguirem (Fig. V). A mesma tendência se observa nas formas, no seu conjunto ou separadamente (Fig. IV; IJ-38 e IJ-29).

No final do período a primeira coleção de superfície (A4) e o C2 do IJ-29: São João Batista, indicam que naquela época já nem todo o lixo era recolhido como anteriormente, mas algum permanecia próximo das habitações, depositado diretamente na superfície, às vezes em locais não muito transitados (C2, IJ-29), porque os cacos apresentam dimensões maiores e inclusive se apresentam próximos os das mesmas vasilhas. A incúria progressiva poderia ser relacionada com o traumatismo produzido pela ocupação pelas tropas luso-espanholas, no final da Guerra Guaranítica (1756).

O primeiro período culmina, finalmente, com a cerâmica da coleção de superfície de Viamão (LC-46:), próximo da Aldeia dos Anjos (Gravataí) (1763), já produzida pelos índios fugidos das Missões, acompanhando a retirada dos exércitos conquistadores, e onde, como num ciclo que se fecha, as tendências apresentadas anteriormente pela cerâmica da fase Missões alcançam o seu apogeu.

O segundo período (Fig. V, B) ter-se-ia iniciado então depois de 1763 e não prolongado muito além de 1828, quando não há mais praticamente notícias de habitantes nos Povos ou nas suas proximidades (Idem ibd.: II, 374 seq.), correspondendo portanto a mais uns sessenta e cinco anos. Nêle se observa a súbita e dramática reversão da tendência anterior do tipo Missões Simples, acompanhada pela decadência final do tipo São João Vermelho e o ressurgimento e rápido crescimento dos tipos Ijuí Corrugado e Ijuí Escovado. É formado inteiramente por coletas de superfície, exceto um corte (C1) no IJ-29: São João Batista, através de uma acumulação provavelmente posterior a 1756 (BROCHADO, 1969a:20) em uma área muito perturbada, e se observa, pela situação dos locais onde foram realizadas estas coletas superficiais, que a ocupação dos Povos já então se resumia a somente alguns pontos mais próximos das igrejas, como em São João Batista e em São Lourenço Mártir. Como os Povos não figuram na seqüência mais além deste ponto, admite-se que a ocupação destes teria finalmente cessado, provavelmente como resultado do último saque dos Povos e a escravização final dos índios (1828).

O restante das populações teria se deslocado então para os pequenos sítios de habitação das matas próximas, no caso do Povo de Santo Anjo Custódio (atualmente a cidade de Santo Ângelo) (RS-IJ-11, 16, 26 e 27 e SM-1), numa definida ruralização da sociedade, em oposição ao alto nível de urbanização anterior.

O retorno às técnicas indígenas tradicionais de confecção da cerâmica — acordelada, com decoração plástica manual e queimada em fogueiras abertas — se explica pela privação dos instrumentos de trabalho introduzidos pelos missionários e com os quais era manufa-

turada a cerâmica da Série Missões — tornos, fornos, etc. Realmente, em 1827 já não figuram mais na relação dos Povos oficinas de ceramistas ou a manufatura de cerâmica (PÓRTO, 1954: II, 401 seq.).

Em resumo, é possível reconstruir o fenômeno histórico que os índios de tradição Tupi-guarani do noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul, aculturados à cultura européia, introduzida pelos missionários jesuítas, durante cento e quarenta e dois anos (1626—1768), vão se “desaculturar” subseqüentemente, perdendo muitos elementos da cultura européia e dando nova ênfase a alguns elementos da cultura indígena tradicional que já se encontravam em vias de desaparecimento. No entanto, era impossível recapturar a totalidade da sua cultura pré-missionarização e o que resultou é típico dos processos de caboclicização.

Levando-se em conta o dito anteriormente, este retôrno indicaria também maior ênfase na produção doméstica da cerâmica, o que implicaria em poucos contatos comerciais e/ou baixa capacidade aquisitiva, características de uma economia meramente de subsistência, i. é, a caboclicização e a decadência da utopia jesuítica nos Povos das Missões Orientais do Uruguai.

À padronização anterior da cerâmica — a Série Missões possuía apenas quatro tipos e quatro formas que se repetiam — causada pela produção em massa, sucedeu a proliferação das técnicas de decoração, principalmente plástica (lujá Roletado), porque a produção doméstica favorecia as tentativas de criação pessoal. A cerâmica passa então a se assemelhar mais à das fases Monjôlo (MILLER, 1967: 23 seq.) e Lavrinha (CHMYZ, 1968. Comunicação pessoal), atribuídas à produção doméstica dos caboclos, em outras regiões do Estado e do Brasil. Como já vimos, com a decadência geral, as formas e as técnicas de confecção e de decoração mais complexas, tendem a desaparecer. As tijelas infletidas e os pratos, são substituídos por formas mais simples e a cerâmica engobada de vermelho ou de preto e polida, é substituída pela cerâmica sem decoração. A ênfase nas panelas e jarros e a diminuição das tijelas e pratos, parece indicar também mudanças na dieta e/ou na preparação e absorção dos alimentos. Sabe-se do grande consumo da carne de gado durante o florescimento dos Povos e que a carne era consumida predominantemente assada e quase crua (SEPP, 1943; PÓRTO, 1954: I, 319—330; II, 184—191). Ora, é provável que com a perda das grandes estâncias de criação dos Povos, a partir do século XIX, os índios tenham revertido à alimentação predominantemente de produtos da agricultura — cereais etc.) o que exigiria vasilhame adequado para o seu cozimento.

A reviravolta nas tendências antes apresentadas pela cerâmica, pode então ser explicada pela decadência e despovoamento dos Povos, subseqüente à sua ocupação, no final da Guerra Guaranítica (1756), a expulsão dos missionários jesuítas e a mudança na administração (1768). Desestimulados e oprimidos, finalmente obrigados a

abandonar os Povos e a se refugiarem nas matas, socialmente desorganizados, privados da direção dos padres e dos instrumentos de trabalho introduzidos por estes, os índios reverteram às técnicas tradicionais de confecção da cerâmica.

Os dois períodos da seqüência cronológica construída com a cerâmica da fase Missões, abrangeriam portanto um total de cerca de cento e trinta e oito anos (1690—1828) da história da região noroeste do Estado, incluindo o estabelecimento, florescimento, apogeu, decadência e abandono dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai.

AGRADECIMENTOS

Os trabalhos nos Povos das Missões Orientais do Uruguai foram tornados possíveis pelo convênio entre o Conselho Nacional de Pesquisas e a Smithsonian Institution, agradecemos portanto ao Dr. Antônio Moreira Couceiro, Presidente do CNPq e aos Drs. Clifford Evans e Betty J. Meggers, do Departamento de Antropologia da Smithsonian Institution, de Washington, D. C., USA. Os trabalhos de laboratório foram executados no Gabinete de Arqueologia da Cadeira de Antropologia, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Pôrto Alegre, e foram orientados pelo Prof. Pedro Ignacio Schmitz, da Cadeira de Antropologia da referida Faculdade. Agradecemos também ao Dr. Martin Fischer, Diretor do Museu Antropológico "Diretor Pestana", da Faculdade de Filosofia de Ijuí. Nos trabalhos de campo contamos com a colaboração do Dr. Romeu Beltrão, de Santa Maria, do Prof. Arno Alvarez Kern, de Pôrto Alegre, do seminarista Daniel Cargnin, de Viamão, e dos acadêmicos Levergildo de Freitas, José Pedrotti, Iris Eickoff e Ivette Portella, de Santo Ângelo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BLASI, Oldemar

- 1963 — Aplicação do método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo — Fenix, Pr., **Bol. Cons. Pesq. Dep. Hist. Univ. Paraná**, Curitiba, 4, 13 pp.

BROCHADO, José Proenza

- 1968 — A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. **Ciência e Cultura**, SBPC, São Paulo, v. 20, n.º 2, pp. 230—231.
- 1969a — "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Ijuí". In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (2). Resultados preliminares, 1966—67. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 10:11e-28 il.
- 1969b — Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí: MS.

CHMYZ, Igor

- 1963 — Contribuição arqueológica e histórica ao estudo da comunidade espanhola de Ciudad Real do Guairá. **Rev. Hist.**, Curitiba, 2:77—114 il.
- 1967 — "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Paranapanema". In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares. 1965—66. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 6:59—73 il.
- 1969 — "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Ivaí." In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (2). Resultados preliminares. 1966—67. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 10:95—114 il.

DEETZ, James

- 1967 — **Invitation to archaeology**. American Museum Science Books. Amer. Mus. Nat. Hist. New York. 150 pp. il.

EVANS, Clifford, and MEGGERS, Betty J.

- 1960 — **Archeological investigations in British Guiana**. Bul. Smithsonian Institution. Washington, D. C. 418 pp. il.

FORD, James Alfred

- 1949 — Cultural dating of prehistoric sites in Virú Valley, Peru. In *Surface survey of the Virú Valley, Peru*, by James

A. Ford and Gordon R. Willey, **Anthrop. Pap. Amer. Mus. Nat. Hist.** vol. 43, part 1, pp. 31–87.

1954 — The type concept revisited. **Amer. Anthropol.** vol, 36. pp. 42–54.

1957 — Método quantitativo para determinar la cronología arqueológica. **Divulgaciones Etnológicas.** vol 6. pp. 9–44. Inst. Investig. Etnolog. Univ. del Atlántico. Barranquilla, Colombia.

1962 — **A quantitative method for deriving cultural chronology.** Technical Manual n.º 1. Pan American Union.

MEGGERS, Betty J.

1968 — The theory and purpose of ceramic analysis. **Proceedings of the 2nd International Congress for the Study of Pre-Columbian cultures in the Lesser Antilles.** Barbados. pp. 9–20. il.

MEGGERS, Betty J., and EVANS, Clifford

1967 — **Potsherds language and how to read it — A manual for archeologists.** Smithsonian Institution. Washington, D. C. 74 pp. il. (MS).

MILLER, Eurico Th.

1967 — “Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul”. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares. 1965–66. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi,** Belém, 6:15–38 il.

NAUE, G., SCHMITZ, P. I., VALENTE, V., BASILE BECKER, I. I., LA SALVIA, F., SCHORR, M. H. A.

1969 — Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande, RS. MS.

PÔRTO, Aurélio

1954 — **História das Missões Orientais do Uruguai.** Pôrto Alegre, 2 v. il. (Jesuítas no sul do Brasil, 3 e 4).

SEPP, Antonio, S. J.

1943 — **Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos.** São Paulo. 256 pp. il. (Biblio. Hist. Bras., 11).

TEJERO, Noemí Castillo e Jaime LITVAK

- 1968 — **Un sistema de estudio para formas de vasijas.** Tecnología, 2. Dep. de Prehist. Inst. Nac. Antrop. Hist. México, 36 p. il.

TERMINOLOGIA arqueológica brasileira para a cerâmica

- 1966 — Manuais de arqueologia, n.º 1. U. F. P., F. F., C. L., D. A., CEPA. Curitiba. 22 p. il.
- 1969 — Idem. Parte II. Curitiba, 8 p. il.

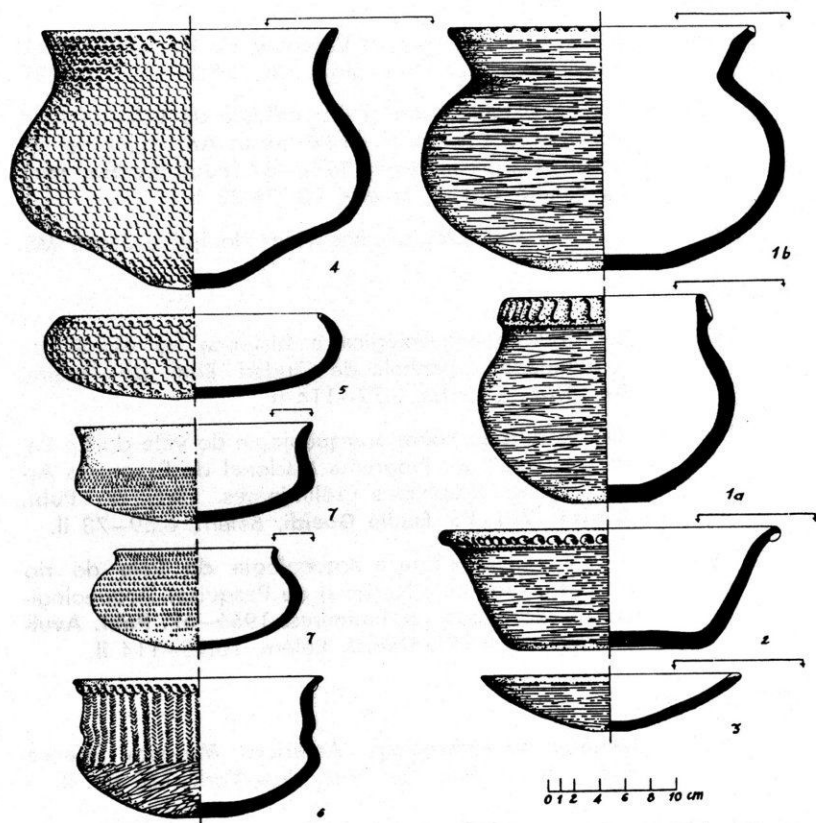


Fig. 1 — Série Ijuf: 1 a 3 Formas do tipo Ijuf Escovado; 4 e 5 Ijuf Corrugado;
6 Ijuf Serrungulado; 7 Ijuf Ungulado.

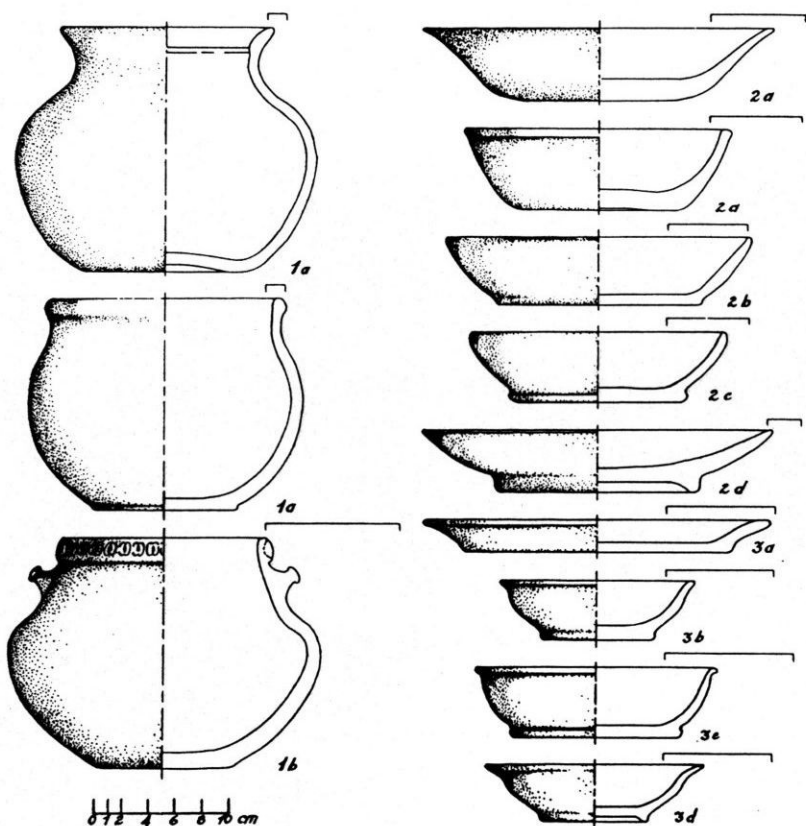
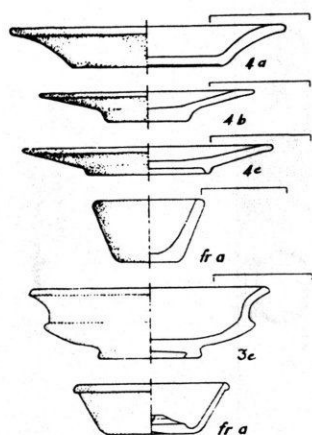


Fig. II — Série Missões: Formas do tipo Missões Simples.
(Números em **negrito** no texto).

3



0 2 4 6 8 10 cm

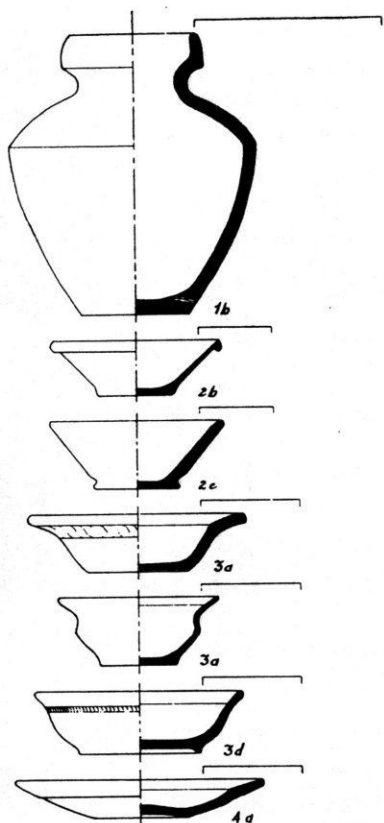


Fig. III — Série Missões: 4 a-c e forma rara a: Formas do tipo Missões Simples; 3 c e forma rara a: Formas características do tipo São Lourenço Simples; 1 b a 4 a: Formas características do tipo São João Vermelho.

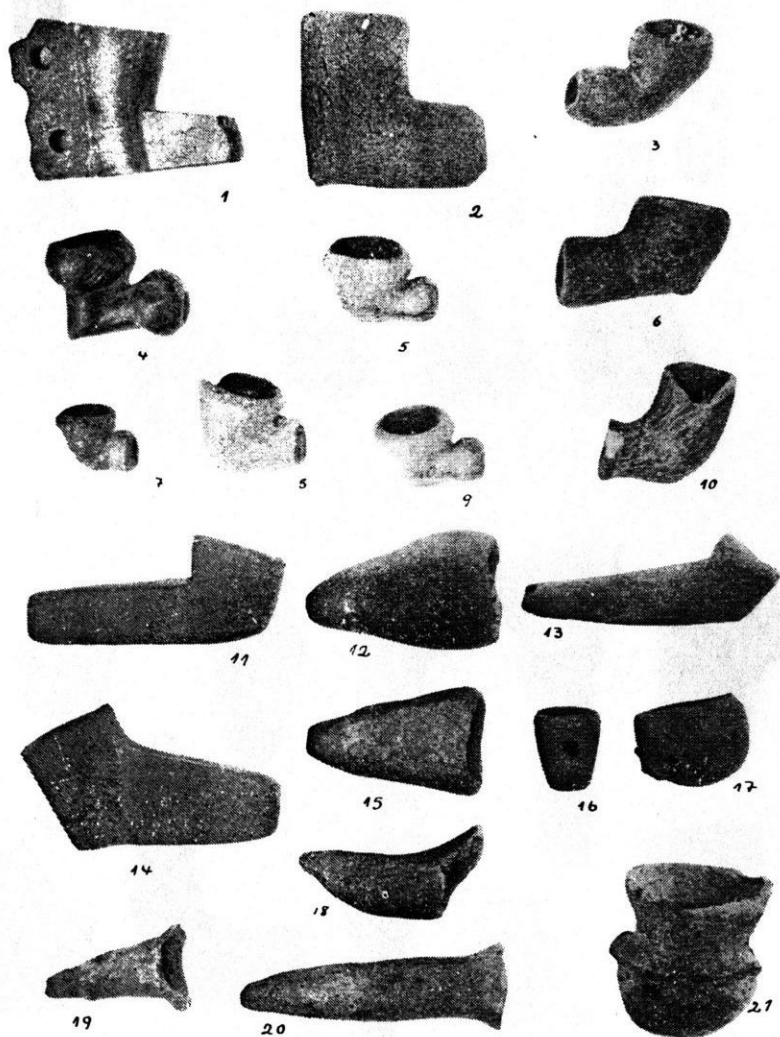


Í N D I C E

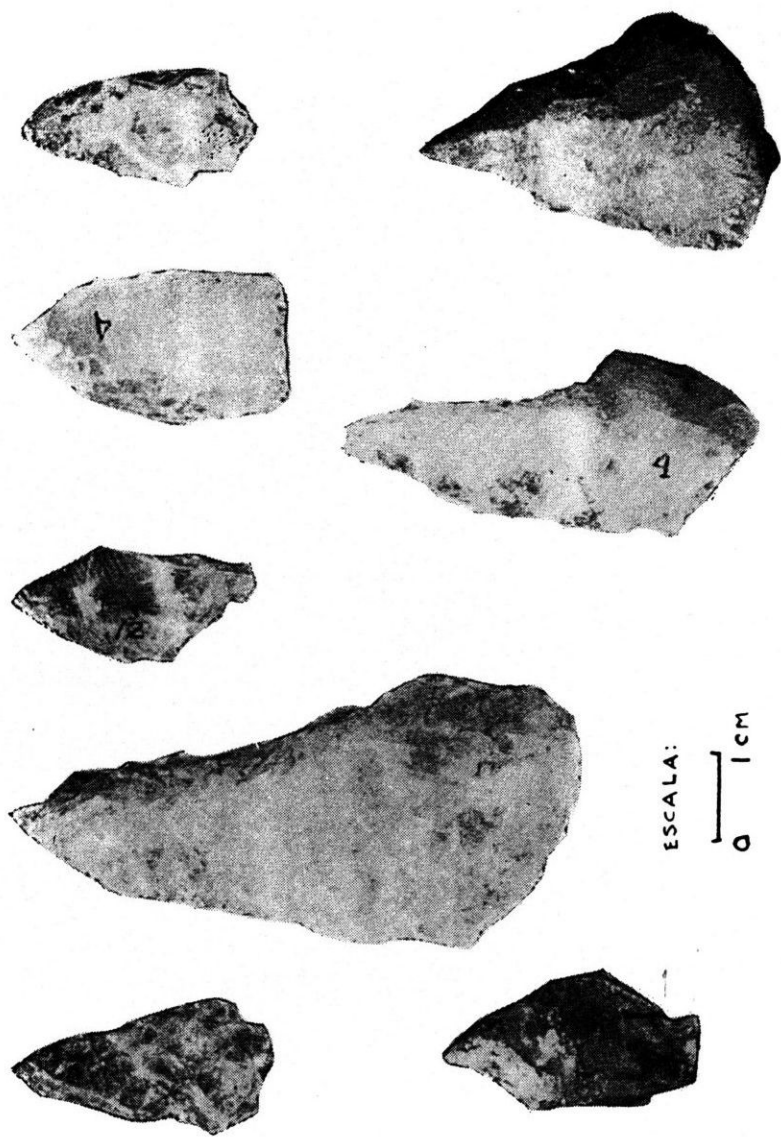
III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências — Pedro Ignacio Schmitz	1
A Fase Itaipu — Sítios sobre dunas no Estado do Rio de Janeiro — Ondemar Dias	5
Comentários sobre as culturas pré-cerâmicas no Estado do Paraná — Igor Chmyz	13
Noticias sobre algunos talleres líticos ubicados en las costas del Río Alto Paraná (Pcia. Misiones). República Argentina — Dra. Antonia Rizzo	25
Sambaqui do Morro do Ouro — Nota Prévia — Anamaria Beck, Gerusa M. Duarte, Maria José Reis	31
Nota sobre duas coleções de pontas de flecha — Anamaria Beck	41
Un yacimiento de cazadores superiores del Medio Río Negro, Uruguay — Antonio Taddei	57
O sítio arqueológico PE 13-Ln, Um sítio de contato interétnico: nota prévia — Marcos Albuquerque	79
A ocorrência da cerâmica de "Tradição Una" no Espírito Santo — Celso Perota	90
Arqueologia dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara: linhas de pesquisa — Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão, Lina Maria Kneip	93
Escavações estratigráficas no Estado da Guanabara — Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão, Lina Maria Kneip	101
Fase Mucuri (Estado do Rio de Janeiro): algumas considerações — Ondemar Dias	113
Novas Manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná — Igor Chmyz	121
Distribución de sitios arqueológicos en el Departamento de El- dorado, Misiones, República Argentina — Antonia Rizzo ...	131
O sítio arqueológico da Armação do Sul (Nota prévia) — Pe. João Alfredo Rohr, S. J., Margarida D. Andreatta	135
Cachimbos do Rio Grande do Sul — Itala Irene Basile Becker, Pe- dro Ignacio Schmitz	139
Algumas datas de Carbono 14 de casas subterrâneas do Planalto do Rio Grande do Sul — Pedro Ignacio Schmitz	163
A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai: Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica — Jo- sé Proenza Brochado, Danilo Lazzarotto, Rolf Steinmetz ...	169



Prancha I: Coleção São Leopoldo: 1 — 129, Osório; 2 — 327A, s. ind. proc.; 3 — 318A, s. ind. proc.; 4 — 342A, Bom Jardim, Ivoti; — 5 — 301A, s. ind. proc.; — 6 — 326A, s. ind. proc.; — 7 — 311A, Santa Cruz do Sul; — 8 — 308A, Bom Jardim, Ivoti; — 9 — 344A, Herval; — 10 — 332A, Mun. Júlio de Castilhos; — 11 — 330A, s. ind. proc.; — 12 — 310A, Lajeado; — 13 — 337A, Montenegro; — 14 — 312A, s. ind. proc.; — 15 — 131, Santa Cruz do Sul; — 16 — 344A, s. ind. proc.; — 17 — 339A, s. ind. proc.; — 18 — 321A, Santa Cruz do Sul; — 19 — 304A, Bom Jardim, Ivoti; — 20 — 323A, Bom Jardim, Ivoti; — 21 — 328A, São José do Hortêncio; — 22 — 337A, s. ind. proc.; — 23 — 305A, Bom Jardim, Ivoti; — 24 — 340A, s. ind. proc.



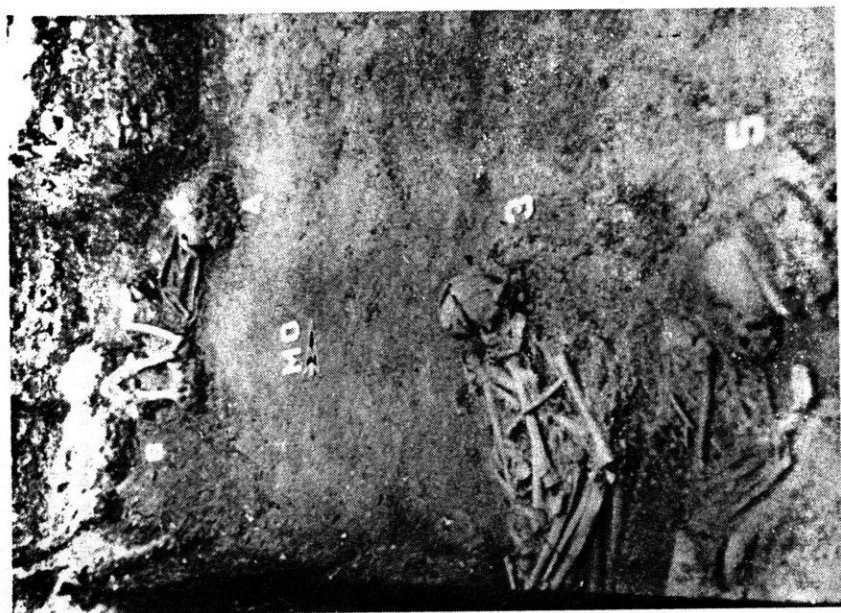
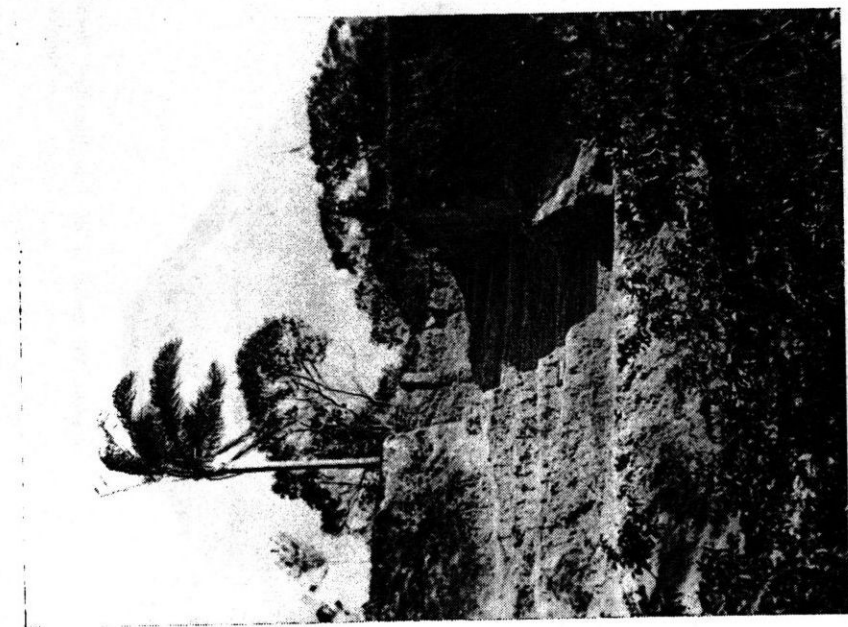
Prancha II: Coleção Santa Cruz: 1: D 32; 2: 142-3; — 3: 81-1; — 4: 252-1; 5: 203-1; 6: D 71; 7: R s. n.; 8: 46-1; — 9: 103-1; 10: R s. n.; — 11: D 70; 12: 52-1; 13: R s. n.; 14: 35-0; — 15: R s. n.; — 16: R s. n.; — 17: 331-16; — 18: R s. n.; — 19: s. n.; — 20: R s. n.; — 21: R s. n.



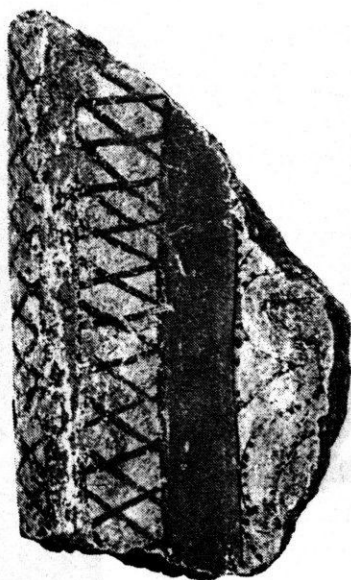
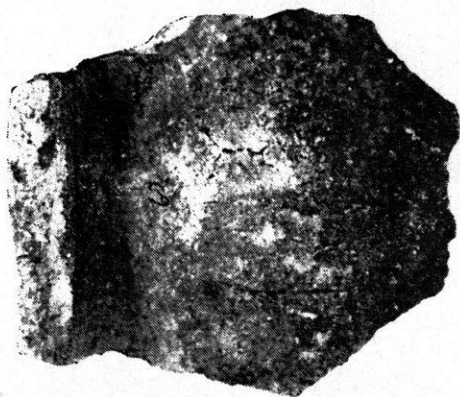
PONTAS DE ITAIPU



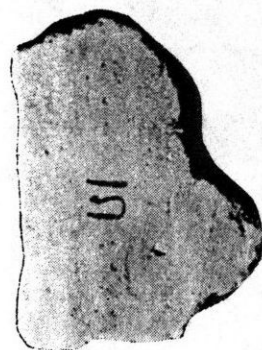
Prancha IV: Talleres líticos de la costa del Alto Río Paraná, Pcia. Misiones, Argentina.



Prancha V: À esquerda — Trincheira escavada no sambaqui do Mórro do Ouro; à direita — Sepultamentos S. 3, S. 4, S. 5, S. 6.



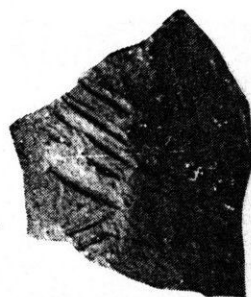
Prancha VI: Cerâmica da fase Itapacurá: decorada (vermelho e preto sobre branco) e simples.



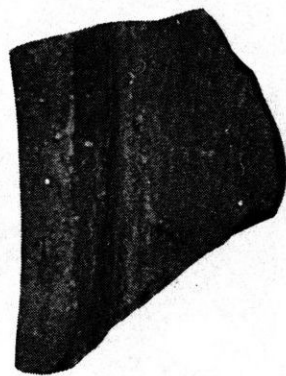
A



B



B'



C



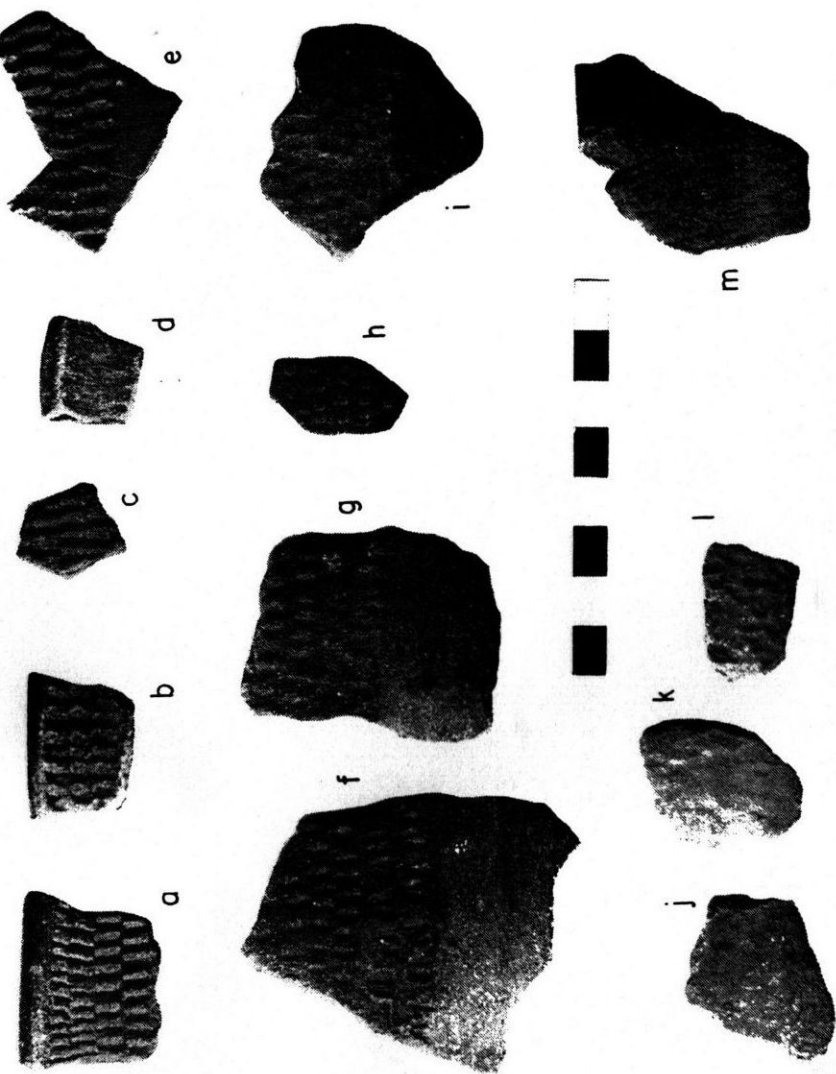
D

ESCALA:



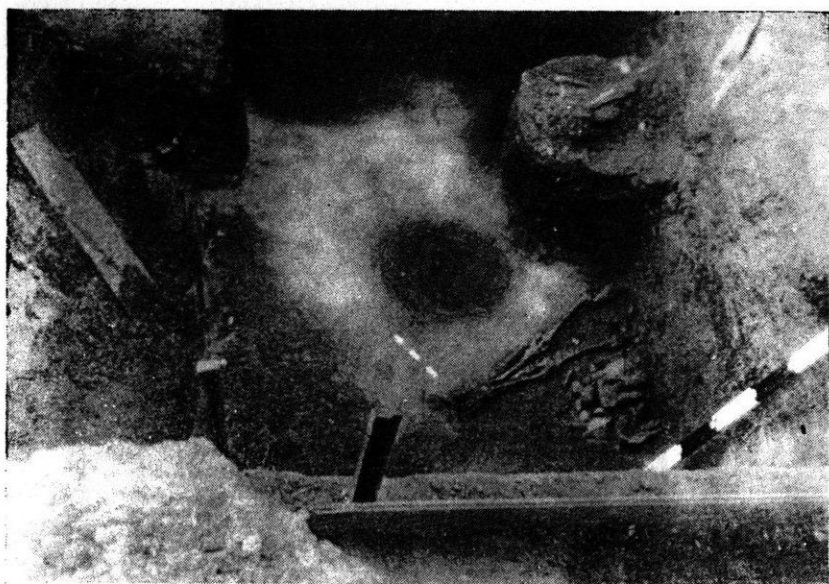
FASE MUCURI

A: POLIDO ESTRIADO — B: B' ENTALHADO — C: ACANALADO — D: CONTAS DE OSSOS

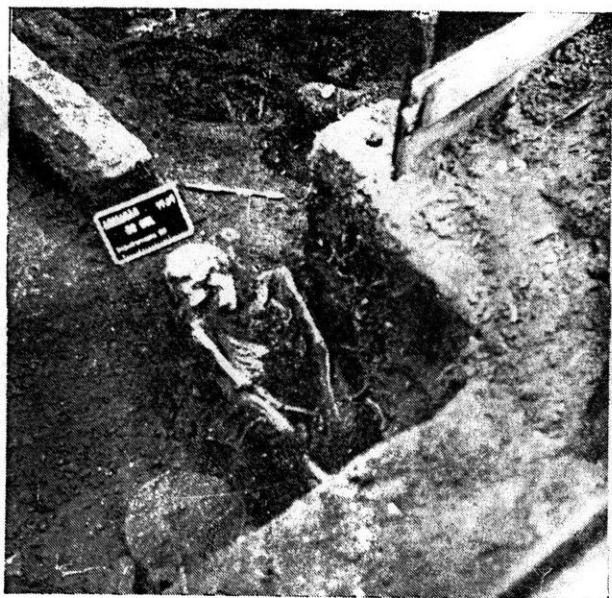


Prancha VIII: Cerâmica do Abrigo Bruacas:

a e c, cerâmica do tipo Bruacas Cestaria Impressa; b, cerâmica do tipo Bruacas Ponteado, variedade A; d, cerâmica do tipo Bruacas Escovado; e, cerâmica do tipo Pinaré Malha Impressa, variedade B; f e g, cerâmica do tipo Bruacas Pinçado; h e m, cerâmica do tipo Bruacas Ponteado, variedade C; i, cerâmica do tipo Bruacas Ponteado, variedade B; j — l, cerâmica do tipo Pinaré Malha Impressa, variedade A (escala em centímetros).



Prancha IX: Em cima — Fogueiras ou covas culinárias num nível, sepultamento n.º 22 no outro nível. Em baixo — núcleo de ocre.



Prancha X: Sepultamentos do Sítio da Armação do Sul.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

Um Paralelo Guarani no Alto Uruguai — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 122—142.

Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.

Paradeiros Guarani em Osório (Rio Grande do Sul) — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.

Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.

A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.

Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6; 60 pp.

Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.

Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.

Juan del Oso en los Tuxtles — J. Hasler — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 9, 17 pp.

Os Münkü. 2.^a Contribuição ao estudo da tribo Iranche — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 10, 59 pp.

Wildschweinhäuter als Werkzeuge, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.

Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévia Sôbre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1961, Anthropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.

Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.

Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961) — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1962, Anthropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.

Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera, II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1966, Anthropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.

Arqueologia no Rio Grande do Sul — Pedro Ignacio Schmitz, S. J. e outros — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.

O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI. 13 — João Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1967, Anthropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.

Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata — Pesquisas 1968, Anthropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.

Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes — João Alfredo Rohr, SJ. Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.

Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências — Pesquisas 1969, Anthropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.